

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

Abdulrazak Gurnah



O DESERTOR

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA 2021

«Gurnah é um contador de histórias exímio.»

Financial Times



ABDULRAZAK GURNAH
O DESERTOR

Tradução do inglês
Eugénia Antunes



cavalo de ferro



Edição em formato digital: Março de 2023

O DESERTOR

Título original: *Desertion*

Texto: © 2005, Abdulrazak Gurnah

Publicado por Bloomsbury Publishing, Reino Unido

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2023, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Cavalo de Ferro é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a protecção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou electrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Eugénia Antunes
Revisão: Marta Cazenave
Capa: Wonder Studio
Imagem da capa: Getty Images

ISBN: 978-989-784-998-5

Composição digital: www.acatia.es
Composição digital PRHGEP: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt
Twitter: [@PenguinLivros](https://twitter.com/PenguinLivros)
Facebook: [cavalodeferro](https://www.facebook.com/cavalodeferro)
Instagram: [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

Índice

O desertor

Créditos

Primeira Parte

1. Hassanali

2. Frederick

3. Rehana

4. Pearce

Pausa

Segunda Parte

5. Amin e Rashid

6. Amin e Jamila

Terceira Parte

7. Rashid

8. Amin

Continuação

Sobre este livro

Sobre Abdulrazak Gurnah

PRIMEIRA PARTE

1

Hassanali

Corria uma história acerca da sua primeira aparição. Na verdade, havia mais do que uma, mas os elementos das várias histórias, com o tempo e ao passarem de boca em boca, fundiram-se num único relato. Em todas estas histórias ele surgia ao alvorecer, como uma figura lendária. Numa versão, era como um espectro que se deslocava tão lentamente sob aquela peculiar luz subaquática que a sua aproximação resultava quase imperceptível: avançava pouco a pouco, como o destino. Noutra, não se mexia sequer, nem um frémito, nem uma palpação; assombrava simplesmente os arrabaldes da cidade, de olhar brilhante e pardo, à espera, à espera de alguém cujo fado inevitável era topar com ele. Então, quando esse alguém aparecia, deslizava de encontro à pessoa a fim de cumprir desfechos imprevisíveis. Houve quem afirmasse tê-lo ouvido antes de ter sido avistado, ter ouvido o seu uivo implorante e nostálgico nas horas mais sombrias da noite, qual animal lendário. Incontestado — se bem que não houvesse um verdadeiro desacordo entre estas histórias, já que todas contribuíam para a estranheza da sua aparição — era ter sido Hassanali, o lojista, quem o encontrou, ou que foi encontrado por ele.

A sorte tudo bafeja, e também bafejou esta aparição, mas sorte não é o mesmo que acaso, e até os acontecimentos mais inesperados cumprem um desígnio. Ou seja, houve consequências futuras que tornaram menos accidental o facto de ter sido Hassanali quem encontrou o homem. Naquele tempo, Hassanali era *sempre* a primeira pessoa na rua pela manhã, naquela localidade. Levantava-se antes da aurora para abrir as portas e as janelas da mesquita. A seguir, dos degraus, chamava os fiéis para a oração, projectando a voz em direcção a todos os cantos do largo em frente à mesquita.

Salla, salla. Às vezes, de outras mesquitas vizinhas, a brisa transportava chamamentos como aquele, outros muezins que repreendiam quem ainda dormia. *As-salatu khayra minannawm.* Rezar é melhor que dormir. O mais certo era que Hassanali imaginasse os pecadores às voltas na cama, irritados por terem sido incomodados, e sem dúvida que experimentava uma satisfação virtuosa e indignada. Terminado o chamamento, varria a poeira e areia dos degraus da mesquita com uma vassoura de ramos de casuarina cuja eficácia muda lhe concedia um intenso prazer.

Esta tarefa de abrir a mesquita, de varrer os degraus, de chamar para a oração, fora auto-imposta, por razões só suas. Alguém tinha de o fazer, alguém tinha de ser o primeiro a levantar-se, a abrir a mesquita e a realizar o *adhan* para a primeira oração do dia, e havia sempre alguém que o fazia, por razões só suas. Quando essa pessoa adoecia ou se cansava da tarefa, havia sempre outra para a substituir. O homem que o precedera chamava-se Sharif Mdogo, e dois anos antes, durante a *kaskazi*, fora acometido por uma febre tão grave que continuava acamado. Que Hassanali se tivesse voluntariado para assumir as tarefas do muezim constituíra uma surpresa, e não menos para o próprio Hassanali. Não era um frequentador zeloso da mesquita e era preciso zelo para se levantar todos os dias de madrugada e arrancar as pessoas da cama. Sharif Mdogo era o tipo de homem que gostava de precipitar-se sobre a complacência e dar-lhe um valente abanão. Além do mais, Hassanali era um homem apreensivo por natureza, ou quiçá a vida o tivesse feito assim, o tivesse tornado ansioso e cauto. Aquelas incumbências seminocturnas torturavam-lhe os nervos e perturbavam-lhe as noites. Hassanali receava a escuridão e as sombras, temia as corridas apressadas pelas ruelas desertas. Mas depois havia também as razões que o tinham feito voluntariar-se para semelhante tarefa, uma espécie de submissão e de penitência. Começara a desempenhá-la dois anos antes da manhã daquela aparição, aquando da chegada de Malika, a sua mulher. Havia sido uma súplica para que o casamento prosperasse, e uma oração para que o sofrimento da sua irmã acabasse.

A mesquita ficava a curta distância da sua loja, do lado oposto do

largo, porém, quando se encarregou do *adhan*, sentiu-se obrigado a fazer como Sharif Mdogo, o seu antecessor, fizera. Percorria as ruelas adjacentes, berrando mais ou menos às janelas das casas pelas quais ia passando, para acordar quem dormia. Elaborou um itinerário que evitava os abismos e as cavernas onde se acoitavam as maldades mais umbrosas, mas nem assim era menos propenso a visões espectrais que se escapuliam para os recantos escuros da rua ao vê-lo acercar-se, enxotados pelas orações e palavras sagradas que ele pronunciava para exortar os fiéis adormecidos. Aquelas visões eram tão reais — garras monstruosas divisadas ao dobrar de uma esquina, espíritos contrariados que ofegavam com suavidade algures atrás dele, imagens de disformes criaturas subterrâneas que cintilavam e se esvaneciam antes que ele conseguisse discerni-las — que muitas vezes cumpria as suas tarefas a pingar suor, apesar do frescor do alvorecer. Uma manhã, durante uma das suas rondas ansiosas e transpiradas, quando as ruelas escuras o constrangiam como as paredes de um túnel acanhado, sentiu uma corrente de ar roçar-lhe o braço ao mesmo tempo que, pelo canto do olho, via a sombra de uma asa negra. Fugiu a sete pés, e depois disso decidiu pôr fim àquele tormento. Cingiu-se aos degraus da mesquita, a poucos passos do largo, para fazer o chamamento. Acrescentara a lida de varrer os degraus para se penitenciar, muito embora o imã lhe tivesse tido que o *adhan* era o suficiente e que Sharif Mdogo fora zeloso nos seus deveres.

Hassanali atravessava o largo naquela manhã quando viu uma sombra avançar na sua direção. Aterrorizado, pestanejou e engoliu em seco, nada que não fosse já de esperar. O mundo fervilhava de mortos e aquela hora parda era o seu cói. Grugulejou, as palavras santas colaram-se-lhe à garganta, o corpo abandonou-o. A sombra abeirou-se dele demoradamente e, à luz crescente da aurora, Hassanali acreditou ver nos olhos desta um brilho pétreo e desapiedado. Era um momento que tinha já vivido na sua imaginação, portanto sabia que, assim que virasse as costas, o espírito malévolo o devoraria. Estivesse na mesquita e sentir-se-ia em segurança, já que se trata de um santuário impenetrável para qualquer demónio, mas estava ainda a alguma distância e não tinha

aberto as portas. No final, sucumbindo ao pânico, cerrou os olhos, balbuciante, implorou repetidas vezes o perdão divino e permitiu que os joelhos cedessem. Resignou-se ao que estava para vir.

Quando abriu os olhos, sem pressa, espreitando como se levantasse um lençol que o acoitara de um pesadelo, entreviu uma sombra no chão, a poucos centímetros dele, meio caída de lado e com um joelho dobrado. Então com o céu mais claro, percebeu que não se tratava de um espectro ou de uma sombra, ou sequer de um demónio, mas de um homem de tez pardacenta e olhos borralhentos, abertos de exaustão.

— *Subhanallah*, quem és tu? És humano ou espírito? — perguntou Hassanali, jogando pelo seguro.

O homem suspirou e gemeu à uma, e assim se anunciou, sem margem para dúvida, como humano.

Foi neste estado que ele chegou, exausto, desvalido, sem forças e com o rosto e braços cobertos de picadas e cortes. Ajoelhado na poeira, Hassanali tentou perceber se o homem respirava, e ao sentir na palma o seu hálito quente e forte, sorriu orgulhoso, como se fosse obra sua. O homem tinha os olhos abertos, mas quando Hassanali lhe acenou a mão à frente da cara, ele nem pestanejou. Hassanali teria preferido ver alguma reacção. Levantou-se cuidadosamente, incrédulo com o drama no qual se via entretanto enredado, e manteve-se de pé por um momento, sobranceiro à trouxa gemente, antes de correr a chamar ajuda. Alvorecera. O momento exacto da oração da manhã, um momento muito fugaz, estava prestes a ser ultrapassado, e Hassanali não cumprira os deveres que dele se esperavam. Receava a ira dos fiéis matutinos quando acordassem e descobrissem que tinham perdido a primeira bênção do dia. Muitos desses devotos eram homens idosos que precisavam de manter as contas certas e em dia, não fossem ser chamados de súbito. Mas Hassanali também se devia ter recordado de que eles já não dormiam profundamente, que passavam as noites às voltas na cama, ansiosos pela madrugada e pela trégua que o chamamento à oração constituía. Assim, enquanto partia em busca de ajuda, incomodado pela ideia de que faltava às suas incumbências como muezim, algumas pessoas saíam já de casa

para averiguar por que motivo não houvera *adhan*. Porventura algumas se apoquentassem com a saúde de Hassanali, ou temessem que alguma coisa se tivesse passado durante a noite. Houve, portanto, testemunhas desta primeira aparição do homem, gente que se reuniu à volta do corpo de olhos esbugalhados e que o viu tombado como uma sombra no largo em frente à mesquita.

Hassanali regressou com dois jovens que encontrara ainda estremunhados e arrimados contra as portas do café. Trabalhavam ali e, enquanto esperavam que o estabelecimento abrisse, desfrutavam de uns derradeiros momentos de tranquilidade antes da azáfama diária, mas dispuseram-se a ajudar quando Hassanali os despertou daquele quebranto. Antigamente, toda a gente gostava de ajudar. Chegados ao local da aparição, de afogadilho, no encalço dos passos cada vez mais presunçosos de Hassanali, deram de caras com três idosos que, a alguns passos do corpo, o observavam com um interesse meticoloso: Hamza, Ali Kipara e Jumaane. Eram os esteios das orações matutinas, durante as quais se postavam directamente atrás do imã, e também os primeiros clientes dos vendedores de café. Eram homens cujos melhores anos estavam já há muito no passado, homens sábios que esperavam que os sucessos das suas vidas fossem considerados imaculados e que se mantinham de olhos abertos, atentos ao mundo que os rodeava. De uma forma geral, não se maçavam com mais ninguém a não ser com eles mesmos, crentes de que a idade que haviam alcançado justificava tal atitude. Portanto, não eram exactamente três homens idosos porque toda a gente os conhecia, embora, para a época e para o lugar, fossem idosos e as suas enfermidades concorressem para a sua dignidade e os seus modos intransigentes fossem talvez uma maneira de cumprir o que deles se esperava. Fosse por que razão fosse, ali estavam, simulando indiferença e fazendo comentários fortuitos enquanto os jovens e Hassanali se atarefavam. Hassanali abriu a mesquita e os jovens foram buscar a padiola de corda, a que era usada para lavar os mortos. Hassanali franziu o sobrolho, mas não disse nada. Os jovens puseram o corpo gemente na padiola e prepararam-se para o levar dali.

De repente, houve uma breve disputa entre Hassanali e Hamza a

propósito do lugar para onde o enfermo devia ser levado. Hamza era um homem imponente, não obstante a sua idade, senhor de um rosto enrugado, áspero, e de uma barba grisalha e um olhar intenso. Em tempos, havia sido um próspero comerciante de *simsim*, mas agora era apenas rico. Os filhos ganhavam dinheiro para ele explorando um açougue em Mombaça. Era miudinho quanto ao respeito que lhe era devido, e apreciava ser consultado sobre qualquer assunto, por mais insignificante que fosse. Gostava de ser tratado como uma espécie de *jamadar* informal, um oficial militar. Nos seus anos áureos, Ali Kipara fora cesteiro e Jumaane havia sido pintor de casas, por isso ambos sabiam o lugar que ocupavam perante o *jamadar*. Rabugento e impaciente, Hamza começou a afastar-se e ordenou aos jovens que o seguissem. Era óbvio que, tendo sido Hassanali quem o encontrara, cabia-lhe a ele o dever moral de ajudar o homem exausto, de lhe prestar cuidados e de lhe oferecer hospitalidade. Hamza sabia-o tão bem quanto os restantes, mas talvez tenha agido daquela maneira para que ninguém esquecesse que era um homem rico para o qual tais gestos caridosos constituíam uma obrigação.

Fosse como fosse, toda a gente fingiu educadamente ignorar Hamza, até mesmo os dois outros sábios, e o homem foi transportado adequadamente na padiola de corda para a loja de Hassanali. A porta do pátio contíguo, que servia também para aceder à casa, era demasiado estreita para a padiola, portanto os dois jovens pegaram no homem e carregaram-no para o pátio, tendo-o depositado numa esteira sob o toldo de colmo apenso à casa.

Os três velhos devotos encatrafiam-se igualmente no pátio e lançaram olhares rápidos a todo o redor. Não havia muito para ver, contudo, nunca tendo estado no pátio de Hassanali, nenhum dos três foi capaz de reprimir a curiosidade, não obstante a gravidade do momento. Era um pátio espaçoso, a todo o comprimento da casa. Havia plantas em vasos, duas janelas com cortinas, uma de cada lado da porta da entrada, uma superfície pavimentada destinada à lavagem da roupa, uns quantos fogareiros a carvão e, numa das extremidades do pátio, uma casa de banho e uma latrina: um pátio

comum. Podiam ter também reparado nas paredes recentemente caiadas e na opulência das plantas envasadas, entre elas uma roseira vermelha, uma alfazema em flor e um aloé coberto de picos.

O grupo de seis manteve-se à volta do corpo, em silêncio por um momento, como que surpreendidos com o modo como tudo se passara. Seguiram-se várias opiniões, enunciadas uma a seguir à outra, quais compromissos, quanto ao que deveria ser feito. Devíamos chamar Mamake Zaituni, a curandeira. E alguém devia ir chamar o Partepernas. Eu acho que seria melhor alguém ir chamar já o imã, não vá ser preciso entoar orações especiais contra o contágio ou coisa pior. A sugestão partiu de Hamza, atento como sempre aos gestos grandiosos. Com um aceno de cabeça, Hassanali aceitou todas as sugestões e apontou a porta ao grupo. Partiram, com relutância, mas não tinham escolha. Apenas o drama daquele homem que gemia estendido na esteira permitira a sua presença na intimidade da casa de Hassanali, portanto bastou-lhe afastar os braços e acená-los devagar para que toda a gente se virasse na direcção da porta do pátio.

— Obrigado, obrigado a todos. Podiam pedir a Mamake Zaituni que venha até aqui? — perguntou ele, e pôs-se assim ainda mais em dívida para com os vizinhos.

— Sem dúvida — respondeu Hamza, o mercador, no seu tom presunçoso, e apontou a bengala a um dos jovens. — Vai lá tu, asinha, está aqui a vida de uma pessoa em causa.

Foram feitas sugestões de última hora. Não lhe toques até Mamake Zaituni chegar. Não lhe tocarei. Não o desloques até o Partepernas chegar. Não o deslocarei. Se precisares de ajuda... Chamarei. Hassanali fechou a porta do pátio sem correr o ferrolho — não queria parecer demasiado inospitaleiro — e voltou para junto do viajante deitado na esteira sob o toldo. De repente, sentia-se de pé atrás, inquieto por estar sozinho com o homem, como se tivesse permitido que um animal selvagem se aproximasse em demasia. Quem poderia ele ser? Que tipo de homem deambulava sozinho por zonas remotas? Lembrou-se então de ter perguntado ao homem, quando ele jazia no chão: *Quem és tu?* O barulho sem dúvida que despertara a sua mulher e a sua irmã, que estariam provavelmente

já levantadas e atrás das cortinas, à espera de sair para se inteiraram do que se passava. De súbito, receou ter feito um disparate ao trazer aquele desconhecido enfermo para casa. Estremeceu de ansiedade perante tal pensamento.

Observou o homem com um sorriso espantado. Que fazia um estranho, que se ferira algures num lugar ermo, em cima de uma esteira no seu pátio? Podia muito bem ser um cavalo voador ou uma pomba falante. Coisas daquelas não lhe aconteciam. Ainda lembrava o terror que sentira quando, ao ver a sombra do homem pela primeira vez, a tomara por um demónio hediondo. Muitas coisas o assustavam, embora fosse um homem feito. Por vezes, a vida atormentava-o tanto que via sombras por todo o lado. Àquela hora incerta, entre a escuridão e a luz, entre o mundo dos mortos e o dos vivos, podia ser sabe-se lá o quê, malicioso e terrível, mas talvez não tivesse caído desamparado no chão como acontecera ao desconhecido. Se fosse um espectro, teria sorrido antes de se lhe pulverizar a alma. Já o sorriso de Hassanali destinava-se tanto à sua tímida e débil pessoa quanto ao homem a seus pés. Pois não se tratava de um espectro e nem era mais horroroso que qualquer outra pessoa. Tinha um ar exangue e o rosto coberto de pêlo grisalho e desgrenhado. Os seus olhos continuavam abertos, remelentos e cegos, se bem que Hassanali tenha ficado com a impressão de os ter visto pestanejar. A respiração, superficial, ligeiramente arquejante, deixava entreouvir um gemido, quase inaudível. Tinha os braços arranhados e picados. A túnica de calicô que vestia por cima das calças estava cinzenta de poeira e uso. Rasgada e cerzida, enodada e manchada, fora sem dúvida adquirida durante as suas deambulações, e não trazida de onde quer que ele partira; ninguém encetaria uma viagem naqueles preparos. As sandálias estavam presas com tiras de tecido e, à volta da cintura, à guisa de cinto, trazia o que restava de uma camisa castanha. Outra faixa do mesmo tecido cingia-lhe a testa. Hassanali sorriu perante o aspecto melodramático daquele traje, que lhe dava a aparência de um aventureiro perdido num deserto, ou de um combatente. Semelhante pensamento causou-lhe um nó no estômago. E se tivesse trazido um bandido para casa, um salteador

que os mataria a todos? Mas não, o homem estava meio-morto, talvez ele mesmo vítima de bandidos.

— Quem é? — perguntou-lhe a irmã Rehana, atrás dele.

— Está ferido — respondeu, e olhou em redor. Deu-se conta de que sorria ainda, um pouco entusiasmado.

Na soleira da porta, Rehana segurava a cortina aberta com o braço esquerdo. Acabara de acordar, como Hassanali percebeu pelo seu olhar estremunhado, pela aspereza na voz. Deu três passos em frente e escrutinou o homem, que tinha os olhos abertos, a brilhar como seixos pardos em água salgada. Crepusculares. Viu então o inegável pestanejar. Os lábios rachados mantinham-se abertos no meio de um gemido. Rehana bateu de imediato em retirada e por um momento fugaz ocorreu a Hassanali a esperança que enchera o coração da sua irmã.

— Que foi que nos trouxeste, estimado amo? — perguntou-lhe ela, num tom zombeteiro.

Hassanali encolheu-se involuntariamente. Um dia que começava com aquela voz revelava-se o mais das vezes longo e humilhante. Fechou os olhos com força por um segundo, para se preparar.

— Está ferido — tornou, e virou-se para ela.

Rehana tinha uma expressão azeda, o maxilar cerrado. Hassanali sentiu o corpo retesar-se de aversão. Viu-a erguer milimetricamente o queixo, ofendida, e percebeu que a irritação dele fora notória. Contudo, vira também nos olhos dela a dor, a despeito da raiva, por isso suavizou a sua expressão. Talvez estivesse zangada por ter sido perturbada. Gostava de dormir até mais tarde. Ainda assim, tinha um homem tombado aos pés, quiçá a morrer, e a única coisa com que se ralava era com o seu sono. Nesse momento, a sua esposa, Malika, esgueirou-se por entre a moldura da porta e o ombro direito de Rehana e deixou escapar uma exclamação compassiva e horrorizada, que tratou de silenciar levando a mão à boca. Hassanali sorriu para si mesmo, aquela bondade.

— Ei, espera! — exclamou Rehana, que travou Malika quando esta se preparava para dar um passo em frente. — Mais devagar. Quem é este homem? Onde o encontraste? Que se passa com ele?

— Não sei — disse Hassanali, no tom conciliador e calmo que

usava com Rehana quando ela se irritava, e que por vezes a irritava mais. Não sabia falar-lhe de outra maneira, sobretudo quando não era capaz de responder às suas perguntas. Mesmo quando tinha uma resposta para lhe dar, o desdém de Rehana fazia-o duvidar e dissimular. A sua hesitação naquele momento mostrava, até mesmo a ele próprio, que fora crédulo uma vez mais. — Veio dali. Está ferido.

— Dali de onde? De que direcção? Ferido pelo quê? Qual é a doença dele? — perguntou Rehana, com um olhar de incredulidade e desprezo. Hassanali conhecia bem aquele olhar e gostava de lhe poder dizer que lhe desfeava o rosto, atraente e agradável. Porém, nunca aprendera a dizer-lhe aquelas coisas sem piorar a situação. — Que foi que nos trouxeste, tu e os teus disparates? Um homem doente aparece sabe-se lá de onde, sofrendo de sabe-se lá que doença, e tu trá-lo para nossa casa para que morramos todos do que ele estiver a morrer? És um homem de negócios, claro. És um homem do mundo, sem dúvida. Tocaste-lhe?

— Não — disse Hassanali, surpreendido por não o ter feito. Olhou de relance para Malika e ela baixou os olhos. Era tão bonita, tão descomplicada, tão jovem. Sentiu uma espécie de agonia ao olhar para ela, qualquer coisa entre ciúme inquieto da devoção que ela mostrava e desejo de lhe agradar. — Os jovens pegaram nele e trouxeram-no para aqui. Mas tens razão, não pensei em doenças. Achei apenas que ele estava ferido. É melhor não lhe tocarmos até que Mamake Zaituni o examine. Já a mandei chamar. Malika, mantém-te afastada dele, como a Rehana disse.

— Olha, agora estás cheio de sabedoria — comentou Rehana, com sarcasmo e lassidão. Depois, de olhos postos no homem jazente, e baixando o tom de voz como se não quisesse mostrar-se descortês, acrescentou quase num sussurro: — Deitaste-o na esteira sobre a qual comemos. Onde tinhas a cabeça para trazer um desconhecido para casa, sem saber o que se passa com ele? Pode muito bem morrer — e, ainda mais baixo, acrescentou — e os familiares dele virão pedir-nos contas.

— Não esperavas que fosse deixar um filho de Adão entregue ao

seu sofrimento, sem lhe oferecer ajuda e amabilidade — protestou Hassanali.

— Ah, claro, já me esquecia que és um homem de Deus — ripostou Rehana, com ligeireza e sorrindo até. — Da próxima vez, leva-o para a mesquita, e Deus que olhe por ele. Suponho que devemos ficar gratas por não nos teres trazido um selvagem infecto. Alguém foi chamar Mamake Zaituni?

Há anos que Rehana o tratava como se ele fosse um imbecil. Nem sempre assim fora. Havia sido ao tornar-se mulher que começara a falar com ele como se ele fosse lento de compreensão ou um incapaz. De início, achara aquilo divertido, Rehana a brincar a ser adulta, de conluio com a mãe, que se tornara rabugenta com a idade e a viuvez. No entanto, ele labutava dia e noite para preservar a honra da família e pôr comida na mesa. Era mais uma coisa que nunca se atrevia a dizer, que se matava a trabalhar e que em agradecimento elas censuravam a sua incompetência face ao mundo. Com o tempo, Rehana endurecera a sua atitude de desprezo e Hassanali resignara-se inevitavelmente a ela. Não sabia que mais fazer. Não fora apenas o tempo que a tornara desdenhosa. Não, não fora. Azad e Hassanali tinham a sua quota-parte de culpa nisso. Às vezes, a voz de Rehana ressoava-lhe no corpo e vinham-lhe aos olhos lágrimas de impotência.

— Sim, alguém já a foi chamar — respondeu ele. Deitou um olhar rápido a Malika, que lho devolveu, antes de o desviar. — Há café feito? — perguntou-lhe ele, para falar com ela e escapar a Rehana.

Malika fez que não com a cabeça.

— Vou já fazer — disse ela, e, descrevendo um arco exagerado, contornou o corpo gemente para alcançar os fogareiros.

Na loja, durante as horas mais lentas, quando se fartava de rezar as contas do rosário para matar o tempo, Hassanali deixava-se assoberbar pela ansiedade que o assaltava pela calada e que ameaçava sufocá-lo. Estava relacionada com assuntos imprevisíveis e, com frequência, insignificantes. Nesses momentos, um pequeno nada repisado durante demasiado tempo tomava proporções grandes e perturbadoras, e uma dessas coisas era o receio de que a aceitação de Malika se transformasse um dia em desdém.

Rehana acomodou-se num banco junto à porta das traseiras, para aguardar a chegada de Mamake Zaituni, e encostou-se à parede com um suspiro. Hassanali virou-lhe ligeiramente as costas. Reprimia sentimentos de culpa, que tendia a aceitar com demasiada prontidão. Devia ser mais insensível àquelas acusações tácitas. Arrimou-se ao pilar do toldo e contemplou a pardusca trouxa humana que trouxera para casa. Recordou o prazer de o ter ali no seu pátio e sorriu ao pensar em Hamza a tentar roubá-lo. Hamza não resistia a esse tipo de coisas; a competição e a ostentação em primeiro lugar. Teria Hamza tentado roubar o desconhecido se este fosse um selvagem infecto como Rehana dissera? Decerto que não. Não faltavam a Hamza ideias a propósito dos selvagens, por entre os quais viajara na juventude e com os quais comerciara: quão imprevisível era a sua ira, quão imprudente a sua avidez, quão incontroláveis os seus apetites. Uns animais. Teria o próprio Hassanali levado tal criatura para casa? Esse pensamento fê-lo sorrir. É claro que não. Os selvagens aterrorizavam-nos a todos. Toda a gente passava a vida a contar histórias acerca dos selvagens. Ninguém sobrevivia no meio do mato, à excepção das feras e dos selvagens, que nada temiam, assim como obviamente os fanáticos Hubsh, Somalis e Abissínios, e seus parentes, que, no meio das suas querelas intermináveis, há muito haviam perdido a razão. Deitou uma vista de olhos a Rehana e constatou que ela reparara no seu sorriso. Já bem desperta, abanou lentamente a cabeça, num gesto reprovador.

— *Masikini* — desdenhou ela. — Pobre de ti.

— Estava a pensar em Hamza — explicou ele. — Queria levá-lo para casa dele. Aquele velho quer ser sempre o primeiro.

— E tu impediste-o, não me digas? — respondeu ela, fingindo-se espantada.

Nesse momento, ouviu-se alguém chamar por cima do muro do pátio. Mamake Zaituni chegara. Quando Hassanali abriu o portão, constatou que os velhos magos se tinham acomodado na padiola de corda a assistir ao que se passava, e que, atrás de Mamake Zaituni, os dois jovens pareciam fazer de seus guarda-costas. A curandeira apressou-se a entrar, minúscula e incansável, recitando orações

num murmúrio constante, como se desbobinasse a sua vida. Hassanali não esperava aquela multidão à sua porta. Enxotou-os com um gesto ambíguo, para o caso de se ofenderem, e fechou portão, correndo em seguida o trinco.

— Está tudo bem aí? — Era Hamza, fazendo-se ouvir por cima de toda a gente, como de costume. Hassanali tornou a abrir o portão para pedir silêncio e ficou satisfeito ao ver que os três idosos já estavam de pé e que os dois jovens, tendo pegado na padiola, se preparavam para ir embora. Disse-lhes adeus e fechou rapidamente o portão.

— Hassanali, quando é que abres a loja? — indagou Jumaane, por cima do muro. Queriam vê-lo o mais depressa possível, para que os pusesse ao corrente do que se passava.

— Vou já, meus irmãos — gritou ele, de volta.

— Vamos rezar — referiu Ali Kipara, talvez para tentar que Hassanali se juntasse a eles.

Mamake Zaituni beijou as mãos de Rehana e de Malika, se bem que não tenha realmente permitido que elas retribuíssem o gesto. Era um truque a que recorriam os humildes: beijar a mão do outro e esconder a própria antes que o beijo pudesse ser devolvido. Era a sua maneira de mostrar humildade para com os mais humildes, e dizia-se que tal era uma faceta da sua santidade e uma das razões por que Deus lhe concedera o dom da cura, tal como anteriormente o concedera ao seu pai. Salmodiando orações entre dentes, despiu o *buibui* e dobrou-o com esmero, como se fosse da mais fina seda, perfumada com incenso de sândalo, e não do algodão mais puído, impregnado de fumo de lenha e gordura. O velho xaile que lhe cingia a cara chegava-lhe aos pulsos, de tal maneira que só as mãos e o rosto vincado eram visíveis. Descalçou as sandálias, avançou para a esteira e, sem lhe tocar, contornou o homem, descarnada e dobrada sobre ela mesma, como uma ave de rapina. Entoou uma oração, em busca de auxílio e protecção contra o desconhecido. A seguir, pediu a Rehana e a Malika que fossem para dentro, para conceder algum decoro ao homem, alegou ela. Expressou-se num tom áspero, irritado, como se as duas mulheres se tivessem ali detido em busca de um qualquer prazer indevido. Era

sempre assim, brusca e resoluta, sempre atenta ao que era digno e respeitável.

Rehana bufou de impaciência, mas não se opôs. Aquela combinação de humildade e brusquidão tornava Mamake Zaituni irrefutável e, além do mais, tinha sempre a presença de espírito necessária para saber qual a melhor maneira de agir. Sem deslocar o homem, rasgou-lhe a túnica com o gume de uma lâmina, do colarinho aos tornozelos. Tinha a pele clara, como os Europeus. O corpo era magro e ossudo, e parecia frágil e estranho sob a luz que ia clareando. De início, Hassanali tomara-o por um daqueles árabes de pele clara oriundos do Norte, dos quais ouvira falar, de olhos cinzentos e cabelo dourado, mas quando lhe descalçaram as sandálias e despiram as calças, viram que era circuncidado. «*Mzungu*», disse Mamake Zaituni para si mesma. Um europeu. Exibia contusões e cortes na pele, mas não lhe viram feridas, nem nos flancos nem na parte da frente do corpo. A barriga, estranhamente pálida e macia, parecia fria e morta, e as mãos descarnadas de Mamake Zaituni pairaram com hesitação sobre essas partes. Hassanali viu nos gestos dela uma mistura de fascínio e terror, como se ela lhe tocasse por curiosidade. Eram as mesmas mãos incansáveis que amassavam o pão que Mamake Zaituni fazia e vendia todos os dias, as mesmas mãos que o enrolavam e punham na chapa de ferro, e que depois o tiravam sem se queimarem. As mesmas mãos que massajavam um rim inflamado ou enfaixavam uma perna a sangrar ou se precipitavam sem hesitar na agonia humana. Pairavam sobre a barriga pálida do homem naquele momento.

Puseram o homem de lado. Ele gemeu e abriu os olhos, e Hassanali ficou à espera que dele emanasse um cheiro pestilento, mas o homem cheirava apenas a carne seca e a pó, a trapos deixados ao sol demasiado tempo, a viagem. Estaria perdido há vários dias, sem dúvida, a julgar pelo ar famélico e pelo cheiro a poeira e a sol. As costas exibiam mais hematomas e cortes, e tinha uma sombra verde-escura em redor do ombro direito, mas, uma vez mais, não lhe encontraram nem feridas abertas nem sangue. Tornaram a deitá-lo de costas e Mamake Zaituni tapou-o com a

túnica cortada e chamou as mulheres. Apalpou-lhe a cara e ele gemeu novamente e abriu os olhos remelentos.

— Dêem-lhe água quente com mel — ordenou ela, no seu costumeiro tom brusco. — Uma parte de mel, três de água, numa chávena de café. — Olhou de relance para Rehana e desviou o olhar, por pouco reparando nela. Rehana devolveu-lhe o olhar com um sorriso escarninho. Eu não, imaginou Hassanali que ela tivesse pensado. — Depois deixem-no dormir. Não tem nada de grave. Está exausto e sequioso, isso é certo. Tem um hematoma feio na zona do ombro, portanto poderá haver ali uma fractura ou uma luxação. O Partepernas que se ocupe disso. Vou acabar de cozer o meu pão, já deve haver gente à espera. Depois logo lhe trago uma sopa.

— Então, ele não tem nenhuma doença? — indagou Rehana, céptica.

— Não vejo sinais disso — disse Mamake Zaituni. — Não tem febre, nem erupções, nenhum odor que inspire desconfiança ou diarreia. O sol desidratou-o e deixou-o estonteado. *Limem kausha na kumtia kizunguzungu*. Volto mais tarde, depois de lhe terem dado o mel, e depois de o Partepernas o examinar. Agora, o meu pão espera-me.

Dir-se-ia que as mulheres já não precisavam de Hassanali. Trocavam apressadamente instruções enquanto Mamake Zaituni se preparava para sair. Com relutância, Hassanali rumou à loja. Contava que o homem falasse ou olhasse para si ou na sua direcção. Não lhe parecia certo deixá-lo a cargo de outras pessoas, tendo sido ele a encontrá-lo, mas o homem permaneceu mudo, pelo menos até Hassanali ter finalmente entrado em casa para ir abrir a loja.

— Chamem-me, se precisarem de ajuda — instruiu ele. — E tu, Malika, não te esqueças do meu café.

— Sim, meu amo — respondeu Malika, parodiando um gesto de submissão.

E foi desta maneira que o inglês Pearce chegou, causando sensação e provocando um drama do qual nunca se apercebeu totalmente.

Hassanali era um homem pequeno. Via-se como pequeno e um pouco ridículo aos olhos dos demais, rotundo e gordalhufo. Assim que a galhofa começava, suportava calado a torrente de piadas e graçolas para evitar problemas. Vivia naquele estado de timidez egocêntrica, sempre à espera de zombaria e sendo dela alvo, inevitavelmente. Era incapaz de disfarçar a ansiedade e quem o conhecia desde sempre sabia disso, e troçava disso. Atribuíam este traço à sua *jinsi*, à sua ascendência. Os Indianos são cobardolas, diziam, nervosos como borboletas saltitantes. O seu pai não era timorato. Fora um jovem impetuoso, que cantava e dançava e corria as ruas com quem quer que fosse, e era ele o indiano na sua ascendência. Deus fizera-o assim, nada que ver com a *jinsi*, e quem era ele para contestar tal facto? *Alhamdulillah*. Mantinha os olhos abertos, para se precaver de sarilhos, e isso era o melhor que podia fazer, na sua opinião. Com o passar dos anos adquirira um maior discernimento acerca das pessoas com as quais vivia, se bem que tal nem sempre o mantivesse ao largo de problemas. Encarava a troça com bonomia, fazia de conta que não era escorada por malícia, apenas por boa-disposição e por uma camaradagem rude. Com o passar dos anos, adquirira também uma certa sobrançeria em relação aos clientes e vizinhos, a despeito da sua evidente insegurança. Era um homem pequeno, sem dúvida, mas astuto, um lojista, profissão que inevitavelmente exigia que iludisse os fregueses, que os levasse a pagar mais do que estariam dispostos a desembolsar, a dar-lhes menos do que eles gostariam de receber. E tudo isto ele tinha de fazer com mesura, nada muito ostensivo ou espalhafatoso. Quando ouvia falar das manhas e estratégias usados por outros comerciantes e dos proveitos que daí retiravam, um misto de terror e inveja, ao pensar no risco que corriam, apoderava-se dele e fazia-o estremecer. Portanto, as pessoas riam-se dele e ele fazia-as pagar, ao menos um pouco. Um toma-lá-dá-cá inerente ao trabalho, na sua opinião.

Por vezes, achava que se riam dele porque se apercebiam do prazer que ele retirava dessa minúscula vantagem. Acontecia-lhe desejar ser uma outra coisa, como padeiro ou carpinteiro, uma coisa útil. Mas não era; era lojista, como tantos outros. O pai havia sido

lojista, e o seu filho, quando o tivesse, lojista seria. Eram gente pequena.

Ao abrir a loja naquela manhã, havia já três clientes à espera. O facto enervou-o, muito embora um deles fosse apenas uma criança e os outros dois os jovens que tinham carregado o europeu ferido para sua casa e que aguardavam um agradecimento. Estivemos este tempo todo à sua espera, disseram os jovens, e agora de certeza que chegaremos tarde ao trabalho. Tinha por hábito abrir a loja sem pressa, de regresso das orações matutinas, sem ninguém por espectador. Era uma operação complicada. A frontaria comportava uma série de pranchas, dezoito ao todo, cada qual com dois palmos de largura. Tirou as duas primeiras e atendeu a criança. Uma colherada de *ghee* e cumprimentos lá em casa. Aos jovens deu dez anás a cada um. Aceitaram o dinheiro, mas ficaram onde estavam, plantados à frente dele, reprimindo um sorriso. Eram bons rapazes, Salim e Babu. Também eles, em tempos, tinham ido ali à loja fazer recados para as mães, como o rapaz ao qual vendera a colherada de *ghee*, e o mais certo era que viessem a ser seus clientes para o resto da vida. Deu mais dez anás a cada um, e depois mais dez, antes de eles se decidirem a ir embora, satisfeitos com a maneira como o tinham forçado a ser generoso. Era porque toda a gente o achava mais rico do que ele era, e por isso tomavam a sua frugalidade por avareza. Era horrível passar por sovina, pecar por desobedecer à ordem divina de que os prósperos fossem generosos com os necessitados. As pessoas estavam sempre a entregar os seus parques anás e rupias ao lojista, que passava o dia e a noite com o traseiro em cima das sacas de produtos ambicionados, por isso presumiam que a única coisa que ele fazia era arrecadar dinheiro. Isto se dizia dos lojistas, que viviam como pobretanas e escondiam a riqueza num buraco, no quintal.

Hassanali retirou, um a um, os dezasseis painéis restantes e empilhou-os junto à parede da loja. Em seguida, tirou os batentes munidos de dobradiças e apoiou-os na plataforma composta pelos painéis antes de dispor a mercadoria nos lugares habituais. Por fim, instalou-se no meio da variedade de recipientes que continham o óleo, a *ghee*, as especiarias, por entre os cestos de lentilhas, grãos

e tâmaras, e as sacas de arroz e açúcar. Tudo aquilo demorava tempo. Terminada a tarefa, os seus pensamentos regressaram ao café que Malika lhe prometera, talvez a acompanhar um pão doce ou um pedaço de pão. Pensou também no homem deitado sob o toldo, no seu quintal. Sentiu a habitual inadequação. Que tipo de homem se poria a vaguear pelo mato a milhares de quilómetros de casa? Seria tal coisa um acto de coragem ou de inconsciência? Que havia ali que fosse melhor do que o que ele deixara para trás? Hassanali não imaginava um impulso que o levasse a *e/e* a encetar semelhantes deambulações. Teria sido um disparate deixar um homem desconhecido, sem voz ou nome, na casa onde viviam a sua irmã e a sua mulher? Se ele se tornasse violento ou tentasse o impensável, a negligência de Hassanali seria imperdoável. Na soleira da porta que separava a loja da casa, chamou Malika.

— Chega aqui, depressa, depressa.

— Vou já, levo-te o café — respondeu ela numa voz abafada pelas sacas e caixas que ladeavam o corredor.

— Despacha-te — chamou ele, com urgência, se bem que a resposta dela o tivesse tranquilizado um pouco. Não soara aterrorizada, mas ainda assim Hassanali queria que ela se aviasse, para lhe dizer que se acautelasse, para a alertar contra o mundo. — Há novidades? — perguntou ele, ao vê-la aproximar-se com uma cafeteira e um pão de milho-painço embrulhado num pano. — Que se passa?

— Parece que, afinal de contas, o desconhecido é um demónio que tomou a forma de um homem — disse Malika, junto à soleira, com a cabeça descoberta e os olhos arregalados. — Assim que bebeu a água com mel que a Rehana lhe deu, transformou-se num *ruk* e está agora empoleirado no telhado à espera que um de nós caia morto para lhe roubar a alma.

— Não digas disparates — reclamou Hassanali, que até gostava bastante que Malika o atazanasse. — Não pode ser um *ruk*. Já te disse que um *ruk* tem nome, mas não tem corpo, e por isso não pode empoleirar-se num telhado. — Além do mais, o *ruk* é o espírito indestrutível que abandona o corpo após a morte, não o ladrão de almas. O *mzungu* que tinham no quintal era um corpo sem

nome, logo, não podia ser um *ruk*. Ela estava-se pouco marimbando e repetiu o que dissera, só para o abespinhar. Metia-se muito com ele quando estavam sozinhos. Um dos seus jogos secretos consistia em Malika repreendê-lo enquanto ele se desfazia em desculpas e carícias. A sua vida transformara-se desde a chegada de Malika.

— Então, que achas que está a acontecer? — indagou ela. — O *mzungu* está ali estendido, a gemer e a bebericar a água que a Rehana lhe vai dando, e baba-se e arrota como um bebé. O Partepernas veio agora mesmo e está a examiná-lo. Não vale a pena inquietares-te por nada.

— Não estou a inquietar-me por nada — alegou ele, de sobrolho franzido, tentado a recordar-lhe que tinha quase o dobro da sua idade e que ela devia mostrar mais respeito. Hassanali não desejava mais respeito, apenas que ela não se fosse já embora. — Queria ter a certeza de que estavas bem. Tardavas em trazer-me o café, e não sabemos quem é aquele homem. Interrogava-me o que se passaria.

— O homem está ali estendido, mais morto que vivo, meu amo.

Hassanali assentiu com a cabeça.

— E que diz o Partepernas? — quis saber.

— Ainda não disse nada, e quando o fizer não será a nós — respondeu Malika, e acrescentou com um sussurro: — É um velho assustador.

— Toma cuidado — aconselhou Hassanali, e dispensou-a com um aceno. Vira um cliente aproximar-se. — E diz ao Partepernas que venha falar comigo antes de fazer o que quer que seja.

Partepernas era o endireita, e adquirira esta alcunha, bem como uma temível reputação, porque frequentemente fixava mal o osso após uma fractura. Acontecia ter de quebrar o osso novamente para depois o endireitar. Assim sendo, cair nas mãos do Partepernas podia tornar-se uma pequena tragédia. Receosos de terem de recorrer aos seus préstimos, os pais tremiam quando os filhos caíam. Não havia mais ninguém que soubesse como consertar ossos. Hassanali esperava que o pobre *mzungu* não tivesse ossos partidos.

Gostava da ideia de ter o *mzungu* na sua casa. Já tinha visto um, há coisa de dois ou três anos, quando atravessara a cidade e descera até à beira-mar. Em criança, frequentava a beira-mar, como toda a gente, mas nessa época não havia *mzungus*. Agora não tinha ninguém para tomar conta da loja e comprava a mercadoria a fornecedores com os quais lidava há muito tempo, por isso não precisava de andar a correr atrás de ninguém. Às vezes, por morte de um vizinho ou de uma figura notável, fechava a loja e juntava-se ao cortejo até ao cemitério. E durante o Ramadão era inútil ter a loja aberta durante as horas do dia em que ninguém saía de casa. Além do mais, desde a chegada de Malika, fechava a loja para o almoço e fazia uma pequena pausa à tarde. Tirando estas ocasiões, ou uma ou outra do mesmo género, a loja estava aberta todos os dias desde que ele voltava das orações da manhã até uma hora após o ocaso, e Hassanali raras vezes abandonava o seu posto ou a caixa do dinheiro, fosse por que motivo fosse. Tinha até treinado o corpo para obedecer àquele regime inflexível.

Estivera à beira-mar no dia da Idd. Aquando da festa, era costume todos os negócios fecharem, pelo menos durante uma parte do dia, e Hassanali dirigira-se à baía, como toda a gente, para assistir à anual corrida de barcos. Havia sido nessa ocasião que vira o *mzungu*, de pé no palanque coberto, por entre a aristocracia indiana. Era alto e tinha um aspecto corpulento no seu casaco verde, calças cremes e chapéu acolchoado, os tais de que já tinha ouvido falar mas nunca vira. Sabia que se tratava do homem que o sultão mandara vir de Zanzibar para gerir as plantações e que inesperadamente libertara os escravos e arruinara os proprietários rurais. Aquele *mzungu* estava muito distante quando Hassanali o vira, não passava de um casaco verde e de um chapéu, de uma personagem de uma história, mais do que uma pessoa real. O outro era seu hóspede e jazia na esteira onde tomavam as refeições, no seu pátio.

Ter hóspedes era sempre emocionante, sobretudo nos primeiros dias, em que se instalava um caos feliz e toda a gente se divertia. Hassanali adorava ter hóspedes. Aquele, porém, pertencia a uma categoria à parte. Era um europeu, um *mzungu*. Que iriam eles fazer

com um europeu? Onde iam instalá-lo? Devia ter deixado Hamza ficar com ele. Hamza tinha quartos vazios em sua casa, assim como dinheiro e mobiliário que garantiriam o conforto do *mzungu*. Hassanali tinha apenas dois quartos e teria de partilhar o seu com ele. A fazer fé no que se dizia acerca deles, o mais certo era que o europeu quisesse um quarto só para ele, ou até a casa toda. O que iram dar-lhe para comer? Como iriam comunicar com ele? Talvez fosse inglês ou alemão, ou italiano, porventura. Hassanali não sabia uma única palavra daquelas línguas. Porque haveria de saber? Era apenas um lojista numa pequena localidade nos confins da civilização. Talvez, cogitou, enquanto dispunha as sacas e os cestos na loja, devesse pedir a Hamza que fosse buscar o europeu, ou lá o que ele era. A ideia assenhoreou-se dele e o seu coração tímido bateu mais depressa. Devia mandar já um bilhete. Por favor, venha buscar o inglês. Não tenho espaço na minha humilde casa para um hóspede tão distinto. Mas depois as piadas que as pessoas iriam fazer às custas do bilhete. Troçariam dele e diriam que era um insensível e um sovina, que se oferecera com má vontade para acolher um estranho, ainda por cima ferido, quando na realidade tinha um tesouro escondido em casa, as sandices do costume. O pouco, muito pouco, que juntara e escondera certamente que não perfazia um tesouro.

E, de resto, fora ele quem vira o homem emergir da escuridão e o tomara por um espectro que a luz nascente desencaminhara. Havia sido ele que os olhos pardos e brumosos do homem tinham procurado e perseguido. Tinha sido o acaso divino que fizera com que as coisas se passassem daquela maneira, e Deus não deixava nada ao acaso. Aquele fardo estava-lhe destinado, talvez para o testar ou para o castigar ou para o ensaiar, segundo uma lógica que ele não entendia ainda. Como podia passar-lhe sequer pela cabeça recusar hospitalidade e ajuda ao homem ferido? Tendo-se convencido de que seria uma ofensa a Deus abdicar do europeu, Hassanali sentiu o corpo entregar-se à emoção tranquila que sentira perante a ideia de ter o inglês em sua casa. Era como se tivesse adquirido um animal de estimação exótico do qual por pouco não abrisse mão, mas que em boa hora se impedira de o fazer.

O fluxo de clientes matutinos transcorria lentamente quando o Partepernas apareceu. Atravessou o corredor que separava a casa da loja e que servia também de armazém. Hassanali lançou-lhe rapidamente um olhar desconfiado, não fora dar-se o caso de ele ter rapinado qualquer coisa no corredor. Foi um olhar involuntário, habituado que estava a desconfiar dos demais. Estava sempre a ser roubado, por toda a gente. Quem é que lhe dissera que podia entrar por ali?

— Como está, Yahya? — cumprimentou Hassanali. Ninguém lhe chamava Partepernas na cara, a menos que conseguisse correr muito depressa ou não receasse uma fractura accidental. — Como está o nosso hóspede?

Partepernas era um homem corpulento e idoso, com uma barriga que protuberava sob a *kanzu*. Histórias acerca da sua força e do seu apetite por sexo na juventude faziam parte da lenda que o envolvia, e apesar da idade avançada não resistia a pavonear-se como um guerreiro heróico. O barrete justo, de algodão grosso, dava um ar mais severo aos seus traços faciais e à cabeça a aparência de uma bala de canhão. Fulminava toda a gente com o olhar e andava pela rua com os ombros puxados para trás, a barriga impelida para a frente e balançando os braços como um soldado, sem se dar conta da figura cómica que fazia. As pessoas tratavam-no por capitão para lhe agradar. Quem se ria dele, contudo, fazia-o pelas costas ou a alguma distância, pelo menos, já que o endireita passava também por desvairado e perigoso. Vivia sozinho num rés-do-chão arrendado, num quarto com uma janela que abria para a rua e, muitas noites, quando vizinhos e transeuntes por ali passavam, ouviam-no dar gemidos angustiados e ruidosos, porém ninguém se atrevia a acordá-lo com medo dos seus ataques de cólera.

Contava-se entre os primeiros soldados baloches que o sultão de Zanzibar enviara para guardar as plantações. Por uma qualquer razão, os sultões da dinastia de Bu Said demonstravam uma predilecção por mercenários baloches, tendo-os usado desde o início da conquista da costa. Assim, quando o sultão Majid decidiu recuperar o território por trás daquela cidade longínqua do seu

sultanato, enviou um contingente baloche para acompanhar os milhares de escravos que iriam trabalhar nas plantações. Foi nessas plantações que Partepernas se fizera endireita. Hassanali estremeceu ao pensar nos pobres escravos que teriam sido os seus primeiros doentes.

Os fregueses de Hassanali, que por aquela altura já estavam ao corrente da chegada do europeu, ficaram também para ouvir o diagnóstico do endireita. Hassanali viu os três magos — Hamza, Ali Kipara e Jumaane — abandonarem o café onde se tinham ido instalar, do outro lado do largo, mal se aperceberam da presença de Partepernas na sua loja. Queriam igualmente saber se os terríficos préstimos do endireita iam ser necessários.

— Capitão, é verdade que os ossos dos Europeus saram por eles mesmos? — perguntou a Partepernas um dos clientes, um jovem escanzelado que entregava mercadoria por toda a cidade a quem quer que lhe pagasse. Passava todas as manhãs pela loja para ir buscar o pedaço de tabaco de mascar que Hassanali lhe fornecia gratuitamente em troca da sua disponibilidade para um qualquer recado e porque sentia pena dele. O jovem não tinha família nem casa, tanto quanto Hassanali sabia. Tudo nele era frenético e nervoso: sorrisos crispados, risadas tresloucadas, graçolas obscenas. Demasiado haxixe, diziam as pessoas. Não obstante, havia sorrisos nos lábios de toda a gente, que já sabia, pelo tom da pergunta, que se seguiria uma qualquer insolência e que Partepernas por certo que perderia a paciência e armaria um banzé ou pior.

— Não digas disparates — respondeu Partepernas, num tom moderado, dando assim a entender que se tratava de um momento demasiado importante para cóleras histriónicas. — Quando muito, o europeu tem os ossos fracos por causa do frio e da humidade no país dele, e porque come gordura de porco. Toda a gente sabe disso.

— Então, capitão, não terá dificuldade em partir e voltar a partir quando lhe aplicar o seu tratamento — disse o jovem, que se pôs a saltar e a grunhir, imitando os métodos cirúrgicos do endireita.

Partepernas fez um ar interessado e, por um momento, fulminou o

jovem com o olhar. A seguir virou-se, sem pressa, quase com relutância, para Hassanali, que acabara de se dirigir a ele.

— Alguma fractura? — indagou Hassanali.

— Não, nenhuma — respondeu Partepernas, desapontado, enquanto abanava a cabeça perante uma notícia tão triste. — Umas contusões feias. Apliquei-lhe uma cataplasma no ombro e voltarei mais tarde para ver como está. Talvez fosse melhor mandá-lo para a cidade, entregá-lo aos cuidados dos árabes. Eles ocupar-se-ão dele até que venha um barco, ou então levam-no a um médico em Mombaça ou noutro sítio qualquer.

— Sim — concordou Hamza, que chegara mesmo a tempo de ouvir aquelas últimas recomendações. — Envia-o aos mandachuvas na cidade. Não queres que lhe aconteça alguma coisa enquanto está em tua casa.

— É a última coisa que queres — reiterou Ali Kipara, e abanou o dedo para salientar a sua opinião.

— Deixemo-lo descansar primeiro — argumentou Hassanali, sem pressa de abrir mão do seu *mzungu*.

Mediu uma quarta parte de arroz para um pedaço de pano, atou-lhe as pontas com esmero e estendeu a pequena trouxa a Partepernas, que aceitou o seu pagamento sem nada dizer e atravessou a loja. Quando o jovem escanzelado se deu conta do que se estava a passar, já o endireita o tinha agarrado pelo colarinho e lhe torcia impiedosamente a orelha.

— Não tens maneiras, sua rameira sifilítica, filho de um selvagem e neto de uma béstia de quatro mamas — rosnou ele, sem parar de torcer a orelha do jovem. — Não passas de um macaco, de um babuíno sem miolos, de um cão sarnento. Quem pensas que és? — perguntou o endireita, e aplicou uma última torcedela desalmada na orelha do jovem. Depois, ao som de um coro de gargalhadas e de casquinadas convulsivas que tiraram o fôlego aos mais idosos, foi-se embora balançando os braços como um soldado na parada, e o jovem escanzelado ficou agarrado à orelha magoada a gritar injúrias e a chorar de raiva e humilhação.

Hassanali atendeu os seus fregueses e, depois de a azáfama e da conversa amainarem, as pessoas dispersaram rumo ao seu

trabalho ou às suas casas. Sabia que os velhos sábios voltariam mais tarde, ainda durante a manhã, para se sentarem no banco que ele punha em frente à loja para eles, assim que o sol desaparecia atrás das casas ali perto. Depois, quando subia acima dos telhados, procuravam outra sombra ou regressavam ao café, ou iam para a mesquita e, ao final da tarde, reapareciam na loja. Pela fresca, a cavaqueira tornava-se mais amena, as histórias mais longas e mais antigas. Assim era, desde os tempos do seu pai. Os idosos iam-se sucedendo, iam e vinham arrastando os pés, ao sabor dos tempos, mas o banco estava sempre ali, e nunca lhe faltavam ocupantes.

Na calma após o bulício matutino, teve tempo para pensar no hóspede. Quando o homem acordasse, depois de ter descansado, Hassanali perguntar-lhe-ia se queria ser entregue aos árabes ou ao *mzungu* do Governo. Por enquanto, que descansasse. Nunca tinham tido um hóspede tão estranho e inesperado como aquele. Desde o seu casamento, há dois anos, a mãe de Malika vinha visitá-los de tempos em tempos e ficava sempre tempo demais. Também recebiam a tia Mariam, a irmã mais velha da sua mãe, de tantos em tantos meses, e acontecia a estada de ambas coincidir. Eram velhas amigas e fora esta amizade de longa data que levava a tia Mariam a negociar o casamento de Hassanali com Malika. Hassanali só teve de concordar com os termos do acordo de casamento e, pouco depois, a sua querida Malika aparecera. Podia ter sido pior, mas não fora. Um milagre.

Nas suas visitas, a tia Mariam vinha sempre acompanhada de um primo, de um sobrinho ou de um parente desse género. Hassanali estava convencido de que lhe pilhavam a mercadoria sempre que podiam. Os sobrinhos eram filhos do tio Hamadi, que vivia em Mombaça. Hassanali só estivera com o tio um par de vezes. A primeira acontecera quando ele viera dar as suas condolências umas semanas após o funeral do pai. Na época, toda a gente se convenceu de que o tio Hamadi, que alegara ter ido para se certificar de que a viuvez não deixara a sua irmã na pobreza, queria na verdade ver se não havia nada a que pudesse deitar a mão. A segunda ocasião havia sido aquando da morte da sua mãe. Dessa feita explicara que tinha ido garantir que nada faltava ao sobrinho e

à sobrinha. A Hassanali não escaparam os olhares que o tio deitou a Rehana, que tinha cerca de dezanove anos, e receou que ele a quisesse tomar por enésima esposa. A tia Mariam estava com eles nessa altura e talvez a sua presença o tenha impedido de avançar com a sua proposta, por vergonha. Era a mais velha dos três e possuía um sentido apurado para o ridículo, e sem dúvida que as suas gargalhadas teriam corrido com o tio Hamadi lá de casa, caso ele se tivesse declarado a Rehana. Não se recordava muito bem se, quando era mais novo, houvera outras visitas, mas não tinham tornado a ver o tio Hamadi desde que ele presenteara Rehana com aqueles olhares assustadores, há coisa de uma dúzia de anos.

A tia Mariam era sempre bem-vinda. Mal chegava, despia a fatiota domingueira, vestia a roupa de trazer por casa e punha-se a distribuir novidades e mexericos, e ria, ria, ria antes de desempacotar os legumes e fruta que trazia com ela do campo, de presente. Pouco depois, arranjava o que fazer: escolher o arroz, varrer o pátio, lavar a roupa de cama ou qualquer outra coisa que fosse precisa. Era um dom que ela tinha. E a sua ajuda não era intrusiva ou reprovadora, mas antes prazenteira e espontânea. Quando os visitava, todas as tarefas que tinham ficado adiadas ao longo de meses apareciam feitas como que por magia. Com a tia Mariam por perto, a conversa e a risota pareciam não ter fim, e recebiam até a visita de vizinhos que habitualmente não viam. Ela não tinha filhos e há muitos anos que vivia sozinha. Adorava que os sobrinhos e sobrinhas ficassem em casa dela algumas semanas todos os anos. Dessas visitas, Hassanali guardava uma recordação do marido dela, um homem baixo, roliço e amistososo que morrera subitamente de uma hemorragia interna cujas causas ninguém conhecia. A tia Mariam dizia que Hassanali a fazia lembrar o marido e, ainda ele era vivo, ameaçava deixá-lo um dia para casar com Hassanali. No tempo do seu pai, a tia Mariam costumava namoriscá-lo dia sim dia não e oferecer-se para ser a sua segunda mulher. A mãe dizia que ela era uma desavergonhada, mas a tia Mariam argumentava que os homens podiam ter quatro esposas e que ela queria quatro maridos garbosos. Assim que se fartasse de um, trocá-lo-ia por outro. Na realidade, porém, depois da morte do

marido, manteve-se viúva até ao fim dos seus dias. Agora trazia os filhos do tio Hamadi com ela quando os ia visitar, ou primos mais distantes, filhos de uma qualquer sobrinha dela que Hassanali nunca sequer conhecera. A sobrinha, ao que parecia, divorciava-se com grande facilidade, tinha muitos filhos e distribuía-os pelos familiares para que cuidassem deles. A tia Mariam dizia que queria que toda a gente da família se conhecesse, embora fosse a única a ter semelhante preocupação. Se a mãe de Malika cansava a amabilidade de quem a recebia, a tia Mariam sabia com uma precisão sinistra e cortês a altura certa de partir.

Não havia um quarto de hóspedes na casa, portanto a chegada de uma visita provocava uma agitação ansiosa por causa dos preparativos: as dormidas, as refeições e, acima de tudo, a utilização da casa de banho. As refeições eram mais elaboradas, a conversa mais animada e pontuada por gargalhadas, pelo menos ao início, e Hassanali achava emocionantes os planos frenéticos que se faziam e refaziam. Quando a mãe de Malika os vinha visitar, partilhava o quarto com Rehana e, com as suas maleitas e queixas, acabava por bani-la para o pátio a maior parte do dia. Umas vezes era demasiado sensível à luz, outras era ao calor; umas manhãs não suportava o frescor das primeiras horas da manhã e havia noites em que não conseguia dormir por causa de um zumbido nos ouvidos. Quando não padecia de nenhum destes complicados e subtis achaques, a sua conversa era agradável e contava histórias e recordações surpreendentemente detalhadas. Às vezes, sentado no pátio, a curta distância e de ouvido atento à conversa das mulheres, sentadas ou estendidas numa esteira, às escuras, Hassanali refreava a vontade de as interromper para pedir mais detalhes. Elas sabiam da sua presença e sussurravam quando a conversa se tornava demasiado sensível para ouvidos masculinos. Hassanali não se incomodava com isso, já que conseguia entrever os sorrisos delas na escuridão.

Era ainda mais complicado quando a tia Mariam lá aterrava com os sobrinhos. Acontecia Hassanali não saber onde iria dormir até ao momento de deitar a cabeça na almofada. Como explicar tudo aquilo ao hóspede *mzungu*? O mais simples seria dar-lhe o quarto

de casal. Malika podia dormir no quarto de Rehana e ele dormiria no vestibulo. Depois, quando o hóspede recuperasse, perguntar-lhe-iam o que queria que fizessem.

2 Frederick

Frederick Turner ia a caminho da fazenda quando soube da notícia. Fazia aquele caminho todas as terças-feiras de manhã, sempre que os seus afazeres lho permitiam. Os afazeres incluíam cartas e relatórios e leituras, tarefas pouco estimulantes, simples, todas susceptíveis de serem adiadas, de tal sorte que, desde que fora colocado naquela cidade, não perdera uma única visita à fazenda. Partia pela manhã, passava lá a tarde e a noite e só regressava na manhã seguinte. Podia assim manter-se informado, sair um pouco e avaliar as coisas por si mesmo e manter Burton, o administrador, em estado de alerta, ainda que ele não estivesse directamente sob a sua alçada. Havia sido Burton quem o visitara na semana em que chegara à cidade, quando fora buscar o correio, e o convidara a visitá-lo sempre que quisesse. Eram os únicos ingleses ali na região, portanto, em certo sentido, a viagem era uma obrigação, além de um prazer. Burton era um sujeito afável e assaz consciencioso, de estatura média, cara redonda e encarnada do sol, entroncado e de modos rudes: o típico fazendeiro inglês, tostado pelo sol. Era um especialista na sua área e bastante inventivo, uma espécie de cientista inclusivamente, tendo em conta os projectos experimentais que tinha em marcha, os lagos e as comportas e os alfobres. Contudo, evidenciava um ar relutante e oprimido e uma certa inclinação para a marginalidade que levava Frederick a suspeitar que, entregue a ele mesmo durante demasiado tempo, se meteria em sarilhos. Tinha aquele olhar fixo e estranho de quem contempla cometer uma loucura. Frederick achava que Burton antecipava com prazer as suas visitas, pela companhia e pela conversa, mas também pela oportunidade de beber uns copos com alguém. Era não só o único inglês naquela zona, mas também a

única pessoa com a qual se podia dar, sendo os restantes membros da facção bohra de Guzerate e árabes, e, é claro, os mestiços autóctones. Seria um absurdo não se dar com ele.

Burton não falava de outra coisa a não ser do Protectorado do Uganda e dos planaltos do interior e dos lagos, e de todas as grandiosas fazendas que lá iriam ser criadas uma vez terminado o caminho-de-ferro. Segundo Burton, era para isso mesmo que servia o protectorado. Os políticos e a imprensa adoravam as palavras grandiloquentes e as manobras globais, portanto, para eles e para outros líderes mundiais de bancada, o Protectorado do Uganda e a ferrovia tinham como objectivo proteger a nascente do Nilo dos avanços franceses. Para Burton e, a fazer fé no que ele dizia, para muitas outras pessoas realistas como ele, serviam para tornar acessíveis aos Europeus as belas terras altas que sempre lhes tinham estado destinadas e que entretanto estavam ocupadas por nómadas da idade da pedra e criadores de gado sedentos de sangue. Burton pronunciava-se naqueles termos duros quando pretendia mostrar a sua atitude prosaica para com o mundo: habitualmente depois de uma bebida ou duas. Frederick não tinha ainda estado nas terras altas, mas pensava visitá-las, um dia, só para ver afinal do que se tratava. Era com isso mesmo que Burton sonhava: gerir uma grande fazenda, como as que vira na África do Sul, na província do Cabo Oriental. Frederick duvidava que Burton tivesse estofos para aquele trabalho. As capacidades de chefia e de autoridade, já para não falar da determinação e do sangue-frio, não se adquiriam numa geração ou duas, a não ser por pessoas extremamente dotadas, e Burton, que tinha já passado demasiado tempo a dançar e a tocar tambores com os trabalhadores, não possuía esses dons.

O percurso até à fazenda era também muito agradável. Frederick andava a cavalo quase todas as tardes, em direcção a norte, pela praia, que se estendia sem impedimentos até ao rio, ou então rumo a sul, contornando a baía até ao cabo. O caminho que levava à fazenda, contudo, atravessava terrenos difíceis e isso mantinha-o em forma. O trajecto permitia também a *Majnoon*, o seu garanhão, exercitar-se, e bem que aquele diabrete precisava de uma corrida

extenuante. Idris, o seu moço de estrebaria, acompanhava-o na égua, *Sharifa*, e assim ambos os árabes faziam um bom exercício pelo menos uma vez por semana. Trouxera os árabes e Idris com ele da Índia e já se tinha arrependido disso muitas vezes. Não era porque os cavalos lhe dessem problemas, ou sequer Idris, não obstante o seu ar taciturno. Era por causa de um parasita transmitido pelas moscas que então infestavam a região e que começava por provocar febre nos cavalos, seguida de edema, paralisia e morte. Só os burros sobreviviam naquelas bandas.

Os cavalos eram magníficos e o destino que os aguardava entristecia-o, mas quando tomara conhecimento da infestação já tinha trazido os cavalos. Era tão absurdo que não tivesse sabido dela antecipadamente, tão lamentável. Se tivesse sabido quando ainda estava na Índia, teria tomado medidas, é claro, e mais vantajosas, provavelmente. A compra dos dois árabes fora um bom negócio. Um proprietário rural sindi estava com uns problemas com uma remessa de algodão que tinha de expedir para uma empresa britânica, e Frederick ajudara-o. Em troca, o proprietário sindi aconselhara-o na compra de um garanhão árabe e ainda acrescentara a égua por quase nada. Era para a *memsahib* quando ela voltasse da sua estada no país natal, disse ele. (Só que Christie não voltou.) Amável e excessivamente generoso, dir-se-ia, se bem que a hospitalidade e a gratidão orientais possam ser mal interpretadas, sobretudo quando dirigidas a um funcionário do Governo. Não faltam exemplos famosos que inspiram desconfiança, é claro — os nababos de Clive, Hastings e Thackeray —, mas esses cavalheiros roubaram tesouros estatais e esvaziaram armazéns, ao passo que Frederick se limitara a acelerar umas burocracias. A generosidade do proprietário rural tinha mais que ver, na sua opinião, com uma maneira de viver mais atenciosa, com uma atitude para com o obséquio que em Inglaterra se perdera em virtude da impertinência e invidía dos seus dirigentes.

Idris fazia parte do lote, ou então estava demasiado apegado aos cavalos para se separar deles. O seu nome significava «leal» e «fiel», ou assim o seu amo lhe dissera, e fora inspirado numa figura do Livro Santo. Frederick não tivera tempo de estudar o Corão, mas

podia afiançar que o nome assentava como uma luva ao seu moço de estrebaria. Era um homem seco e rijo, não muito dado a sorrisos, mas terno com os cavalos, que tratava como se fossem do seu sangue. Durante um tempo, Frederick acalentou o sonho de encetar uma dinastia equina, porém *Sharifa* recusou-se a obsequiá-lo, a despeito dos melhores esforços de *Majnoon*. Nem tudo estava perdido para as pobres béstias, contudo. Enviara uma participação ao Club em Mombaça e recebera um pedido de informação de um tal Mr. Cowan que estava colocado em Fort Smith e se encontrava de férias junto à costa. Frederick convidou assim Mr. Cowan a visitá-lo e a inspeccionar ele mesmo os animais. Mombaça ficava apenas a dois dias de distância, de barco.

Idris não apreciava particularmente aquelas viagens semanais à fazenda e alegava que os cavalos não gostavam de lá estar porque os sapos os incomodavam. Havia, de facto, muitos sapos, por causa das bacias de irrigação, mas Frederick suspeitava que era Idris que, fazendo jus à sua ascendência rajaputra, era picuinhas em relação à companhia que mantinha e não gostava de estar na fazenda. Recusava-se a dormir nas instalações destinadas aos trabalhadores, a maior parte dos quais antigos escravos, há que dizê-lo. Induzidos a abandonar os seus proprietários há uns anos, tinham encontrado trabalho na companhia, quando o território pertencia ainda à companhia. Desde a declaração do protectorado, a escravatura terminara, é claro. Burton estava a ensiná-los a jogar críquete e sonhava organizar uma partida com a equipa da cidade, quando conseguisse formar uma equipa com todos os indianos que lá residiam. Em todo o caso, Idris recusava-se a partilhar as instalações com os trabalhadores. Assim, quando acabava de tratar dos cavalos, passava os serões na fazenda, sentado nos degraus da varanda, ao alcance da vista do seu patrão, lendo o Corão à luz da candeia ou dormitando, à espera de que o serão findasse. O som das gargalhadas e das conversas chegava-lhe das instalações dos trabalhadores, a poucas centenas de metros dali, conversas que às vezes descambavam em galhofa acerba, conversas de homens quando não há mulheres por perto. Aqui e ali, num círculo de luz dourada, as candeias queimavam os seus pavios impregnados de

óleo de coco. Às vezes, Burton tentava persuadir Idris a juntar-se aos homens ou então, em jeito de piada, oferecia-lhe uma bebida, sugestões que o moço de estrebaria declinava com cortesia e sem sorrir. Frederick compadecia-se de Idris e achava a galhofa de Burton desagradável e cruel. Quando o sono levava a melhor, Idris escapulia-se para os estábulos, que Frederick mandara construir de propósito para as suas visitas semanais e que contavam com uma plataforma sobre a qual Idris estendia a sua esteira.

Foi Idris quem, pouco depois de se terem posto ao caminho, esporeou o cavalo para alcançar o seu patrão e lhe falou do homem ferido. Ao virarem para norte antes do mercado, evitando assim os becos fétidos e sinuosos em redor do mesmo e as lojas apinhadas e esquálidas, que eram na verdade meros buracos nas paredes do mercado, passaram em frente ao gabinete obscuro de Siddiq, o *wakil* bhora. Frederick sabia muito bem que se tratava do *wakil*, cabia-lhe a ele saber. Era um dos dois *wakils* que havia na cidade. Sabia também que os *wakils* indianos eram manhosos e gananciosos, uma forma de vida inferior que engordava, qual pulga, com o sangue dos ignorantes e dos fracos. Vira-os em acção na Índia, trapaceiros e prestamistas em tudo menos no título. Estava disposto a lidar oficialmente com aquele ser untuoso, mas isso não implicava que tivesse de o cumprimentar estando a passeio. O *wakil* veio à porta ao vê-los passar e gritou qualquer coisa, que Frederick ignorou. Tentou de novo, e dessa feita Idris replicou e parou à espera da resposta. Frederick sabia que estavam a falar em kutchi, e ouviu a palavra *angrez*, portanto presumiu que estavam a falar dele, uma qualquer graça pueril. A seguir, Idris alcançou-o para o informar, no seu inglês rudimentar, de que um *angrez* estava «muito mau ferido».

Foi Siddiq quem lhes mostrou o caminho. Primeiro fechou e trancou as enormes portas tachonadas do escritório, depois compôs o barrete bordado a ouro e, por fim, com um gesto grandioso, fez sinal para que o seguissem. Frederick escarneceu do pequeno homem corcovado. Ao vê-lo dirigir-se ao dédalo de ruelas que conduziam ao mercado, gritou-lhe que esperasse. *Majnoon* faria jus ao seu nome naquelas ruas sulcadas e apinhadas. Desmontou e

entregou as rédeas a Idris. Olhou de relance para o seu palafrenero, contando com um olhar ansioso ou preocupado por vê-lo adentrar-se sozinho num bairro indígena com um indiano desconhecido como único guia, porém, Idris parecia impávido. Desmontou também, pegou nas rédeas e quase instantaneamente dirigiu-se à sombra de uma árvore. Frederick seguiu o *wakil*, sorrindo para si mesmo e um pouco desapontado por Idris não se ter mostrado preocupado. Idris era um homem duro, razão pela qual o empregara, mas também sentia uma espécie de solicitude e ternura para com ele. Na sua opinião, Idris achava que assinara um pacto com ele ao aceitar um salário e ao consentir em segui-lo como moço de estrebaria. No seu antiquado código de honra, não passava de um reles criado. Frederick surpreendia-o com frequência a fitá-lo com um olhar que apenas podia ser descrito como carregado de emoção, e até mesmo de lealdade e devoção; um amor viril. Acreditava que Burton captara esse olhar também, e vibrara ao ouvir Burton dizer certa vez: «Aquele homem morreria por ti.» Interrogava-se o que iria Idris fazer quando ele vendesse os cavalos. Frederick fez uma nota mental para perguntar a Idris pela sua família e lhe dar uma prenda para eles.

O *wakil* que lhe mostrava o caminho era um homem magro, de pele clara e enrugada e uma corcunda que Frederick presumiu ser o resultado de uma vida inteira dobrado sobre papéis. (*Um velho enrugado, matreiro como um macaco*, repetiu ele duas ou três vezes para memorizar a expressão até poder apontá-la.) Vestia um casaco branco abotoado até ao pescoço, calças justas, chinelas de couro escuro e o barrete verde bordado a ouro. Os seus movimentos eram amplos e múltiplos, demasiados floreios, vénias e sorrisos rasgados para o gosto de Frederick. Havia qualquer coisa nele que fazia lembrar uma das personagens apenas medianamente sinistras de Dickens: assaz untuoso. Num piscar de olhos tinham-se embrenhado nas ruelas tortuosas do decrepito bairro no qual os telhados quase se tocavam por cima da sua cabeça. Estava colocado naquela cidade há quase quatro meses, mas aquela era apenas a terceira vez que se aventurava por aquelas ruas pestilentas. O pavimento estava tão erodido pela chuva e pelas

escorrências lodacentas dos esgotos, e tão coberto de lixo, que Frederick tinha de tomar atenção onde punha os pés. Assim que penetraram na obscuridade, sentiu-se rodeado por um zunido, um ruído sem palavras, como se tivesse entrado num espaço fechado onde uma multidão sussurrava. Era uma lixeira, um esgoto a céu aberto. Seria preciso arrasar tudo, varrer tudo, mas Frederick não tinha fundos para tais obras.

Obrigou-se a respirar o mais superficialmente possível, se bem que instintivamente a sua vontade fosse tomar grandes goladas de ar para combater a sensação de que sufocava no meio da multidão e das ruelas. As pessoas olhavam para ele uma e outra vez, e o grito de *mzungu* precedia-o. Quem estava sentado à porta de casa levantava-se, surpreendido, e talvez inquieto. Um idoso deu um passo em frente e beijou-lhe a mão. Frederick estava habituado àqueles gestos de devoção. Os nativos mais velhos beijavam-lhe às vezes a mão porque o tomavam pelo homem que libertara os escravos há uns anos. Frederick não desencorajava a sua deferência. Não fazia mal nenhum e facilitava algumas coisas. Viu sorrisos a toda a volta, e não percebeu se eram sorrisos amistosos ou não, se as pessoas estavam divertidas por causa do idoso ou troçavam dele. Os lojistas nas minúsculas quitandas chamavam por ele e aliciavam-no com um dos seus sórdidos produtos, objectos com os quais, por mais inacreditável que parecesse, ganhavam a vida: um ridículo monte de carvão, umas quantas laranjas, uma mancheia de ovos e, a visão mais desagradável de todas, o pestilento vendedor acorocado por cima de tudo aquilo.

As crianças acenavam-lhe como loucas e tentavam atravessar-se-lhe no caminho. Gritavam *mzungu*, como se ele pudesse não reparar nelas. Ouviu outras coisas, que não percebeu muito bem. Esforçou-se por não entender. Que gritassem as obscenidades que bem lhes apetecesse, se isso os fazia sentirem-se melhor. As suas vozes irritavam-no, como o zunido de insectos ou o balido de um animal, como os gemidos das rameiras decrepitas que frequentavam os becos das docas londrinas. O baneane à sua frente gesticulava para a multidão, berrava exasperado, patenteava urgência e impaciência. Frederick sentiu-se tentado a chugar-lhe o

traseiro excitável com o pingalim e a dizer-lhe, por entre os dentes cerrados, que se comportasse com maior dignidade antes que os fizesse a ambos passar por idiotas. Avançava o melhor que podia, mantendo-se a não menos de dois passos atrás do *wakil*, confiante na força irresistível que parecia exsudar do seu guia para abrir caminho. Frederick não era um homem alto, mas era forte e bem constituído, por isso, a multidão e o chinfrim não o incomodavam. O que o preocupava era a possibilidade de ser alvo de embaraço e chacota, caso escorregasse em direcção aos sulcos viscosos ou fosse agredido por um fanático religioso. Naquela parte do mundo, ninguém precisava de ser recordado da inflexibilidade do poder britânico, e, caso alguém dela se tivesse olvidado, os terríveis acontecimentos de Omdurman no ano anterior, notícia dos quais chegara até ali, refrescar-lhes-iam a memória. Às vezes, porém, as turbas autóctones eram abominável e insensatamente turbulentas e, por isso, os pensamentos coléricos e hostis que alimentava acerca delas ajudavam-no a manter a inquietação ao largo.

Interrogava-se quem seria o tal homem ferido. O mais certo era que fosse alguém da missão luterana, a norte, no delta, que por lá ficara mesmo depois da assinatura do acordo de 1886, que repartira as esferas de influência e ditara a partida dos alemães. Uns anos antes da sua chegada, segundo o que Burton lhe contara, ocorrera um massacre ali perto, levado a cabo pelos Massais, em resultado do qual o missionário metodista e a esposa, assim como uma vintena dos seus protegidos haviam morrido. Um homem intrépido, na boca de todos, que andava por todo o lado armado apenas do seu guarda-chuva aberto, subia e descia o rio como se ignorasse o que era um crocodilo ou uma seta envenenada. Terá granjeado o respeito dos nativos locais, já que nunca incomodaram a sua missão e alguns até se juntaram a ela. Havia sido um desfecho menos comum do que a maioria das pessoas imaginava, que as missões salvassem almas, pelo menos segundo a sua experiência.

Não deixava, fosse como fosse, de ser espantoso que os Massais tivessem levado a cabo uma incursão tão perto da costa e que tivessem escolhido um humilde pastor de Deus e o respectivo rebanho como vítimas. Percorriam grandes faixas do interior como

se fossem um recreio onde podiam dar largas aos seus desportos sangrentos e primitivos. Como era aquele verso de «Mont Blanc», de Shelley, acerca das enormes rochas espargidas pela montanha, como se aquela maldita paisagem tivesse sido o recreio dos jovens deuses primevos do terramoto e da tempestade? Os Massais eram os pequenos deuses indisciplinados da paisagem enrugada do interior do território. Dizia a crença popular que os Massais apenas faziam incursões para roubar gado, do mesmo modo que o leão apenas atacava para se alimentar, porém, Frederick achava que tanto uns como o outro eram sanguinários e cruéis, e fazia figas para que jamais se encontrasse numa situação em que tivesse de testar a sua teoria. A missão luterana podia ter sofrido uma incursão dos Massais, ou então de outra tribo salteadora, como os Oromos ou os Somalis, ou até de outro bando de nómadas ociosos. O rio, qual funil, levava aquelas tribos bárbaras até ali, como acontecia com os rios desde o início dos tempos.

Recebera também de Mombaça a notícia de que os metodistas planeavam fundar outra missão, desta feita mais perto, para poderem pescar em maior segurança. Um certo reverendo Holiday pôr-se-ia a caminho na altura própria. No entanto, quando o bom pastor estivesse por fim preparado, viria sem dúvida de Mombaça, por mar, e não por terra. Quanto ao pobre diabo ferido, o mais certo era que tivesse vindo do interior.

Não, a imagem que Frederick tinha na cabeça à medida que avançavam com cautela por entre os montes de lixo e as casas degradadas com as suas portas cheias de caruncho era a de um aglomerado de nativos esfarrapados em redor de uma padiola que eles mesmos tinham feito para transportar o amado padre para um lugar seguro. Tal imagem trouxe-lhe à memória os dois dedicados zanzibaritas que, há uns anos, tinham carregado o cadáver embalsamado do venerando Dr. Livingstone ao longo dos milhares de quilómetros que separavam os grandes lagos da costa, em Bagamoyo. Primeiro, o coração foi excisado e enterrado no local onde ele morreu, e depois embalsamaram o corpo. Como é que lhes ocorrera fazer semelhante coisa? Aonde é que dois carregadores tinham ido buscar a ideia de um gesto tão simbólico e grandioso?

Imagine-se dois empregados de lavoura ou dois cabouqueiros em Inglaterra terem uma ideia dessas. Talvez o bom doutor tivesse deixado instruções nesse sentido, mas, mesmo assim, porque é que não largaram o corpo no pântano mais perto e voltaram para casa? Só poderia ter sido um santo para inspirar aquele tipo de lealdade na sua gente. Um magote maltrapilho de vadios e madraços compunha naquele momento o seu séquito, mas fidelidade não era o que os movia, antes a curiosidade mórbida pelo sofrimento e pelo drama que afligia as mentes ociosas e vácuas.

A ruela chegou ao fim, de supetão, e perante ele surgiu um largo arenoso e cheio de luz. Frederick estacou, surpreendido pelo aspecto prazeroso daquele espaço. Alguém, vindo de trás, esbarrou nele e, sem se virar, Frederick chicoteou-o com o pingalim e sentiu que atingira carne e osso. Ouviu-se um grito esganiçado e infantil, seguido de uma risada, e Frederick não conteve um sorriso. Na esquina diametralmente oposta havia uma pequena mesquita de paredes caiadas, ladeada por uma rua. As duas janelas com venezianas e a porta, semiabertas, eram de um bonito azul mediterrânico, a cor do manto das madonas nos quadros de Ticiano. Junto a eles, à direita, ficava um café seboso com uma esplanada composta por umas mesas com tampo de mármore e uns quantos bancos. Que faziam mesas com tampo de mármore naquele canto do mundo? Para lá do café havia casas de pedra, algumas com mais do que um piso, e outras mais modestas, mas asseadas e bem conservadas. Uma outra viela desembocava no largo, e entretanto reparou que o mesmo acontecia com várias outras. À esquerda viu mais casas, com cortinas nas molduras das portas que se agitavam por conta da brisa que parecia vir da rua mais larga que ladeava a outra fachada da mesquita e conduzia a campos de cultivo, mais ao longe. Onde se encontrava, Frederick sentia a brisa; perguntou de si para si onde estava e por que razão ninguém lhe falara daquele agradável lugar naquela cidade a cair aos pedaços. Tentou mentalmente situar-se no mapa que tinha no escritório. O *wakil*, que também parara e estava meio voltado para ele, apontava, com um sorriso na cara e acenos satisfeitos de cabeça, para as casas à esquerda de Frederick.

«*Sir*», disse o *wakil*, pedindo a Frederick que o seguisse com o ar presunçoso de quem se ocupa de uma tarefa urgente. A multidão que os acompanhara naquele trajecto pelas ruelas ultrapassou-os e dispersou-se pelo largo, virada na direcção que o *wakil* indicava. Ao segui-lo, Frederick viu uma pequena loja mais à frente, uma *duka*, uma daquelas vendas atafalhadas de mercadoria que proliferavam nas cidades indianas e que os comerciantes do subcontinente tinham trazido para aquela parte do mundo. Nem todas eram de indianos; aquele tipo de comércio era também o ponto forte dos comerciantes de Hadramaute, porém, a ideia partira dos indianos. Frederick interrogou-se se isso explicava o asseio do largo, se não estaria num enclave indiano. Naquelas partes, onde quer que os Indianos se instalassem, a prosperidade seguia-os, se bem que, evidentemente, tal dependesse da classe social a que eles pertenciam. Em Zanzibar, vira aqueles que na Índia varriam as ruas e se apinhavam nas cidades e que viviam numa miséria degradante a pedir e a lastimar-se com grande alarido; e a maioria dos vendedores que tinha lojas pequenas, das que mais pareciam buracos nas paredes, era indiana. Mas a ideia geral era a mesma: chame-se o tipo certo da baneane para um bairro e a prosperidade virá por acréscimo.

Havia dois ou três clientes em frente à loja, assim como alguns idosos sentados num banco. Frederick perguntou-se porque se dirigiam à loja, mas supôs que fosse para pedir direcções. Nem sinal, de momento, do seu séquito de carregadores maltrapilhos. Apertou o passo e já tinha alcançado o *wakil* quando este se abeirou da loja. Os idosos puseram-se de pé, bem como o *dukawallah*, que se apressou a descer do estrado a partir do qual reinava sobre a sua mercadoria. Assim se comportavam, com um misto de apreensão e respeito, sempre que um europeu se aproximava, e Frederick sabia muito bem porquê. De súbito, dir-se-ia, toda a gente começou a falar ao mesmo tempo e a lançar-lhe olhares circunspectos. Na sua conversa com o *dukawallah*, o *wakil*, percebeu Frederick, alternava entre um tom exigente e meneios argutos e compreensivos de cabeça. Depois de terem trocado umas quantas palavras com esta intensidade dramática, sem que

Frederick percebesse ao certo o que se passava, o *dukawallah* voltou a entrar na loja e atravessou-a para abrir o portão do pátio. O *wakil* entrou e fez sinal a Frederick que o seguisse. Um dos idosos manteve a turba afastada com a bengala, mas as pessoas apinharam-se todas em redor do portão e algumas treparam para o cimo do muro do pátio.

Foi tudo tão inesperado. Frederick percebeu, no instante em que se adentrou no pátio, que o homem ferido se encontrava ali, mas só o soube nesse preciso momento e, portanto, não teve tempo de o antecipar. Viu um homem de cabelo comprido e barba deitado numa esteira sob um toldo de colmo, tapado dos pés aos ombros com um lençol creme com um rebordo vermelho e branco. Havia um classicismo antigo naquelas cores, as de uma toga romana. O homem tinha a cabeça tombada para o lado, os lábios entreabertos, uma expressão de angústia e exaustão, uma postura tão familiar que chegava quase a ser blasfema. Ao lado dele, estava uma mulher sentada com as pernas cruzadas e totalmente tapadas pelo vestido verde desmaiado. Prestes a levantar-se, parecia indecisa, contudo, detida pela perplexidade. Virou a cabeça quando eles entraram e cobriu a parte inferior da cara com o xaile, contudo Frederick virou o suficiente para saber que era uma mulher de aspecto agradável e de trinta e poucos anos, talvez, mestiça sem dúvida, com um tom castanho de pele que deixava entrever origens somalis ou bajunis. Supôs que se tratava da Sra. Dukawallah, e desejou ao lojista muitas felicidades. Por um momento, nem isso, na verdade, mais um instante, pensou em Christie, lá em Inglaterra, e sentiu a falta dela. Não foi bem isso, foi sobretudo um batimento mais forte do coração, apenas um, que logo passou. Pensaria nela mais tarde, como devia ser.

Frederick assentou um joelho no chão ao lado do homem e encostou-lhe a mão ao pescoço. Estava quente e o pulso era forte, mas não lhe pareceu febril. O homem abriu os olhos e deixou escapar um longo gemido grave. Soou a um balido surdo, ao crocito lastimável de um animal moribundo. A mulher disse qualquer coisa e quando Frederick olhou para ela, esta acenou que sim com a cabeça, como que a tranquilizá-lo. Frederick afastou o lençol para

ver se havia sangue ou uma ferida, mas o corpo estava incólume, revelava apenas emaciação e poeira. Pôs-se de pé, olhou à sua volta e, de súbito, a estranheza de tudo aquilo impressionou-o, a sua presença naquele lugar, no pátio daquela casa, de botas reluzentes de montar, tamborilando impacientemente a perna com o pingalim, rodeado por aquelas pessoas de tez escura, pessoas que não conhecia e pelas quais sentia uma raiva inexplicável, e com um homem doente aos seus pés. Era uma estranheza sua conhecida, como se uma parte dele estivesse ali presente a observar a cena, mas era então necessário que não fizesse caso dela. Desembaraçou-se daquela sensação, que encarava como irresolução e fraqueza, ainda que tivesse sido um impulso humano que lhe dera origem, e com as mãos fez sinal de que precisava de uma maca.

— Temos de o tirar daqui — disse primeiro ao *wakil*, e depois virou-se para o roliço *dukawallah* de aspecto tristonho. — Temos de o tirar daqui já. *Jaldi, jaldi*. Depressa, depressa — repetiu, e representou por mímica que deviam pegar no homem e levá-lo dali para fora.

O *wakil* tomou então as rédeas da situação e encarregou-se de tudo com um tom calmo e uma autoridade que, depois da fantochada anterior, da deferência alardeada, surpreendeu Frederick. Não entendeu uma única palavra do que o *wakil* disse, tendo ficado com a sensação de que este soara calculista e indelicado. Seguiu-se o habitual caos e alvoroço, mas por fim três homens pegaram no pobre sujeito, esteira e tudo, prontos para se pôr a caminho.

— Onde estão as coisas dele? — perguntou Frederick. — Os pertences. Onde estão os pertences dele? Os seus bens pessoais.

O *wakil* fez o que pôde, mas não conseguiu arrancar nada do *dukawallah* ou da esposa deste. Gritou e abanou o dedo, num gesto ameaçador e dramático, e Frederick depreendeu que estava a repreendê-los pelo roubo ou, mais provável ainda, a assegurar a sua parte nesse roubo. Acrescentou umas quantas palavras severas e deitou um olhar zangado ao *dukawallah*, novamente com o mesmo resultado de antes. Uns quantos mirones juntaram-se ao

coro e gritaram umas patéticas quaisquer, e Frederick concluiu que o melhor era levar o homem para um lugar seguro antes que a multidão entrasse em histeria. Mais tarde voltariam para vir buscar os pertences do homem, disse ao *wakil*, quando o pobre sujeito estivesse em condições de enumerar o que lhe faltava.

Depois de o cortejo ter percorrido o *dédalo* de ruelas no sentido inverso, Frederick encontrou Idris sentado à sombra da enorme mangueira que havia na praça, em frente a uma plateia de crianças que observava em silêncio os cavalos. Levantou-se assim que viu a turba, mas manteve-se à distância, a aguardar instruções. Frederick apreciava isso, aquela disciplina. Apontou o pingalim na direcção de casa e Idris montou *Sharifa* e liderou a procissão. A sua presença acrescentou ainda mais drama ao cortejo que, chegados a casa, já se tinha convertido num espectáculo medieval. Tiveram alguma dificuldade em livrar-se de toda a gente, sobretudo do *wakil*, mas Idris e Hamis, o criado, conseguiram conter a maralha no vestíbulo e aos poucos dispersá-la, repartindo moedas pelos homens que tinham carregado o enfermo, por aquela altura instalado no quarto de hóspedes e a recuperar a consciência. Os homens tinham-no depositado na cama ainda enrolado na esteira de palha, como Cleópatra quando se introduziu no quarto de António. Frederick desembarçou-o da esteira e deu-se conta de que estava ainda tapado com o lençol creme e vermelho, e teve então tempo para reparar que o pano era grosso, fora tecido à mão e provavelmente era novo. Apalpou a testa do homem para ver se tinha febre e este, ao sentir o toque, abriu as pálpebras e olhou directamente para Frederick.

— Como é que se sente, meu velho amigo? — perguntou-lhe Frederick, suavemente.

— Já estive nas Seychelles? — indagou ele, de volta, e o carácter imprevisto da pergunta, assim como o sotaque inegavelmente britânico do homem, fizeram Frederick sorrir.

— Ainda não tive essa sorte — respondeu Frederick, aliviado por não se tratar de um fanático luterano.

— Nesta parte do mundo, temos de estar sempre de atalaia, à coca de trapças, como bem sabe, é claro — disse Frederick, e deu uma baforada longa e lenta no seu charuto. Soprou uma nuvem de fumo semelhante a um géiser cuja visão o encheu de júbilo e contentamento. — Deixe que lhe diga que é muito bom tê-lo de volta ao mundo dos vivos, meu caro Pearce. É um milagre, sinceramente, vê-lo aí sentado tão composto, tendo em conta o estado em que o encontrámos. Quando estiver cansado, diga, não faça cerimónia. Estou ansioso por ouvir o relato das suas aventuras, é claro, mas há tempo de sobra. A sua recuperação foi espantosa, mas não deve exagerar. Ao menos, parece não ter apanhado nada, mas andar debaixo daquele sol terrível dias seguidos é bem capaz de provocar umas belas dores de cabeça, digo eu. Bom, seja como for, não ficou ferido. Na verdade, meu caro, eu diria que teve muita sorte. Aquele mato é frequentado por bandidos diabólicos. Só posso presumir que, sabe-se lá como, conseguiu evitar ser visto durante as suas deambulações, caso contrário não estaria aqui. Sabe, quando me deram a notícia, pensei que fosse alguém da missão que fica mais acima, no rio, os luteranos. Aqui há uns anos, houve uns ataques por lá e morreram umas pessoas. E há sempre rumores sobre tropas abissínias que cometem roubos e escravizam pessoas, fazendo disso um modo de vida. Teve muita sorte em não se ter cruzado com eles, só lhe digo, se bem que talvez para um europeu o risco seja menor e acabe por estar mais seguro na companhia deles. Qualquer outra pessoa iria directamente para o mercado de escravos de Harar, mas eles sabem que nós não apreciamos esse tipo de coisas.

Frederick deu mais uma baforada no charuto e, com um piparote, desembaraçou-se da cinza, que caiu no chão da varanda. A brisa cessara depois de escurecer, mas cumprira a sua missão, e o ar estava fragrante e húmido. Mais em baixo, o mar entrava na baía em longas vagas arqueadas.

— Já estive nas Seychelles? — disse Frederick, com uma risada. — Primeiras palavras muito curiosas. Foi o que me perguntou quando recuperou os sentidos, lembra-se?

— Lembro — confirmou Pearce, com um sorriso fatigado. — E o

Frederick disse: «Ainda não tive essa sorte.»

— Pois não, infelizmente. Vê aquelas ondas, além no mar? Do outro lado da baía não existe um recife, algo invulgar nestas bandas, porque o rio desemboca a alguns quilómetros a norte daqui. Não há nada entre o lugar onde nos encontramos e as Seychelles, para leste. Foi de onde partiram aquelas ondas. Ouvi dizer que é um lugar magnificamente intacto, apesar dos franceses e dos missionários, uma espécie de paraíso dos mares do Sul. Já lá estive?

— Não — respondeu Pearce.

— O *coco de mer* — disse Frederick, num tom pensativo. — Parece uma ideia assaz repugnante, um fruto que se assemelha a órgãos genitais. Só mesmo os franceses para descobrirem umas ilhas onde até a flora é obscena. Bom, eles não as descobriram, suponho, devemos ter sido nós, mas pode apostar que assim que eles viram que tipo de fruta a ilha produzia, perceberam que era o sítio certo para se instalarem.

Frederick encheu de novo o seu copo e olhou de relance para Pearce, um mero olhar cordial, pois jamais o deixaria beber, ainda que ele pedisse. Pearce estava reclinado na espreguiçadeira e, sob a luz tremeluzente da lâmpada a querosene, Frederick não conseguiu perceber se ele já se tinha deixado dormir.

— Maravilhoso — sussurrou Pearce. — O mar.

— É, sim. E nada ao longo de mil e quinhentos quilómetros, até se chegar às Seychelles. E, apesar disso, o mar é tão bem-comportado. O oceano Índico é assim mesmo, pelo menos uma parte dele, um lago quando comparado com o feroz e brutal Atlântico. Encrespa-se bastante antes dos ventos constantes de nordeste, por volta de Novembro. Nessa altura, segundo ouvi dizer, o porto de nada serve. Foi pouco antes de eu ter chegado, mas mesmo agora o vento consegue ser por vezes implacável. Estou aqui colocado há apenas quatro meses, mas, sim, o mar é o que este lugar tem de melhor. Tirando isso, na verdade, não se aproveita muito. A terra não é má, mas infelizmente é demasiado arenosa e pouco profunda. A chuva é suficiente, mas as pessoas parecem não querer trabalhar. Não se esforçam sequer. A culpa foi da

escravatura, sabe. A escravatura e as doenças minaram-lhes as forças, mas a escravatura, sobretudo. Com a escravatura aprenderam a ociosidade e o subterfúgio, e agora não concebem sequer trabalhar com empenho e responsabilidade, ainda que em troca de um pagamento. Nesta cidade, trabalhar é estar sentado debaixo de uma árvore à espera que as mangas amadureçam. Veja-se os resultados fantásticos que as fazendas da companhia alcançaram. Novas colheitas, irrigação, rotação dos campos, mas para aí chegarem tiveram de mudar por completo a mentalidade das pessoas. Precisamos de fazendas britânicas por aqui, e algo me diz que não tardará muito até as termos. Em breve, os proprietários árabes não terão outra escolha a não ser vender.

— Sim — concordou Pearce.

No silêncio que se seguiu, Frederick degustou a sua bebida e fumou o seu charuto, e quando Pearce resmoneou tomou isso como um encorajamento para que continuasse.

— A cidade esteve mais ou menos ao abandono durante cerca de um século depois de os Portugueses terem construído a Fortaleza de Jesus e se terem mudado de armas e bagagens para Mombaça. Uma enorme ingratidão da parte deles, pensando bem. Então, há uns quarenta anos, o sultão Majid de Zanzibar teve a brilhante ideia de ressuscitar a cidade, convertendo-a na colónia de uma plantação. Em teoria, era ele o soberano desta linha de costa. Portanto, enviou os seus árabes e um contingente de mercenários baloches e milhares de escravos. Nos primeiros dez anos, mais coisa menos coisa, as colheitas foram excelentes, por isso foram enviados ainda mais escravos, e os locais começaram a fazer incursões junto das tribos locais para arranjar outros. A cidade prosperou uma vez mais e fizeram-se enormes fortunas. Os Bohras estabeleceram-se para fazer comércio e, como eu costumo dizer, se virmos um comerciante indiano abrir um negócio, então é mais do que certo que há dinheiro a ganhar naquele lugar. Os Indianos já cá estão há muito tempo, ou pelo menos já cá estavam quando os Portugueses vieram plantar a sua cruz. Diz-se até que o piloto de Vasco da Gama, aqui embarcado para a última etapa da viagem, até Calecute, era um marinheiro indiano. E eu acredito que sim, ou o

mais provável era que fosse um escravo indiano. Era tudo feito por escravos, e até os escravos tinham escravos.

»Foi nessa altura que a companhia recebeu a sua carta e começou a operar. Agora, toda a gente pode dizer que a companhia não tinha hipóteses, mas não creio que fosse assim tão óbvio para MacKinnon e a sua gente. Seguramente que não o foi para o sultão de Zanzibar. Não creio que na época o sultão fosse Majid... Na verdade, tenho a certeza que não era. Talvez fosse Barghash, ou o que veio a seguir a ele, aquele que era louco, Mahound, ou coisa que o valha. O sultão, fosse ele qual fosse, quis beneficiar dos métodos e dos conhecimentos dos britânicos, e por isso pediu à companhia, ou alguém pediu por ele, que enviasse um dos seus administradores para gerir aqui as plantações. Um grave erro. A companhia enviou um cavalheiro chamado Tinkle-Smith, ou um nome parecido, que libertou de imediato todos os escravos e depois empregou todos os que estivessem dispostos a trabalhar em troca de um salário. Fixou um preço para a liberdade e propôs-se emprestá-lo a qualquer escravo que concordasse em trabalhar nas plantações da companhia após ser libertado. Com isto, os escravos abandonaram outras plantações e a maioria deles fugiu, pois nem sequer queriam trabalhar. Partiram todos para o interior, para umas férias, em vez de aceitarem o trabalho remunerado que a companhia lhes oferecia. Por esta altura, até os escravos sabiam que, depois do Acordo Anglo-Germânico que estabelecia as esferas de influência, a suposta soberania territorial do sultão não ia além de uma quinzena de quilómetros em direcção ao interior. Assim sendo, bastava-lhes percorrer quinze quilómetros para ficarem a salvo. O resultado... árabes empobrecidos. Isto foi há uns anos, oito ou nove, mas se der uma volta por aí ainda verá muitas plantações em ruína. Os foragidos estão lentamente a regressar e nós instalamo-los em terras árabes deixadas ao abandono, aqui perto da cidade, para sul. Os árabes não apreciaram, mas pouco podem fazer, além de resmungar e pôr-se a mexer para Mombaça. Fosse como fosse, as coisas não tardariam a chegar ao fim, com a proclamação do protectorado em noventa e cinco. Oh, adormeceu — concluiu

Frederick, ao dar-se conta de que Pearce já ressonava. Serviu-se de mais uma bebida e reacendeu o charuto.

Deixá-lo-ia dormir mais uns minutos antes de o acordar. Os mosquitos devorá-lo-iam se o deixasse a dormir na varanda. Quiçá estivesse habituado a mosquitos e a escaravelhos e serpentes. Supunha que Pearce guardava um segredo vergonhoso. Ninguém viajava sozinho daquela maneira, a menos que tivesse sido enviado como emissário de uma expedição, e mesmo assim viria acompanhado de um carregador ou dois. Porventura tivesse sido roubado ou abandonado pelos seus guias. Em qualquer caso, já teria dito alguma coisa nesse sentido, já teria deixado escapar alguma pista. Frederick regressara a casa do *dukawallah* com Hamis, o seu criado, para servir de tradutor, e interrogara o homem de uma forma quase violenta, no entanto, o rechonchudo *dukawallah* afirmara categoricamente, e no final já com lágrimas nos olhos, que Pearce chegara com uma mão à frente e outra atrás. Sem dúvida que havia uma explicação para tal, mas Frederick suspeitava que Pearce estava a usar a exaustão como desculpa para não a dar. Não era que não estivesse exausto, isso era evidente e inegável. Dormira o dia todo e eis que continuava a dormir. E só conseguira comer umas quantas colheradas do caldo que o cozinheiro preparara. Ocorreu a Frederick que talvez não estivesse mesmo a dormir, ainda que ressonasse baixinho mesmo ali ao seu lado. Quiçá lhe tivesse sido pedido que abandonasse uma expedição por causa de uma má acção e compreensivelmente estivesse relutante em falar disso. Olhou de relance para Pearce, ao seu lado, para a sua silhueta reclinada e quase indistinta à luz da candeia. Tinha um ar austero que talvez não se devesse inteiramente às privações recentes, um ar presunçoso até, relacionado porventura com trabalho e princípios morais. Frederick serviu-se de uma última bebida e admoestou-se de que não devia deixar-se levar pelas suas suspeitas.

— Mantém-te firme, rapaz — sussurrou para com os seus botões, sorrindo. — Não deixes que o xerez te dê a volta à cabeça. Pode muito bem tratar-se de um homem que voltou de uma experiência

extrema, de um recontro com o sublime, e que não encontrou ainda o caminho até à superfície.

Frederick estava sentado à secretária quando, a meio da manhã, ouviu Pearce na sala de espera ao lado do gabinete. Por sua ordem, as portas de todas as divisões eram mantidas abertas para o ar circular e manter a casa fresca pela manhã. À tarde, as venezianas da parte da frente eram fechadas e os estores da varanda descidos para impedir o sol de entrar. Frederick cuidava destes pormenores da vida doméstica meticulosamente. Gostava de o fazer, e até repetia a palavra na sua cabeça, realçando as sílabas numa espécie de paródia de si mesmo. Meticulosamente. Sabia o que era comprado, o que era consumido e também a margem tolerada para pequenos roubos. Ele mesmo dava corda aos relógios uma vez por semana e certificava-se de que todos davam a mesma hora. Supervisionava a densidade do leite de quando em quando para garantir que o leiteiro de Cambaia não o tinha agulado em demasia. Gostava que os seus criados tivessem noção de que ele sabia em detalhe os deveres de cada um, que estava atento aos seus ardis e que esperava que eles levassem em conta as suas preferências. Assim, alertara Hamis de que talvez tivessem mais um convidado para o jantar, caso Burton aparecesse, e ouvira Hamis entrar no quarto de Pearce às oito da manhã com uma chávena de chá, tal como lhe pedira.

Ao ouvir Pearce na sala de espera, afastou o relatório sobre os direitos aduaneiros anuais no qual estava a trabalhar e saiu para o cumprimentar. Encontrou-o na varanda, encostado a um dos pilares do canto a desfrutar do sol do final da manhã. Vestia uma camisa e um par de calças de Frederick, e nem uma nem outras eram adequadas ao seu tamanho. A camisa ficava-lhe muito grande e as calças oito a dez centímetros demasiado curtas. Davam-lhe o ar de alguém que apanhava destroços na praia, de um vagabundo culto, um desses aventureiros dos mares do Sul dos romances de R. L. Stevenson, sobretudo com os pés descalços e a barba hirsuta. Tal pensamento fê-lo sorrir, porque a imagem lhe assentava como uma luva; havia qualquer coisa na atitude de Pearce que nada tinha que

ver com a roupa, uma descontração ou aprumo, uma espécie de autodomínio.

— Não devia estar aí assim ao sol, sabe — alertou Frederick. — Sobretudo depois da insolação, ou lá do que foi que apanhou.

— Peço desculpa — disse Pearce, e afastou-se obedientemente do sol. — Incomodei-o? Por favor, não interrompa o seu trabalho.

— Não me importo nada de ser incomodado — afirmou Frederick, e fez sinal a Pearce que entrasse; estava mais fresco dentro de casa. — Estou a escrever um relatório sobre os direitos aduaneiros cobrados a matérias-primas, comparando os números deste ano com os do ano transacto. Estatísticas indispensáveis, mas muito entediantes. Costumo fazer uma pequena pausa a esta hora da manhã. Toma um café ou uma fruta comigo? O café aqui é delicioso, e o Hamis torra-o e mói-o com grande devoção todos os dias. Não é um grão muito delicado, mas é muito aromático.

— Aceito, é muito amável da sua parte. Foi o cheiro do café que me atraiu até aqui — admitiu Pearce.

— Ótimo. O Hamis já não tardará. Como se sente? Tem muito melhor parecer, se bem que talvez lhe fizessem bem mais alguns caldos do cozinheiro.

— Sinto-me muito melhor — respondeu Pearce, coçando a barba.

— Pedimos ao Hamis que vá chamar o barbeiro, que acha? — sugeriu Frederick, com um sorriso. — Ou prefere usar a barba assim?

— Não, não. Deixei-a crescer quando encetei a viagem, para evitar a maçada de me barbear todos os dias. Sim, pode mandar chamar o barbeiro, se faz favor.

Frederick esperou. Era o momento certo para Pearce contar a sua história, mas quando tal não aconteceu, Frederick sorriu para si mesmo. Incitá-lo-ia a isso, decidiu. Estava preparado para ouvir o relato por inteiro.

— Receio não ter sido capaz de localizar os seus pertences — disse Frederick. — Voltei a casa do *dukawallah* e mostrei-me bastante firme, mas não consegui arrancar-lhe nada. Lembra-se do que trazia consigo? Talvez ainda consigamos sacar-lhe a verdade.

Pearce abanou com lassidão a cabeça.

— Não trazia nada. Os meus guias ficaram-me com tudo. Discutiram entre eles se o haviam de fazer ou não, ou assim supus, pelo menos. Estava exausto, e já não conseguia dormir por causa da ansiedade. Na última noite, antes de me terem abandonado, adormeci profundamente e ficaram-me com a arma. Ouvi-os discutir e acordei. Um deles estava sentado ao meu lado com a arma apontada à minha cabeça. Seguraram-me com a cara esborrachada contra o chão e tiraram-me os sapatos e o cinto e deixaram-me um odre de água e um saco de frutos secos. Ah, e uma túnica e um par de sandálias. Ouvi-os afastarem-se, e continuavam a discutir. Não se punham de acordo se haviam de me matar ou apenas de me roubar. Um deles queria fazer isso, matar-me, para jogar pelo seguro, e os outros dissuadiram-no. Talvez ainda debatessem se era ou não sensato deixarem-me vivo.

— Malditos bandidos! — exclamou Frederick. — Devo dizer que a sua fleuma em relação a tudo isto é espantosa. Eu estaria furibundo. Onde é que isso aconteceu, ao certo? Para onde se dirigia?

Pearce encolheu os ombros.

— Para aqui. Vínhamos a caminho daqui. Depois de me terem abandonado, rumei a sul. Tinha deixado uma expedição que se dirigia a sudoeste, sabe. O combinado era os três guias trazerem-me até à costa leste, mas imagino que, por alguma razão, não quisessem vir até aqui, ou preferissem estar noutro lado qualquer. Eu já não aguentava mais a matança.

— Matança! — exclamou Frederick, num tom estridente.

— Uma expedição de caça — elucidou Pearce. — E bastante monumental. Três cavalheiros ingleses, um deles acompanhado do criado pessoal, e um caçador branco que tratou de tudo: dos camelos, dos guias, das provisões. Mais parecia um intendente-geral irado, a maior parte das vezes.

Pearce fez uma pausa e respirou fundo para reunir forças.

— Mr. Tomlinson. Ao serão, retirava-se para a sua tenda, onde rabiscava furiosamente no seu diário, sem dúvida com a intenção de escrever as suas memórias. Os caçadores ingleses troçavam imenso dele, eram implacáveis, e levavam-no ao desespero com as suas extravagâncias e queixas. Conheci um dos cavalheiros em

Áden. O nome dele é Weatherill. Não sei se o conhece, ele esteve na Índia. Uma grande fortuna.

Sem fôlego, Pearce fez de novo uma pausa. Retomou o relato num ritmo mais compassado.

— Eu andava em viagem pela Abissínia há quatro meses e Weatherill mostrou-se muito interessado na minha experiência. Queria saber se pretendíamos entrar no território, agora que Menelique correra com os italianos. É um homem de uma grande curiosidade, apesar dos modos de caçador e cavaleiro, um homem com uma energia intelectual impressionante. Queria falar de Rimbaud, saber se alguém na Abissínia falava dele. Depois desafiou-me a juntar-me a um safári que ele organizara na Somália. Não resisti. Sentia-me em grande forma depois das minhas viagens, por certo conhece essa sensação, talvez até um pouco imprudente. O convite pessoal de Weatherill implicava que não teria de suportar qualquer despesa, apenas de despende de cerca de três meses do meu tempo. Não tinha nenhum motivo urgente para voltar para casa e conhecia mal a Somália. Não consegui mesmo resistir.

— Alguém leu Rimbaud? Será que alguém o lê hoje em dia? Julgo que agora é mais conhecido como traficante de armas do que como poeta — disse Frederick. A exaustividade do relato de Pearce constituiu um alívio, e as dúvidas que acalentara no serão anterior esfumaram-se. Nesse momento, Hamis apareceu com bolo de arroz, fruta e café e dispôs tudo em duas mesinhas à frente deles. Enquanto esperavam que ele os servisse, Frederick recitou Coleridge:

*Uma donzela e o seu saltério
Numa aparição um dia eu vi;
Era uma jovem abissínia
Que beliscava o seu saltério*

— Eu a alertá-lo contra os soldados abissínios e o mais certo é que você os tenha na conta de irmãos de sangue. Posso perguntar o que fazia na Abissínia? — quis Frederick saber, depois de Hamis ter virado as costas.

Pearce interessou-se pelo bolo de arroz, inclinou-se para a frente para o examinar melhor e encolheu os ombros.

— Viajava, escrevia um livro. Sou historiador, mais ou menos. Completamente amador, não se iluda. Um linguista, ou um estudante de Linguística. Estive um ano colocado no Egito, na direcção de educação. Prometi a mim mesmo que viajaria pela Abissínia quando o meu contrato chegasse ao fim. A Abissínia sempre me fascinou, desde criança. Queria saber como era e como soava a língua lá falada.

— Ah, um orientalista — concluiu Frederick.

Pearce sorriu.

— Quando for mais erudito, talvez — respondeu ele.

— Continue, por favor — pediu Frederick, intrigado com a reticência de Pearce em relação à Abissínia. Talvez fosse um espião e estivesse a preparar um relatório para um funcionário com um cargo de alto nível no *Foreign Office*. Talvez Weatherill tivesse razão em suspeitar de alguma coisa. Não apreciava a Abissínia.

— Posso? — perguntou Pearce, e serviu-se de uma fatia de bolo de arroz. Mastigou lentamente, sem pressa, enquanto acenava com a cabeça para mostrar o seu agrado. — Delicioso, que subtilidade. Sente-se o cardamomo e o fermento. Nem imagina o requinte disto, depois do que comi nas últimas semanas.

Frederick serviu o café e esperou até Pearce ter dado alguns goles.

— Continue, por favor — tornou, e recostou-se, exagerando a sua solicitude em escutá-lo.

— Em Dezembro, embarcámos num *dhow* que partiu de Áden e nos levaria a Brava. Foram dias seguidos de uma navegação maravilhosa, a melhor parte da viagem. Os ventos da monção, de nordeste, sopravam com constância e depois apanhámos a corrente da Somália quando contornámos o Corno. Estivemos uns dias em Brava e depois partimos para Dif, um pequeno grupo de animais e homens, armados como se fossem conquistadores. Demorámos quatro semanas, e de carnificina em carnificina avançámos até ao Sul da Somália. Uma destruição insuportável. Matávamos todos os dias às vezes quatro ou cinco leões por dia, e leopardos e

rinocerontes e antílopes. Tresandávamos a sangue e a vísceras. E a carne massacrada e a peles a secar. As moscas atazanavam-nos como se fôssemos carniça. Comíamos tanta carne carbonizada que o ar ficava empestado com o nosso hálito e os nossos dejectos. Quando chegámos a Dif disse a Weatherill que não podia continuar. Ele ficou furioso, e os amigos dele também. Tinham todos feito parte de um regimento de cavalaria e penso que terão achado as minhas objecções pouco viris. Weatherill recusou-se a deixar-me voltar para trás. Era demasiado perigoso, alegou ele, e não podia dispensar-me nenhum dos homens. Por aquela altura, o plano já tinha mudado e Weatherill e os seus amigos encaminhavam-se para o Uganda para caçar elefantes. Eu protestava todos os dias. Weatherill também não se sentia muito bem com ele mesmo, mas preferia ver-me a mim como mais fraco do que ele. No final, consegui demovê-lo. Continuámos a caçar e a matar enquanto avançávamos para sudoeste e nos aproximávamos de Tana. Aí, Weatherill achou que já era seguro deixar-me voltar para trás, ou pelo menos alcançar a costa leste. Pediu ao capataz que seleccionasse três homens para me acompanharem. Segundo os cálculos deles, quando chegássemos à costa, os ventos da monção mudariam dali a uns dois meses e passariam a soprar de sudoeste e os homens poderiam voltar a Brava, e eu podia ir para o diabo.

— Sim, tem razão — concordou Frederick. — Os ventos, segundo creio, não tardarão a mudar.

Pearce fez que sim com a cabeça.

— Os homens que me acompanharam não ficaram satisfeitos com a missão que receberam. Não sei porquê ao certo. Compreendo um pouco de somali, mas apenas muito pouco. Estava a aprender durante a viagem, conversando durante uma hora ou duas por dia com um dos guias da expedição. Os homens que me acompanharam faziam de conta que não entendiam quando eu falava com eles, e isso pôs-me logo de alerta. Não me passava pela cabeça que me fossem abandonar ou matar. Weatherill disse-me que tal era pouco provável. Conhecia-os, por isso os contratara. O seu sentido de honra impedi-los-ia de me trair. Mas devia haver mais qualquer coisa, algo que receavam por estas bandas. A

relutância deles em viajar até à costa era maior do que o seu sentido de honra, porque quatro dias antes de eu ter aparecido na sua maravilhosa cidade, eles abandonaram-me.

— Os somalis são uns bandidos incorrigíveis — disse Frederick.
— Meu caro Pearce, eles não se limitaram a abandoná-lo. Roubaram-no e deixaram-no no deserto entregue a uma morte certa. Devia dar-se por feliz por estar aqui.

— Quanto a isso, não sei — respondeu Pearce, e sorriu. — Refiro-me a serem bandidos incorrigíveis. Há quem ponha as mãos no fogo pela lealdade de um somali. O Weatherill quase o fez, dando-me a sua palavra de honra ou uma declaração desse tipo. Porém, aqueles pobres trastes desiludiram-no. Talvez fiquem com má reputação entre a gente deles, por me terem abandonado. E não era realmente o deserto, sabe.

— Pearce, meu caro, sente-se bem? — perguntou Frederick, e fez tentativas de se levantar da cadeira, pois vira lágrimas nos olhos de Pearce.

— Achei que me iam matar. Foi o que pensei, de início — disse Pearce. — Depois, quando me abandonaram, pensei que seria morto por alguém pelo caminho, ou que seria atacado por um animal selvagem, ou que morreria de sede e de angústia. Tudo podia ter acontecido. É só isso, e eu queria tanto manter-me vivo. Sim, estou bem. Sim, considero-me afortunado por estar aqui. O que vê na minha cara, estas lágrimas, é alegria.

— Não se aflija mais, Pearce — aconselhou Frederick, e serviu-lhe mais uma chávena de café. — Deve estar exausto.

— Estou, sim. O meu nome é Martin. Por favor, trate-me por Martin. As pessoas que me encontraram, tenho de lhes agradecer.

— Martin, então — disse Frederick, e ergueu a sua chávena à laia de brinde. — Mas primeiro o barbeiro, depois o almoço e mais algum descanso. Não há pressa.

3

Rehana

Rehana deu um último ponto no botão que estava a coser no vestido e cortou a linha com os dentes. Tirou outro botão do dedal que tinha ao seu lado na esteira e alinhou-o com a casa seguinte, dedicando toda a sua atenção à tarefa. Empurrou a ponta da agulha através do tecido, com força suficiente para o perfurar, e guiou-a para abraçar o pé do botão. Já tinha pregado seis, aquele era o sétimo e tinha mais dois a seguir àquele. Malika estava sentada, com as pernas estendidas, na mesma esteira sob o toldo. Escolhia as folhas de espinafres e murmurava o que a Rehana parecia uma canção de embalar. Talvez desejasse assim exprimir o seu desejo por uma criança, contudo parecia não conhecer muitos outros tipos de canções. De qualquer maneira, durante o Mawlid al-Nabi, o aniversário do profeta, Rehana não a ouvira cantar outra coisa a não ser canções de embalar e algumas *qassidas*, as que toda a gente conhecia.

Rehana não tinha grande ouvido para a música, porém, nas celebrações de casamentos, quando as mulheres se desenfreavam e começavam a cantar, alcançava o mesmo estado de exaltação que elas. Nessas ocasiões, não eram as palavras e a melodia que importavam, mas o ruído e o riso e a dança. Os homens não tinham permissão de ali estar, se bem que alguns jovens de certeza que não deixariam de espreitar por cima de um muro ou por entre as ripas de uma portada. Quando a dança começava, era deliberadamente provocante, com meneios exagerados das ancas e os seios projectados para a frente, e assim troçavam da lascívia que o costume lhes interditava. Mas era um prazer deixar o corpo mover-se entregue a si mesmo. Tudo se passava por entre boa disposição e risadas, e a recordação desses momentos fazia

Rehana sorrir. Talvez algumas mulheres retirassem mais prazer do menear de ancas do que outras, e às vezes, no final, ficava com a sensação de que se tinham comportado como crianças, e o seu mau comportamento era tolerado e permitido por se passar longe da vista dos homens.

— Nem sequer devolveram a esteira, pois não? Ou o lençol — reclamou Malika, que assim interrompeu a sua cantilena para reavivar a sua própria indignação e a de Rehana e repisar a sensação de que tinham sido maltratados. Franziu os lábios num beicinho amuado, mas os seus olhos cintilavam, como se a carranca fosse uma espécie de brincadeira. — Ainda por cima, era a esteira das refeições, e eles chegaram aqui e levaram-na com eles. E também ficámos sem o *shuka*! Tu foste lá dentro buscar um lençol novo para tapar o homem e lhe guardar o recato... e aquela gente o que é que fez? Entraram de rompante na nossa casa, sem sequer uma saudação ou o que fosse, sem uma palavra de cortesia. Sem tão-pouco um *salam alaikum* ou um *hodi*. Irromperam por aqui, pegaram no homem e foram-se embora com a esteira e o pano, sem dizer água vai. E nem um pio. Aquele indiano horrível, aquele baneane, a ladrar como um cão raivoso aos pés do seu dono... e o outro, ali de pé, inchado como um furúnculo, a cara encarniçada e banhada em suor, e as botas sujas em cima da esteira. Viste aquelas botas? Capazes de partir um osso, se te desse um pontapé, sobretudo com as coxas que ele tem, mais pareciam as pernas de trás de um burro... e o mais provável é que as solas sejam de metal e estejam envenenadas. São assassinos, esta gente. Tinha um ar cruel, não tinha... quando depois voltou e ameaçou o Hassanali, e o injuriou. Aquele chicote que ele tinha na mão, e a cara vermelha e irada, e aquele pescoço inchado. *Wallahi*, não achas?

Rehana pensou: «O meu pai também era baneane», mas não disse nada. Deixou escapar um gemido grave para mostrar o seu assentimento, crente de que Malika estava a desempenhar um papel, afinal de contas, afectando aquele tom de indignação a que as mulheres pareciam não conseguir resistir quando se sentiam maltratadas. Mas não deixava de ser verdade, o europeu do Governo assustara-os com o seu regresso, brandindo o seu chicote

com impaciência à frente de Hassanali e gritando com ele, fazendo-os a todos passar por criminosos. Em abono da verdade, o europeu aterrorizara-a logo aquando da primeira visita, ao entrar por ali de rompante como se os tivesse apanhado em flagrante delito. Hassanali precipitara-se para abrir o portão do pátio e, na sua pressa e terror, conseguira apenas dizer-lhes *mzungu wa serikali amefika*. O europeu do Governo está aqui. Ao mesmo tempo que se punha de pé, tomada de um pânico irresistível, Rehana sentira-se recalcitrar. Porque haveria de estar em pânico? Que levassem o seu cadáver com eles. Nunca tinha visto um europeu do Governo, pelo menos daquele tipo irado e de cara vermelha que irrompera por ali de supetão. O enfermo, sabe-se lá porquê, não lhe parecera um *mzungu*, mas antes uma complicação e uma confusão, um reflexo da ineptidão de Hassanali perante a vida. O das botas e chicote era a figura rosnante das histórias, o destruidor de nações. Quando o bohra gritara com eles e os acusara de roubar o *mzungu* enfermo, toda a gente reclamara ao mesmo tempo, explicando o que realmente acontecera e que Hassanali mandara chamar Mamake Zaituni, a curandeira, e Yahya, o Partepernas, e que nem uma nem outro encontrara alguma coisa de errado com o *mzungu*. Não grite com o bom do homem que estava apenas a tentar ajudar um pobre filho de Adão como ele, tinham eles bramado, não o injurie sem motivo. Pegue no seu *mzungu* e ponha-se a andar daqui, *fidhuli we*.

Regressaram a meio da tarde, ainda Hassanali não se tinha levantado da sua breve sesta. Dessa feita, o europeu trouxe o criado, e este bateu à porta e gritou ordens como se anunciasse a chegada de um sultão. Tinham vindo para os acusar de roubarem o moribundo andrajoso. A única coisa que lhe podiam ter roubado era a alma, e quem queria alguma coisa que ver com a alma de um *mzungu*. Mas o homem do Governo estava ainda mais irado do que de manhã, a tal ponto que Rehana acreditara que ele se preparava para agredir Hassanali, e em determinada altura brandiu o chicote acima da cabeça como se estivesse a admoestar uma criança. O criado rogou a Hassanali: *Mpe, mpe chochote. Humjui mambo yake mzungu huyu*. Dá-lhe qualquer coisa. Não imaginas do que ele é capaz. Hassanali achou que lhe estavam a pedir um suborno e

perguntou quanto queriam. Não temos muito. O criado disse: não, não, devolve-lhe os pertences do homem, o que quer que fossem. Assim, Rehana dirigiu-se ao sítio onde tinham posto os andrajos do viajante, para serem lavados no dia seguinte, pegou neles e estendeu-os ao homem da cara vermelha. O criado precipitou-se para ela e interceptou a trouxa.

Era só isto, disse ela. Depois, zangada, enxotou-os na direcção da porta. Vão-se embora. Fora da nossa casa.

— Pobre Hassanali — disse Malika, incapaz de reprimir um sorriso desleal. — Achei que ia fraquejar das pernas, e ouviste como lhe batiam os dentes? Até se ouvia dentro de casa. Quando aquele homem horrível começou a ameaçar que o punha na prisão, achei que me ia debulhar em lágrimas. Mas Hassanali manteve-se ali, a tremer e a bater os dentes, e a repetir com humildade o que já tinha dito. Até o inglês percebeu que ele estava a dizer a verdade. E depois quando tu saíste e lhes disseste para se irem embora... — Malika tapou a boca com a mão e ululou de satisfação, e no final ainda aplaudiu. — Porque haveríamos nós de querer roubar um irmão dele? Que tinha ele que nós quiséssemos? Parecemos assim tão pobres? O homem chegou aqui em farrapos, a morrer, aparentemente, e nós acolhemo-lo por bondade. E depois vem o homem do Governo e diz que lhe roubámos os pertences. Que é que havia para roubar?

Havia um caderno, pequeno o suficiente para caber no bolso de uma túnica. Metade estava coberto de letras, o resto em branco. Rehana encontrara-o nos andrajos dele quando, sentada ao lado do *mzungu*, lhe dava água com mel. Guardara-o no bolso do vestido e, no meio da confusão que rodeara a sua transladação, acabara por não o devolver, se bem que lhe sentisse o peso enquanto os homens se afadigavam. Depois, nessa tarde, fechara a porta do quarto como se pretendesse descansar após o choque e a afronta daquela longa manhã, e tirara o caderno do bolso. Durante toda a manhã chocara contra as suas pernas de cada vez que se mexia, mas mantivera-o no bolso do vestido. Não sabia ao certo porque mantivera em segredo a existência do caderno, talvez porque o quisesse ver antes que alguém lho tirasse. Porventura tivesse

vergonha ou temesse parecer fingida e dissimulada por roubar um caderno sem valor a um homem moribundo. O couro com que fora encadernado era maleável, mas estava manchado pelo suor e o uso tornara-o áspero. Abriu-o com cuidado e deparou com páginas quase cobertas de escrita europeia, cerrada, alguma rasurada. Viu também desenhos de caixas e o que lhe pareceram casas e árvores. Não foi capaz de decifrar o que ali estava escrito, embora soubesse ler. Tinha a certeza de que se tratava de algo que o próprio homem escrevera, e não de uma cópia de orações ou devoções. Ali estava o trabalho de meses, cogitou ela, apontamentos tirados durante as suas viagens e tribulações. Aproximou as páginas do rosto e sentiu o cheiro a couro e a poeira e o odor da pele daquele homem, queimada pelo sol.

— E depois disto tudo, nem sequer devolveram a esteira — continuou Malika, com uma nova beija de indignação exagerada. — Ou o *shuka*. Como se o europeu precisasse da nossa esteira quando tem tapetes perfumados no chão. Não passa de um ladrão, é o que é!

Rehana sorriu do espectáculo de Malika, o que fez Malika sorrir também. Pensava muitas vezes na sorte que tinham tido de a encontrar. Que sorte Hassanali tivera, sem dúvida, mas Rehana também se sentia afortunada, uma vez que estava condenada a viver com o irmão e a mulher dele até ao fim dos seus dias. Até que tivesse a certeza. A menos que quisesse casar outra vez. Podia ter-se saído muito pior do que Malika. Todos eles. Malika era tão jovem, tão afectuosa e alegre, e não se mostrava impaciente com aquela vida enclausurada. Por enquanto. Desempenhava as suas tarefas sem pressa, e parecia a Rehana que ela estava sempre prestes a transformar tudo numa brincadeira. Era irritante, às vezes, infantil, mas, mais cedo ou mais tarde, conseguia sempre fazê-la sorrir e participar.

— Não é um ladrão — argumentou Rehana. — É um conquistador.

— Ainda por cima, era uma boa esteira — tornou Malika. — A esteira das refeições.

— Ora, Malika, pára de lamentar a esteira — ralhou Rehana, e

arreganhou os dentes para cortar a linha. — Fala de outra coisa, rapariga. Assim como assim, esta esteira é mais bonita, mais colorida. E o *mzungu* do Governo espezinhou a outra com as botas e o homem doente foi levado nela, por isso teria de ser trocada, de qualquer maneira.

— Ele não estava doente, apenas cansado, e a esteira era nossa — teimou Malika, renitente, enquanto se punha de pé com o cesto de espinafres. — Deviam tê-la devolvido. E também deviam ter devolvido o teu *shuka* novo.

— Achas que mandemos o Hassanali a casa do europeu para exigí-los de volta? — perguntou Rehana.

— Estás a imaginá-lo lá? — perguntou Malika, a rir-se e a fazer tremelicar as pernas para imitar o terror de Hassanali. Ainda se ria quando se dirigiu à torneira da água para lavar os espinafres. Balançava as ancas indolentemente, ignorando ou marimbando-se para a imagem que transmitia. Tal fez Rehana sorrir para si mesma.

— Sim, aproveita enquanto podes — comentou Rehana, baixinho.

O seu primeiro pensamento havia sido que era ele, o seu marido, que ele regressara e que Hassanali o encontrara e trouxera para casa. Não porque houvesse alguma similaridade ou assim; o pensamento ocorrera-lhe demasiado depressa para que fosse esse o caso. Hassanali trouxera um viajante exausto para casa e ela pensara logo que era ele. Sentira terror e raiva, e um lampejo de júbilo, tudo ao mesmo tempo. Rememorando aquele momento, lembrou-se de que também pensara nele, no seu aspecto, no seu sorriso, na sensação que a penugem na pele dele lhe transmitia, tudo de supetão. Depois viu que não era ele, e recuou, aliviada e desgostosa. O desagrado era com ela mesma, por não ser capaz de sentir apenas raiva e humilhação ao pensar nele, por ser incapaz de abafar o desejo que sentia por ele, pelo alívio de o ter de volta. Vira então Hassanali à sua frente, atrapalhado como sempre com o que fizera, com o que trouxera para casa, e não fora capaz de conter a irritação. A culpa não era dele, mas também era. Também o trouxera a ele para casa, a Azad. Rehana começou a pregar o último botão e nada fez para resistir à onda de pesar que a invadiu ao recordar-se dele.

Disse a Hassanali que viera da mesma cidade que o pai deles, que conhecia a família. Foi o que Hassanali lhe contou ao entrar em casa no final daquele dia, depois de ter fechado a loja. Disse que talvez até tivesse ouvido falar do pai deles quando ainda estava na Índia, do jovem que partira para a costa africana e não voltara. Muitos o haviam feito, mas a maioria regressava mais cedo ou mais tarde para encontrar uma esposa. O nome dele era Azad. Chegara a Mombaça no último *musim*, num barco oriundo de Calecute. O comandante fizera um bom lucro com a mercadoria que transportara, sobretudo provisões encomendadas e pagas na Índia, mas não conhecia muito bem o comércio do *musim* e, sendo a sua primeira viagem, revelara-se cauteloso. Comprara também tecidos, açúcar mascavado e bugigangas que vendeu a comerciantes locais que pretendiam distribuí-los no interior, mas teve dificuldade em encontrar mercadoria suficiente para levar na viagem de regresso. Não tinha muita margem de lucro para correr riscos. Os comandantes de outros barcos tinham já feito negócios de antemão com fornecedores e as suas reputações e relações comerciais garantiam-lhes os acordos estabelecidos. Por isso, o comandante pedira a Azad que ficasse para trás e fizesse as vezes de seu agente até ao seu regresso no ano seguinte, que lhe arranjasse bens e mercadorias armazenados para quando ele voltasse. Ligava-os um parentesco qualquer que ele explicou, mas que Hassanali não foi capaz de reproduzir de uma maneira que fizesse sentido, talvez porque não prestara muita atenção ao relato. Em todo o caso, era disso que Azad se ocupava: preparava um carregamento em nome do seu comandante e familiar. Essa parte do parentesco era importante, porque implicava que tinha de ser honesto nas transacções e que a sua palavra valia tanto quanto a do seu irmão, o comandante. Não era que tivesse muito traquejo como comprador, mas o comandante confiava nele e ele fazia o melhor que sabia. Fora o que ele dissera, relatou Hassanali, com um sorriso, satisfeito por poder falar dele amavelmente.

Azad estava na cidade para acordar a compra de uma determinada tonelagem de *simsim*, já que, como toda a gente sabia, aquela era uma das melhores áreas para o cultivo de *simsim*. A

borracha oriunda das novas plantações europeias não estava, é claro, acessível a pessoas como eles. Essa ia directamente para os barcos do Governo e rumava a Ulaya, à Europa, para consumo próprio. Mas ali havia *simsim* e havia tabaco e couro e goma aromática, tudo mercadoria de boa qualidade. Ali na cidade ouvira falar do pai deles. Muito sinceramente, já tinha ouvido falar dele quando estava em Mombaça, porque costumava viver lá, é claro, e alguns dos comerciantes guzerates com os quais fazia negócio tinham mencionado o seu nome. Portanto, já tinha ouvido falar do pai deles antes de vir para a cidade, e quando alguém mencionara Hassanali, decidira ir cumprimentá-lo.

Hassanali relatou tudo aquilo com um entusiasmo que surpreendeu Rehana. Não fazia ideia de que a Índia fosse assim tão importante para Hassanali, ou, no mínimo, surpreendeu-a que fosse. O pai de ambos, cujo nome era Zakariya, sempre se afirmara como um muçulmano que vivia no meio de muçulmanos, e isso era o suficiente para ele. O sítio onde nascera ou de onde viera não era lá nem cá, todos viviam na casa de Deus, *dar al-Islam*, que abarcava montanhas e florestas, desertos e oceanos, e onde todos eram iguais sob a mesma submissão a Deus. Tinha um dom para as línguas, o pai deles, e falava suaíli, árabe e guzerate fluentemente. O suaíli era quase perfeito. Não só se fazia entender nessa língua, como a sentia, e fazia uso dela com uma intimidade e uma segurança que era como um instinto, como caminhar, como uma aptidão tão bem aprendida que parecia natural. Desde os primeiros tempos, em Mombaça, quando trabalhava nos armazéns do porto (também ele viera com o *musim*), travara amizade com outros jovens da cidade e percorria-a com eles como se ali tivesse nascido. As pessoas costumavam dizer que quem o ouvisse falar com os olhos fechados o tomaria como alguém nascido e criado em Mombaça, um mvita dos quatro costados. Sabia até de cor e recitava os desafiantes poemas de Mombaça contra a ameaça dos sultões de Zanzibar, que buscavam sem cessar o controlo da mais pequena aldeia ou lugarejo ao longo da costa. Toda a gente apreciava essa qualidade nele, o facto de se ter adaptado tão bem e com tanta alegria às pessoas no meio das quais vivia, de se

pavonear com os outros jovens, de ir a casamentos e funerais com eles, de fazer recados para os mais velhos e de aceitar, como se fosse um deles, reprimendas dos que metiam o nariz em tudo. Talvez alguns dos comerciantes guzerates o tomassem por um vira-casaca, mas essas pessoas admiravam a astúcia e algumas suspeitavam que havia um plano qualquer por trás daquela manobra de se tornar autóctone. Quem o amava ameaçava arranjar-lhe uma mulher, para que ele jamais tivesse vontade de partir, mas tal não foi necessário, porque ele a encontrou sozinho, Zubeyda, a mãe deles.

Rehana conhecia bem as histórias do namoro, porque um e outro evocavam essa época quando se tinham tornado pais. Transformaram a corte e o casamento numa espécie de mito, e ninguém se atrevia ou queria contestá-los, nem sequer a tia Mariam, que geralmente não hesitava em pôr fim a qualquer tipo de patetice. E mais tarde, depois de o Ba ter morrido tão inesperadamente, e de Rehana ter passado tanto tempo com a mãe ao longo dos três anos que lhe restaram de vida, ouviu histórias ainda mais detalhadas e íntimas acerca da maneira como se tinham conhecido e amado. Que ele a vira na rua e se sentira atraído por ela. Ela não o vira porque as jovens não se atreviam a olhar para os homens, com receio de manchar a sua reputação. Que ele ia a passar em frente à casa dela, um fim de tarde, tendo começado a rondá-la em busca de uma oportunidade de a ver, e a ouviu cantar, e ela não se deu conta disso, e a voz dela fez despertar um tal sentimento nele que percebeu que estava apaixonado. Que ficara tão obcecado com o seu amor secreto que deixou de ser segredo, e toda a gente sabia e sorria ao vê-lo passar em frente à casa dela pela décima vez naquele dia. Foi então que ela arriscou olhar bem para ele, e por ter gostado do que viu, acabou por deixar que ele visse que ela olhava também para ele. Que um dia ela sorria para ele na rua e uns dias depois ele mandara dizer pelo imã da mesquita de Shimoni que queria pedir-lhe a mão. Que a mãe dela se ralara porque ele era apenas um jornaleiro das docas e não conheciam a família dele, e que o pai dissera que ele era um jovem cortês e que toda a gente o elogiava, muito embora ele fosse indiano. O seu pai valorizava a cortesia e encarava-a como uma virtude moral. Por fim, ela disse

que ele era do seu agrado e que o aceitava, e assim foi. Que ao início ele se mostrava tímido, que cantava para ela em sussurros, que a fazia rir.

Pois nem sempre assim parecera a Rehana, quando ambos eram vivos, contudo aquelas eram as histórias por meio das quais a mãe o queria recordar. Nos últimos anos, o pai tornou-se irascível e exigia obediência em tudo, o que deixava o resto da família ansiosa e amedrontada na sua presença. Começou a perder a audição e acontecia ter dores de ouvidos, o que o tornava ainda mais iracundo. Mas a mãe amava-o, toda a família o amava. Bastava-lhe sorrir e mostrar-se zombeteiro para se derreterem à frente dele. Bastava-lhe falar com determinado tom para saberem que vinha lá uma cantiga ou uma piada. A sua morte, pacífica, da noite para o dia, foi um cataclismo. A casa parecia diferente, maior e mais vazia. O próprio ar parecia ter-se esvaziado. Rehana sentia a falta dos ruídos dele, da sua voz, do seu volume, da sua presença, mas depois disso deu-se conta da saudade que tinha das histórias dele. Algumas eram conhecidas, eram histórias que outras pessoas contavam, com animais falantes e belas feiticeiras, só que ele as contava à sua maneira, juntando variações, pondo-se de pé para representar os momentos mais engraçados. *Hapo zamani za kale*. Há muito, muito tempo. Adorava ouvi-lo dizer aquelas palavras, adorava a maneira como ele contava a história do Cavalo Mágico, sobretudo o momento em que o jovem príncipe e a sua princesa voavam por cima da cidade no seu cavalo cor de ébano e se dirigiam ao reino do pai dele, em Saná, no Iémen. Algumas das histórias, tinha a certeza, eram inventadas pelo pai, mas ele sabia como fazê-las parecer da mesma cepa. Quando era miúda, contou-lhe a história de Zubeyda, a mulher de Harune Arraxide, que cantava magnificamente e cuja generosidade a tornara lendária. Mandara construir mesquitas e estradas e cisternas: uma benfeitora numa terra sem água. «Foi por isso que casei com a tua mãe», disse ele a Rehana, quando ela era criança, e por ser criança fizera fé nas palavras dele. «Sabia que o nome dela era Zubeyda, e que ela era muito bonita, portanto, quando a ouvi cantar, acreditei que era a princesa lendária.» Depois, uma noite, aquele que enche

sepulturas veio dissimuladamente por ele e deixou-os despojados e inconsoláveis, imersos em silêncios incógnitos.

Não, a sua «indianidade» jamais o incomodara ou interessara, tão absorto vivia ele no quotidiano da sua família e dos seus vizinhos e nos seus negócios. Tinham trocado Mombaça por aquela cidade mais a norte quando Rehana e mais tarde Hassanali nasceram, portanto, tanto quanto se lembrava, a loja e a cidade haviam constituído a sua vida, e nunca as deixou para ir a outro lado. Estava farto de viagens, costumava dizer. Ninguém devia viajar mais do que algumas centenas de quilómetros no decurso de uma vida, a menos que fosse movido pela malícia ou pela ganância, e ele já tinha viajado a sua quota-parte. Quando eles eram miúdos, gostava de os ver brincar na loja ou algures por perto, onde os pudesse vigiar. Sempre que possível, se em casa não houvesse visitas do sexo feminino ou uma multidão à porta da loja, apreciava almoçar com Zubeyda e as crianças. Só mais tarde Rehana se apercebeu de como tal era invulgar, que um pai quisesse estar com a mulher e os filhos em vez de ficar sentado à sombra a cavaquear com os homens. Também fazia isso com fartura. Pusera aquele banco à porta da loja onde todo o dia se sentavam pessoas para conversar, discutir, contar histórias, rir e provocarem-se umas às outras como se fossem crianças. O pai adorava o ruído das conversas e das vozes alteradas e a zombaria perspicaz. Adoravam tudo aquilo, os homens. Era notório na violência brincalhona do desdém e da troça, na maneira jovial como se metiam uns com os outros, mas Rehana achava os homens intimidantes e perscrutadores e reparava que a mãe virava sempre à esquerda ao sair do pátio e nunca olhava na direcção do banco.

Por duas vezes, há muito tempo, quando era criança, Rehana fora a Mombaça com a mãe e Hassanali. O pai ficara para trás, ocupado com a loja e os homens que no banco se sentavam a fazer-lhe companhia todos os dias. Tinha ido visitar os avós e a tia Mariam e o tio Hamadi, e embora distante, a memória dessas viagens era tão nítida e forte como o sol daquela manhã. Recordava-se da viagem de *dhow*, da ondulação do mar e da emoção de sentir os respingos frios das ondas, agarrada à amurada do barco, com a mãe nervosa

e em silêncio ao seu lado. Lembrava-se do percurso desde o porto de Baghani até à casa dos avós, através de ruas estreitas e sombrias que cheiravam a comida, a transpiração e a perfume, e do zunido das vozes, das risadas e dos sons do dia-a-dia. Aquelas eram as ruas que as mulheres percorriam, as ruas traseiras, afastadas das artérias principais e das lojas, as ruas onde as portas estavam abertas e toda a gente com quem se cruzavam reconhecia e cumprimentava a sua mãe. E enquanto percorriam aquelas ruelas, tanto naquelas ocasiões como provavelmente noutras, a mãe, de tão feliz que estava de regressar à casa de infância, falava como se não visse as sarjetas entupidas com as suas crostas verdes e azuis ou o estado de deterioração das casas. Explicava-lhe de quem era a culpa se a casa pela qual passavam era então uma ruína, de que maneira fora perdida pelos antigos proprietários para um novo proprietário, ou pelo filho de quem crescera sob aquele tecto. Falava-lhe de amigos de infância que tinham nascido nesta ou naquela casa, que se haviam casado e mudado para Lamu ou Unguja, ou até Ngazidja.

O pai não os acompanhava naquelas viagens, e jamais regressou à cidade da qual, até aos últimos dias, falou com prazer e felicidade, a cidade que era o pano de fundo de tantas das suas memórias. Mombaça era para mim como uma cidade natal, costumava ele dizer. Mais tarde, Rehana interrogou-se se não teria acontecido alguma coisa que o tornara relutante em voltar, uma discussão ou uma desgraça. Ou se porventura o seu casamento com uma suaíli desagradara aos notáveis indianos de Mombaça. Era bastante mais velha quando se pusera tal pergunta, e ela própria já tinha experimentado a desaprovação. Havia muito poucos indianos na cidade quando era jovem, a maior parte deles descendentes das tropas baloches que para ali tinham sido levadas para guardar os escravos das plantações. Assim havia sido até o sultão louco de Zanzibar, Khalifa, ter mandado vir um inglês para lhe gerir as plantações, o qual libertara todos os escravos. Havia ainda alguns comerciantes bohra, e Rehana sabia que uns quantos serviam de agentes para comerciantes sediados na Índia e em Zanzibar, como Azad, o homem que os fora visitar. Lembrava-se de, em criança, ter

visto alguns daqueles indianos tratarem por vezes o seu pai com desdém quando passavam pela loja. Sabia que assim era, porque ele se queixava dos comentários que faziam acerca da sua mãe. Pessoalmente, Rehana nunca ouvira tais comentários, mas imaginava que tivessem que ver com o facto de a mãe não ser indiana, e ouvira o pai reclamar por chamarem *chotara* às crianças. Não sabia o que a palavra significava, mas supunha que fosse uma coisa feia. Percebia-o pela forma como os homens olhavam para ela quando era criança, com desprezo. Mais tarde percebeu que a palavra queria dizer bastardo, o filho desnaturado de um indiano com uma africana.

«Não quero ter nada que ver com esses mastigadores de nozes de bétel e despóticos e arrogantes, esses bebedores de leite fermentado», disse o pai. «Basta olhar para as bocas deles, vermelhas e retorcidas pelos maus pensamentos. Desprezam e desdenham o tempo todo. Fartei-me de gente como eles na Índia. Acham-se sempre melhores do que os outros, sempre puros, sempre no bom caminho. E olha para eles a viverem sozinhos em quartos minúsculos nos fundos dos armazéns, como uns pedintes. Já viste a forma como andam pela rua, a apalparem-se por cima das calças? Não trazem a família para cá, porque têm medo de que os comamos. Que achas que fazem uns aos outros? Fornicadores de cabras, cobardolas, é o que eles são. Gente que não interessa a ninguém! Como assim, não devo usar estas palavras à frente dos miúdos? É bom que eles saibam que aquela gente não passa de fornicadores de cabras, arrogantes e inúteis.

Não, nunca dera muita importância ao facto de ser indiano, e nos últimos anos falara guzerate quando necessário, num tom exagerado, na sua voz trocista, a voz brincalhona. Por isso a surpreendera que a ligação à Índia que Azad representava tanto tivesse entusiasmado Hassanali. Quem sabe o pai tivesse conversas diferentes com ele quando estavam sozinhos, e se tivesse mostrado angustiado com a perda daquele lugar, ou porventura ao longo de todos aqueles anos Hassanali tivesse sentido pela Índia um desejo que o pai lhes negara. Não deixara, contudo, de constituir uma surpresa, uma patetice. O seu irmão era

assim mesmo, ansioso com as coisas mais descabidas e, às vezes, bastante ingênuo. Ela tinha dezasseis anos quando o pai morreu, e Hassanali quinze, e no dia a seguir ao funeral abriu a loja, corajoso e abnegado em prol de todos. Desde muito pequeno que contava e pesava, que arrumava e varria, que passava o tempo na loja a ouvir as histórias ociosas dos idosos que todos os dias se sentavam no banco, à porta. Quando o movimento acalmava e o pai se ia sentar na companhia dos idosos, Hassanali empoleirava-se na caixa do dinheiro com um ar de satisfação, como se aquilo fosse tudo o que queria. Depois, quando entrava em casa, ia sentar-se em silêncio a ouvir as queixas da mãe ou a escutar as conversas das mulheres, com um olhar vazio, como que transtornado por pensamentos perturbadores. Porque não andava na rua a armar barulho e a correr com os outros rapazes? Depois, quando ela cruzava o seu olhar, impaciente e irritado, com o dele, Hassanali desviava o olhar com o seu sorriso doce e constrangido.

Portanto, no dia a seguir ao funeral abriu a loja, logo no dia a seguir, e não consentiu que ninguém o ajudasse. O pai não deixava que a mãe ou Rehana trabalhassem na loja. Esta gente não vos mostrará respeito, costumava ele dizer. E Hassanali fazia teimosamente o mesmo. «Eu cá me desenrasco», afirmava. Não precisava de descansar. «Não és obrigado a ficar aqui o dia inteiro», argumentava Rehana. «Não é culpa tua que isto tenha acontecido. É a vontade de Deus, *alhamdulillah*. Fecha a loja depois do almoço. Seja como for, à tarde há muito pouco movimento. Descansa. Vai ter com os teus amigos. Não tens de ser como ele, e até ele se divertia.» Mas Hassanali só fechava a loja quando precisava de renovar o *stock* e para as orações de sexta-feira, e limitava-se a fazer um sorriso culpado quando a irmã ou a mãe lhe pregavam algum sermão. Senão, passava os dias na loja e as tardes na loja, a dispor, a pesar, a empacotar, os olhos resplandecendo uma trágica agitação. Assim, com o passar do tempo, Rehana fora sentindo uma maior dificuldade em reprimir a irritação que ele nela desencadeava, embora soubesse que, na verdade, o irmão merecia melhor. Era um palerma e tinha medos que ela jamais compreenderia. Foi à luz destes sentimentos que encarou o entusiasmo dele por aquele tal

Azad que conhecia a família deles na Índia. Era mais um disparate, mais uma obrigação sem razão de ser. Que interessava a Índia, quando o pai, que era o único indiano da família, não quisera ter nada que ver com a sua terra natal, e os únicos indianos que conheciam os tratavam com desprezo?

Azad voltou no dia seguinte. Hassanali relatou que chegara cheio de sorrisos, que dissera que o encontro do dia anterior o deixara muito feliz, que o comovera muito conhecer o filho de um homem ao qual tinham perdido o rasto. Em resultado disso, Hassanali convidou-o para almoçar depois das orações de sexta-feira. Trouxe-o para casa. À sexta-feira, Hassanali fechava a loja ao meio-dia e ia à mesquita para a *juma'a*. Depois da oração, voltava a casa para almoçar e só reabria a loja às quatro da tarde. Era o único meio-dia de folga que tirava durante a semana. Rehana procurava sempre tornar especial e festiva a refeição de sexta-feira, que tomavam juntos, como acontecia com todas as outras refeições, mesmo quando tinham hóspedes. À sexta-feira, todas as sextas-feiras, Rehana fazia pilau de galinha, aromatizado com cardamomo e gengibre e repleto de passas. Servia-o com uma travessa de peixe frito, salmonete ou *changu*, uma salada de rabanete branco, uma *kachumber* de cebola, um molho de pimentos acabado de fazer, uns *pickles*, e um prato da fruta da época, que podia ser comida antes, durante ou depois da refeição. Naquela sexta-feira, Rehana varreu o pátio, regou os vasos e começou a preparar a refeição a meio da manhã. Serviria os homens e deixá-los-ia almoçar sozinhos. Nunca tinham recebido homens desconhecidos em casa para uma refeição, nunca tinham outros convidados que não fossem da família ou amigas da falecida mãe, por isso Rehana não sabia se Hassanali iria gostar que ela se sentasse a comer na companhia de um homem que era um perfeito estranho.

Quando chegaram, Rehana, envergando o seu melhor xaile, com o qual cobria a cabeça e o pescoço, estava à porta do pátio das traseiras, à espera para cumprimentar o convidado. Ele pegou-lhe na mão por um breve instante, sorrindo de satisfação, e inclinou a cabeça para um lado e para o outro dando nota da sua alegria. Rehana serviu-os e entrou em casa, de onde pôde ouvir, com um

sorriso na cara, a voz animada de Azad. Na semana seguinte, foi à loja todos os dias, segundo os relatos de Hassanali, e na sexta-feira a seguir, voltou a almoçar com Hassanali, só que desta feita insistiu para que Rehana se juntasse a eles, já que entretanto ficara a saber que era esse o hábito da casa. O rosto dele era esguio e belo. Era quase alto, e bem constituído, meio palmo mais alto do que ela, que era franzina. Usava a barba bem aparada e todo o seu aspecto era agradável e asseado. Tornou-se óbvio para Rehana que ele se comportava como alguém consciente do seu encanto. Não era uma vaidade muito pronunciada, mas apercebeu-se do sorriso lento e satisfeito que lhe curvou os lábios ao dar-se conta de que a sua aparência agradara. E agradara-lhe, era impossível ele não ter reparado nisso. Quando ele falava, Rehana dava por si muito quieta, com um sorriso na cara, a ouvi-lo, mas na verdade a contemplar cada movimento da sua face.

Azad exprimia-se num suaíli macarrónico, do qual eles tentaram não se rir, ao princípio, mas Azad transformou a sua inépcia numa comédia bem-humorada à qual juntava gestos e a repetição entusiasta das correcções e ensinamentos dos irmãos. Por vezes, Rehana reconhecia sem margem para dúvida a voz aguda de Azad por entre as que atravessavam o pátio, vindas da loja. Parecia frequentá-la muitas vezes, e Hassanali falava dele todos os dias, ocasionalmente lançando a Rehana um olhar matreiro. Uma sexta-feira a seguir a outra, foi almoçar com eles, não todas as sextas-feiras, mas várias vezes ao longo de várias semanas, e depois da refeição sentava-se na parte sombria do pátio com Hassanali até serem horas de abrir a loja. Hassanali nunca tivera um amigo assim, com o qual pudesse conversar horas seguidas e rir a bandeiras despregadas. Rehana não conseguia parar de pensar nele e, quando ouvia a sua voz sem poder avistá-lo, sentia uma dor no peito que tomava como nostalgia.

Então, uma sexta-feira, uns três meses depois de ele ter entrado na vida deles, após a refeição, e a seguir a Rehana ter levantado a louça da mesa e deixado os homens entregues à sua cavaqueira, e depois de eles terem conversado e de Azad ter ido à sua vida, Hassanali dirigiu-se ao quarto dela, onde ela se deitara a descansar,

e chamara-a junto à porta, pedindo-lhe que viesse cá fora. Azad pedira a sua mão, informou ele, incapaz de conter o sorriso e de ocultar a sua satisfação e de antecipar a dela. Rehana sentiu-se enrubescer e o primeiro pensamento que lhe ocorreu foi que tudo aquilo era uma loucura. Como é que uma coisa tão desejada poderia alguma vez acontecer-lhe? Olha para ti, disse Hassanali, e estendeu os braços para ela. Depois, porque era o que ela queria acima de tudo, começou a duvidar e sentiu-se recuar. Desembaraçou-se do abraço de Hassanali, dizendo-lhe:

— Espera, espera, vamos lá pensar nisto.

Apercebeu-se da impaciência de Hassanali, plácido, conciliador, ainda a sorrir, mas o sorriso já tingido de desânimo. Não era a primeira vez que ela recusava um pedido.

— Sim, claro, precisas de tempo para pensar — concordou ele. — Mas... Pensei que... Ele não te agrada?

Rehana fez que sim com a cabeça, envergonhada por tê-lo admitido.

— Agrada — disse, e sentiu-se corar uma vez mais. — Fico contente com o pedido...

Satisfeito, Hassanali sorriu e estendeu de novo os braços. Espera, espera, defendeu-se ela. Inclinou-se para trás e recuou até à soleira da porta.

— Não é arrogância... não é vaidade o que me faz hesitar. Fico contente que ele tenha feito o pedido. É um bom homem, jovial e cortês e... atraente. Mas não sabemos quase nada acerca dele e da família dele. Não sabemos...

— Eu sei que já o sinto como um irmão — argumentou Hassanali, com teimosia. O sorriso desapareceu. — Sei que tem sido um amigo bem-disposto e amável desde o primeiro dia que me visitou. Julgo conhecer o suficiente do mundo para saber que é um homem honesto e... sincero. Envergonha-me que duvides dele quando ele nos mostrou tamanha amizade. Alguma vez ele foi descortês contigo? Não, tem sido sempre digno e correcto, ainda que fosse evidente para toda a gente o quanto ele te admirava.

— Tens razão — admitiu ela, e não conseguiu conter um sorriso.

— Ora então... Só um cego não veria que gostaste do aspecto

dele — alegou Hassanali, triunfante, porque levava a sua adiante pela pura força dos seus sentimentos por Azad e pelo sorriso esquivo que vira no rosto de Rehana.

— Sim, mas não sabemos nada acerca das suas... obrigações — fez ver Rehana.

— Que obrigações? Porque não aceitas o pedido dele e depois então podemos perguntar-lhe tudo o que quisermos? Não quero ofendê-lo. Creio que é um bom homem, e não me parece que venhas a encontrar um melhor pretendente.

— A sua família — teimou Rehana, que começara a perder a paciência. — Por acaso ele já tem família constituída? Já é casado? Terá de voltar para a sua terra ou iremos viver aqui? Não é um pormenor de somenos.

— Casado... Não pensei nisso — admitiu Hassanali, compreendendo, por fim. As três propostas de casamento que Rehana declinara tinham todas vindo de homens que estavam já casados e que queriam uma segunda e, num dos casos, uma terceira mulher. Eram homens mais velhos, porém, já com filhos das outras esposas, e pretendiam renovar e reavivar o prazer do matrimónio com uma nova esposa mais jovem. Azad não era muito mais velho do que eles, e parecia tão jovial e despreocupado que era difícil imaginá-lo casado.

— Se não lhe queres fazer essas perguntas, podemos falar com a tia Mariam. Podemos pedir a outra pessoa que faça estas perguntas, se receias que possam complicar a vossa amizade.

— Não — objectou Hassanali de imediato. — Ela vai massacrá-lo com perguntas e acabará por afugentá-lo. Além do que a mensagem demorará dias a chegar-lhe e sabe-se lá quando ela viria. Não está certo mantê-lo esse tempo todo à espera. Não, eu pergunto-lhe. Eu falo com ele. Mas posso dizer-lhe que ficaste feliz com o pedido, tão feliz quanto eu?

— Diz que o pedido me deixou feliz, sim — respondeu ela, à cautela, já desconfiada da insistência com que Hassanali o pressionaria para obter respostas.

Deixou-a então para ir abrir a loja. Rehana entrou no quarto, fechou a porta e deitou-se na cama e, sem querer, soltou um

pequeno arquejo. Sentia uma espécie de terror, como se lhe estivesse a ser pedido que alinhasse em qualquer coisa que teria consequências incalculáveis, mas sorriu também ao pensar em Azad. Percorreu-a um ligeiro arrepio perante a ideia de lhe tocar, no braço ou no ombro, e depois fechou os olhos para sentir o hálito dele no seu corpo. Assim se manteve durante bastante tempo, derretida, entregue aos pormenores dos seus abraços.

Entendia por que motivo Hassanali estava tão impaciente, ansioso por que ela aceitasse o pedido. Tinha vinte e dois anos, uma idade já avançada para uma mulher solteira. Sabia que ele se inquietava por ela e pela honra dele, pois a sua situação tornava-a mais vulnerável à desonra. Na opinião de Hassanali, como na de toda a gente, fracassaria na sua tarefa de a proteger caso ela sucumbisse a algum acto indecoroso que mancharia o nome de ambos. Havia homens que faziam da sedução uma espécie de profissão, e as suas vítimas eram, de uma forma geral, viúvas ou mulheres solteiras mais velhas cuja vigilância a família descurara. A situação de Rehana não chegara ainda a tal ponto de desespero, mas via que Hassanali se começava a preocupar. Dissera-lhe qualquer coisa nesse sentido quando ela recusara a segunda proposta de casamento. Da primeira vez, Hassanali achara graça à recusa, pois a ideia de ver Abdalla Magoti casado com a sua irmã parecia-lhe ridícula, sobretudo porque ele não a imaginava casada, supunha Rehana. Depois, havia qualquer coisa de ridículo em relação ao próprio Abdalla Magoti. O nome advinha-lhe dos joelhos, volumosos e arqueados, que lhe conferiam uma forma de andar característica e cómica. Tinha já uma mulher e três filhos, e viviam todos nas traseiras de um café minúsculo ao fundo de uma das ruelas. O pedido ocorrera pouco depois de a mãe deles falecer, e talvez Abdalla Magoti achasse que Rehana se sentia vulnerável e, em consequência disso, aceitaria a protecção que ele lhe oferecia. O próprio Hassanali não conteve umas risadinhas ao transmitir a proposta e sorriu com benevolência quando ela a declinou.

À segunda já não achou tanta graça, e Rehana, por sua vez, teve vontade de rir dos ares que o irmão se dava. Tudo se passou durante uma das longas estadas da tia Mariam. Sempre que os

visitava, aproveitava para fazer as suas rondas pelas casas das inúmeras pessoas que conhecia na cidade, era convidada para casamentos, ia a funerais e recebia mais visitas numa mancheia de dias do que Rehana num ano inteiro. É claro que Rehana era obrigada a acompanhá-la. Seria bizarro e pouco sociável da sua parte não o fazer, e nem a tia Mariam toleraria tal coisa. Um dia foram a casa de um dos ilustres Omanis da cidade, proprietário de terras ali e em Takaungu. A tia Mariam tinha um fraquinho por estas relações grandiosas, e quando estava em casa deles comportava-se como se aquele fosse também o ambiente social em que se movimentava, e não a modesta casa sombria (embora com um espaçoso pátio murado onde cultivava rosas e jasmim) onde vivera toda a sua vida adulta de mulher casada e viúva e de tia devotada. Era sempre uma surpresa para Rehana a quantidade de pessoas que vivia naquelas casas enormes: as mulheres, os familiares, os criados. Alguns eram escravos, ou filhos de escravos, entretanto considerados membros da família.

Estavam na companhia de uma das mulheres da casa e das suas criadas e familiares, numa divisão do primeiro andar que dava para uma varanda. Da baía soprava uma brisa fresca, por isso, embora a tarde fosse a meio e o ar tremeluzisse de calor, naquela divisão estava tão fresco como à sombra de uma árvore ao pôr-do-sol. Uma voz masculina que se anunciava fez-se ouvir do lado de fora. Uma das mulheres respondeu, alertando para a existência de visitas, mas não foi a tempo de impedir o homem de entrar na divisão. As mulheres apressaram-se a cobrir a cabeça com o xaile, todas à excepção de Rehana, que não foi rápida o suficiente e, em todo o caso, não era tão escrupulosa com o véu como aquelas mulheres ibaditas que se cobriam até na presença dos irmãos, ou assim ela ouvira dizer. O homem que entrou na divisão era corpulento e moreno, um homem de trinta e muitos anos. Estacou na soleira da porta, envergonhado. Os seus olhos pousaram sobre ela por um momento e depois retirou-se, apresentando as suas desculpas. A mulher devolveu-lhes a visita uns dias depois e a seguir convidou-as para a visitarem novamente e ainda lhes fez mais uma visita antes de o assunto ter vindo à baila. O homem, cujo nome era Daud

Suleiman, pedira a mão de Rehana no seguimento daquela ocasião. A oferta foi transmitida pela tia Mariam, que fez as perguntas que devia fazer e relatou a história completa a Rehana e a Hassanali. O homem era parente da esposa do ilustre que tinham visitado, mas a tia Mariam relatou os detalhes do complexo parentesco com uma tal minúcia que Rehana deixou de a ouvir. Já tinha a sua resposta. Sabendo então o que estava em jogo, recordou-se de, no olhar mundano daquele homem, ter visto qualquer coisa que lhe causara repulsa. Seria repulsa uma palavra demasiado forte? Fizera-a estremecer e baixar a cara, e embora na altura não tivesse analisado a sua reacção, dava-se agora conta de que o que vira no olhar dele a intimidara. O homem geria uma das quintas do proprietário rural, perto de Mambrui, e, sim, era casado e tinha quatro filhos pequenos, mas a casa na quinta era espaçosa e haveria espaço de sobra para toda a gente. Era preciso não esquecer também os prazeres da vida no campo, a fruta e os legumes frescos, os ovos acabados de pôr, e o amparo do dono da quinta significava também que jamais lhes faltaria o que quer que fosse.

A tia Mariam acenou silenciosamente com a cabeça quando Rehana recusou a proposta e pediu-lhe que a sustentasse para poder dar uma resposta à mulher do ilustre. «Tenho de me explicar? Não posso só dizer que não?» Não lhe parecia que pudesse alegar que, pelo que vira dele, a julgar por aquele olhar, receava que ele a constrangesse, a subjugassem. Parecia um homem seguro de si e respeitável, que compreendia os seus deveres e as subtilezas tácitas que lhe estavam subjacentes, que era escrupuloso no cumprimento destes, e que iria exigir que ela fizesse o mesmo. Rehana não sabia com certeza se iria ser assim, não poderia sabê-lo com base naquele olhar breve, mas sentiu-o, sentiu que ele iria querer ditar as suas regras e mandar, como o pai fizera e Hassanali achava que devia fazer. Não queria ser a segunda mulher de ninguém. Nunca ouvira o pai falar de tomar uma segunda mulher. Uma segunda esposa para quê?

— Não quero viver no campo — disse, por fim, à falta de uma desculpa melhor.

— Por quem te tomas? Uma princesa? — ripostou Hassanali, o que nem parecia dele, incapaz de controlar a raiva perante o que considerava um capricho da irmã. Depois pôs-se de pé e arrancou para o pátio. Tendo dado uns passos, estacou e virou-se. — E viver aqui é assim tão bom? Vais recusar este homem, que te viu e gostou de ti e tem meios para te sustentar, e depois mais ninguém virá por ti. Dirão que és demasiado orgulhosa.

— Tu, rapaz, baixa esse tom! — ordenou a tia Mariam, num tom áspero.

— Estás a gritar para quê? A vida é minha — decretou Rehana.

— Sim, a vida é tua, e será sempre, mas se continuares assim, vai acabar mal — ditou Hassanali, num murmúrio irado, tendo acatado a ordem da tia. — Ninguém virá por ti, porque vão dizer que és presumida, e não tens motivos nenhuns para o ser. Depois, um desses homens que não prestam acabará por seduzir-te e desonrarás a família. — Fora nessa altura que ele o dissera, e depois saíra de rompante, fulminado pelo olhar de Rehana. Baixinho, a tia Mariam pediu a Deus que lhe perdoasse aquele pensamento maldoso.

O que aconteceu uns meses mais tarde veio provar que Hassanali estava certo. Um mensageiro chegou da parte do comerciante Ali Abdalla, a quem toda a gente chamava Msuwaki por alguma razão, com uma proposta de casamento para Rehana. Quando Hassanali lhe transmitiu a mensagem, Rehana percebeu que ele se sentia triste e ao mesmo tempo confirmava-se que a sua previsão estava certa. Porventura até envergonhado por ela. Aos olhos deles, Ali Abdalla era um homem idoso, de sessenta anos, com uma barba branca, um comerciante do que quer que rendesse dinheiro, e já com duas mulheres e filhos crescidos algures na Arábia. Suspeitas de escândalo pairavam sobre o seu nome. Rehana ignorava os detalhes de tal mácula e também não queria saber, e, fosse como fosse, não era assunto seu. As pessoas estavam sempre a fazer tempestades em copos de água. O mais certo é que tivesse feito a oferta porque queria uma mulher para ter sexo, visto ser velho demais para passar pela indignidade de pagar a uma mulher da rua. Rehana compreendeu isso. Os árabes de uma certa idade tentavam

passar por piedosos com aquele tipo de casamentos. Escolhiam viúvas e divorciadas com poucos recursos ou às vezes jovens voluptuosas de uma família endividada. O dote habitualmente era apenas simbólico e para as famílias era um alívio livrarem-se da mulher ou rapariga em causa, concedendo-lhe alguma respeitabilidade. E era tudo feito em nome da piedade e da consideração, e não da luxúria e da ganância. Eis porque Hassanali sentia vergonha por ela, e talvez dela; pelo facto de a irmã se ter posto na situação de receber uma tal oferta, como se já não tivesse escolha.

— Digo que não, não é? Obrigada, mas não — disse Hassanali, de olhos apontados à chávina de café. Estavam sentados na esteira, no pátio mal iluminado, depois de um jantar frio composto pelas sobras do almoço, e Rehana sentia-se desalentada e descontente, e presumia que Hassanali sentisse o mesmo. Não entendia aquela sensação de inutilidade e solidão, de que fracassara, e por que motivo Hassanali tinha aquele ar tão desanimado, como se tivessem ambos fracassado em qualquer coisa, se tivessem desencontrado da vida. Devia ter cozinhado qualquer coisa, nem que fosse uns feijões ou espinafres. Decidiu jamais voltar a servir uma refeição assim, jamais permitir que o arroz e os legumes frios pesassem entre eles como penhor da sua insuficiência.

Assim, quando Azad apareceu na vida deles, a meio daquele ano, foi como um presente inesperado, uma bênção. Hassanali considerar-se-ia afortunado por tê-lo como amigo, orgulhoso da admiração dele por Rehana e incrédulo que desejasse desposá-la. Ficou tão delirante com a proposta de Azad que teve de fazer um esforço enorme para não o abraçar e o aceitar de imediato como parte da família. Azad era jovem, amigoso, franco, audaz. Viajara centenas de milhas num barco rumo a uma terra desconhecida, e para tal era preciso ser-se audaz. Depois permanecera nessa terra como agente comercial, embora nem falasse a língua, e isso então exigia ainda mais coragem. Apesar disso, era uma pessoa tranquila e feliz, e mostrara por eles um afecto natural, sem pedir nada em troca. Hassanali observara-o a ele e a Rehana com uma alegria

expectante e incrédula, reparando no interesse que tinham um pelo outro, mal se atrevendo a ter esperança. Era sinceramente mais do que alguma vez poderia ter esperado, e foi isso mesmo que disse a Rehana quando ela argumentou que deviam esperar, ou pensar, ou pedir à tia Mariam que viesse fazer as perguntas certas. Jamais encontrarás alguém melhor, afiançara ele, e Rehana sabia que ele tinha razão. Quando Hassanali relatou que tinha feito as perguntas que ela queria a Azad e que este respondera que não era casado e que não tinha outro desejo a não ser viver feliz com Rehana, ela sorriu e deu o seu assentimento e mandou notícia à tia. Casaram um dia depois de ela chegar.

Talvez fosse mais do que ela merecia. Durante meses perdeu-se nele, como se ele tivesse tomado posse dela e a tivesse transformado. Sentia-se bela e vasta, sorria ao pensar nele, e tolerava coisas que antes lhe pareciam exasperantes e desprezíveis. Dia após dia, deleitava-se no milagre que era ter o corpo dele ao lado do seu, os afectos dele e o seu riso. Os negócios obrigavam Azad a viajar, mas ao início tal não era insuportável, e cada vez que regressava, Rehana sentia que lhe pertencia ainda mais. Era tão inesperado, aquele sentimento de intimidade e proximidade, como se ele fosse carne da sua carne. Quando o *musim* voltou, e o comandante que o empregara regressou, Azad não tinha mãos a medir: viajava, supervisionava e reunia toda a mercadoria que negociara. Não o viram muitas vezes naquelas últimas semanas.

Disse que tinha de voltar com o comandante, para garantir que receberia a sua parte do lucro quando a mercadoria fosse vendida. Amigos amigos, negócios à parte, e havia que ser precavido para que ninguém lhe passasse a perna. Sim, o comandante era seu parente e certificar-se-ia de que receberia o seu quinhão, só que o dinheiro corrompe a alma mais pura, e até o comandante, seu familiar, que não era nem de longe a alma mais pura, podia ser tentado. Assim que tratasse dos seus negócios, voltaria, e por essa altura a sua Rehana já estaria grávida do seu primeiro filho, esperava ele. Ela mostrou-se relutante, suplicou, mas ele consolou-a. É desta maneira que as pessoas como nós ganham a vida:

viajam, fazem comércio, trilham o seu caminho no mundo. Vou e regressarei e, com sorte, trarei comigo alguma da abundância que Deus nos tem reservada. Hassanali disse-lhe que parasse de ser palerma e de azucrinar Azad. A vida era assim mesmo para muita gente naquelas bandas, como muito bem ela sabia. Quando os ventos do *musim* mudaram, Azad foi juntar-se ao seu barco, em Mombaça, e depois nem uma palavra durante os cinco anos que se seguiram, e o mais certo era que não voltassem a saber dele.

Ao início, acharam que mandaria notícias mal pudesse, e quando isso não sucedeu Rehana temeu uma qualquer desdita. O pai deles, Zakariya, contara-lhes que fora assim que o seu próprio pai morrera, que se afogara na viagem de regresso do *musim* quando o barco naufragara em resultado de uma tempestade no mar Árábico. Decorreram semanas até a mãe receber a notícia e só depois de os mercadores terem decidido que o barco naufragara é que ela se conformou com a morte do marido. O nome dele era também Hassanali, e quando Zakariya cresceu o suficiente, encetou também a viagem do *musim*, talvez para procurar o pai. Por sorte, encontrou o seu pequeno Hassanali, por isso nem se deu ao trabalho de regressar, e assim não se afogara. Em consequência, o primeiro pensamento que atravessou a mente de Rehana, um pensamento horrível, foi que o barco se afundara na travessia para a Índia. Hassanali foi perguntar aqui e ali como haveria de recolher essa informação, e essas pessoas foram informar-se junto de comerciantes e marinheiros. Não, o barco chegara a bom porto, portanto podiam contar com o regresso do jovem no *musim* seguinte. Só que ele não voltou e, ao fim de um tempo, Hassanali começou a ter vergonha de insistir no assunto. Azad abandonara-os, abandonara Rehana, voltara para a sua Índia natal a rir-se do amor dela, do seu desejo, a troçar da credulidade de ambos. Contudo, Rehana preferiu convencer-se de que ele não chegara são e salvo ao seu destino e de que voltaria um dia e relataria as desventuras por que passara e que o haviam impedido de voltar. Assim se tinham passado as coisas, se bem que, no mais fundo de si mesma, nos primeiros meses, Rehana tivesse sentido que ele não voltaria. Remoera naquele abandono ao longo de anos, e,

entretanto, amargura era tudo o que restava. Mal se permitia relembrar o êxtase daqueles primeiros meses. Sentia-se uma palerma, ridícula, e à medida que as recordações se convertiam em rancor, sentiu a necessidade de culpar Hassanali pela maneira como a convencera a abrir mão da prudência, se bem que ela nunca lhe tenha dito nada disso e esta sua tendência para calar ofensas lhe causasse ressentimento. A sua vida ficou assim virada do avesso: ressentida, deprimida, dormia até tarde, penando com saudades. Não conseguia impedir-se de sentir a falta dele, ainda que odiasse tudo acerca de Azad, a sua existência, o seu nome, a sua voz. Continuava a cumprir as tarefas domésticas, como sempre, mas mostrava-se mais apática e mais intolerante. Uma parte dela congelou, tornou-se mais densa, azeda.

A tia Mariam ia visitá-los a intervalos regulares, como sempre fizera antes da chegada de Azad. Mantivera-se à distância durante os cerca de sete meses de casamento de Rehana, para conceder tempo e espaço à sobrinha para ser feliz, alegara ela, mas depois de ele ter partido com o *musim* voltara à sua rotina, para fazer companhia a Rehana e, suspeitava esta, para estar à mão de semear no caso de uma gravidez. Mas não houve nenhuma gravidez e, à medida que a ausência dele se alongava, silenciou as suas perguntas e mostrava a sua compaixão quando Rehana se lamentava. E foi ela que, no final, tomou conta da situação. Ao fim de quase dois anos de ausência de Azad e de visitas da sua parte, Rehana e Hassanali continuavam presas da infelicidade. Assim, a tia Mariam ficou. Ficou de Mfungo Mosi a Mfungo Mosi, um ano inteiro. Passou o mês de *Moharram* com eles, o Mawlid al-Nabi, a Miradj, o Ramadão, a Sikukuu Ndogo e a Sikukuu Kubwa. Entoava até uma cantiga satírica acerca do hóspede que vai ficando e ficando até ser posto na rua à força, incitando-os assim a afirmar que a sua presença não se convertera num abuso.

Como acontecia sempre que estava com eles, e a passagem dos anos parecia nisso não ter feito qualquer diferença, tudo à volta dela andava num virote. Havia visitas que se recebiam, é claro, e visitas que se devolviam. Os colchões eram esvaziados e a sumaúma espalhada ao sol para secar, para enxotar bichos e arejar, e depois

voltada a ensacar em novas forras de calicô *marekani*. Mandou consertar as janelas que davam para o pátio e caiar as paredes. Hassanali resmungava por causa da despesa, mas com um sorriso nos lábios. O pátio ganhou um aspecto mais limpo e novo e as plantas um ar mais viçoso e bem-proporcionado. A tia Mariam abriu um negócio de chamuças e *badjias* que fazia e fritava de encomenda para recepções e para Hassanali vender na loja. Os pescadores batiam à porta do pátio com as suas enfiadas de peixe para vender e ela regateava com eles como se tencionasse comprar o suficiente para um festim e não a pequena quantidade de que precisavam para acompanhar o arroz, a mandioca ou as bananas. Ainda assim, os pescadores voltavam no dia seguinte e armavam um banzé à porta do pátio, e chegavam mesmo a dar-lhe um peixe ou outro, sem ela pedir, só pelo prazer de regatearem com a tia Mariam.

Rehana não podia ficar na cama enquanto tudo aquilo se passava, e nem queria. A tia Mariam mudou-se para o seu quarto e corria com ela da cama quando se levantava, incitando-a com o seu charme irresistível a dar início ao dia. Pedia a Rehana que lhe lesse umas páginas do Corão todos os dias, porque os seus olhos já não davam para aquilo e nunca se desembaraçara muito bem com as suras maiores, e, além disso, Rehana lia tão bem. Aos dez anos, Rehana já era capaz de ler o Corão de uma ponta à outra, e até sabia algumas partes de cor. (Se bem que pouco depois tenha deixado de ir às aulas, pois apareceram-lhe as regras e, portanto, estava vulnerável.) A tia Mariam convenceu-a a fazer-lhe vestidos, como ela costumava fazer para si mesma, e depois encomiava de tal forma o resultado que outras pessoas começaram a encomendar vestidos também. Por fim, convenceu Hassanali que estava na altura de pensar em tomar uma mulher. Não o disse, e porventura nem tal lhe tenha ocorrido, mas uma mulher para Hassanali seria também uma companhia para Rehana, e ajudaria ambos a sair do pântano onde chafurdavam. E até conhecia a pessoa certa, disse ela a Hassanali, quando ele se sentisse preparado, se bem que o melhor fosse não demorar muito a decidir. «Eu mesma casaria

contigo», disse ela ao sobrinho, «se não tivesse tantas outras propostas de solteirões ricos.»

E assim surgiu Malika, e trouxe felicidade a Hassanali e permitiu que a vida deles mudasse. Rehana aprendeu a pensar em Azad como um erro que cometera e que não tinha maneira de resolver. Podia tentar pôr um ponto final no casamento, mas de que lhe serviria isso? O tempo jogava contra ela. Tinham-se passado dez anos desde a morte da mãe, e nessa altura tinha dezanove anos. Era velha. E ali estava ela, Malika, com os espinafres lavados e preparada para rechear o peixe, trauteando a sua cantiga de embalar, ou o que fosse, provavelmente a pensar no que ela e Hassanali iriam fazer um ao outro quando ele se deitasse para a sesta. Porque desde que Malika entrara na sua vida ganhara o hábito de fechar a loja por um par de horas depois do almoço, para descansar. Rehana riu consigo mesma, embora os invejasse também. Pôs-se de pé e segurou o vestido terminado à distância do braço, virando-o para um lado e para o outro para verificar se estava tudo bem. Experimentou uma certa satisfação ao pensar na mulher que ali passaria mais tarde para ir buscar o vestido que encomendara. Vais ficar contente, pensou com os seus botões. Dobrou o vestido e sentou-se e, ao fazê-lo, sentiu bater-lhe contra a coxa o livro que tirara ao *mzungu*. Mal podia acreditar que tivesse pensado que se tratava de Azad, o homem que lhe ensinara o desejo e o ódio, em igual medida, que a ensinara a odiar-se a ela mesma ainda mais do que a ele. Ele não volta, graças a Deus, porque o que faria ela se ele aparecesse? Que haveria ela de fazer com o livro do *mzungu*? Não era sequer capaz de decifrar as palavras nele escritas, sem dúvida que na língua dele. Não podia deitá-lo fora, porque o homem que recolhia o lixo para o queimar vasculhava-o sempre na esperança de encontrar alguma coisa que pudesse vender. Se encontrasse o livro, levá-lo-ia ao europeu do Governo e denunciá-los-ia como ladrões, não fora dar-se o caso de haver uma recompensa ou uma gratificação. Podia enterrá-lo, mas, se fosse descoberto, iria parecer feitiçaria ou a fantasia maliciosa de uma mulher aluada. Teria de carregá-lo como um fardo, de escondê-

lo até que fosse descoberto, ou até ao dia da sua morte, em que as pessoas troçariam daquelas ratonices de uma velha solteirona.

4

Pearce

Estavam sentados na varanda após um jantar de guisado de cabra e arroz. Burton, o administrador da fazenda em Bondeni, tinha ido visitar o enfermo e travar conhecimento com ele. Era um homem atarracado, de cabelo preto emaranhado e bigode austeramente aparado. O esmero dedicado àquele bigode transmitia a ideia de ser uma pessoa niquenta, ocorreu a Martin. Na sua roupa largueirona, parecia gordalhufo e quiçá adoentado, se bem que com melhor aspecto do que quando ali se apresentara com a sua fatiota de caqui. Tinham começado a beber assim que o sol se pusera: *gin* e sumo de lima para Burton, uísque com água para Frederick e Martin. Este acompanhara-os durante um tempo, se bem que sem a avidez e o prazer deles, bebendo apenas para não parecer antipático e desmancha-prazeres. Assim que a troca de opiniões sobre o futuro do Império descambou em discussão mais ou menos acalorada e as vozes foram subindo de tom, Frederick não pensou mais em encher o copo de Martin e deixou-o entregue a ele mesmo, requisitando apenas a sua atenção para tomar partido num ou noutro tema.

Burton não procurava aliados, convencido de que o futuro das possessões britânicas em África passava pelo declínio progressivo e o desaparecimento da população africana, substituída por colonos europeus. Na opinião convicta dele, seria um desfecho inevitável, inelutável, desde que ninguém interferisse no decorrer dos acontecimentos, sobretudo funcionários intrometidos ou, pelo menos, aqueles que papagueavam acerca da responsabilidade do colonizador para com o bem-estar dos indígenas.

Martin achava que havia qualquer coisa de encenado, de artificial, naquele tipo de conversas entre ingleses nas colónias que debatiam

com seriedade assuntos de interesse geral. A voz de Burton tornou-se até mais cristalina, mais forte, ganhou um tom mais impositivo. Seria porventura em benefício próprio, mas talvez também em benefício deles, para que se sentissem mais conscientes da sua importância e presença no mundo. Que importava a solidão ou os criados ou as doenças ou a maçadora ansiedade de viverem onde viviam e de fazerem o que faziam. Tinham de ralar-se com o mundo. Assim falavam os homens depois de uma bebida ou duas, reprimindo os desconfortos mesquinhos da existência quotidiana com o debate das grandes questões essenciais.

— Este continente tem potencial para ser outra América — declarou Burton, com uma ênfase obstinada, como se esperasse que a sua afirmação fosse recebida com cepticismo. — Mas não enquanto os Africanos aqui estiverem. Olhem para esta região. Os pretos aqui foram corrompidos pelos Árabes, pela religião deles e pelos... pelos seus salamaleques perfumados. Ou por si só não valem grande coisa. Não passam de uns fanfarrões, a grande maioria, e só trabalham quando a vida deles depende disso ou o trabalho envolve alguma pilhagem ou saque. Antes da nossa chegada, isto era terra de piratas. Quando os ventos sopravam favoráveis, os Árabes faziam incursões ao longo de toda a costa, raptando e saqueando, e capturavam escravos. E assim que os ventos mudavam, davam meia-volta e voltavam para as suas cavernas para brincarem com os despojos. Quanto mais depressa os empobrecermos e correremos com eles, melhor.

— Talvez — disse Frederick, cedendo nessa percepção acerca dos Árabes, se bem que com uma atitude matreira. Martin tinha já ouvido o suficiente para compreender que Burton era o que dizia as coisas cruéis e que Frederick o provocava deliberadamente para que chegasse àqueles extremos. — Mas tem de admitir que trouxeram alguma ordem a estas bandas. Não há como não ver isso.

Burton não se apressou a responder. Fez girar o *gin* no copo, com satisfação, e quando se pronunciou fê-lo num tom moderado, resistindo à provocação de Frederick.

— Não obstante a aparência de ordem que o sultão de Zanzibar

representa, sem a nossa presença, em pouco tempo isto voltaria a ser terra de piratas. Quanto aos africanos selvagens do interior, isso é um assunto totalmente diferente. Estão condenados, ou o que resta deles. Irão definhando, passar fome e extinguir-se em resultado do contacto com a civilização. Não me venham com lamentações sobre deveres morais ou responsabilidades. É inevitável, é uma verdade científica. Não há crueldade nenhuma neste desfecho, e aconteceu em todo o lado, uma e outra vez, exactamente da mesma maneira.

— Sinto-me tentado a pensar que negligencia os seus deveres como servidor do Império — acusou Frederick, numa voz pomposa com a qual queria mostrar que não falava a sério. — Em abono da verdade, estou tentado a vê-lo como negligente para com a humanidade. Tenho responsabilidades inegáveis para com os nativos. O dever de mantê-los debaixo de olho e de os guiar aos poucos em direcção à obediência e ao trabalho.

— Era a isso precisamente que me referia: ingerência obstrutiva. Quanto mais fizermos por eles — arguiu Burton, e o seu tom de voz elevou-se de novo —, mais eles exigirão, sem terem de se esforçar por nada. A seu tempo, esperarão que os alimentemos enquanto eles continuam a agir como bárbaros. Odiar-nos-ão e ainda assim esperarão que encaremos o seu bem-estar como uma obrigação nossa. Vê-lo-ão como uma prerrogativa. Entregues a eles mesmos, não espere vê-los trabalhar com afinco.

— Por isso eu disse que temos de guiá-los — alegou Frederick. — É essa a nossa responsabilidade.

— Forçá-los, quer você dizer — realçou Burton. — Só por meio de coerção e de manipulação é que conseguimos pô-los a trabalhar, não é fazendo-os entender que há valor moral no trabalho e na sensação de realização. Para nós. Eles jamais compreenderão isso. É por isso que continuam a vestir-se de peles e a viver em choças feitas de folhas e esterco. Vivem muito bem assim, e matarão para defender o seu estilo de vida. Pode falar à vontade sobre responsabilidade, mas se quiser prosperidade e ordem em África, terá de haver colonização europeia. Então, poderemos transformar isto noutra América.

— Para isso, terá de haver um massacre — concluiu Frederick, que fulminava Burton com o olhar. Deu então um longo gole no seu uísque. — Se bem que, da maneira como fala, não me pareça que para si isso fosse uma coisa assim tão terrível.

— Não, a sua posição é que carece de virilidade intelectual — respondeu Burton, com bonomia. Martin apercebeu-se de que Burton se escapulira à provocação de Frederick e que tomara o lugar dele como provocador. — Já é um massacre. Massacramo-los para os forçar a obedecer-nos. Na realidade, basta não interferirmos, deixá-los entregues a eles mesmos, e morrerão por si só.

Martin escutou em silêncio aquela incessante reiteração do que os diferenciava dos pretos, designação que entretanto abrangia mais ou menos toda a gente que haviam submetido ao seu domínio. Não era apenas coisa dos Britânicos. Ouvira conversas semelhantes entre outros Europeus, os Franceses e os Holandeses, e mesmo os Polacos e os Suecos, que não tinham indígenas sobre os quais reinar ou para condenar a uma tragédia iminente. Aquele tipo de argumentos provocava nele uma reacção. Deixavam-no maldisposto. E a possibilidade de que alguém ouvisse sem querer a conversa deixava-o nervoso. Interrogava-se se Burton pressentira o seu desagrado por aquele tipo de discurso e se estaria a exagerar, ou se seria apenas o *gin* a falar.

— E então, Pearce? Quero dizer, Martin — disse Frederick, ligeiramente embriagado e ligeiramente rabugento, talvez porque Pearce se recusava a tomar uma posição contra a fantasia grotesca que Burton acalentava. — O que pensa você de tudo isto? Aqui estamos nós, em 1899... Como é que vê o novo século? Faremos melhor do que os nossos resolutos antecessores? Irá este território ver-se livre dos seus nativos e converter-se numa espécie de América, ou iremos ver estes labregos transformarem-se em súbditos civilizados e trabalhadores? Vamos, diga de sua justiça, caro amigo.

— Julgo que, com o passar do tempo, iremos encarar de forma menos heróica o que andamos a fazer em lugares como este — disse Martin. — Creio que teremos de nós uma opinião menos

favorável. O tempo irá fazer-nos sentir vergonha de algumas das nossas acções.

— Um *wallah* anti-Império — comentou Frederick, encantado. — Que tem você a dizer disto, Burton?

— Quanto a estes selvagens que tanto nos esforçámos por fazer evoluir — continuou Martin, se bem que já desejasse não ter aberto a boca —, devemos-lhes atenção e solicitude pela maneira como interferimos na vida deles.

Burton virou-se com um ar de repugnância e desdém.

— Não lhes devemos nada a não ser paciência até que a hora deles chegue — decretou ele. — Refiro-me à mesma paciência que demonstraríamos por um animal moribundo. Não fomos nós que os pusemos a viver e a morrer como animais. A única coisa que lhes devemos é deixá-los pacientemente aplicar o golpe de misericórdia nas suas infelizes existências.

— Você às vezes fala como um animal, Burton — disse Frederick, com uma careta de desagrado. — Você tem razão, Martin, sem dúvida, sobretudo no que diz respeito à maneira como iremos recordar estas sombrias profecias de que o Burton é tão adepto. Não conto que este novo século venha a ser muito melhor do que aquele de que nos despedimos de forma tão coxa. Não podemos esperar muito de qualquer século que encerra as suas contas reduzindo ao silêncio, da maneira como o fez, um espírito como o de Oscar Wilde.

— Oscar Wilde? — exclamou Pearce, com uma risada. — Oh, fizemos bem pior do que isso.

— Se eu acreditasse que as previsões aqui do nosso amigo Burton se iriam concretizar — declarou Frederick, tropeçando um pouco nas palavras —, emalava as minhas coisas e regressava amanhã mesmo a casa, e para o inferno com o Império. Isto são fantasias daquela gente insana com quem o Burton passou tanto tempo na África do Sul. Ingleses gananciosos e Holandeses fanáticos embotaram-lhe a arguta mente científica com as suas teorias sobre a extinção das raças. O Império *não* é isso. Nunca se ouviu esse tipo de conversa na Índia.

— A África não é a Índia — fez notar Burton. — E mesmo lá, o

Império revelou que a maneira de ser indiana é antiquada, está ultrapassada. Já não tem razão de ser. O melhor para os Indianos é deixarem-se ser suplantados por nós, imitarem-nos o melhor que puderem. Mas até isso é melhor do que aquilo que temos aqui. A Índia é uma civilização antiquada que atingiu o fim da sua vida útil. Aqui não há mais nada a não ser animais e selvajaria.

— Não há como você para arengar, Burton — comentou Frederick, e voltou a encher os copos. — Se acha mesmo que são uns animais, porque anda a ensiná-los a jogar críquete?

— Para me divertir. Não é certamente porque ache que há um Ranjitsinhji entre eles — respondeu Burton, e sorriu da sua dificuldade em pronunciar o nome do famoso batedor.

Martin levantou-se tarde na manhã seguinte, exausto do serão passado a beber. O chá matutino arrefecera na mesa-de-cabeceira e Hamis enrolara a rede mosquiteira sem o acordar. Encontrou Frederick à secretária, de camisa branca e calções de caqui, meias pelos joelhos e sapatos castanhos e cintilantes, ainda ocupado com o relatório sobre as taxas aduaneiras do ano anterior. Burton rumara à plantação ao romper do dia.

— Montado no seu burro — informou Frederick, com um sorriso, recostado na cadeira. — Nas colónias vemos de tudo, não é? Já deve ter chegado e anda para lá afadigado de um lado para o outro a ajudar os indígenas como se fosse um deles, enfiado nas valas lamacentas até às coxas. Mais logo, se estiver para aí virado, sentar-se-á na companhia dos trabalhadores, a cantar com eles, ou então, amanhã à tarde, desafiá-los-á para uma partida de críquete. Depois, daqui a uns dias, estará de novo aqui na minha varanda a dizer que o encontro com a civilização os irá extinguir a todos e que só temos de esperar que morram, como animais. O Burton gosta de se armar em durão, em técnico prático e prosaico a quem só interessa a eficiência. No entanto, é assim uma espécie de pensador, que leva o seu trabalho muito a sério. Como é que se sente? Parece... adoentado. Ainda exausto, imagino. E esta manhã está um calor terrível.

— Receio não ter a mesma resistência que vocês os dois no que à bebida diz respeito. Aí está você, barbeado e em forma, a sorrir

alegremente ao leme do Império, ao passo que eu me sinto como um dejecto evacuado por um animal. O Hamis levou-me o chá e enrolou-me o mosquiteiro, e eu nem sequer acordei — lamentou-se Martin.

Frederick riu-se.

— Ora, tenho a certeza de que é apenas porque ainda não recuperou totalmente. Não tardaremos a pô-lo como novo. Na verdade, acho que também já não aguento o álcool como dantes. Com o calor, parece que desgasta mais. Sim, o Hamis consegue ser bastante subtil nas suas tarefas. Acha que há algum fundo de verdade nesta ideia de que os pretos têm um instinto natural para estas coisas? Quem é que disse não sei o quê acerca de o homem negro possuir uma predisposição natural para servir os outros? Terá sido o doutor Johnson? Não, foi Melville. A história acerca de uma rebelião de escravos. A prosa dele é um pouco árida, rude, creio eu, mas talvez se adeque a este tema. Pois sim, ele que tente pôr um desses guerreiros massais a servir-lhe de criado. Não tardaria a achar falta de um ou dois itens vitais, a fazer fé nas histórias que se contam. Esta manhã, estive a pensar na sua caminhada pelo mato e nas terríveis provas por que teve de passar. Não, não, meu caro Pearce, não deprecie o sucedido, se bem que eu tivesse feito a mesma coisa, se tivesse tido a força anímica e a coragem para sobreviver a tais provações. Estava a pensar naqueles assassinos cruéis que vos serviram de guias e de protectores, e na escandalosa traição que cometeram. Quem é que compreende o que vai na cabeça desta gente? Lembrei-me de o Martin ter falado da paisagem hostil que atravessou sozinho e de que nesse momento me veio à memória o poema «Childe Roland», de Browning, sabe, e aquele caminho terrível até à torre. Não gosto de Browning, e você? Aqueles encavalgamentos todos parece que me ficam entalados na garganta. Mas esta manhã pensei, não, não é Browning, de todo. Não é «Childe Roland», mas Swinburne. Swinburne é que é. Gosta de poesia, Martin? Foi por causa de uma coisa que você disse ontem à noite a propósito do novo século. Estive a folhear o Swinburne esta manhã e encontrei estes versos. Talvez os ache improváveis e sem qualquer relação com o que disse, mas eu vi-os

como um eco. Espero que não se importe, mas marquei-os para lhos ler: «Só o vento aqui paira e folga / Numa ronda onde a vida parece árida como a morte.» O poema não fala sobre uma paisagem, eu sei... é sobre a morte do amor e assim, como é típico de Swinburne... mas foi esta imagem de um lugar remoto e desolado, árido e cruel, que antes assim não era. Interroguei-me se você não teria razão, se a despeito de todos os nossos esforços, o que tem consumido o coração deste continente consumirá o resto, e depois de nós não restará nada.

Frederick fixou longamente o olhar, compadecido e arrebatado, em Martin, e este fitou-o de volta em silêncio, sem que nada lhe ocorresse em jeito de resposta. Via que Frederick estava comovido com as suas próprias palavras, os seus próprios pensamentos, e achava que devia dizer qualquer coisa em troca, mas emudeceu perante aquela última afirmação presunçosa de Frederick: depois de nós não restará nada. Frederick sorriu:

— Tem razão. Não podemos mudar nada, portanto mais vale fazermos o melhor que pudermos e, bem, aproveitarmos ao máximo. Já me chegou o cheiro do café. E quais são os seus planos para hoje, Martin? Quer que lhe empreste o Swinburne? Tem-no na conta de grande poeta? É um melancólico incorrigível e um grande rezingão, mas, por Deus, sabe escrever. Quer recostar-se algures e comprazer-se com uma boa dose de punição e remorso?

— Pensei descer até à beira-mar e dar um passeio pela praia — respondeu Martin, e olhou de relance por cima do ombro na direcção da varanda. Frederick abandonou a secretária e dirigiram-se ambos à varanda para contemplar a baía.

— O sol está demasiado forte para um passeio, julgo eu — ditou Frederick. E o movimento que ali vai, as pessoas têm andado a dormir na praia. Olhe para o areal, repare naquele lixo todo. Terei de mandar pôr ali umas tabuletas. Proibido Deitar Lixo para o Chão. Ou Cabeças Irão Rolar. Tarde demais, desta vez. Os ventos da monção começaram a virar, e os barcos vêm de Mombaça, e de mais além, para carregar. Quando olhamos mais para longe, a baía é bem bonita, não é? Porém, não é segura para a navegação, sobretudo no início da monção. As ondas encalham um navio num piscar de

olhos. Parece que é ainda pior quando se levantam os ventos de nordeste. Tinham acabado de amainar quando eu cheguei. Os destroços na praia... Era preciso ver para crer. O vento sopra pela baía acima e o mar sobe até à estrada, ali, e qualquer barco que seja apanhado desprevenido na baía irá acabar na praia, ou pior. Só os *dhow*s bajuni e outras embarcações locais conseguem safar-se ali. As restantes têm de ser amarradas ao longo do promontório. Os ventos que começaram agora a soprar são de sudoeste, e o promontório corta um pouco as ondas. Os *dhow*s conseguem deslizar em segurança ao longo da curva da baía. Vê-os? Carregam ali e levam a mercadoria para Mombaça e para Lamu, onde ficam à espera de ventos favoráveis. Tem sido um ano bom, segundo me disseram, e ali em baixo fica a nossa alfândega. À excepção dos miseráveis e descontentes que se dedicam ao contrabando a coberto da noite. Consegue ver ali em baixo aquele hangar? Pesamos tudo o que está a ser carregado naqueles barcos, para nos certificarmos de que Sua Majestade britânica recebe o seu quinhão em troca da sua tranquilizadora presença aqui, no meio deles. À tarde é mais tranquilo. Podemos dar um passeio nessa altura, e o sol não estará tão forte.

— Obrigado. Esta tarde, então, será perfeito — respondeu Martin, que supunha que Frederick não queria que ele se misturasse com a turba, mas era demasiado cortês para simplesmente o proibir. Podia um agente governamental proibi-lo de dar um passeio? Frederick, o Tirano, no sentido antigo e benévolo do termo, aquele que sabe mais do que os outros e espera ser obedecido, muito embora disfarce o seu capricho sob a forma de eufemismo e modéstia. Bom, a desaprovação de um anfitrião tão longe da pátria constituía uma espécie de proibição, sobretudo quando o hóspede chegara num estado tão lastimável. Seria uma descortesia não aquiescer. Se bem que Martin não entendesse o que Frederick receava que lhe acontecesse no meio daquele aglomerado de gente afadigada. Talvez temesse que fosse insultado enquanto ziguezagueava por entre o lixo e as pequenas pilhas de cinzas das fogueiras acendidas para cozinhar. Ou quiçá desejasse acompanhá-lo, para lhe mostrar pessoalmente os seus domínios.

— Ah, aqui vem o café. Depois, uma boa dose de Swinburne para si enquanto eu termino o malvado relatório, e depois almoçamos — disse Frederick. — Gosto muito do almoço.

O passeio ocorreu a meio da tarde. Frederick, compacto e louro, com os seus calções largueirões, os pêlos das pernas densos e dourados, como um velo sobre a parte visível das pernas, e o cachimbo preso entre os dentes, sob o bigode viçoso cor de bronze. Martin presumiu que aquela fosse a imagem pública do funcionário colonial em passeio: uma figura que emanava uma autoridade descontraída. Martin ia bem barbeado e cortara o cabelo, mas continuava a usar calças emprestadas, que lhe ficavam demasiado curtas. A agitação matutina e do início da tarde abrandara, e as pessoas com as quais se cruzaram estavam sentadas à porta de casa ou à sombra de uma árvore; havia também rapazes a correr na praia ou a nadar.

— Não passa de uma pequena cidade a cair aos bocados — disse Frederick, de sobrolho franzido, ignorando os comentários lançados por um grupo de jovens sentados à sombra de uma árvore, mas devolvendo os cumprimentos dos mais idosos com um aceno de cabeça. — Mas é uma cidade com muita história, alguma dela bastante rocambolesca, devo dizer. Egípcios e Gregos antigos que terão viajado até estas bandas em busca de marfim, esse tipo de coisas. Há um relato que se ouve com frequência acerca de um príncipe da Pérsia que, em fuga da sua terra natal, funda aqui um reino que é o berço da mestiça *civilização* suaíli. — Frederick arreganhou os dentes ao pronunciar aquela palavra, mas não ficou claro se era um sorriso ou uma rosnadela. Talvez fosse uma mera careta com a qual pretendia indicar que a palavra «civilização» não era a adequada naquele contexto. — O persa veio até aqui no seu tapete voador, sem dúvida. Há um fundo de verdade na história, por certo mas está rodeada de um exotismo tonto para seduzir os ociosos. Imagino que as pessoas que edificaram estas cidades foram as mesmas às quais o Burton chamou piratas ontem à noite, e não príncipes foragidos. O que se sabe com certeza é que quando os Portugueses aqui acostaram isto era já um destino próspero, que rivalizava com Mombaça. Havia comércio com a China, há quem

diga, embora eu tenha as minhas dúvidas. Se os Chineses vieram até aqui no século xv, porque é que deram meia-volta e se foram embora? A China fica muito longe, porque é que não ficaram e assumiram o controlo da zona?

— Talvez porque não houvesse aqui nada que fosse melhor do que o que tinham no país deles — aventou Martin.

Frederick olhou para ele com um sorriso e acenou com a cabeça.

— Bem visto, meu caro. Seja como for, quando os Portugueses se foram embora, a cidade já não passava de uma povoação costeira em decadência. Já sabe como eles eram... pilhagem, saque e fanatismo. Depois a cidade quase desapareceu sob o ataque dos Oromos e dessas tribos do interior, que assentaram arraiais e defecaram nas ruínas durante séculos, até o sultão de Zanzibar ter decidido dar uma nova vida à povoação. A terra é pobre, mas suficientemente produtiva, e estamos sempre a introduzir novas culturas. Há futuro, julgo eu.

Ao passarem pela mesquita na marginal, Martin hesitou. Um grupo de idosos ocupava o *baraza*, todos de barba, alguns encanecidos pela idade outros de turbante. A porta que dava para o pátio, de um verde deslavado, estava aberta e Martin viu mais duas portas na parede lateral da mesquita. Deu um passo atrás e descobriu uma terceira porta, e sorriu ao reconhecer o tradicional estilo arquitectónico numa mesquita tão modesta e tão afastada do seu lugar de origem. Um dos homens disse qualquer coisa e o sorriso de Martin rasgou-se, e depois Martin respondeu-lhe. Os homens entreolharam-se, surpreendidos, satisfeitos; foram trocados mais sorrisos e mais algumas palavras. Martin acenou então aos homens e o passeio foi retomado.

— Meu caro Pearce, estou deveras impressionado — comentou Frederick. — Que diziam eles?

— Oh, o primeiro homem disse que era uma boa hora para um passeio, e eu convidei-o a juntar-se a nós. Depois ele disse que já tinha feito o seu exercício diário. Mera cordialidade. Adoraria conhecer o interior da mesquita, outro dia — disse Martin, de olhos postos nos calções de Frederick.

— Como é que sabe a língua? Não me diga que é um... *hum...*

um... representante do Governo?

Martin deu uma gargalhada.

— Quer dizer um espião? O homem falava árabe e eu estive no Egito este último ano e pouco, como consultor para o departamento de educação. Foi mais ingerência do que consultoria. E também interferia no departamento de antiguidades, sempre que mo permitiam. Estudava edifícios, mapas e cartas. Julgo que aprendi eu mais do que os pobres infelizes que tinham de ouvir os meus conselhos.

— Claro que sim, que patetice da minha parte — respondeu Frederick, e deu um passo ao lado para presentear Martin com um olhar de franca admiração. — Eu ainda me abalanço no hindustani, sobretudo se não tiver de entender o que a outra pessoa diz. Bom, seja como for, é impressionante. Devia recrutá-lo e mantê-lo cá. O Burton consegue alinhar umas coisas em suaíli, mas não me parece que fosse capaz de descrever o destino das possessões britânicas em África nessa língua. É mais carrega isto, traz aquilo e não voltas a fazer isso. Não soa bem quando o ouvimos algaraviar. É um mistério a maneira como ele gere aquela plantação de uma forma tão brilhante. Por falar no Burton, insisti para que lhe fizéssemos uma visita, assim que o Martin se sentisse em forma.

— Claro — respondeu Martin, sem grande entusiasmo.

— Oh, ele não é má pessoa. Depois de uns copos, arenga e entusiasma-se com o destino do homem branco, mas é boa pessoa. Fica assim cáustico para provocar. Imagino-o assim como uma espécie de aventureiro vagabundo, ah! Ah! Ah!

— Não estou a entender — admitiu Martin.

— Ora, você sabe, aqueles sujeitos nos livros de Stevenson que abandonam o navio para darem umas cambalhotas com as indígenas. Ou estarei de novo a pensar em Melville? Mas Stevenson também tem destes homens que vivem de pequenos expedientes. Imagino que lá em cima, na fazenda, o Burton também se entretenha assim. Oh, meu Deus, não devo caluniar assim o pobre do sujeito, não faça caso de mim, estou só a divagar.

Seguiram a curva da baía, deixando à esquerda os arrabaldes da cidade. Pouco depois, a vegetação densa e nodosa forçou-os a

afastarem-se uns quantos metros da beira da água, e depois de contornarem o matagal deram com uns edifícios de pedra em ruínas entre eles e o mar.

— Aqui está — declarou Frederick —, o túmulo e a mesquita do xerife. Não lhe sei dizer grande coisa. Você é que é o homem das antiguidades. Eu diria século xvi, depois de os Portugueses terem acabado com este lugar.

A mesquita tinha três arcos ao longo da parede lateral. Martin tornou a sorrir e esteve quase para dizer qualquer coisa a Frederick acerca de persas num tapete voador, mas calou-se. Grande parte da argamassa desaparecera, do telhado nada restava e a parede do fundo ruíra, mas o *mihrab* continuava de pé, em perfeitas condições. Um arco quadrangular rodeava-o e dentro dele encontrava-se o arco em ogiva da *qibla*. Por cima do *mihrab* via-se uma placa numa pedra diferente, talvez mármore, com uma inscrição. O sol do final da tarde reflectia-se no chão desnudo de coral e dourava o nicho da *qibla*. Atravessou o arco solitário da outra parede lateral e viu lápides e paredes tombadas e, para lá delas, parcialmente à sombra de uma enorme mimosa, o túmulo do xerife e a sua coluna. Comparado com as sepulturas e as paredes dos edifícios circundantes, era óbvio que o túmulo recebia manutenção. A coluna, caiada e imaculada, tinha vários metros de altura e ultrapassava os ramos inferiores da mimosa. Erguia-se à cabeça do túmulo, rectangular e aberto na parte superior. Cada esquina formava uma pequena cúpula, encimada por uma espécie de maçaneta de latão ou bronze. O túmulo não estava tão bem mantido como a coluna, as reparações feitas não tinham sido caiadas e alguma da argamassa enegrecera. Martin viu um prato de porcelana na parede por baixo da coluna com uma inscrição em letras árabes demasiado floreadas para conseguir lê-las sem esforço. Lembrou-se novamente do seu caderno e desejou tê-lo com ele para fazer um esboço das ruínas e do túmulo. Tivera-o consigo durante toda a estadia na Abissínia e na Somália, e até depois de os guias o terem abandonado, mas provavelmente perdera-o no afã para alcançar um lugar seguro.

— O túmulo do xerife Himidi — anunciou Frederick, e apontou

com o cachimbo para o monumento. — As pessoas vêm até aqui fazer oferendas. Dê uma vista de olhos ao interior.

Frederick sorriu e acenou com a cabeça, desafiando Martin e confiante de que este iria apreciar o convite. As paredes eram demasiado altas para Martin conseguir espreitar por cima, por isso Frederick entrelaçou os dedos de ambas as mãos e Martin usou-as como degrau para se içar e sentar na parede lateral. Ervas daninhas cresciam no túmulo e no meio delas viam-se pacotes embrulhados em pano, uns azuis, outros carmesins, outros cremes, uns quantos já velhos, descolorados e deteriorados. Alguns estavam atados com barbante. Havia ainda um barco em miniatura, com uns doze centímetros de comprimento, um mastro pequenino e retrancas. No interior do barco via-se uma bolsa redonda enrolada numa tira de folha de bananeira seca. Na parte superior do espaço rectangular, junto à coluna, um troço de madeira escura e talhada ocupava o lugar que o defunto ocuparia. Martin mudou de posição e inclinou-se para a frente para examinar melhor. Ao fazê-lo, sentiu uma guinada na parte lateral da nádega esquerda e supôs que o culpado fosse um pedaço de maçonaria solto. O toro de madeira esculpida tinha umas marcas — crescentes e linhas —, mas a sua forma era indistinta.

Desceu do muro com um pulo e sentiu os joelhos cederem ao aterrar no chão. Continuava demasiado fraco. Frederick olhou-o contendo um sorriso em antecipação da sua reacção de surpresa.

— Achou que ia ver pedaços enegrecidos de carne, não foi? Roedores eviscerados, corvos crucificados e esse tipo de coisas. Mas não, só essas bugigangas, aparentemente, e em troca delas as pessoas pedem curas para as suas doenças, para ter filhos e protecção no mar, e isso. Estou tentado a roubar um desses embrulhos, em nome da ciência, é claro, para ver o que contém. Só que da última vez que aqui estive foi com o Idris, o meu moço de estrebaria, e ele ficou tão escandalizado com a minha ideia, como se eu planeasse interferir com o curso do destino. O que acha que contém?

Martin encolheu os ombros.

— Orações escritas em pergaminho. Um pedaço de quartzo. Um

rosário.

— Quinquilharia, então — concluiu Frederick. — Nada de valor, claro, e mal também não faz, imagino. *Mumbo jumbo*, como nós dizemos. Sabia que a expressão começou por designar pedaços de pano atados aos ramos das árvores? Mungo Park trouxe a expressão das suas viagens pela África Ocidental. Mungo Park. Que raio de nome. Mungo parece o nome de um dos nossos amigos daqui, não parece? *Mungo jumbo*. Mais parece um trava-línguas.

Ocorreu a Martin interrogar-se de que maneira Frederick se autodescreveria: como um colono idealista, um erudito da poesia, uma espécie de libertino, talvez como um homem espirituoso, senhor de um sentido de humor subtil.

— Pareceu-me ver uma bolsa de tabaco numa miniatura de um barco — disse Martin. Deu meia-volta e começou a encaminhar-se para a praia. Decidiu voltar mais tarde para decifrar a inscrição no prato de porcelana fixado na parede.

— Talvez o xerife gostasse de rapé — aventou Frederick, com um sorriso escarninho. — Um xerife pode tomar rapé? Ao que parece, aqui o nosso xerife tinha-se na conta de poeta, o que a mim me parece uma coisa óptima. Imagino que sejam orações para serem salmodiadas, mas talvez você possa investigar isso, Pearce.

— Sim — respondeu Martin.

— É espantoso, não é, que esta gente tenha sobrevivido ao longo de séculos sem recorrer à escrita — comentou Frederick, que se inclinara para arrancar ouriços das meias. — Tudo é memorizado e transmitido oralmente, e só depois de o bispo Steere ter aportado em Zanzibar, na década de 1870, é que alguém se lembrou de compilar uma gramática. Julgo não me equivocar quando digo que isto vale para toda a África. É assombroso pensar que nenhuma língua africana tinha uma forma escrita até à chegada dos missionários. E creio que em várias línguas, as únicas obras que existem são traduções do Novo Testamento. Espantoso, não é? Ainda nem sequer inventaram a roda. Fica-se com uma ideia do longo caminho que têm ainda de percorrer.

Chegados a casa, a dor na anca e na lombar de Martin era quase insuportável. Tinha a cara coberta de suor e arrastava ligeiramente a

perna esquerda. Frederick demorou algum tempo a reparar no sofrimento crescente de Martin e quando o fez já estavam a curta distância de casa. Pôs-lhe um braço à volta do tronco e ajudou-o a claudicar os últimos metros e a subir as escadas. Descobriram que Martin tinha sido picado. Hamis disse que fora um *kenge*, e pelo gesto que fez com o dedo indicador e o polegar para indicar as pinças do animal, deduziram que se tratava de um escorpião. A zona em redor da picada estava descolorada, mas começara a enegrecer e a inchar. Martin estava deitado sobre o lado direito enquanto, sem pressa, Hamis lhe limpava a picada com um pano e água fria, sem se deixar perturbar pelas perguntas insistentes de Frederick. Há algum antídoto? É muito perigoso? Pearce, meu caro, você não tem mesmo sorte nenhuma, é umas a seguir às outras. Depois veio o cozinheiro com uma papa esverdeada numa malga que preparara enquanto Hamis limpava a ferida e aplicou-a sobre a picada como se fosse uma cataplasma. Tinha um cheiro forte a hortelã. A seguir, escorou o corpo de Martin com umas almofadas para evitar que ele caísse e Hamis rasgou um pedaço de pano e enxugou a testa transpirada do ferido que, então mais aliviado, suspirou e fechou os olhos.

Martin já estava a pé à hora do jantar, para espanto de Frederick, que proclamou mais um milagre: um dia ou dois para recuperar de uma insolação, umas quantas horas para sarar uma mordedura de escorpião.

— Talvez não tenha sido um escorpião — argumentou Martin, quando se sentaram na varanda depois do jantar. — Seja como for, as mordeduras de escorpião não são tão letais quanto se diz, e a compressa fria do cozinheiro foi o antídoto perfeito. Talvez tenha sido uma centopeia. Fosse o que fosse, tenho de recompensar os seus criados...

— Não carece, dei-lhes umas moedas em seu nome — disse Frederick, com a mão erguida e a palma para a frente para desencorajar quaisquer protestos. — De momento não poderá fazer grande coisa nesse sentido, desprovido como está dos seus pertences. Disse ao Hamis onde estávamos quando foi picado, ou, melhor, onde você estava sentado. Ficou chocado. Aparentemente é

uma grande falta de educação sentarmo-nos no túmulo do xerife. E pior ainda, para si pelo menos, meu caro Martin, há uma profecia que reza que quem for picado por um insecto sentado onde você estava, jamais poderá deixar este lugar. Só espero, para seu bem, que a profecia não passe de uma mistificação jocosa por parte do Hamis. A propósito, há umas ruínas a uns quilómetros a sul daqui que havemos de visitar, assim que se sentir melhor. Quando as vir irá sem dúvida interrogar-se novamente acerca do que constitui uma civilização. Como é que as pessoas que construíram aquilo se tornaram o que são hoje? Costumava pensar isso na Índia e tenho a certeza que terá pensado o mesmo no Egipto e nas suas muitas viagens. Como pode esta gente caótica e infantil descender dos construtores destes magníficos monumentos? Dir-se-ia que a inspiração, quando nos abandona, abandona-nos por completo.

— Talvez devêssemos dar ouvidos a essas palavras — realçou Martin, relutante em embarcar nas declarações e epítomes de Frederick.

— Ozymandias — disse Frederick, enquanto acenava com a cabeça. — A arrogância do Império, é a isso que se refere, não é? O que parece grande e poderoso hoje será poeira e ruínas amanhã. Só que Ozymandias era um déspota oriental, meu caro Martin, bem diferente dos nossos espíritos racionais. Não diria que era isto que Shelley pretendia dizer? Que nos momentos de grandeza devemos manter-nos fiéis às nossas tradições de liberdade e não nos deixarmos tentar por uma arrogância despótica? Se bem que, quando ele escreveu o poema, não teria ainda ideia da grandeza que tínhamos pela frente.

Ao fim de uns minutos de silêncio, Frederick recitou o poema inteiro à refrescante brisa nocturna, tendo passado aqueles minutos a trazê-lo à memória. Declamou os últimos versos com uma ênfase profética:

*Em torno da derrocada
Daquela colossal ruína, a areia infinita
Estende-se solitária, nua, plana, abandonada.*

E no final suspirou.

— Não me parece, sabe. Não vejo que o nosso pequeno edifício caia por terra. Julgo que esta será a ordem das coisas durante bastante tempo. Portanto, meu caro, não faça tombar sobre nós os seus profetas da desgraça.

Martin sorriu.

— É verdade — disse, compreensivelmente cansado —, amanhã gostaria de ir ver o lojista que me encontrou, para lhe agradecer, a ele e à família, pela sua amabilidade.

Frederick fez um ar duvidoso, mas ainda assim aquiesceu.

— Quanto à amabilidade, não sei. Provavelmente, contavam com uma recompensa.

— Recompensá-los-ia, se pudesse, embora preferisse pensar que foi amabilidade — argumentou Martin.

— Muito se pode dizer sobre a amabilidade — alegou Frederick, com bonomia. Pousou o copo e coçou distraidamente uma picada que tinha no pulso. — A sua generosidade é cativante. É claro que deve ir visitá-los, se quiser. E se desejar recompensá-los, posso ajudá-lo nesse sentido, se bem que me pareça desnecessário. Chegámos lá pouco depois de eles o terem encontrado, mesmo antes de um dos feiticeiros herbolários de que esta gente se socorre lhe ter posto as mãos em cima, na verdade. Sabe o que passa por medicina nestas bandas? Mezinhas e cauterizações. Aplicam cataplasmas ou um ferro em brasa.

— Não me importo de ir sozinho — disse Martin, um pouco rabugento. — Pedi indicações ao Hamis esta manhã e parece-me bastante simples.

O criado de Frederick partilhara as indicações no seu estilo lacónico. Siga pela ruela em frente à árvore grande, perto do túmulo do xerife, continue em frente até chegar a um largo e à sua esquerda verá a loja, à direita o café e em frente a mesquita. Parecia muito fácil, mas Frederick não foi nisso.

— Meu caro Martin, meu bom amigo, já apanhámos sustos suficientes, e você parece propenso a acidentes e percalços. Talvez seja aconselhável uma maior cautela, pelo menos até recuperar as

forças. Fora de questão ir sozinho para aquele labirinto de ruas nojentas. Vamos os dois amanhã de manhã.

Martin teria preferido fazer a sua visita desacompanhado, deambular pelas ruelas sem pressa até encontrar o largo com a loja, o café e a mesquita.

— Não pretendo transformar a ocasião numa solenidade — disse ele, demasiado cansado para argumentar.

— Combinado — aquiesceu Frederick, bem-disposto. — Só um obrigado, meus caros, e continuem assim. E voltamos para casa a tempo do almoço. — Fez um sorriso que extravasava generosidade e boa-vontade, ofereceu a Martin mais uma bebida, que a recusou, e encheu o seu copo. — No que diz respeito aos seus assuntos em geral... se me permite a liberdade, caro amigo. Estou à espera de correio de Mombaça, mais dia, menos dia, e queria saber se tem alguma carta para enviar, alguns assuntos de que precise de tratar. É bem-vindo o tempo que quiser aqui ficar, para descansar, para falar sobre Swinburne e o Império o quanto lhe apetecer. Aprecio muito a sua companhia e estou encantado de ter feito um novo amigo, se é que me permite tal ousadia. — Ergueu o copo num brinde, jovialmente tocado.

— Obrigado — reagiu Martin, e arrependeu-se da impaciência que mostrara, e que agora encarava como uma ingratidão. — Tem sido muito amável. Vou escrever uma carta ao cônsul em Áden. Ele está ao corrente das minhas instruções quando à bagagem e bens pessoais que lá deixei, e pode também transferir-me alguns fundos para Mombaça. Se não se importar que abuse da sua boa vontade até que...

— Com certeza. Fico muito grato pela companhia. Mas a julgar pelo seu ar, parece-me que está na hora de ir descansar — referiu Frederick, e deu uma palmada com irritação na orelha esquerda, entornando um pouco da bebida. — Malditos. Esta noite os mosquitos estão impiedosos. Culpa, sem dúvida, daqueles maltrapilhos que dormem na praia. Devem tê-los trazido com eles. As vozes deles irritam-me, aqueles lamentos desafinados e a gritaria, que balbúrdia. — Reacendeu o cachimbo com a lasca de

madeira que mantinha ao lado da lamparina a querosene e recostou-se com um suspiro.

O barco postal oriundo de Mombaça chegou afinal na manhã seguinte. O mensageiro era um homem de Mombaça, cortês e bem aprumado, de camisa branca e calças de caqui, o uniforme de um funcionário, que se manteve de pé, muito direito, com as mãos atrás das costas, enquanto Frederick, de testa franzida, pensava no que havia de fazer. No final, viu-se forçado a escusar-se de acompanhar Martin para terminar a papelada necessária e para que o mensageiro, que exprimira o desejo de voltar o mais cedo possível por causa dos ventos, pudesse partir bem cedo no dia seguinte. O funcionário apresentou os seus agradecimentos e partiu, tendo recusado com um sorriso a oferta de cama e mesa. Martin escrevera a carta para o cônsul em Áden antes do pequeno-almoço e, portanto, só Swinburne o reteria ali, contudo não iria ser deixado entregue a ele mesmo, como se atrevera a esperar. Frederick mandou chamar o *wakil* que o levara à loja da primeira vez.

— Tive de lidar mais vezes com a personagem — explicou Frederick, com um sorriso matreiro. — E começo a pensar que ele poderá ser útil. Tem-se apresentado todos os dias no escritório aqui do piso térreo para se informar das suas melhoras e para oferecer os seus préstimos. Fica ali plantado, a torcer as mãos e a contorcer-se todo, mas com um brilho astuto no olhar por trás daquela pose deferente. Gostei da maneira prosaica como ele lidou com a multidão quando fomos buscá-lo. Não passou de fanfarronice, bem sei, visto que o sujeito não tem qualquer autoridade, mas começo a achar que posso tirar partido dessa fanfarronice em prol do Governo. Também fala umas palavras de inglês e possui um mínimo de educação e entende de que modo as coisas funcionam. Tem-se na conta de astucioso, mas eu acho que consigo ser ainda mais astucioso do que ele. Espero que não me ache gabarola por dizer isto, mas a minha experiência tem sido que a astúcia dos nativos é limitada. E imagino que o untuoso cavalheiro venha a ser uma ferramenta útil de vez em quando.

Assim sendo, Frederick mandou chamar o *wakil* e pediu-lhe, em nome do Governo, o favor de acompanhar Mr. Pearce até ao *dukawallah* que o encontrara vários dias antes. A manhã ia avançada quando rumaram à loja. O *wakil* não tivera nenhum contacto com Martin, nenhuma reacção às suas visitas para se inteirar do seu estado de saúde e não estava ao corrente da natureza daquela visita a Hassanali, portanto limitou-se a sorrir e a indicar o caminho. Martin percebeu que o *wakil* se dispunha a fazer o que lhe fosse pedido. Era uma manhã soalheira e quente e o *wakil* levava um guarda-chuva com ele, que abriu e segurou por cima da cabeça de Martin, como um baldaquino.

— *La la, ma'esh* — disse Martin, e deu um passo para se afastar.

O *wakil* deitou a Martin um olhar rápido e surpreendido, e mudou de atitude. Respondeu em árabe e foi a vez de Martin de ficar surpreendido. Sim, sabia algumas palavras em árabe, falava um inglês macarrónico e um pouco de suaíli. Aqui é impossível fazer-se negócio sem falar árabe. Mas como é que aprendeu árabe, perguntou o *wakil*. Martin explicou que vivera no Egipto. Ah, reagiu o *wakil*, a Grã-Bretanha está por todo o lado.

O *wakil* tinha razão, o calor matutino era impiedoso, mas uma vez que Martin recusou o guarda-chuva, o *wakil* também o dispensou, por cortesia. O ar arrefeceu um pouco quando se adentraram nas ruelas, e Martin deteve-se por um momento naquela obscuridade relativa para se acostumar à luminosidade. Caminhava sem pressa atrás do *wakil*, que se adiantara vários passos antes de se dar conta de que Martin não o acompanhava. Havia um cheiro estranho, mas familiar naquelas vielas, um cheiro a velho e a miséria humana: as sarjetas a céu aberto, a correnteza enegrecida de dejectos, as casas decrepitas imbricadas umas nas outras e impregnadas de décadas de suor e hálito humano. Era um odor que fazia lembrar carne a sarar, lama a secar, um cheiro prestes a descambar em doença e podridão, em gás tóxico. Era um ar malárico. As pessoas viviam no meio dele, viviam e faziam comércio, e davam de mamar aos filhos e cantavam-lhes canções para os adormecer. Assim, Martin respirou fundo e esforçou-se por aguentar. As crianças sorriam-lhe com acanhamento e chamavam-lhe *mzungu*, e ele sorria

de volta. Os idosos olhavam-no de cima a baixo sem nada dizer, contemplando as sandálias, a roupa largueirona, o cabelo muito curto, e não conseguiam reprimir um sorriso. *Mzungu hafifu*, disse um deles. Europeu franganote. Toda a gente se riu, e Martin também, o que os fez rir ainda mais, porque partiam do pressuposto de que ele não compreendera do que zombavam. Seguiram-se outros apodos, nomes feios que fizeram toda a gente rebentar de riso: *kelb*, *sheitan*, *majnoon*, *punda*. Cão, demónio, louco, asno. A maior parte das palavras eram empréstimos do árabe.

— *Anafhamu* — gritou o *wakil*, e brandiu o guarda-chuva perante o grupo mais próximo de trocistas. Ele compreende. Seguiram-se mais gargalhadas, e as pessoas vieram à porta de casa para ver o *mzungu* que compreendia. Houve mais insultos e mais gargalhadas, mas o desbragamento já estava para lá do controlo de ambos, supôs Martin, que não entendia mais do que uma ou outra palavra. A galhofa parecia continuar a ser bem-disposta, por isso encolheu os ombros para mostrar a sua perplexidade e acenou: o bobo da corte que fingia não se ofender para desarmar os seus algozes. Um ou dois acenaram de volta e, de súbito, as crianças viraram-se para o *wakil*. *Kumbaro*, gritaram. Martin não conhecia a palavra, mas viu o *wakil* agarrar o guarda-chuva com força e fulminar as crianças com o olhar. *Kumbaro*, *kumbaro*, *anakumba uharo*, cantarolavam elas, e dançaricavam longe do alcance do guarda-chuva. Uma mulher assomou-se a uma soleira, agarrou uma das crianças e deu-lhe uma valente bofetada na cara. Não tens maneiras, gritou-lhe ela, e aplicou-lhe outra lambada na mesma face. O rapaz desatou a chorar desalmadamente e fugiu dali. Cego pelas lágrimas, tropeçava e escorregava no caminho esburacado e sujo. A mulher correu atrás dele, chamando-o pelo nome.

Chegaram ao largo e Martin olhou para o *wakil* para ver se ele partilhava da sua sensação de alívio. Era como se tivessem atravessado uma casa grande e testemunhado as intimidades da sua vida doméstica. Assim, demorou um momento a reparar no largo, aberto e ordenado, asseado, nas dimensões adequadas e ajustadas da mesquita, a um canto, nas suas portas azuis então abertas, nos campos em pano de fundo, no café com as suas

mesas de tampo de mármore, nas casas bem arranjadas e nas cortinas sopradas pela brisa que tapavam as entradas. Quando o fez, soltou um pequeno ruído que traiu o prazer que sentiu, um pequeno som nasalado de reconhecimento e aprovação. É esta a nossa ideia de beleza, pensou, esta compostura, este equilíbrio, e vieram-lhe as lágrimas aos olhos: saudades do seu país, embora nada à sua frente se parecesse com Inglaterra.

O *wakil* apontou para a esquerda com o atarefado guarda-chuva, depois abanou lentamente a cabeça e sorriu. Martin compreendeu que a sua aproximação iria causar comoção antes mesmo de se abeirarem da loja. Um dos homens sentados num banco pôs-se de pé, virou a cabeça na direcção da loja e deu o alarme. Algumas das crianças que os tinham seguido ao longo das ruelas correram em busca de um bom lugar para assistir ao iminente espectáculo. Os outros homens que ocupavam o banco também já estavam de pé quando eles alcançaram a loja. Apertaram a mão ao *wakil* e depois a Martin, que não teve outra opção a não ser entregar-se à barafunda de saudações e apertos de mão, como se fosse o convidado de honra de um casamento. Virou-se na direcção da loja, com os seus cestos e caixas a transbordar de mercadorias, as cascatas de arroz e feijão e os rizomas de gengibre e os blocos de sal e as vagens de tamarindo, e, quando os seus olhos se habituaram à obscuridade, avistou o lojista, de pé e ombros curvados, preparado para ser maltratado. Martin levantou a mão num cumprimento e o lojista respondeu na mesma moeda. A multidão tinha então formado um arco compacto à volta dele, não obstante os melhores esforços do *wakil* armado com o seu guarda-chuva. Martin inclinou-se por cima da mercadoria de mão estendida e viu um sorriso aparecer na cara do lojista antes de se aproximar para lhe apertar a mão. O lojista desceu do seu estrado, abriu a porta lateral da loja e saiu. A multidão, menos compacta, começou a dispersar e a tensão a afrouxar, e Martin deu-se conta de que toda a gente esperava que ele ali chegasse com altivez e exigências, uma repetição, porventura, da anterior visita de Frederick. O lojista apertou-lhe novamente a mão e sorriu com uma espécie de recato, aliviado. Martin, porém, reparou que ao mesmo tempo que sorria e

lhe apertava a mão, o lojista controlava a proximidade dos espectadores em relação à sua mercadoria desprotegida, por isso virou-se para a multidão, fez-lhes sinal para que se fossem embora e pediu-lhes que o obsequiassem, por favor. «*Anafahamu*», explicou o *wakil*, e brandiu o guarda-chuva como se fosse uma varinha mágica que os faria desaparecer a todos. Depois de umas quantas daquelas varredelas, a turba recuou, com alguma relutância, mas obistou a dispersar-se. Os três idosos voltaram ao seu banco e o lojista pôde finalmente dar atenção a Martin com um sorriso menos inquieto.

— Vim agradecer-lhe a gentileza — disse Martin. — O meu nome é Martin.

O lojista acenou com a cabeça para indicar que compreendia e deu o seu nome, Hassanali, e Martin acenou de volta. O *wakil* acenou igualmente, como quem aprovava a conversa. Talvez não fosse o que esperara, mas Martin supôs que para um homem tão mundano quanto ele pensava ser o *wakil*, havia sempre um propósito por trás de tudo, assim como a possibilidade de tirar vantagem de todas as situações. *Mashaallah, mashaallah*, disseram os idosos, maravilhados por ouvi-lo falar árabe. Martin adorava a forma como o seu conhecimento imperfeito da língua lhe granjeara sempre amigos no decurso das suas viagens, como acontecia ali naquele momento. Não era difícil perceber porquê. Ao fim de uns minutos de colóquio áulico, Martin encontrava-se sentado no banco ao lado dos idosos, que tinham arranjado lugar para ele, embora normalmente, porventura, o ocupassem com largueza, e submeteram-no a um interrogatório. O banco estava à sombra e soprava uma brisa vinda do lado da mesquita, mas Martin transpirava em bica. O *wakil* agitava furiosamente o guarda-chuva à turbamulta, que ia debandando aos poucos a cada vassourada. Martin apercebeu-se da relutância de Hassanali em deixá-los para atender os seus clientes e de que o *wakil* se mantinha postado em frente ao banco, apoiado no guarda-chuva, sem fazer tenções de renunciar à sua missão de zelar por ele. O homem seguro de si, de rosto sulcado por rugas e barba grisalha e hirsuta presidia à conversa. Tocou na coxa de Martin ao de leve e disse-lhe que o seu

nome era Hamza bin Masuud, e que aquele ali se chamava Ali Kipara e o outro Jumaane.

— Ora então — continuou Hamza, em árabe, falando sem pressa para que toda a gente o entendesse. — *Mashaallah*, espantou-nos, ó xeque *mzungu*. Viajei de Lindi a Kismayu e inclusivamente até Áden, e nunca me cruzei com um *mzungu* que falasse árabe ou suaíli. Se tivesse falado quando há uns dias o encontrámos, mais morto do que vivo, e nos tivesse falado em árabe àquela perigosa hora do dia, julgo que o teríamos tomado por um servo do demo. Diga-nos, *ya* Martin, como é que tudo isto sucedeu e o que o trouxe até aqui, vestido de andrajos e às portas da morte. Conte-nos.

Podia muito bem ser o início de uma nova história de *As Mil e Uma Noites*, um convite para um novo relato. E Martin acedeu, restringindo-se a uma narrativa breve, ainda que percebesse que os seus ouvintes tinham tempo de sobra e que ansiavam por mais detalhes. Viajava com uma expedição de caça em direcção ao interior, mas eles queriam avançar para oeste e ele decidira descer rumo à costa.

Sozinho?

Não, não, mas pelo caminho separara-se dos seus guias e tivera de continuar até ali sozinho.

Quem eram esses guias? Por certo que o tinham roubado e abandonado. Eram selvagens?

Somalis.

Um somali nunca se perde. Roubaram-no, de certeza. Tem muita sorte em estar aqui connosco, *ya* Martin. Deus olhou por si, diga *alhamdulillah*, agradeça a Deus. E a sua saúde? Recobrou-a? Os seus irmãos e os seus filhos ficarão muito aliviados ao saber disso.

Mas tinha sido ao lojista que viera agradecer, e este regressara à sua loja e contemplava aquele conclave com alguma ansiedade. Ouviu Hassanali chamar alguém e entreviu a silhueta de uma mulher na obscuridade do umbral ao fundo da loja. Interrogou-se se seria a mulher que Frederick vira a dar-lhe uma mistela qualquer quando ele chegara para o resgatar. Algum tempo depois, enquanto Martin estava cortesmente a ouvir relatos de outros viajantes que se tinham perdido e de que maneira tinham encontrado o caminho de

regresso a casa, viu de novo a mulher na sombra da ombreira e viu Hassanali levantar-se para receber uma caneca de porcelana branca das mãos dela, que depois passou ao *wakil*, que a entregou a Martin. Era sumo de lima, a sua frescura bem notória. Só havia uma caneca e Martin hesitou, mas o *wakil* fez-lhe sinal que a aceitasse, talvez com demasiada solicitude. Beba, beba. Martin ofereceu a bebida aos homens no banco, todos recusaram sem dizer uma palavra, mas com gestos corteses em jeito de agradecimento. Assim, Martin bebeu o sumo de lima com avidez e sentiu-se grato pelo prazer que este lhe concedeu. Nesse momento, o muezim chamou para a oração do meio-dia, e os idosos, bem como a larga maioria dos espectadores retardatários encaminharam-se para a mesquita ou para casa. Hassanali desceu do seu poleiro e convidou Martin a juntar-se a eles para o almoço. Nada de extraordinário, apenas a refeição habitual do meio-dia, e o *wakil* também pode ficar, se quiser. Martin protestou que já tinha dado maçada suficiente a Hassanali e à sua família, que ali fora apenas agradecer-lhes pela amabilidade e não para os incomodar mais, que já estava em dívida para com eles. Não é preciso almoço, ditou o *wakil* em inglês. Este homem convite boa educação. Não, *sir*, almoçar com o administrador colonial.

Só que Martin queria ficar, e mostrara-se relutante apenas por cortesia, para dar ao lojista a oportunidade de recuar, não insistindo. Teriam comida suficiente? Supôs que a instrução fora dada quando a mulher se assomara à porta da primeira vez. Queria ficar por causa do relato que Frederick fizera da maneira como o resgatara das mãos deles, das suspeitas que lançara sobre eles, embora Martin soubesse que não tinha nada que lhe pudessem roubar, do desdém com que imaginava que Frederick os tratara. A história de como Frederick ali voltara para gritar com eles e os maltratar enchia-o de vergonha e angústia. Que brandira o seu pingalim e ameaçara o lojista, dizendo: se me estiveres a mentir, cão danado, arranco-te a pele das costas à pancada. O próprio Frederick fizera o relato, fazendo horríveis caretas histriónicas, de pé para melhor demonstrar o sucedido, com a mão direita erguida a segurar o charuto e o copo na esquerda. A farsa na varanda podia ter sido um exagero, mas

Martin tinha a certeza de que as terríveis ameaças não o haviam sido. Queria ficar e fazer qualquer coisa desconfortável para si mesmo, sentar-se com eles na sua casa modesta e comer a sua comida modesta, e debater-se para fazer conversa com eles. Não para lhes apertar a mão e deixar umas moedas, e obrigada, meus velhos, mas para lhes mostrar que apenas sentia gratidão para com eles, nada de desconfiança ou desdém. Assim, no final, mandou o *wakil* de volta com uma mensagem para Frederick: que Hassanali, o lojista, o acompanharia pessoalmente a casa durante a tarde.

Hassanali fechou a loja com um esmero deliberado, ou talvez o calor não lhe permitisse ser mais lesto, e depois conduziu o seu convidado a casa pela porta das traseiras. Anunciou a sua chegada e abriu a porta. O pátio estava deserto. Era branco e verde, com as paredes caiadas, janelas verdes e plantas envasadas: roseiras e alfazema e um arbusto verde-pálido com folhas semelhantes às de um gerânio que, Martin tinha a certeza, perfumavam o ar nocturno. À direita, um toldo de colmo sobre estacas entre as quais alguém estendera uma esteira com motivos azuis, verdes e cor-de-rosa entrecruzados. Para sua surpresa, a refeição estava já disposta na esteira, tapada com um pano creme para a proteger das moscas e do pó. Como é que se tinham preparado tão depressa para um comensal adicional? Hassanali mostrou-lhe a casa de banho na extremidade do pátio que, para alívio de Martin, era escura mas limpa. Não fazia ideia do que tinham conseguido cozinhar na hora e pouco que passara desde que o convite havia sido feito, no entanto, em circunstâncias como aquela, o que contava era a intenção. Pareceu-lhe sentir o cheiro a arroz e peixe e de certeza que haveria fruta. Jamais vira uma variedade tão grande de fruta como naquela cidade.

Hassanali convidou-o a sentar-se na esteira e, com agrado, viu-o descalçar as sandálias. Foi então à casa de banho e deixou Martin sozinho, consciente de estar a ser observado a partir do interior da casa pela mulher, que estaria na penumbra, atrás de uma das janelas. De regresso, com o bigode grisalho a brilhar de humidade, Hassanali entrou em casa e voltou acompanhado de duas mulheres. As suas duas esposas, foi o primeiro pensamento que ocorreu a

Martin. Hassanali apontou para ele e, com um sorriso, nomeou-o. A mais jovem das mulheres sorriu também, mas a outra, que o fitou com uns bonitos olhos castanhos e cintilantes, não sorriu. Foi o que viu primeiro, aqueles olhos.

— Espero que não se ofenda que almocemos juntos — disse ela, num árabe correcto, amistoso. — É o nosso costume.

— É muito amável da vossa parte, obrigado — respondeu Martin.

Acomodaram-se na esteira e Martin debateu-se com os joelhos e os tornozelos e os pés, que se projectavam em todos os ângulos, ao passo que os seus anfitriões pareciam perfeitamente à vontade com as suas articulações. Retirado o pano, Martin viu uma travessa de arroz e uma variedade de acompanhamentos servidos separadamente: espinafres, peixe frito, um guisado de legumes, batatas cozinhadas com alecrim e pão chato salpicado com sementes de sésamo. Hassanali verteu água de uma chaleira de latão para Martin lavar as mãos e depois fez o mesmo para as duas mulheres. Comeram os quatro da mesma travessa, usando as mãos para tirar mancheias dos acompanhamentos que desejassem.

— Está delicioso — disse Martin, depois de esvaziar a boca. Ninguém respondeu, por isso calou-se e concentrou-se em fazer o mínimo de sujidade possível. A proximidade das mãos das mulheres desconcentrava-o e desejava poder olhar para a mais velha das duas esposas.

Passado o afogadilho inicial, Hassanali interrompeu o seu rápido e eficiente consumo de peixe e acompanhamentos com conversa. O seu árabe era hesitante e teve de pedir várias vezes ajuda à sua irmã Rehana (ah!), que tinha um dom para as línguas, tal como o pai deles. Quando Hassanali apelou à ajuda de Rehana, Martin aproveitou para a olhar demoradamente. Tirara o xaile com que cobria a cabeça e pousara-o sobre os ombros, como se fosse um lenço, para não o sujar com a comida. Às vezes, quando Hassanali gaguejava, Rehana tinha de tomar as rédeas da conversa e Martin dedicava-lhe toda a sua atenção com uma espécie de incredulidade perante a beleza angustiante dos seus olhos e os movimentos delicados do rosto. Não sorria muito e não baixava os olhos quando ele a fitava enquanto ela falava, por isso ele também não desviava o

olhar. Sentia uma tensão crescer entre eles, e no final desviou os olhos com relutância, para não a ofender. Supôs que toda a gente reparara no seu olhar fixo e corou ao pensar que fora insolente. Que iriam pensar dele? Era convidado para a casa das pessoas e fitava as mulheres.

— Era a Rehana que me estava a dar de comer quando eles vieram? — indagou ele, voltando de novo ao motivo que ali o levava. Oh, meu Deus, vai-te embora, se não te consegues comportar como deve ser. Ela respondeu que sim com a cabeça. Ele continuou: — Vim agradecer-vos a vossa bondade e pedir desculpa pelas suspeitas que sobre vós recaíram. O vosso gesto foi de uma enorme generosidade e ficarei para sempre em dívida...

— Não, não, nós é que lhe pedimos desculpas — interrompeu-o Hassanali. — Nem sequer fomos saber novas de si com receio de ofender o seu irmão do Governo, mas não o fazermos foi uma grande ofensa a Deus, que nos pede que sejamos bondosos uns com os outros. Também não sabíamos como chegar à fala consigo, por isso mantivemo-nos afastados com medo do *mzungu* e da sua ira, embora na verdade quiséssemos saber se estava a melhorar.

E assim por diante durante uns minutos ditos de generosidade e cortesias melífluas. E ao longo de todo esse tempo Martin sentiu a presença de Rehana ao seu lado e virou-se para ela a cada oportunidade. Escutou a entusiasta amabilidade de Hassanali com um sorriso irónico e ligeiramente incrédulo. Como inquirir mais acerca dela? Que queria dela? Seria casada? Como poderia vê-la outra vez? Ousaria ele? Pára com esse disparate. Que raio te passou pela cabeça? Ao menos vê-la, contemplá-la, olhar para o rosto dela e ver os seus olhos animarem-se, regozijar-se em vê-la. Chegada a hora de dizer adeus, Martin disse: espero ver-vos em breve, incluindo-os a todos, embora o seu desejo fosse dizê-lo a ela.

Pausa

Não sei como aconteceu. A improbabilidade do sucedido ultrapassa-me. Porém, aconteceu mesmo que Martin e Rehana se tornaram amantes. A imaginação falha-me e isso contrista-me. Acreditar que, mesmo desconhecendo os pormenores do caso, chegaria à verdade, já que a imaginação é uma espécie de verdade. Não quero com isto fazer um solipsismo romântico: só é verdade aquilo que sou capaz de imaginar. O que quero dizer é que, mesmo com um conhecimento muito incompleto, podemos imaginar o que poderia ter sido e como terá começado e prosseguido, mas julgo que no caso de Martin e Rehana não sou capaz de estabelecer uma cadeia de acontecimentos que pareça a mais plausível.

Ou talvez esteja relutante em imaginá-lo, como dei por mim a fazer em relação aos eventos que precederam este momento, por escrúpulo pudibundo em imiscuir-me em assuntos que só subtilezas improváveis poderiam ter conjurado. Porventura receie ser incapaz de resistir ao cliché do milagre para descrever um tal encontro. Não quero ver-me na posição de dizer que se apaixonaram à primeira vista e que o resto se seguiu, que se olharam nos olhos, e na alma um do outro, e que esqueceram os deveres que as circunstâncias lhes impunham. Poderá uma coisa assim ser verdade? Essas coisas acontecem? E admitindo que acontecem, como passá-las para o papel? A previsibilidade de uma explicação tão corriqueira faz-me torcer o nariz, por nela não acreditar. É a época em que vivemos. Achamos saber que o milagre é uma mentira e procuramos sempre uma explicação oculta ou refreada. Preferimos como motivação a cupidez e a luxúria, em vez do amor. Achamos mais tranquilizadora a evocação dissimuladamente trocista da nossa sordidez, dos nossos odores e das nossas excreções, do que do nosso recato ou do nosso desejo palpitante por afecto. Já nem podemos ter alma,

tão-pouco, e os nossos recantos interiores secretos são meros lugares de tormentos mal resolvidos, em carne viva e fremente.

Não obstante, seja eu capaz de o imaginar ou não, sei que Rehana Zakariya e Martin Pearce se tornaram amantes. Não me resta alternativa a não ser tentar fazer um relato de como o seu caso terá acontecido. Martin chegou a casa de Frederick com a cabeça a latejar por causa do calor e da claridade. Não parava de pensar no rosto de Rehana, nos movimentos das suas feições e na profundidade complicada dos seus olhos escuros. Apertou a mão a Hassanali, que insistira em acompanhá-lo até à porta, e agradeceu-lhe a hospitalidade e a gentileza. Não tivera coragem de lhe dar a soma de dinheiro que pedira emprestada a Frederick, afinal de contas, pressentindo que tal gesto o poderia ofender ou, no mínimo, causar uma cena, e de uma maneira ou de outra diminuir a generosidade com que o haviam acolhido. Tê-lo-ia feito parecer mesquinho e mal-intencionado, como se pensasse ter encontrado no dinheiro um valor comensurável com a amabilidade humana. Interrogou-se se não seria aquele o momento de fazer a sua oferta, entre homens que conheciam o lamentável valor daquela mercancia no mundo imperfeito em que viviam. Não era uma recompensa pela sua generosidade, mas antes um gesto generoso por si só, uma amabilidade recíproca. Houve, porém, qualquer coisa inegável na atitude de Hassanali que o impediu de o fazer, qualquer coisa de sensível e frágil.

— Obrigado pela sua visita. Será sempre bem-vindo. A nossa casa é sua — disse Hassanali, e depois a claridade ofuscante engoliu-o.

Foi assim que começou. Não pôde deixar que as coisas ficassem por ali. Não conseguia dizer a ele mesmo que Hassanali e os seus vizinhos tinham cumprido o seu dever e haviam cuidado dele como exigiam o costume e o sentido de humanidade. Não podia dizer: saibam que em agradecimento pelo vosso socorro, não deixarei de ressarcir-vos pela vossa gentileza, pagando o bem sem olhar a quem, e dessa forma a cadeia da humanidade ganhará mais um elo. Nem lhe ocorreu que, em troca, fizera mais do que dele se esperava como membro de um povo suserano. Fora apresentar-lhes o seu

agradecimento pelos cuidados que lhe tinham sido dispensados e lamentar os grosseiros e desnecessários insultos e desconfianças de que haviam sido vítimas. A coisa devia ter ficado por ali, e Hassanali e os vizinhos teriam voltado às suas amabilidades medievais e Martin prosseguiria com a sua convalescença enquanto aguardava o navio que o levaria a casa. (Se fosse um príncipe medieval, teria enviado uma bolsa de ouro e jóias após a chegada, são e salvo, aos seus domínios, e tornar-se-ia uma lenda naquelas latitudes.)

Só que não conseguiu esquecê-la. Talvez ele tenha dito para si próprio, não sou capaz de resistir, não consigo conter-me. À medida que pensava nela, o seu desejo (rapidamente nisso se tornou) foi aumentando a cada recordação. Momentos houve em que, ao longo dos dias e das noites que se seguiram, fechou os olhos e a evocou deliberadamente; sentia-a perto dele, sentia o seu olhar e o ligeiro frémito da sua respiração no rosto. Fosse como fosse, não se mostrara grato o bastante pela amabilidade deles, e era presunção e complacência da sua parte achar que uma só visita representava gratidão suficiente pela hospitalidade com que o haviam agraciado. Hassanali insistira nesse ponto. A nossa casa é sua. Achá-lo-iam descortês e presunçoso se *não* lhes fizesse outra visita.

Uns dias após a primeira vez, regressou à loja e sentou-se com os idosos, que se sentiram encomiados com o facto de o *mzungu* ter voltado para cavaquear com eles e até chamaram o vendedor de café para servir o seu convidado. Não estavam acostumados a uma cortesia tão modesta e inopinada por parte de um *mzungu*, que viera dar dois dedos de conversa e tomar um café. Não estavam habituados a Europeus. Os que haviam vivido ou passado pela cidade nos últimos anos não tinham tempo para tais futilidades, sempre atarefados com os seus assuntos importantes, muito sérios, intolerantes a atrasos, impelidos por uma qualquer determinação que os tornava intimidantes. Aqueles com os quais alguns dos locais se haviam cruzado em Mombaça revelavam a mesma atitude: deliberada e resoluto, sempre alerta e iracundos. Aquele, por sua vez, era descontraído, gostava de ouvir os outros e fazia conversa de circunstância em árabe, por mais inesperado que tal fosse.

Talvez Martin tivesse tido a astúcia de enviar a casa de Hassanali, por intermédio de Hamis, um presente composto por bananas e peixe um dia ou dois antes de os ir visitar, apresentando-se como amigo da família, ou pelo menos como tendo obrigações para com ela, e tornando assim possível um convite para nova visita. Do alto do poleiro, na loja, Hassanali deitou olhares ciumentos aos idosos, procurou ouvir a sua incorrigível tagarelice e depois convidou o *seu mzungu* para outro almoço, mostrando dessa maneira àqueles magos fala-barato de quem é que Martin era realmente amigo. Foi desta maneira que Martin reviu Rehana, e depois arranjou uma maneira e uma oportunidade de a abordar. Mas teria realmente Hassanali convidado Martin outra vez? O primeiro convite fora um impulso em nome da hospitalidade, um gesto generoso que se impunha, o segundo seria mais complicado e calculado, uma coisa pensada. Ainda que tivesse havido um segundo convite, porque o impulso para a generosidade ainda não se desvanecera, como é que Martin teria abordado Rehana? Como é que arranjaría uma oportunidade de lhe dizer o que quer que fosse que tivesse conduzido a um desfecho tão inimaginável?

Escreveu uma carta a declarar a sua paixão por ela e a pedir um encontro. Escreveu-a em árabe, laboriosamente, porque não conhecia bem o alfabeto, porque embora falasse mais ou menos a língua, não era proficiente no registo escrito. Uma carta de amor em árabe, como porventura em qualquer outra língua, exigia o domínio das convenções e das metáforas, que sem dúvida não estariam ao alcance do nível de conhecimentos de Martin. Mas passara todo aquele tempo no Egipto e o mais certo era que conhecesse o livro *Modern Egyptians* do orientalista Edward Lane, assim como a sua tradução de *As Mil e Uma Noites*, e em ambas as obras teria encontrado dicas e exemplos sobre como proceder em assuntos do coração. Só que não estava no Egipto, nem na terra da fantasia de Harune Arraxide, nem tão-pouco era uma questão de cintilantes princesas da Pérsia ou da China, portanto talvez a prosa floreada de Lane não fosse a mais adequada. Ainda assim, Martin escreveu uma carta em árabe e, por mais atabalhado que tenha sido o resultado, expôs nela as suas intenções e propósitos. Para o tutor

de uma mulher, correspondência interceptada era prova irrefutável de avanços indecorosos e, portanto, o perigo da descoberta confirmava a seriedade dos desejos que a carta exprimia. Era, além disso, uma forma de namoro consagrada pelo uso numa época em que os encontros informais não eram comuns, sobretudo entre as pessoas ricas e cultas, é claro, mas igualmente entre os menos afortunados. Era o tipo de transacção cujo significado era impossível de interpretar mal, ainda que não fôssemos capazes de ler uma única linha da carta. Talvez Martin Pearce tenha dito para consigo mesmo, uma e outra vez, não consigo resistir, não sou capaz de me conter. Oh, meu Deus, porque não me ensinas Tu a contenção?

Em todo o caso, o enredo revelou-se irresistível para Rehana, que se vira incapaz de parar de pensar no inglês. Respondeu à cautela, sem contudo o desencorajar, à espera de uma segunda ou de uma terceira carta, quem sabe, antes de aceitar um encontro.

Hamis foi o mensageiro, bem entendido. Martin investira tempo e esforço em Hamis, tratava-o com cordialidade, elogiava-o pelo desvelo que ele demonstrava para com a sua pessoa e recompensava-o generosamente (com o dinheiro de Frederick) quando lhe pedia algum favor. Sabia o quanto os subalternos eram susceptíveis àqueles gestos banais, o quanto valorizavam mostras de generosidade e humildade. Assim, depois de ter almoçado pela segunda vez em casa de Hassanali, Martin enviou outro presente — chá e fruta — à família, e quando Hamis o foi entregar, passou também para a mão de Rehana um bilhetinho. Ou, se Hamis recusou o papel de mensageiro do amor, como é o caso de alguns homens por mais humilde que seja a sua condição, por encararem tal tarefa como degradante, talvez o cozinheiro não se tivesse furtado. Na verdade, os cozinheiros eram os veículos perfeitos para tal tráfico, já que o seu trabalho era o das mulheres, levado a cabo em zonas da casa onde homens que podiam empregar cozinheiros nem sempre se davam ao trabalho de visitar e onde bilhetes cuidadosamente dobrados podiam ser transmitidos em segurança. E uma vez que o trabalho deles não era tipicamente masculino, *pareciam* menos ameaçadores para a virtude feminina. Talvez fosse

esta ilusão que tornava alguns cozinheiros tão ferozmente agressivos e grosseiros.

Ou o *wakil*! Não, o *wakil* não o teria feito. Era demasiado respeitável para tal, e nem Martin Pearce nem Rehana eram importantes o suficiente para ele assumir esse risco. Ser descoberto seria prejudicial para um homem cuja profissão dependia de uma reputação de integridade e decência, se bem que toda a gente achasse que os homens das leis não tinham nem uma coisa nem outra. Também não teria o acesso à casa e às mulheres que um criado tinha, e não poderia entregar as cartas a Rehana. Só podia ser Hamis ou o cozinheiro.

E como é que um inglês, que tanto daria nas vistas num lugar como aquele, ia arranjar uma artimanha para levar a cabo o seu propósito? As pessoas que o rodeavam sem dúvida que ficariam curiosas acerca das suas idas e vindas. Tê-lo-iam debaixo de olho, por certo. E o mais provável era que comentassem as coisas sem importância que ele fazia e que achavam invulgares e estranhas. Como poderia ele ter feito uma coisa assim *tão* invulgar sem que o mundo inteiro soubesse? Talvez o mundo inteiro soubesse e Martin não se importasse com isso. Frederick sabia, porque Martin lhe contou tudo após a segunda visita. Frederick recordava-se da bela mulher que correria com ele lá de casa e acenou prudentemente com a cabeça em reacção ao relato entusiasmado de Martin. Conteve-se de perguntar a Martin se perdera a cabeça, mas disse que esperava que ele soubesse o que estava a fazer. Martin explicou que queria que Frederick soubesse para que não ficasse constrangido. Talvez a coisa não desse em nada, mas escrevera um bilhete e queria que Frederick estivesse a par disso, para o caso de haver problemas.

— Desde que esta residência e este gabinete fiquem fora de tudo isso — disse Frederick. — Tome cuidado, meu caro. Esta gente leva estas coisas muito a sério. Bom, toda a gente leva estas coisas a sério. Deixe que lhe conte uma história acerca de um sujeito, na Índia, que se meteu numa situação como a sua. Encantou-se por uma beldade local e teve um caso com ela. Não tardou a ver-se numa situação tal que foi preciso uma compensação bem generosa

para o livrar da ira dos parentes da beldade. O secretário divisional não ficou nem um pouco agradado e o sujeito foi transferido com a mácula daquele escândalo. E não desperdice a sua compaixão na beldade local. Além da choruda indemnização que conseguiu para a família, não perdeu tempo a catrapiscar um *sahib* que era dono de uma plantação de chá e foi viver com ele, lá para os montes.

— Sim — respondeu Martin.

Teria Frederick ousado pregar um tal sermão a Pearce? Ultrapassaria isso os limites que um cavalheiro, ainda que não pertencesse à aristocracia e fosse oriundo da classe média, estabelecia para si mesmo? Em qualquer caso, nessa noite (talvez) Frederick tenha falado pela primeira vez da sua mulher, Christabel, Christie, que viajara para Inglaterra e se recusara a regressar à Índia. As vozes dos indígenas buliam-lhe com os nervos. Ele argumentou que as vozes dos Indianos buliam com os nervos de toda a gente, mas ela não quis saber. Alegou que aquelas vozes a punham doente. Aquelas vozes irritantes, lamurientas faziam-na querer arranhar o interior da sua cabeça com as unhas. E dizia que o Império era uma coisa malévola, que os tornava gananciosos e cruéis para com aquela gente ridícula e ignorante.

— É uma poetisa — acrescentou Frederick —, e houve qualquer coisa que a repugnou ou a fez insurgir-se contra a maneira como a severidade do Império deteriora os sentimentos mais delicados e nos transformou a todos, de acordo com a opinião dela, em impostores e tiranos. Trouxe ao de cima o que há de pior em nós, segundo ela. E não mudou de ideias — disse ele, e acenou com a cabeça num gesto lacónico. Ao fim de um momento de silêncio, acrescentou: — Não sei se não teria razão na parte dos impostores e tiranos.

Ainda assim, mesmo que houvesse maneira de o conseguir, o que teria tornado Martin irreflectido a ponto de querer começar um caso amoroso com uma mulher como Rehana? Não eram pessoas sofisticadas e mundanas, Rehana e Hassanali e Malika, não eram daqueles aristocratas ociosos que ocultavam as suas indiscrições por trás de jardins luxuriantes e de muros altos. Viviam nas traseiras de uma loja, sob o escrutínio dos vizinhos, todos paredes meias uns

com os outros e dominados por um código de honra rigoroso que governava a honra e a sexualidade das mulheres. Estas apenas saíam para se visitarem umas às outras ou para irem ao mercado, quando tal era necessário, ou para cumprirem um dever social: um casamento ou a leitura do Corão depois de um funeral, para felicitar uma vizinha após um parto ou para pedir um empréstimo em tempos de necessidade. Não eram pessoas que tivessem experiência ou sequer interesse em amores clandestinos e que se castigavam impiedosamente por qualquer indiscrição nestes assuntos, com escárnio e vergonha e pior.

Estávamos em 1899, não na época da Pocahontas, em que um romance com uma princesa nativa podia ser descrito como uma aventura. O mundo imperial obedecia a alguma inflexibilidade no que ao decoro sexual dizia respeito. Tornara-se uma extensão da respeitabilidade britânica, e se bem que admitisse alguma boa-disposição a aventureirismo, não incluía galanteios com lambisgóias, pelo menos da parte dos seus funcionários públicos, oficialmente, em todo o caso. Havia esposas e mães a ter em conta, assim como os missionários e a opinião pública e a dignidade e as repercussões de tudo sobre os preços das matérias-primas na Bolsa de Valores. Martin Pearce não era um marinheiro de primeira viagem oriundo de onde Judas perdera as botas, nem tão-pouco um rapazito fanfarrão cheio de orgulho imperial, dominado pela estranheza do que o rodeava ou deslumbrado, a ponto de se tornar impetuoso, pela beleza de uma jóia exótica ou de uma amazonas musculada. O que levaria um inglês com os seus antecedentes — universidade, funcionário colonial, um erudito, um estudioso — a meter-se numa coisa daquelas com a irmã de um lojista numa vilória costeira da África Oriental?

Porventura não tenha sido ele quem tomou a iniciativa. Talvez tenha sido ela quem deu continuação ao primeiro encontro. Rehana não pôde deixar de sorrir quando Hassanali lhe foi dizer que convidara novamente Martin para almoçar. Sorria por vê-lo tão satisfeito com ele mesmo. *Mwengereza wetu kaja kututizama*, disse Hassanali, que sorriu de volta. O nosso inglês veio visitar-nos. Enquanto Malika se apressava a tirar a roupa da corda, varria o

pátio e baldeava a casa de banho, Rehana lavou lentilhas e salada para aumentar a variedade do menu e tornar o almoço digno de um convidado. E ele mostrou-se tão amistoso e tão à-vontade na companhia deles, tratando-os como benfeitores em relação aos quais estava em dívida, olhando para ela com uma franqueza desconcertante. Rehana não esperara nada assim. Depois da segunda visita e dos seus amáveis presentes, sonegar-lhe o caderno parecia uma maldade. Dois dias após a visita dele, pela tarde, rumou a casa do *mzungu* do Governo com o coração aos pulos, não só por temer o *mzungu* do Governo e as suas acusações, mas também porque receava uma cena, um embaraço, caso fosse rejeitada ou tratada com menosprezo pelo homem que fora visitar. Considerara pedir a Hassanali que a acompanhasse, mas depois reconsiderara, achando que se safaria melhor sozinha. A atitude despretensiosa de Pearce conquistara-a e estava crente de que ele não faria uma cena por causa do caderno, que o aceitaria de volta sem recriminações e que seria discreto em relação ao sucedido. Queria também ver uma vez mais o desejo impudico na maneira como ele a olhava.

Chegada à residência do Governo, encontrou o escritório fechado e a porta da frente trancada. Seguiu o muro até deparar com uma porta que dava para o jardim e bastou-lhe empurrá-la para a abrir. Entrou e gritou *hodi* para anunciar a sua presença. Era um pátio sombreado, com uma palmeira jovem ao centro e uns arbustos ao longo do muro. A rua do outro lado fremia de calor, mas o pátio era fresco e perfumado, mesmo ao início da tarde. Do outro lado do pátio, atrás de uma treliça com uma trepadeira florida ficavam os quartos dos criados e a cozinha. Não se via ninguém. Rehana chamou uma vez mais e decidiu que se iria embora, se não obtivesse resposta. Ao fim de um momento, contudo, o rosto surpreendido de Martin assomou a uma janela do piso superior.

Quem sabe se ela não terá pensado que não tinha nada a perder, que tudo o que o futuro lhe reservava era uma vida naquele pátio atrás da loja, a fazer roupa para mulheres que lhe pagavam uma ninharia ou que em troca apenas lhe ofereciam afecto e promessas. Não parecia uma coisa assim tão intolerável, na realidade, para uma

mulher que passara a vida nas traseiras de uma loja naquela cidade e que sabia que a vida das outras mulheres era semelhante à sua. Quiçá fosse muito mais imprudente ou corajosa ou obstinada do que eu a imagino. O abandono de Azad tornara-a voluntariosa, menos sensível ao que outros achavam ser melhor para ela, ligeiramente mais indiferente à opinião alheia. Os homens partiam, ao passo que as mulheres ficavam para trás e morriam ao fim de uma existência passada a adular e a economizar. Assim, quando lhe estendeu o caderno, e Martin o aceitou e sorriu, e depois disso lhe ofereceu a mão para a convidar a entrar, ela aceitou-a e seguiu-o.

Que pensou Burton de tudo aquilo? Que teve Burton a dizer acerca de Pearce? Teria um vagabundo sentido empatia por outro? Teria visto o caso como uma história divertida e descomplicada de luxúria e gratificação, e teria Martin descido na sua consideração pela sua falta de contenção e de discrição, por ter feito um grande espalhafato em redor de uma coisa tão banal? De início, talvez. Mais tarde teria zombado da tamanha cegueira de um tal caso amoroso, sem dúvida. O homem foi longe demais, teria comentado. Desta vez foi mesmo longe demais. O caso terá provocado uma discussão entre Rehana e Hassanali? Por certo que sim. Ele tê-la-á repreendido por ter perdido toda a noção do que é respeitável e tolerável. Tê-la-á sermoneado pela vergonha que lhe causou. Terá presumido que ela perdera o juízo.

O que eu sei pelo meu irmão Amin é que aconteceu mesmo, que Rehana Zakariya e Martin Pearce se tornaram amantes, que Martin Pearce partiu para Mombaça e que, pouco tempo depois, sob o pretexto de uma visita a familiares, Rehana se juntou a ele. Viveram juntos num apartamento que ele arrendou no bairro frondoso perto de onde o hospital fica agora, que era onde os Europeus viviam na altura. Martin e Rehana viveram juntos abertamente, por um tempo, até que ele voltou para casa. Em determinada altura, Pearce ganhou juízo e rumou ao seu país.

O meu irmão Amin sabia esta história porque teve consequências para ele, mas não me pôde contar muitos detalhes acerca dela por várias razões, a mais importante das quais foi eu não estar lá na altura em que ele o poderia ter feito. Podia tê-lo feito numa carta,

mas preferiu manter o silêncio, durante muitos anos. Há coisas que não podemos escrever numa carta, que exigem intimidade, que reclamam presença. Então, numa carta, há uns meses, Amin falou de Jamila pela primeira vez desde que me vim embora. Pensara muitas vezes em Jamila e em Amin e no que acontecera entre eles e no que isso significava ainda. Em certo sentido, o silêncio do meu irmão fez-me entender coisas que não teria pensado acerca dele, e levou-me a cogitar na obstinação e na angústia. Quando lhe escrevi a propósito de Grace, ele respondeu a dizer que as minhas notícias o tinham entristecido e levado a pensar em Jamila. Foi a primeira vez que fez alusão a Jamila numa das suas cartas, a primeira desde que eu saíra de casa, há uma eternidade, e este regresso súbito de Jamila às nossas vidas fez-me querer contar a história deles, de Jamila e Amin. Talvez fosse uma maneira de não pensar em Grace. Não sei. Tinha tempo livre. Ninguém a quem apaziguar ou adular para receber afecto, e queria pensar em Amin, torná-lo mais próximo, recordar as coisas que perdera.

Nessa altura, achava que havia qualquer coisa de trágico na vida de Amin, um pesar profundo, ao passo que a minha existência e as suas melancolias eram o resultado de inépcia e timidez. Fosse como fosse, o impulso para escrever a história deles não desapareceu, e depois de ter adiado a ideia por um tempo, decidi arregaçar as mangas. No entanto, quando comecei a pensar nestes acontecimentos e nessa vida, descobri que tinha de relatar como tudo havia começado. E não podia fazê-lo sem imaginar de que maneira Rehana e Martin se tinham juntado, e para tal só tinha alguns rumores e fragmentos de informação. Decidi que começaria com a primeira aparição do inglês. Agora que cheguei ao momento crucial, vejo-me de repente em dificuldades perante o que não consigo imaginar totalmente.

Há, como podem ver, um eu nesta história, mas não é uma história sobre mim. É uma história sobre todos nós, sobre Farida e Amin, os nossos pais, e Jamila. Revela que uma história contém muitas outras, e que elas não nos pertencem, mas se confundem com o curso do nosso tempo, que se apoderam de nós e nos enleiam para todo o sempre.

SEGUNDA PARTE

5

Amin e Rashid

Do outro lado da rua ficava uma enorme casa em ruínas. O reboco estava corroído em alguns sítios e deixava à vista o coral e a terra que compunham as paredes. Em algumas das janelas, as portadas de madeira não tinham ainda caído por milagre e as cortinas andrajosas ondulavam ao calor, um simulacro de privacidade. Às vezes, das janelas pendiam redes de pesca. Os homens da família eram pescadores e acontecia trazerem as redes para casa e pendurarem-nas nas janelas, por algum motivo. A multidão que vivia na casa entrava e saía sem parecer dar-se conta da precariedade do edifício, e as galinhas que se empoleiravam em todos os cantos e recantos das escadas também não se ralavam com isso, aparentemente. A Rashid aquela casa cheirava a decrepitude e os seus sentidos eram até capazes de antecipar as nuvens de poeira que acompanhariam o colapso dos soalhos. Cheirava também a escamas de peixe e a dejectos de galinha, e a hálito humano, como se fossem as entranhas de um ser vivo. Não tinha electricidade, e depois de uns quantos passos no escuro ficava-se com a impressão de se estar numa enorme cave. Durante as chuvas fortes do *musim*, ficava à espera de que a casa fosse levada pela enxurrada, mas não. Resistia, ano após ano, à beira do aluimento, obstinada como a história.

A casa *deles* era luminosa e arejada, porque a mãe gostava que assim fosse. Mal entrava, abria as janelas todas para que a brisa circulasse, fazendo ouvidos moucos das vontades alheias, distribuindo perguntas e tarefas e pondo toda a gente em sentido. *Tenho de ser eu a fazer tudo nesta casa?* Tinha gosto nisso, apreciava um pouco de confusão e caos à sua volta, pelo menos durante um tempo.

Eles eram três: Rashid, Amin e Farida. Rashid era dois anos mais novo que o seu irmão Amin, que, por sua vez, era dois anos mais novo que a irmã mais velha, Farida. Dois anos, um mês e doze dias. Amin gostava de enumerar, contar e cantarolar esta diferença para irritar Rashid, quando essas coisas ainda tinham o poder de irritar e humilhar. Dois anos, um mês e doze dias, e assim será sempre, faças o que fizeres, digas o que disseres, para todo o sempre. Houve uma época em que Amin repetia aquela cantilena uma e outra vez, incansável e impiedosamente, para todo o sempre, e, sabe-se lá porquê, Rashid achava aquela ladainha dolorosa, a ponto de se lançar para o chão num pranto de baba e ranho. Então, Amin calava-se e ficava a ver o irmão chorar, espantado com a intensidade da sua angústia. Que um tal sofrimento pudesse resultar das suas palavras trocistas, que o corpo pequenino de Rashid fosse sequer capaz de tais soluços. Sentava-se ao lado dele e dava-lhe palmadinhas gentis para o acalmar, sorrindo fascinado com aquele drama sublime.

Amin tinha outras formas de atormentar o irmão mais novo, mas aos poucos e em virtude da intervenção dos pais ou de Farida, estas torturas tornaram-se um segredo partilhado apenas pelos dois. Não eram bem torturas — não havia contusões ou ferimentos, nem sequer humilhações —, apenas palavras trocistas e risadas, ou às vezes um empurrão desmedido ou um furto em plena luz do dia (berlindes ou rebuçados), e um desejo inexorável e não negociável de supremacia. Rashid aprendeu bem cedo que não havia como evitar aqueles tormentos, que constituíam o preço a pagar pelo amor do irmão, um preço necessário para aceder ao ritual da intimidade. Nem sempre bastava que Rashid fosse dócil e obediente. Havia alturas em que Amin queria exhibir-se, queria alardear a sua onnipotência, ser obedecido sem restrições, ainda que, a maior parte das vezes, se contentasse em levar apenas a melhor. Este regime atingiu o pico da brutalidade quando eram ainda miúdos. À medida que foram crescendo, Rashid tornou-se menos complacente e Amin mais sereno, mais subtil e perito em dissimular o seu predomínio, adiando com habilidade os momentos de rebelião. O comportamento alheio fazia com que fosse mais

difícil para Amin abrir mão daquela influência, porque as pessoas tratavam os dois como se fossem o oposto um do outro. Por um tempo, Farida tentou o inverso e às vezes fingia que os confundia. Os demais, dos pais aos familiares até aos vizinhos mais distantes e aos meros conhecidos, tratavam-nos como se nada os assemelhasse.

Num lugarejo como aquele, nenhum vizinho morava assim tão longe e nem havia propriamente conhecidos; toda a gente sabia quem toda a gente era. Em todo o caso, ninguém estava disposto a abdicar do direito de bisbilhotar e de se meter na vida dos outros, de ficar chocado com a infracção de um e com a incúria de outro e de esperar que aqueloutro atraísse uma qualquer calamidade sobre os seus, e ouçam bem o que vos digo. Para os dois irmãos, alguns eram apenas caras conhecidas que viam na rua, rostos sem nome e sem história, porém nem estas pessoas hesitavam em dar uma opinião ou em fazer distinções entre eles. Eram diferentes, sem dúvida, naquelas pequenas insignificâncias que nos permitem falar de individualidade e de singularidade ao mesmo tempo que seguimos a carneirada, mas havia, contudo, uma espécie de fórmula cruel no tratamento que recebiam. Amin era o mais velho e Rashid o mais novo. Farida não contava para esta equação por ser uma rapariga e, portanto, era encarada de maneira diferente, com um calendário separado de transformações e expectativas. Quanto aos irmãos, no início tudo se resumia a isso: o mais velho e o mais novo, mas daqui derivou uma história acerca da diferença entre ambos cuja consequência foi um novelo de prerrogativas e proibições triviais que se tornou difícil de modificar à medida que eles cresciam.

Em casa, Amin foi sempre Amin, mas Rashid teve de responder a uma variedade de diminutivos. Em menino, era Shishi ou Didi, ou mesmo Rara, apodos descuidadamente cunhados por ele mesmo, em resultado da dificuldade em pronunciar o próprio nome. Desde cedo aprendeu a fornecer os meios pelos quais se expunha a dificuldades e ao escárnio. Depois tornou-se Kishindo, que significa algazarra, porque o achavam barulhento e inquieto. *Kishindo kishafika*. Para alguns, tais alcunhas são uma expressão de afecto,

e aqueles que nunca tiveram de responder a elas poderão até invejar os que tiveram, crendo-se mal-amados ou amados com reserva. A Rashid, porém, as alcunhas irritavam-no, sentia-as como chacota, mais do que afecto, e odiava a risota orquestrada que se seguia a qualquer dos seus protestos. Acima de tudo, detestava não lhes ser indiferente, não conseguir rir delas também, não ser capaz de se juntar à troça. Era com grande esforço que se continha de fugir de casa em pranto quando a chacota começava. Mais tarde, foi *Mtaliana*, o italiano, o apodo que mais tempo resistiu.

Eis como granjeou tal alcunha. O tio Habib, irmão do seu pai, trabalhava na secção de remessas da Alfândega, que ficava na marginal. Amin e Rashid iam às vezes postar-se na entrada do edifício só para o ver sentado atrás do comprido balcão, com o enorme relógio na parede atrás dele e as ventoinhas de tecto a girar tão depressa que as lâminas se transformavam num borrão. Seria no regresso da escola corânica, quando, tendo tomado o caminho mais longo, pelo bairro de Forodhani e ao longo da marginal, decidiam fazer um desvio. Ou então era nas férias escolares, quando as crianças e os jovens ociosos se metiam em todos os escaninhos da cidade. Então, se a entrada não estivesse apinhada de comerciantes e escriturários, entravam e ficavam no vestíbulo ladrilhado, apequenados pelas colunas e pelas janelas imensas que enchiam a sala de uma luz subaquática. Se houvesse pouco movimento e o tio Habib os visse, fazia-lhes sinal para que se acercassem e inclinava-se por cima do balcão para lhes apertar a mão, e eles riam de prazer, vaidosos.

Tinham vários tios, mas aquele era o mais glamoroso, porque estivera na guerra com as forças britânicas, na Abissínia. Em casa, tinham uma fotografia de estúdio emoldurada dele com a sua farda do KAR, a aba do chapéu dobrada em direcção ao cocuruto, como um colono europeu, e a correia a vincar-lhe as bochechas. Foi ele que deu a Rashid um guia de conversação do italiano numa edição de bolso.

O tio Habib recebera-o de presente de um agente de uma concessionária de automóveis que começara a comercializar lambretas *Vespa*. Isto passou-se na época em que uma tal ninharia

era o bastante para granjear a boa vontade de funcionários subalternos, em que tais ofertas eram conduzidas às claras, sob a abóboda verde, sustentada por colunas, da Alfândega, à frente das enormes portas tachonadas que davam para a marginal. (O edifício da Alfândega ainda lá deve estar, imagino, se bem que por esta altura seja provavelmente um café para turistas chamado O Papagaio Azul ou o Espadim Azul ou qualquer coisa Azul.) Naquela época, o agente da Kapadia Motors podia oferecer um guia de conversação do italiano, um póster de um canal de Veneza ou de uma fila de ciprestes numa colina toscana e agilizar desse modo os seus negócios com o funcionário aduaneiro. Se nesses intercâmbios havia alguma coisa de furtivo, tal devia-se ao facto de as ninharias serem preciosas. Eram penhores do vasto mundo, que era sempre mais asseado e radioso que o mundo sombrio e familiar do quotidiano. Este mundo vasto não tinha de ser europeu. Podia ser um calendário japonês, com imagens de casas de papel delicadamente iluminadas e de arbustos em miniatura de azáleas em flor. Ou de uvas do Líbano envoltas em papel de seda e empacotadas em caixas com a estampilha de um cedro, ou tâmaras iraquianas numa embalagem ilustrada com o desenho de um oásis. Nada que fosse indiano, pois isso fazia parte do odoroso dia-a-dia. Europeu era melhor, porém. A Europa era distante e intimidava de uma forma complicada, e aqueles penhores eram uma espécie de membros do seu corpo tentacular, consumidos e manipulados com avidez. O agente não queria desfazer-se destas valiosas bagatelas nas mãos de um qualquer transeunte de olhos ardorosos que por ele nada faria.

Nestes nossos tempos, mais vorazes, tais oferendas seriam ofensivas. Apenas serviriam para apressurar irritação e atrasos. O funcionário alegaria assuntos urgentes algures, e quando ficasse finalmente disponível, talvez se mostrasse retraído. Poderia levar a cabo uma busca concertada e meticulosa à mercadoria, seguir à risca os procedimentos burocráticos, talvez até aludisse a uma acção judicial pela transgressão de um regulamento aduaneiro até então desconhecido. Isto não quer dizer que o presente requerido tivesse de ser substancial a ponto de ser depositado numa conta

bancária na Suíça, não no caso de um funcionário aduaneiro, se bem que tal dependesse de onde se estava e do que se tinha para expedir. Nem precisava de ser assim tão substancial, e o mais das vezes apenas se esperava que fosse uma oferta cortês, um sinal de gratidão, uma esmola, necessária à auto-estima do funcionário e aos insignificantes luxos que o parco salário não lhe permitia. É que, é claro, as exigências da família alargada nunca cessavam, e até os cigarros eram caros.

O que mudou assim tanto para que os nossos tempos sejam tão insubmissos, quando antes não o eram? O que havia de tão diferente então, a ponto de o tio Habib poder aceitar um guia de conversação e um póster com entusiasmo e agilizar os negócios da Kapadia Motors com um sorriso, sendo que agora seria apontado como ganancioso e corrupto, provavelmente? Os Ingleses foram-se embora, foi isso que aconteceu. Quando aqui estavam, tudo era gerido como se de uma escola para macacos se tratasse. Isto é proibido, aquilo não é permitido. Errado, errado, cadeia contigo. Retrógrados, corruptos, infantis; só nós, Britânicos, somos honestos e inteligentes e eficientes. Os líderes mais honestos, mais justos e mais eficientes desde o dealbar dos tempos. Depois foram-se embora, regressaram às suas corrupções ingovernáveis e os macacos assumiram o controlo. A cupidez mesquinha do funcionário aduaneiro não chega aos calcanhares dos cartéis geridos às claras pelo presidente e seus ministros, obviamente, mas o exemplo está dado, para quem o quiser seguir.

Fosse como fosse, naqueles tempos mais moderados, o tio Habib aceitou o guia de conversação em italiano e apertou a mão do agente da Kapadia Motors nos degraus da Alfândega, à vista de quem quer que deambulasse pela marginal. Depois, nessa mesma tarde, deu o guia ao seu sobrinho de nove anos, Rashid. Guardou o póster dos ciprestes toscanos para ele mesmo.

Rashid não sabia ao certo o que era, mas havia qualquer coisa acerca daquele guia de conversação que o atraía. Talvez fosse a ideia de haver um compêndio de expressões e frases que pudesse desenvencilhar-nos ao longo da vida que o cativasse. Ou quiçá fossem as palavras italianas, ou os sons que ele conseguia produzir

com base no que lia, se bem que não houvesse ninguém capaz de ensiná-lo a pronunciar as palavras impressas no guia. Ninguém seu conhecido falava italiano ou alguma vez o ouvira ser falado, à excepção do tio Habib, que teria escutado vários italianos pedinchar favores. Porventura fosse ao mesmo tempo o livro e o prestígio do tio Habib como soldado que combatera os italianos que exacerbava o encanto do guia. Ninguém podia perguntar o que quer que fosse acerca da guerra ao tio Habib, que se limitava a franzir a testa, a rir ou a fazer ouvidos moucos da pergunta, por isso Rashid não podia testar com ele a sua pronúncia.

Rashid aprendeu e praticou várias das expressões e, quando podia, respondia a perguntas em italiano, ou o que ele pensava ser italiano. Era uma façanha espectacularmente popular. Ao princípio, só falava italiano em casa, onde a sua algaravia incompreensível fazia toda a gente rir. Depois, à medida que a sua fama alastrava, as pessoas faziam-lhe perguntas na rua, inesperadamente, só para o ouvirem declamar. Em casa, começou a abespinhar a família quando se recusava a responder a perguntas excepto em italiano, mas ainda assim achavam-lhe graça. Uma vez, Farida roubou-lhe o guia e escondeu-o algures (debaixo do seu colchão, veio a revelar-se), porque já não aguentava mais aquele charabiá, mas Rashid fez uma fita tão grande, recusando-se a falar e a comer, e até a olhar a mãe nos olhos, a despeito das piores ameaças, que tiveram de lhe devolver o guia. A enxurrada de italiano foi retomada, dessa feita com uma malícia triunfante de cada vez que Farida estava por perto e havia alguém à mão de semear que o pudesse proteger dos seus beliscos e piparotes. Acontecia o pai pegar no livro, quando estava de maré, para ver se era capaz de identificar as expressões, e para confirmar se Rashid estava mesmo a dizê-las ou apenas a fazer ruídos. Anunciou à família que sim, que efectivamente ele falava italiano. E foi assim que Rashid se tornou *Mtaliana*. Mas até essa alcunha, que ele atraía sobre si, fruto do seu exibicionismo, e que durante tanto tempo o fez sorrir, acabou por odiar uma vez chegado à adolescência, porque os miúdos lha gritavam na rua à sua passagem.

Mas não eram só as alcunhas e as arrelias. Era a maneira como

toda a gente o fazia sentir-se irresponsável e frouxo. Qualquer instrução era transmitida a Amin. Em havendo dinheiro envolvido, para uma ida ao mercado ou para o entregar a alguém, esse dinheiro era confiado a Amin. Por vezes, era dinheiro para Rashid, mas ainda assim era entregue a Amin: isto é para o teu irmão, para ele comprar as sandálias, para ir ao cinema, para pagar qualquer coisa na escola. Toma conta do sonhador.

Para piorar as coisas, e talvez para justificar estas reservas acerca dele, a primeira vez que lhe foi confiado dinheiro, Rashid perdeu-o. Só tinha oito anos na altura, mas, ainda assim, devia ter-se saído melhor. Devia ter-se dado conta de que a sua reputação estava em jogo, de que a história é composta de uma sucessão de momentos semelhantes e que cada um deles conta. Eis como tudo aconteceu. O professor deu-lhe um bilhete para ele entregar à mãe. Não, ele não pensou que estivesse relacionado com alguma coisa de mal que tivesse feito na escola. Não era dessa maneira que as coisas funcionavam. Para começo, a maior parte dos pais não sabia ler, portanto era o culpado que tinha de se autodenunciar. Até as crianças sabiam qual a atitude mais avisada a tomar numa tal circunstância. Por outro lado, o professor era perfeitamente capaz de fazer saber a uma criança que se portara mal, sem deixar margens para dúvida. Na verdade, dir-se-ia que os professores estimavam, acima de tudo, este aspecto da sua profissão. Não, Rashid não achou que houvesse alguma coisa de suspeito em levar um bilhete escrito por um homem à sua mãe. Era demasiado jovem para isso e, em qualquer caso, era sabido que o professor escrevia bilhetes a determinados pais, de tempos a tempos, a pedir-lhes dinheiro emprestado. Habitualmente, fazia-o perto do final do mês, e não tardava a pagar o que devia, usando as crianças como mensageiros. Além disso, as crianças tinham um medo de morte do professor, que nunca sorria para elas, mas que às vezes ria desconcertantemente, outras tinha ataques de raiva imprevisíveis, gesticulava exasperado e dava carolos na nuca de quem estivesse por perto. Assim sendo, nunca lhes passava pela cabeça interrogarem-se acerca do significado das instruções que o

professor lhes dava, jamais. Pendiam a cabeça e obedeciam, pois era assim que o professor queria.

Sem contar com os empréstimos que pedia aos pais dos alunos, o professor tinha outras maneiras de incrementar o seu rendimento. Todas as manhãs começava a aula mandando a turma pôr-se de pé e recitar uma qualquer tabuada, uma dessas práticas encantadoras herdada directamente e sem alteração do sistema educativo inglês. A recitação podia ser feita numa língua diferente, mas o efeito moral era o mesmo. As crianças punham-se de pé atrás das respectivas carteiras, com os braços a pender ao lado do corpo, e esperavam que o professor anunciasse o número daquele dia, cantarolando as primeiras palavras, por exemplo *Tatu mara moja*, três vezes um. Depois postava-se de frente para a turma a ouvir os miúdos cantar a tabuada, sorrindo de prazer ao ouvir as suas tensas vozes infantis, fechando os olhos por breves instantes e balouçando docemente como que ao ritmo de uma sonora *qassida*. Se uma voz pronunciasse as palavras erradas, os seus olhos localizavam-na inequivocamente e fitavam o infractor com um olhar que prometia sofrimento. *Tatu mara moja tatu, tatu mara mbili sita, tatu mara tatu tisa* e por aí adiante. Às vezes, se não estivesse satisfeito, se não estivesse ainda cansado de ouvir as vozinhas tensas, ordenava outro número. Por fim, fazia uma colecta.

À medida que chamava um nome a seguir ao outro, seguindo o livro de ponto, cada criança tinha de se dirigir à secretária do professor e depositar uma moeda de cinco cêntimos num prato que ele lá tinha. A presença do aluno era então registada. O professor nunca dizia para o que era o dinheiro, mas não era preciso ser uma criança prodígio para adivinhar que aqueles preciosos cêntimos iriam acabar na sua pança. O professor sabia que a maioria das crianças recebia uns quantos cêntimos para comprar um sumo de fruta ao intervalo ou um pequeno cone de frutos secos e, desse modo, sentir que era bom ir à escola. O professor aliviava-os de alguns desses cêntimos antes que fizessem mau uso deles. Se uma criança não tivesse dinheiro, ia pedir emprestado a um colega mais abastado. Havia sempre um com demasiado medo de não entregar os cêntimos que tinha a mais. O latagão da turma geria um

esquema só seu, forçando alguém todas as semanas a comprar-lhe qualquer coisa inútil e exigindo um pagamento de cinco cêntimos por dia, que depois entregava devidamente ao professor aquando da chamada: uma espécie de contributo pessoal para a felicidade do professor.

Cinco cêntimos agora não são nada, ou menos que nada, até. A moeda já nem sequer existe. Na altura, no início da década de 1950, com essa quantia poderíamos comprar uma bela manga, e com o dobro levaríamos para casa um pão ou uma mancheia de espinafres ou uma mandioca assada ou um prato de batata *na urojo* comprado no Adnan, ou até uma pequena espetada de carne grelhada. Naquela altura, cinco cêntimos não era uma ninharia para um miúdo de oito anos. Agora, uma manga pequena custa vinte xelins. Antes, esse dinheiro dava para comprar quatrocentas mangas, e o mais certo era que o vendedor acrescentasse mais uma dúzia como *bakhshish*, por ser um bom cliente. Adiante. Terminada a sua colecta diária, para a qual teriam contribuído cerca de quarenta alunos, o professor já tinha mais do que o suficiente para o jantar. Habitualmente, logo a seguir, dava umas moedas a uma das crianças e mandava-a a um café ali perto buscar um copo de leite, para assim poder dar um início saudável ao seu dia de trabalho. Os outros professores sabiam desta prática diária, os pais *idem* aspas, no entanto ninguém dizia nada. Era um professor, uma figura de respeito. Era-lhe permitido ser excêntrico, e as anedotas acerca das suas extravagâncias e idiossincrasias acabariam por tecer um mito que, com o decorrer do tempo, pareceria menos opressivo. Todos os professores eram assim, afamados por uma bizzarria ou outra, que podiam constituir crueldades ou tiranias exercidas sobre as crianças, insultos e intimidações e violência; assunto sério, se as examinássemos de perto, mas, apesar disso, toda a gente ria, ou sorria pelo menos, destes excessos, e, com isso talvez, faziam-nos parecer inofensivos. Assim eram as coisas, sempre. Para os pais, confrontar um professor era mostrar ingratidão, era humilhar o professor, e chegar a tanto por uns míseros cêntimos seria impensável.

Seja como for, o professor encarregou Rashid de levar um bilhete

à mãe e no dia seguinte a mãe deu-lhe um envelope com dinheiro para ele entregar ao professor. Uns dias depois, no final da aula, o professor tornou a chamá-lo e deu-lhe dois bilhetes para levar à mãe, e acrescentou umas palavras de agradecimento sussurradas. É que, a despeito da maneira como tratava as crianças, o homem era cortês. Quem se cruzasse com ele na rua veria um homem sorridente de boas maneiras, como costumamos dizer. Não imaginaríamos o terror que ele impunha nas aulas.

Era uma sexta-feira à tarde, e à sexta-feira as aulas terminavam meia hora mais cedo para que as crianças pudessem ir às orações. Rashid correu para casa, atirou os calções do uniforme escolar para a pilha da roupa suja sem pensar duas vezes, vestiu a roupa de ir à mesquita e foi ter com os outros rapazes à sombra da figueira-de-bengala junto ao mar até se fazerem horas de irem à *juma'a*. Só se lembrou do dinheiro quando, na segunda-feira de manhã, foi vestir os calções e sentiu uma bola de papel no bolso. Não falara do recado a Amin. Queria ser ele a fazê-lo, sem a interferência, sem os conselhos de Amin. Se o tivesse mencionado, Amin tê-lo-ia lembrado de devolver o dinheiro e Rashid não teria tido de abeirar-se da mãe com a bola de papel seco na mão e um rosário de desculpas ridículas e lacrimosas. «Eu não digo?», ralhou a mãe. «Este rapaz até perdia a cabeça, se não estivesse presa ao corpo.» Neste aspecto, as mães são iguais em todo o lado. Usam as mesmas frases feitas e dizem as mesmas palavras injuriosas aos filhos mais novos. Após o que, as coisas voltaram ao que eram: Amin, certifica-te de que o Rashid entrega os trabalhos de casa, vai ao barbeiro, vem directo para casa depois das aulas, e por aí adiante.

Havia algumas vantagens para Rashid naquele estado de coisas, desagradável sob outros aspectos. Se houvesse lugar a algum ralhete, por uma qualquer tolice ocorrida na rua, por roncearem num cruzamento movimentado demasiado perto de carros de mão ou ciclistas, ou por lançarem fruta podre um ao outro ou por discutirem aos berros, o metediço que se encarregasse da admoestação dirigi-la-ia a Amin, culpando-o até por negligenciar o irmão mais novo. Em casa, Amin suportava as consequências das infracções cometidas

em conjunto, e nessas ocasiões Rashid arranjava maneira de ficar longe do perigo, fazendo caretas e um ar acabrunhado ao pobre do irmão e juntando uma pequena fungadela caso alguém olhasse para ele. Estas cenas terminavam de uma de três maneiras. Primeira: Amin ouvia a reprimenda calado, de olhos baixos, simulando opróbrio e contrição, e tudo terminava bem, com os pais a suplicarem-lhe em tom de angústia que não deixasse o que sucedera voltar a acontecer. Era até possível que uma moeda mudasse de mãos no final de uma tal cena, para compensar as palavras duras pronunciadas. Segunda: Amin não conseguia ficar imune às palhaçadas de Rashid, o pai ou a mãe exasperavam-se com a sua atitude leviana perante o ralhete, e a cena terminava com tabefes e bofetadas e palavras duras. Terceira: se Farida estivesse por perto, denunciava Rashid de imediato, e o progenitor virava-se e apanhava Rashid em flagrante delito. E assim sendo, era ele o alvo dos tabefes e das bofetadas, que recebia berrando e gritando histrionicamente. No geral, contudo, se houvesse que arcar com consequências desagradáveis, era a Amin que cabia voluntariar-se. Se houvesse um recado para fazer, quase de certeza que seria Amin quem se encarregaria dele. Se restasse apenas um pedaço de qualquer coisa apetitosa, era dele que se esperava a abnegação de o deixar para o irmão mais novo. Estas regras não se aplicavam a Farida, que era rapariga, e que portanto estava sujeita a outras regras, e fosse como fosse, sabia como proteger-se.

Os ralhetes, os tabefes e as bofetadas só duraram enquanto foram miúdos, é claro, mas o padrão manteve-se. Toda a gente tratava Amin como se fosse quase adulto, e esperava-se que fosse calmo e responsável; já Rashid era tratado como uma criança, impulsiva e sonhadora. Os irmãos tinham consciência disto, de como os demais os tratavam e os viam, e beneficiavam disso de uma variedade de maneiras mais ou menos autograticantes. Nunca falavam disto abertamente, mas desenvolviam estratégias que levavam em conta a maneira como eram vistos pelos outros, e depois sorriam quando conseguiam levar a deles avante. Era importante para eles serem irmãos. Eram unha com carne. Estavam habituados um ao outro. Assim, desempenhavam aqueles papéis,

contra a sua vontade, ao princípio, depois mais voluntariamente, de irmão mais velho responsável e de irmão mais novo impetuoso, mas à medida que iam crescendo tornou-se evidente que havia ali um fundo de verdade. Que era uma coincidência feliz e pertinente, um alinhamento de contingências. Ou isso ou a socialização operou de uma forma mais profunda no caso deles do que sucede em geral na educação das crianças. Amin, o fidedigno; Rashid, o sonhador.

Quanto mais os três irmãos cresciam, mais se consolidava a opinião que os pais tinham deles. Em larga medida, encaravam Amin e Rashid como acima mencionado, forjando o seu caminho na vida com as ferramentas que esta lhes dera. Farida, por seu lado, representava uma verdadeira preocupação, sobretudo para a mãe. Era descontraída/bonacheirona (preguiçosa) e muito sorridente (pateta). Parecia não ter outra ambição que não fosse brincar com as amigas ou visitar as vizinhas na sua casa velha e decrepita. Pô-la a fazer os trabalhos de casa era um calvário que a mãe se auto-impusera. Usava de ameaças e, quando isso não resultava, adulava, e, quando isso funcionava apenas em parte, sentava-se e, basicamente, fazia ela os trabalhos de casa. «Este mundo não é gentil para mulheres que não cuidam delas mesmas», dizia ela a Farida, que fazia um ar trágico por saber que era isso que se esperava dela quando a mãe falava da maneira como o mundo tratava as mulheres. Assim que recuperava a sua liberdade, era só sorrisos e estava de imediato preparada para ir visitar os vizinhos ou para se sentar à conversa com quem quer que estivesse disponível. Farida adorava deitar conversa fora, e quando não havia ninguém por perto para cavaquear, tagarelava com uma almofada ou um guarda-chuva ou uma cadeira. Até gostava de ajudar nas tarefas domésticas e acontecia-lhe meter conversa com os objectos que limpava ou lavava. Só o fazia quando estava sozinha, ou achava que estava sozinha. A mãe tornou-se menos severa com o passar do tempo. Ela mesma tivera de se esforçar muito para se tornar professora e custava-lhe a esconder o desapontamento que a falta de interesse de Farida nos estudos lhe provocava.

Chegou a altura em que Farida acabou os estudos, ou, melhor, em que os estudos acabaram com ela. Tinha treze anos. Reprovou o exame de entrada na escola secundária. Só havia um na cidade, em toda a ilha, no país inteiro, que consistia em várias ilhas e numa população de meio milhão de pessoas. Todos os anos, centenas, milhares de raparigas apresentavam-se a exame e apenas uma trintena delas era admitida na escola. Para a maioria, era o primeiro e último exame da sua escolaridade. Os nomes das alunas escolhidas eram lidos na rádio nacional, não só para que a notícia se espalhasse o mais depressa possível por todos os recantos do minúsculo país, mas também para realçar a magnitude de tal proeza. As pessoas sentavam-se num silêncio tenso em redor do rádio enquanto o locutor lia os nomes com o mesmo tom solene usado para anunciar a morte de uma personalidade eminente. Farida foi uma de entre os milhares de raparigas cujo nome não foi lido.

Se bem que nunca tivesse parecido especialmente interessada em competir pela escassa probabilidade de ser escolhida, Farida encarou a reprovação com um sentimento de injustiça e cólera. Irrompeu em lágrimas e desabou nos braços calorosos da mãe. Fora excluída, alegou, fora-lhe negada qualquer hipótese de chegar a algum lado. Não havia futuro para ela, qualquer réstia de futuro. Havia uma escola mista gerida por freiras, mas era para cristãos. Nenhum pai com dois dedos de testa mandaria os filhos para lá, sobretudo as raparigas, para que fossem corrompidos, aviltados e transformados em infiéis. Depois havia a escola Aga Khan, para crianças ismailis. Quem não era ismaili tinha de pagar propinas e ter notas elevadas. As de Farida não eram elevadas o suficiente para que fosse admitida. Não havia, portanto, nada para ela.

A mãe considerou abandonar o ensino para ficar em casa com ela, para a ensinar e olhar por ela, mas toda a gente lhe disse que seria um sacrifício absurdo. O marido dissuadiu-a, assim como as irmãs, o irmão e até a própria Farida.

Feisal, o pai, argumentou:

– Trabalhaste arduamente e agora a tua recompensa é seres útil aos outros e fazeres o que te granjeia respeito. As pessoas como tu

constituem um exemplo para os outros, são um desafio à brutalidade e à coacção que temos de aprender a mudar. As pessoas podem olhar para o que fizeste e dizer, *Alhamdulillah*, nem tudo é mau se uma pessoa puder instruir-se e exercer uma profissão que sempre lhe esteve vedada, se puder ser útil e, ao mesmo tempo, sentir-se pessoalmente realizada. Como é que podes sequer pensar em desistir? Havemos de encontrar uma solução.

Halima, a irmã da mãe, alegou:

— Ela que venha para minha casa enquanto tu decides. A ajuda dá-me jeito. Não há razão para abrires mão do teu trabalho, sobretudo depois da maçada que foi para toda a gente até o conseguires. *Lo Mwana*, tem calma. Ela não está pior que milhares de outras.

— Isso foi o que toda a gente me disse quando eu tinha a idade dela — disse a mãe. — E se lhes tivesse dado ouvidos, teria ficado em casa a cozinhar e a tomar conta de crianças para o resto da vida.

— Como eu — respondeu Halima, com uma risada e estalando os dedos ao mesmo tempo para mostrar que a comparação depreciativa da irmã não a afectava. — Mas se lhes tivesses dado ouvidos, terias tempo para desfrutar de cuidar dos teus filhos e de cozinhar para o teu marido, e até terias tempo para sair e estar com outras pessoas, em lugar de andares a correr para todo o lado como uma louca.

— Eu cuido dos meus filhos — replicou a mãe, ofendida como sempre com aquela irritante acusação. — E cuido do meu marido. Pergunta-lhes, a ver se têm alguma queixa. Pergunta-lhes.

— Não preciso de lhes perguntar — disse Halima, com um suspiro, chegada ao impasse habitual. — É claro que não têm queixas. Como podiam ter? Não faças uma tempestade num copo de água, é só isso que estou a dizer. Manda-a para minha casa até teres decidido o que fazer.

E assim Farida foi enviada para casa da irmã mais velha da mãe, Bi Halima. Bi Halima tinha uma família grande, mas recusava-se a arranjar uma criada, por razões que não queria explicar. Dizia que

não gostava de ter uma criada de roda dela. Lavava ela mesma a roupa, limpava a cinza dos *seredanis*, varria a casa, cozinhava e engomava. Comprava diariamente o que precisava numa loja ali perto e Ali, o seu marido, passava pelo mercado à vinda do trabalho e trazia o que era preciso. Para que servia a criada? Farida ajudava-a todas as manhãs e aprendia as tarefas domésticas, coisa que todas as mulheres tinham de saber fazer. O regresso àqueles métodos retrógrados de antigamente enfureceu os pais de Farida, mas não havia nenhuma escola que ela pudesse frequentar. Deixá-la sozinha em casa a manhã toda era obviamente impensável, sobretudo naquela idade em que as raparigas ignoram o quanto são bonitas e o desejo e o turbilhão que despertam nos homens se parecerem que estão à mão de semear, e o quanto se encontram à mercê daqueles que alimentam a sua vaidade. Por volta da hora do almoço, Farida regressava a casa para ajudar a mãe a preparar a refeição.

Na juventude, os pais haviam sido contestatários. Não eram radicais, no sentido político, daqueles que marchavam pela rua de punho no ar e faziam discursos, não eram esse tipo de radicais espalhafatosos. Na altura, não havia espaço para esse tipo de coisas. Os Britânicos jamais o teriam tolerado. Eram muito sensíveis no que a discursos e a manifestações dizia respeito, sempre à coca do que encaravam como sedição. Os Omanis não o teriam permitido, porque tremiam perante a ideia de desordem, ainda que, entre eles, nem sempre se incomodassem com vozes alteradas e bengalas brandidas. Os líderes religiosos tê-lo-iam proibido, já que se opunham a qualquer disputa ou desafio da autoridade, a menos que se tratasse de uma das suas intermináveis contendas internas. Os pais eram contestatários, porque ambos tinham desafiado os respectivos pais para estudarem na nova escola pública do magistério. O pai estava proibido de a frequentar, porque o seu pai desconfiava da educação colonial: «Vão-te fazer desprezar a tua gente e fazer-te comer com uma colher de metal e transformar-te num macaco que fala pelo nariz», dizia ele. O pai do pai ameaçou e

arengou como só um pai daquela geração era capaz de fazê-lo. «Vão converter-te num *kafir*, e teremos fracassado no nosso dever para com Deus. Mais vale acompanhar-nos pessoalmente até aos portões do Inferno. Não terás a minha bênção, deserdar-te-ei. Põe imediatamente fim a este disparate, imbecil filho do pecado.»

A mãe, pelo seu lado, foi alvo da mesma proibição. Os pais dela eram, sob muitos aspectos, diferentes dos dele, faziam parte de uma família mais alargada e dispersa, contudo neste assunto eram iguais. Ela era já uma mulher, disseram-lhe os pais, e deixá-la viver sozinha longe de casa era convidar os predadores do mundo inteiro a trazer desventura e desonra a ela e à família.

A insolência é um pecado para as pessoas cujo Deus lhes ordena que se submetam, primeiro a Ele e depois ao Pai e à Mãe. Ambos os pais eram insolentes. Insistiram em prosseguir os estudos, juntos, pois já se conheciam e se amavam. Tentaram de tudo — discutir, persuadir, suplicar — junto dos pais, que, por sua vez, agiam da melhor maneira que sabiam. Recrutaram familiares e vizinhos para as suas causas e, aos poucos, acabaram por vencê-los pelo cansaço com a seriedade do seu desejo e a mobilização de tanta gente. É difícil resistir à opinião conjunta de familiares e vizinhos.

A seguir desafiaram os pais uma vez mais ao recusarem casar-se, quando toda a gente suspeitava que eram amantes, até terem ambos o diploma de professores e poderem começar a ensinar. Acabaram por aceitar um noivado e alguma discrição. Às vezes, quando estava para aí virada, a mãe contava a história dos braços de ferro com os pais, frequentemente na presença do pai. Talvez fosse para reviver com ele a recordação daqueles tempos felizes, e para que os filhos participassem e partilhassem dela também. Então, durante o relato, trocavam sorrisos em determinados momentos, ou o pai franzia o sobrolho e censurava a mãe por tornar a história demasiado melodramática ou heróica.

— Lá estás tu a exagerar — dizia ele, que sempre preferiu o comedimento e a calma.

— Não estou a exagerar nada — argumentava a mãe. — Foi

exactamente assim que se passou. Estás a ficar velho e já te esqueceste, é o que é.

Na opinião de pais como eles, para quem a escolarização havia sido uma demanda pessoal, um empreendimento no qual tinham investido outras ambições pessoais tácitas, o caminho rumo a um mundo novo e iluminado, a exclusão da filha foi sentida como uma pequena tragédia. Não terem outra escolha a não ser aceitar a oferta da tia Halima de a ter em sua casa para a manter em segurança foi pior ainda, foi uma espécie de traição dos seus sonhos juvenis. Assim sendo, quando os pais de algumas das raparigas que tinham reprovado o exame pagaram a uma professora para dar aulas às suas filhas, aderiram à proposta, sobretudo porque Farida aplaudiu a ideia de se juntar a elas. A professora, que oferecia aulas privadas em casa no período da tarde, trabalhava de manhã na escola secundária, a mesma que recusara milhares de raparigas como Farida. Podiam não aceitar as raparigas, mas a professora era a mesma, assim como os livros, raciocinaram os pais. Farida passava as manhãs em casa da tia, onde fazia os trabalhos de casa e a ajudava no que fosse preciso, e depois à tarde ia às aulas. Era melhor do que a escola, dizia ela, uma vez que a rotina era mais propícia e o trabalho mais exequível. Não deixava de ser confrangedor ir às aulas à hora a que a escola fechava, ser vista como um dos fracassos que, sem uniforme, ia a aulas que qualquer pessoa podia frequentar desde que pagasse a propina. Contudo, havia tantas outras raparigas na mesma situação que, ao fim de um tempo, Farida reconciliou-se com a realidade e em fazer parte daquela experiência, de ser uma das que se tinham recusado a ficar no canto a que a tinham relegado.

— Não quero ficar em casa sem fazer nada — disse ela à tia Halima. — É o que se espera das mulheres. Pois eu planeio fazer alguma coisa por mim mesma. — A tia sorriu perante a ideia de que estava em casa sem fazer nada, quando grande parte do seu dia, de sol a sol, parecia antes uma sucessão de tarefas, ralações, exaustão e lida. Era a conversa de Mwana, a mãe, sem tirar nem pôr, a barafustar e a brigar pelo que queria, como se o mundo inteiro estivesse resolvido a impedi-la.

As aulas duraram uns meses e depois alunas e professora separaram-se num clima de recriminações mútuas. A professora alegava que as alunas não levavam o trabalho a sério e que o mais certo era que não tivessem capacidades para acompanhar as aulas. Havia momentos em que ficava sentada num silêncio escandalizado, ligeiramente exagerado para efeitos pedagógicos, perante a incompetência das alunas para entender conceitos elementares de álgebra ou química. As alunas alegavam que a professora não dominava os temas que devia ensinar-lhes, visto que as disciplinas que ensinava na escola eram Economia Doméstica e Suaíli. Afiançavam que falava com elas como se não soubessem nada, quando a verdade era que ela é que não sabia ensinar aquelas matérias difíceis. Era um desperdício de dinheiro, disseram elas aos pais, que provavelmente pensariam o mesmo, pois como é que uma professora sozinha, na sua casa, podia oferecer o mesmo que uma escola inteira com a sua equipa de professores, a sua biblioteca e laboratórios. Porventura tenham pensado também, mas por certo que não o terão dito, que preferiam os resplandecentes professores europeus que as raparigas da escola pública tinham, e não aquela que era igual a elas e que não conseguia reprimir sorrisos de gratidão quando se cruzava com os pais na rua.

E assim Farida regressou à sua antiga rotina. De manhã ia para casa da tia Halima, ajudava-a a varrer, a lavar a roupa, a tratar dos legumes ou do que houvesse para fazer, cavaqueando e rindo com um contentamento que era mais revelador do que ela se dava conta. Durante um tempo levou os livros com ela, como se ainda tivesse trabalhos de casa para fazer, mas nunca os abria. Não havia tempo para isso. Perto da hora do almoço, voltava para casa, batia à porta de Bi Aziza, a vizinha, para recolher o que ela tivesse trazido do mercado, e começava a fazer o almoço. Quando a mãe chegava a casa, já estava tudo encaminhado, portanto Mwana tinha tempo para beber um copo de água fresca e talvez sentar-se por um minuto antes de tomar conta da situação. A refeição ficava pronta a horas e era tomada de uma maneira menos frenética e desordenada. Aquela nova rotina fazia o pai sorrir, se bem que, às vezes, fosse um sorriso inquieto. Os irmãos podiam satisfazer o seu

enorme apetite antes de correrem para a escola corânica e Mwana tinha tempo para umas abluções antes de se deitar a repousar. Toda a gente saía beneficiada.

Esta nova ordem foi-se solidificando à medida que os meses passavam. Farida carregava a roupa suja da família para casa da tia Halima, onde a lavava e engomava, e no dia seguinte levava-a para casa. Ia às compras a pedido da mãe e às vezes ao mercado comprar algum ingrediente que a mãe se esquecera de encomendar a Bi Aziza. Por essa altura já usava o *buibui*, o traje negro que todas as mulheres usavam, à excepção das que tinham sofrido a influência do estrangeiro ou da perversidade. Ia ao mercado se quisesse, ou às lojas, ou visitar amigas, e regressava para preparar o almoço. À tarde, tratava da louça, varria a casa, talvez engomasse alguma roupa (deixava o resto para a mãe) e depois lavava-se e saía outra vez para visitar amigas. Cumpria estas tarefas entediadas com um sorriso e uma espécie de entusiasmo. E isto inquietava a mãe.

— Que se passa com ela? Isto não devia satisfazê-la — queixou-se ela a Feisal. — Tem catorze anos. Devia ter outras ambições. Estas tarefas maçadoras deviam incomodá-la. Não a ensinámos a ser assim.

— Ela parece feliz — alegou Feisal, à cautela, receoso de inflamar uma preocupação que não via maneira de apaziguar.

Estavam deitados na cama, a meio da tarde, a altura do dia mais tranquila para ambos, a melhor hora de toda a sua vida de casados. Ninguém os visitava àquela hora e os filhos estavam na escola corânica ou tinham idade suficiente para saber que deviam deixá-los em paz.

— Achas que ela anda metida com alguém? — perguntou Mwana.

— Nuru, porque dizes uma coisa dessas? Nem penses nisso. — Feisal era a única pessoa que a tratava pelo nome verdadeiro.

— Não podemos deixar que ela se transforme numa criada — disse Nuru. — Não há necessidade nenhuma disso. Eu tinha tudo sob controlo, antes. Tenho de encontrar uma maneira de a impedir de fazer estas coisas todas.

— Ela acredita que está a ajudar, portanto proibi-la vai parecer

muito estranho — alegou ele. — Ela parece feliz. E todos estes pastéis e bolos que está a aprender a fazer. Saem-lhe muito bem, talvez tenha um talento natural para isso.

— É a Halima, é ela que lhe ensina essas coisas todas — disse Mwana, e depois virou-se e deitou um olhar demorado ao marido. — Espero que não estejas a sugerir que ela devia fazer isso para o resto da vida, chamuças e pastéis.

— Não, claro que não.

É claro que não.

Houve ainda uma última tentativa para instruir Farida. No final do ano lectivo, em Dezembro, a mãe foi a Mombaça visitar familiares e levou Farida com ela. A sua irmã mais velha, Saida, casara por lá. Também a avó materna era oriunda da cidade, por isso havia ainda primos com fartura. A mãe escrevera à irmã a pedir-lhe que se informasse acerca de escolas para Farida, que adorou o plano e que estava ansiosa por ir para casa da tia Saida e frequentar a escola em Mombaça. A viagem destinava-se a avaliar os resultados das averiguações de Saida, ver se Farida se adaptava a Mombaça e, caso o plano fosse em frente, chegar um acordo financeiro, sempre delicado e que não podia ser discutido por carta, já que nenhuma das famílias era rica. No final das três semanas, a mãe voltou sozinha, deixando a filha lá com o propósito de repetir o último ano da escola primária, aos quinze anos, antes de empreender mais uma tentativa de entrar na escola secundária, desta feita no Quénia.

Enquanto Farida estava em Mombaça, Amin passou o mesmo exame que Farida chumbara dois anos antes. Os rapazes tinham duas escolas à disposição, mas isso não tornava a admissão mais fácil para eles. Em qualquer caso, o nome de Amin foi o segundo da lista, portanto, ainda que só dez alunos pudessem entrar, ele seria um deles. Farida voltou pouco depois deste sucesso. Mombaça também não havia resultado. No mês de Janeiro, no final de um ano de que Farida tanto gostara, sob tantos aspectos, e do qual guardaria recordações para o resto da vida, regressou a casa derrotada. Também não havia sido escolhida no Quénia, e os pais

não tinham como custear uma escola privada em Mombaça. Dera o seu melhor, disse ela, mas era demasiado burra.

Retomou a vida onde a deixara, ajudando a tia Halima pela manhã, lavando, limpando e preparando o almoço para a família. Ofereceu-se para garantir que Amin fazia os trabalhos de casa, agora que ele andava na escola secundária e que tudo era mais difícil, embora acabasse por distraí-lo com a sua cavaqueira e riso. Elaborou um horário para os estudos de Rashid, que se preparava para o mesmo temido exame, com o argumento de que havia sido a falta de organização no estudo que ditara a sua tragédia. Rashid colou o horário na capa do caderno de exercícios e depois tratou de o ignorar, preferindo jogar às cartas e à bola com os amigos do que obedecer às ordens da irmã. Farida anotou num caderno todos os incumprimentos do irmão e ameaçou fazer queixa dele aos poderes instituídos, o que surtiu um certo efeito. Chegado o momento, também ele passou no exame. Não obstante todas estas maçadas e tarefas, Farida continuava a sorrir como sempre, de felicidade ou de qualquer coisa que a ela se assemelhava, já que o seu sorriso parecia revelar uma reviravolta subtil, um ligeiro tremor nos cantos dos lábios como se risse de uma piada que só ela conhecia. Quiçá fosse apenas a idade e uma crescente autoconsciência, resultante de ter crescido. O ano anterior em Mombaça concedera-lhe um brilho novo, e era impossível não ver a maneira como os rapazes e os jovens olhavam para ela, mas Farida sorria a todos com uma despreocupação tão desinibida e respondia-lhes com uma confiança tão sorridente que nenhum se atrevia a abordá-la. Era como se fosse uma mulher adulta para a qual os namoricos e os galanteios eram coisa do passado.

No entanto, o seu irmão Amin convertia-se, sem esforço, em tudo o que dele se esperara. Era cortês, de confiança, honesto e benévolo. É um bom rapaz, dizia às vezes a mãe, com a voz algo embargada. Era mais taciturno do que havia sido em criança, propenso a olhares fixos e mudos por nenhuma razão aparente, mas tal dificilmente constituía uma mácula quando comparado com

as suas virtudes. Os silêncios e a crescente ambiguidade de algumas das coisas que dizia faziam-no parecer mais profundo, mais sábio. Distinguiu-se desde o início na escola secundária, mesmo em matérias e métodos de trabalho que eram novos para todos eles e com os quais muitos dos alunos começaram por ter dificuldades. Compreendia de imediato as instruções e aplicava-se de forma competente para cumprir a tarefa atribuída. Não resistia às regras daquela nova forma de aprendizagem e não tentava encontrar atalhos para chegar mais depressa ao resultado pretendido. Os professores apreciavam grandemente esta sua meticulosidade diligente. A despeito deste zelo e excelência, era um aluno descontraído e discreto. Dele os professores jamais esperavam obstinação, e encaravam-no como um dos líderes. Viam na aquiescência de Amin um aval da sua autoridade e isso servia como exemplo para os outros. Amin não era excepcional neste seu papel, mas contava-se entre os que o eram. Havia sido educados para serem dóceis, pacatos. Tinham noção de que era uma sorte estarem onde estavam, e de que não haviam ali chegado por serem obstinados e rebeldes. Era um rapaz robusto, forte sem ser intimidante, gracioso de uma forma juvenil e dono de um sorriso demolidor. Toda a gente se orgulhava dele, a começar pelos pais, é claro, que encaravam os seus êxitos com alívio e gratidão. Sabe-se lá como os filhos vão sair. Quantos exemplos não existem de progénie à qual não faltou o amor dos pais e que acabaram por se tornar uns esbanjadores inveterados e uns mafarricos impiedosos, arruinando cada segundo da vida dos pais?

Rashid também se orgulhava dele. Amava-o, se bem que não lhe passasse pela cabeça dizer nenhuma destas coisas a Amin, e porventura só o tenha admitido para si mesmo muitos anos mais tarde. Era dois anos mais novo do que ele e suportava as comparações com o irmão com equanimidade. Sentia que partilhava dos méritos de Amin, que participava dos seus esforços para os alcançar e, por isso, não os via como nada de extraordinário. Quando um professor lhe dizia que em determinada tarefa não era tão bom quanto o seu irmão havia sido, sofria apenas por ser depreciado, não porque quisesse competir com Amin. Em todo o

caso, não era que Rashid saísse sempre a perder nessa comparação. Também ele era bem-sucedido na escola, ainda que de uma maneira diferente. Para começo, nem toda a gente concordava que ele tivesse um talento natural para os estudos, como acontecia com Amin. Na opinião de alguns dos seus professores, Rashid tendia a fazer mais do que podia, era obstinado, irrealista e estouvado, por vezes. Também não era metódico e acontecia fazer as coisas só por fazer. Havia quem achasse que acabaria por se consumir naquele foguetório sem, na verdade, chegar longe. Era inteligente, diziam os professores, mas padecia de várias pequenas falhas. Era barulhento, falador, dificilmente se concentrava, apreciava os desportos, mas não tinha nenhum talento para eles, ao contrário do irmão, que se saía bem em todas as actividades desportivas que praticasse. Era um tribuno impetuoso, o que pode parecer uma coisa boa, mas não era; pelo menos num debate escolar, em que um pouco de lógica e estratégia seria o que convinha, alguma dignidade, compostura e sagacidade, um pouco de astúcia e de teatralidade, caso contrário, para que serve um debate. Em situações como essas, o mais certo era Rashid lançar-se de corpo e alma, com indignação, desprezo e agressividade, o que irritava toda a gente, quando não provocava hilaridade, e jogava a favor dos rezingões e dos descontentes.

Havia também o seu fervor por tudo o que era italiano. Em abono da verdade, tirando o guia de conversação e algumas imagens e pósteres provenientes da mesma fonte, mais alguns recortes de revistas e fotografias de Giacomo Agostini na sua *Vespa* e uma biografia em banda desenhada de Garibaldi que a irmã lhe trouxera de Mombaça, esta paixão não tinha uma base muito sólida. Contudo, em qualquer discussão sobre estilo, beleza ou poesia, sobretudo na adolescência, os seus heróis eram sempre italianos. Shakespeare está muito bem, é fenomenal, aliás, mas nem se compara com Dante. Porque é que não estudamos Dante? Silvana Mangano é, na minha opinião, a mais bela actriz de cinema do mundo. A equipa de futebol italiana é quase tão boa quanto a brasileira. Na escola primária, os professores haviam encarado as suas declarações em italiano como um sinal de boa disposição, o

inevitável exibicionismo de um rapaz inteligente. Fosse como fosse, na altura, a maior parte das pessoas achava os Italianos algo cómicos, em resultado das histórias que relatavam as suas peripécias durante a guerra na Abissínia, portanto a paixão de Rashid pela Itália era também vista como uma comédia. Na adolescência, porém, quase todos os seus professores eram britânicos e alguns deles encaravam o seu fervor como uma afectação absurda. O professor de História irritava-se solenemente com a simpatia zelosa de Rashid para com os Italianos. Olhava sempre para Rashid quando se preparava para citar qualquer coisa de um erudito ou notável romano, um dos teus antepassados disse isto ou aquilo. O professor de Literatura declamava versos em italiano e fazia sorrisos glaciais enquanto informava o jovem aluno ignorante que *aquilo* era Dante. Sugeriu-lhe que consultasse a tradução da *Everyman* que se encontrava na biblioteca e que, a seu ver, era a mais acessível a um principiante, antes de continuar com as suas exhibições sem interesse. Talvez devesse aprender a caminhar antes de tentar correr, aconselhou sagazmente o professor de Literatura.

Acontecia que Rashid possuía de facto uma paixão verdadeira pela poesia; lia-a na biblioteca da escola e comprava antologias já muito estafadas em alfarrabistas. Em miúdo, adorava cantar *qassidas* e até sabia várias de cor. As pessoas adoravam recitar passagens do Corão ou versos de uma *qassida* ou de uma história. Os mais talentosos citavam habilmente um verso ou uma passagem nas conversas mais fortuitas, recitando-as com uma fluência que nunca deixava de impressionar ou de agradar. Às vezes, quando uma pessoa começava a recitar versos bonitos, outras se juntavam a ela, numa declamação a várias vozes, prazerosa e exibicionista. Mas com aquela idade e na escola que frequentava, já não entoava *qassidas*. Poesia era Shakespeare e Keats e Byron e Longfellow e Kipling, e foi a esta poesia que ele se lançou de corpo e alma. Os estudos eram isso mesmo. Não era saber o que toda a gente sabia, e nunca lhe ocorreu lamentar ter perdido o que quer que fosse. Tinha até o seu exemplar da *Divina Comédia* em casa, se bem que nunca tenha terminado de lê-la.

Em determinada altura começou a escrever poemas em inglês, principalmente para divertir os amigos, poemas cómicos e excessivos ao estilo de *Hyperion* ou de *Childe Harold's Pilgrimage*. Eram intermináveis e deliberada e burlescamente sagazes. Decorou alguns dos versos e declamava-os para quem o quisesse ouvir, com gestos floreados, no caminho de regresso da escola. Um dos amigos foi dizê-lo ao professor de Literatura, aquele a quem o pedantismo de Rashid a propósito de Dante bulira com os nervos, e esta nova informação irritou-o ainda mais; e era mesmo essa a intenção. Exigiu ver a tal *opus*. Rashid entregou-lhe o caderno de exercícios com relutância, antecipando o desprezo do professor. A brincadeira não lhe agradou nem um pouco, pois embora os poemas fossem uma maneira de passar o tempo, sentia por eles uma espécie de ternura.

«De uma imaturidade completa», declarou mais tarde o professor perante a turma, como se tivessem aguardado ansiosamente a sua opinião. «Quando não é o misticismo fastidioso e barato ao estilo de *As Mil e Uma Noites*, são disparates profusos, divagações à maneira de Byron, mas em modo satírico. Confuso e desprovido de sentido, como é costume quando os Africanos tentam escrever em inglês, procurando um estilo evocativo. Querer escrever desta maneira revela um temperamento presumido, uma noção irrealista das suas capacidades. Aplique-se mais, jovem. O vosso trabalho de casa para hoje é a análise da personagem do comandante em *Rainha Africana*, e espero uma coisa clara e organizada, bem diferente desta futilidade.» *Rainha Africana*, de C. S. Forester, o conhecido autor da personagem de Horatio Hornblower, um oficial da Marinha Britânica, era a grande obra que o professor achava mais adequada às capacidades dos seus alunos. O desdém do professor intimidou Rashid a ponto de o emudecer. Foi nesta altura da sua vida que a alcunha de *Mtaliana* começou a ser para ele um fardo.

Assim, a opinião dos professores dividia-se em relação a Rashid, coisa que não sucedia no que a Amin dizia respeito. Os pais também se orgulhavam dele, é claro, mas não de uma forma tranquila. A mãe, em especial, ralava-se. Às vezes, quando Rashid

se sentava na cozinha com ela, ocupada a preparar alguma refeição, e cavaqueava como se jamais se fosse calar, ela olhava para ele de relance por entre uma gargalhada e outra e interrogava-se se ele iria ficar sempre bem. Não dessa maneira, não uma doença, não instabilidade mental, Deus nos guarde disso, mas se teria sempre força para continuar. Os seus entusiasmos eram tão obsessivos, o seu sentido de humor por vezes tão desrespeitoso, a sua confiança tão estouvada que a mãe se interrogava se iria saber lidar com a desilusão. Com o passar dos anos, viu crescer nele uma obstinação, uma predisposição para a desobediência e para ignorar aquilo de que não gostava. Era mais baixo do que Amin, pequeno para a sua idade, sempre prestes a inflamar-se. Em ebulição. Ela revia-se em Rashid.

Isto passou-se nos finais da década de 1950, quando no mundo não faltavam ironias e quase toda a África era governada por Europeus, de uma maneira ou de outra: directamente, indirectamente, pela força bruta ou por diplomacia musculada, se é que os termos não são contraditórios. Nessa década, um mapa britânico de África mostraria quatro cores predominantes: um encarnado a pender para o rosa para os territórios dominados pelos Ingleses, verde-escuro para os Franceses, violeta para os Portugueses e castanho para os Belgas. A cada uma das cores correspondia uma mundivisão, e outras nações imperiais tinham esquemas cromáticos próprios para os seus mapas. Eram uma forma de compreender o mundo e para muitos que estudavam estes mapas era uma maneira de sonharem com viagens que apenas podiam imaginar. Hoje em dia, os mapas já não são lidos da mesma forma. O mundo tornou-se muito mais complexo, cheio de pessoas e nomes que obscurecem a sua clareza. Seja como for, pouco ou nada é deixado à imaginação, agora que a imagem se tornou a história.

Nos mapas britânicos, o vermelho era uma homenagem à bandeira inglesa e representava a vontade de sacrifício em nome do dever e todo o sangue derramado em nome do Império. Até a África do Sul era ainda vermelha a pender para o rosa nessa altura, uma

possessão, assim como o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, lugares até onde os Europeus tinham viajado, cruzando meio mundo, para encontrar um pouco de paz e prosperidade. O verde-escuro era uma piada a expensas dos Franceses, evocando as pastagens elísias, sendo que a maior parte do território que eles dominavam era ou desértico ou semidesértico, ou estava coberto por floresta equatorial: uma enorme extensão de território inútil conquistado a poder de armas e de um orgulho desmedido. O violeta representava a ansiosa auto-estima dos Portugueses e a sua obsessão pela monarquia, pela religião e pelos símbolos do Império, ainda que durante a maior parte da sua ocupação colonial, velha de séculos, tivessem saqueado aquelas terras com uma brutalidade desfaçada, derrubando e queimando e transportando milhões dos seus habitantes para o Brasil, onde os escravizaram nas plantações. E o castanho evocava a eficácia fleumática e cínica dos Belgas, que chegaram tarde às festividades, mas cujo legado ao povo que governaram não teve comparação com os das outras Grandes Potências daquela malévola era. Os rios e os lagos do Congo e do Ruanda continuarão lamacentos durante mais algum tempo. Os Espanhóis também tinham os seus territórios, pintados a amarelo nos mapas ingleses numa homenagem à cor nacional e à sua obsessão pelo saque de ouro. No final dessa década, as cores seriam esbatidas e passariam a rosa-pálido, verde-claro, malva e bege. Assim se pretendia insinuar um abandono progressivo do domínio colonial, talvez de uma evolução para a autonomia, tudo sob controlo, mas tudo tem um fim.

O mapa da década de 1950 teria mostrado as excepções ao domínio europeu. O Egipto mantinha desde 1922 uma independência nervosa, mas não tinha outra escolha a não ser servir de anfitrião à Marinha, à Força Aérea e ao Exército britânicos. A Libéria, que nunca havia sido formalmente uma colónia, nascera para ser a terra que acolheria os escravos africanos libertados que *regressavam* dos Estados Unidos para construir uma Nova Jerusalém, e que belo trabalho eles fizeram. A Etiópia resistira por duas vezes aos desorganizados Italianos. No século XIX, quando todos os exércitos europeus queriam um pedaço de África e

chacinar milhares dos seus habitantes, o exército do imperador Menelique derrotou os Italianos em Aduá. Podemos ter a certeza de que foram as palhaçadas dos Italianos que conduziram a esta derrota desnecessária, se bem que haja quem a atribua aos esforços de Rimbaud como traficante de armas a soldo do imperador. Mais tarde, os exércitos de Mussolini foram expulsos por guerrilheiros, por forças britânicas e por forças coloniais africanas, entre as quais se contava o tio Habib. Depois havia o Sudão, uma ditadura militar independente desde 1952; e a Líbia, um reino teocrático sob a protecção britânica desde 1951. Ironias sobre as quais um tal mapa não tinha comentários a fazer. Tirando isto, tudo o resto se encontrava nas mãos da Missão Civilizadora, da Cidade do Cabo a Tânger, e isso incluía toda a África Oriental, onde estes eventos decorriam.

Serve esta vista de olhos a um mapa dos anos de 1950 para recordarmos o quanto o mundo era diferente nessa altura. A ninguém passava pela cabeça o pânico que estava para vir, que dali a uns anos a maioria destas administrações europeias iria levantar o acampamento e rumar à pressa a casa, deixando para trás uma série de acordos e tratados ociosos que não sentiam qualquer obrigação de honrar. Em consequência, a percepção que jovens como Amin e Rashid tinham deles mesmos e do seu futuro não tinha ainda começado a desenredar-se das expectativas de um povo colonizado, que vivia, no caso deles os dois, numa pequena localidade, entre o fim de uma era e o início de outra (se bem que eles ainda não o soubessem). Nos derradeiros anos de escolaridade, Amin convenceu-se de que queria ir para a escola do magistério em que ambos os pais tinham estudado e ninguém tentou dissuadi-lo disso ou sugeriu que considerasse outras possibilidades; a independência estava apenas a sete ou oito anos de distância. Ninguém sabia que faltava tão pouco para ela e poucos se tinham sequer atrevido a especular acerca das oportunidades que tal traria, além do que, fosse como fosse, não havia motivo para que Amin não aspirasse à existência útil e gratificante que os seus pais viviam, útil para a comunidade, gratificante para eles e para os seus. Só que estava tudo de facto

prestes a mudar em África, numa debandada tresloucada, e ninguém parecia capaz de imaginar tal coisa, pelo menos ninguém que Amin conhecesse. Nem sequer o pai, que ouvia as notícias na rádio todos os dias, havia mencionado o que quer que fosse sobre a independência estar ao virar da esquina.

*

O pai era um professor bem conhecido e respeitado, se bem que todos os professores fossem respeitados, como já vimos. Na rua, as pessoas dirigiam-se a ele como Maalim Feisal, tratando-o pela profissão e pelo nome, e davam-se a grandes trabalhos para o cumprimentar. Sempre que se deslocava a um gabinete público, às docas ou ao hospital, onde quer que fosse para alimentar a ávida máquina burocrática do Estado, encontrava um antigo aluno que se desfazia em amabilidades, ansioso por se mostrar prestável. Amin adorava ouvi-los elogiarem o pai pela sua amabilidade e inteligência, e ouvi-los contar as suas histórias preferidas acerca dele. Lembra-se dessa ocasião, Maalim? Amin sabia que, fosse onde fosse ou fizesse o que fizesse, jamais seria mais importante ou reconhecido do que o pai era na sua comunidade. Embora a mãe tivesse também sido professora até ao último ano em que Amin frequentara a escola, os seus antigos alunos não povoavam a administração pública da mesma maneira por serem mulheres.

Era uma maravilha vê-los juntos, a mãe e o pai. Ele era magro e alto, ela larga e avantajada, cada vez mais com o passar dos anos. Talvez ele não fosse alto quando comparado com os gigantes bem-proporcionados que se viam noutros lugares. Era um lugar pequeno com pessoas pequenas, e, para aquele sítio, ele era alto. O rosto, igualmente estreito, adquiria um aspecto ainda mais ascético em virtude da barba grisalha que ele aparava com um primor extremo. Usava as mangas da camisa abotoadas e em tudo o que fazia parecia ponderado, comedido e metódico. Uma aparência que não podia ser uma constante o tempo todo, mas não deixava de ser essa a impressão que ele transmitia. Caminhava ligeiramente

inclinado para a frente e, muitas vezes, com a testa franzida, mas exprimia-se sempre com um tom complacente, os lábios prestes a rasgarem-se num sorriso. Algumas pessoas chamavam-lhe *Msafi*, asseado, em especial porque a palavra tinha uma sonoridade parecida com a do seu nome. Num outro lugar, porventura tivesse sido apelidado de miudinho.

Já a mãe era baixa e roliça, e o mais das vezes tinha um ar desalinhado e afadigado, com madeixas do cabelo rebelde a evadirem-se dos ganchos com que tentava domesticá-lo. Os seus modos pareciam exagerados, o ar surpreendido demasiado esbugalhado, as indignações hiperbólicas. Fervilhava de planos, de projectos inacabados, mas tinha também um dom para ouvir. Quando estava em casa, todas as conversas, todas as observações lhe eram inevitavelmente dirigidas, tudo convergia e se dispersava a partir dela. Sabia com precisão o momento em que devia parar o que estava a fazer e dedicar a alguém toda a sua atenção. As pessoas tratavam-na por Mwana, porque ela era a benjamim da sua família. Mwana quer dizer criança. O seu verdadeiro nome era Nuru, que significa luz, mas só Feisal a tratava por esse nome.

Aos dezanove anos, Amin matriculou-se na escola do magistério, estabelecida há apenas uma geração, para se preparar para uma carreira no ensino. Entre os seus colegas de escola, um tinha ido estudar Medicina para Inglaterra, a expensas dos pais que podiam suportar a despesa, outros foram enviados para a Índia, para o Egipto, e talvez para outros destinos. Vários outros se tinham dispersado em busca de um futuro por entre a rede de familiares ao longo da costa e no interior. Assim era. As pessoas faziam as malas e partiam chegada a oportunidade. Amin não procurava oportunidades. Não desejava partir. Tomara a sua decisão e tencionava ser professor para o resto da vida. Quiçá fosse uma maneira de pensar apenas possível em lugares pequenos, e porventura o mundo se tenha tornado um lugar mais inquieto do que era então.

Também Farida tinha tomado uma decisão no que à sua vida dizia respeito. Um par de meses após o seu regresso de Mombaça, tornou-se aprendiz de uma modista em Vuga, a senhora Rodrigues,

uma goesa com pretensões de criadora de moda, porque algumas das suas clientes eram mulheres de funcionários coloniais. Só lhe pediam arranjos, subir bainhas e alargar cós, mas semelhante clientela era o bastante para permitir à senhora Rodrigues escrever na tabuleta que anunciava o seu negócio: Fornecedora do Governo de Sua Majestade. O essencial do seu trabalho consistia em fazer vestidos para todo o tipo de mulheres, mas as europeias davam-lhe prestígio. Farida trabalhava ali de manhã e à tarde e levava trabalho para casa para terminar ao serão. Não recebeu qualquer pagamento nos primeiros seis meses, e depois disso apenas uma miséria. A Sra. Rodrigues, que era uma mulher calma, sorridente e de voz suave, com opiniões duras e inflexíveis, disse a Farida que devia considerar-se afortunada pelas técnicas avançadas que lhe ensinava e pela qualidade da clientela com a qual a estava a pôr em contacto, e que, portanto, não contasse com qualquer remuneração até que terminasse a sua aprendizagem. O dinheiro que lhe dava era um gesto de bondade. Não recebia ali de borla uma caneca de chá e uma fatia de bolo todas as manhãs? Farida planeava encetar o seu próprio negócio quando estivesse preparada, e achava que não tinha outra escolha a não ser suportar aquela mesquinhez.

A mãe Mwana adorava costurar e tinha a sua própria máquina de costura, coisa que não era invulgar naquela época e naquele lugar. Assim, dava-lhe uma ajuda com as tarefas mais complicadas que ela trazia para casa — coser rendas e galões, fazer as casas dos botões, e coisas assim —, corcovada sobre o círculo de luz projectado pela lâmpada que havia no braço da máquina. Era um entretém e um prazer para Mwana, ou assim ela disse à filha. Acontecia trabalharem até altas horas da noite, porque Farida prometera à patroa entregar determinado trabalho no dia seguinte e não suportava o raspanete que ouviria se não cumprisse o prometido. A mãe queixava-se com frequência da vista cansada.

Farida trabalhou para a Sra. Rodrigues durante três anos. De cada vez que falava em sair para se estabelecer por conta própria, a patroa dissuadia-a, aumentando-lhe o salário e assustando-a com os riscos que iria correr. Farida cedia e ia ficando, mas ao fim de três anos já tinha aprendido o suficiente para abrir o seu negócio. Ao

princípio trabalhava para as amigas. Estas traziam-lhe uma imagem recortada de uma revista e diziam que queriam um vestido assim, e Farida fazia o melhor que sabia, trabalhando ao fim-de-semana e à noite. Fazer um vestido demorava muito tempo e as amigas passavam lá por casa e queixavam-se e cavaqueavam e ninguém se importava. Ainda que o vestido não ficasse exactamente igual ao da revista, o resultado não deixava de ser bom, já que Farida tinha um talento para o corte e costura e era capaz de estudar uma imagem e reproduzi-la sem se afastar muito do modelo original.

O ritmo doméstico mudou por completo quando Farida começou a trabalhar a partir de casa. De manhã, não aparecia até toda a gente ter saído, mas quando voltavam a casa para o almoço encontravam-na ao comando da situação. Um a um, entravam na cozinha para a cumprimentar, a mãe para se inteirar do almoço e interferir, o pai para entregar a fruta que tinha como missão comprar no caminho de regresso do trabalho, os irmãos para cheirarem os tachos avidamente e atrapalharem. Depois do almoço, todos se afadigavam a ajudar. A seguir, Feisal e Mwana retiravam-se para a sua sesta, Amin e Rashid entregavam-se às actividades típicas dos adolescentes — o desporto, os trabalhos de casa, vaguear pelas ruas, jogar às cartas — e Farida dava início ao seu dia de trabalho como costureira.

Foi por esta altura, em que Farida começava a ganhar clientes, e Amin estudava com afinco para o exame que lhe daria o diploma, e Rashid seguia no seu encalço, ainda que com menos segurança, e Maalim Feisal recusara a oferta de se tornar director escolar, que Mwana desmaiou no trabalho e foi aconselhada a reformar-se aos trinta e nove anos. Diagnosticaram-lhe um glaucoma com suspeita de hipertensão. Ficou inconsolável perante a ideia de que só iria dar trabalho a toda a gente e chorava em silêncio e inesperadamente quando tinha companhia.

— Vou ficar cega, serei uma inútil e terão de cuidar de mim — queixava-se ela. — *O yallah, alhamdulillah.*

Sentavam-se com ela e consolavam-na, e choravam também, porque não tinham dúvidas de que ficaria cega. O médico limitara-se a mencionar essa possibilidade, mas o terrível prognóstico foi como

uma maldição para Mwana e a família. Assim, a mãe ficou em casa e teve de começar uma nova vida. Tornou-se irascível, porque a frustrava já não ter de fazer malabarismos com todo o tipo de actividades, mas ao fim de um tempo começou a conformar-se e lentamente a alterar o ritmo da sua vida. Houve consultas médicas, uma viagem a Mombaça para consultar um especialista, uma cirurgia para libertar a pressão no olho. Houve óculos para a miopia, novas dietas e medicação, exercícios, e a vida tornou-se de novo agradavelmente caótica, se bem que não tanto como anteriormente.

Quando Rashid entrou no último ano de escolaridade, ainda fanfarronava perante os amigos, o irmão e os pais. Com o passar dos anos, tornara-se mais obstinado e difícil, e tinha gáudio em achar-se uma espécie de dissidente. Durante este último ano, não parou de falar acerca de abandonar o país. Esta ideia apanhara-o desprevenido e manifestava-se na forma como não continha a irritação e o desdém por muito do que o rodeava. Havia sido o que aprendera e o que lera nos livros que lhe dera a ideia de que o mundo era mais vasto e a vida melhor do que a que eles viviam. Aquela cidade constrangia-o, asfixiava-o, alegava ele: o servilismo social, a religiosidade medieval, as mentiras sobre o decurso da história. Rashid possuía um vocabulário poderoso, e tinha apenas dezassete anos. Há-de ir longe, diziam os amigos, se tudo não passar de bravata. Amin ouvia e sorria, troçando e concordando ao mesmo tempo. Como sempre, a mãe inquietava-se por ele, não obstante os seus problemas, mas não era capaz de se manter imune às suas iras. Que vai ser deste rapaz? O pai tinha longas conversas com ele, em que o acautelava sem o desencorajar: não sonhes tanto, põe os pés na terra, o que pretendes fazer? No final, família e amigos alinharam na sua conversa grandiosa e deram ouvidos ao relato descontente que ele fazia da vida deles e incentivaram-no a arregaçar as mangas e a pôr em prática o seu sonho de conhecer o vasto mundo.

Foram os professores, no final, que lhe propuseram a maneira de pôr em prática esse sonho. Achavam espantosa a maneira como um jovem tagarela e mediano se tornara um aluno seguro de si e maduro, autor de textos sérios e bem redigidos (ainda que num

estilo estudantesco). Auto-atribuíram-se o mérito por tal transformação. Mostrava-se igualmente inflexível com Macauley, Shakespeare ou o Islão, e espirituoso em igual medida, de uma forma precoce. A vivacidade de espírito tendia a ser altiva, mas não passava de boa disposição, e o tempo logo se encarregaria dela. Um bom candidato tanto a Oxford como a Cambridge. Os seus professores eram ingleses, pelo menos os que tinham maior influência, e talvez tivessem ensinado Rashid a estudar o seu mundo tão bem que não podiam deixar de ficar impressionados com o que haviam produzido. Ajudaram-no a candidatar-se a universidades inglesas, a preparar-se para os exames que lhe garantiriam bolsas de estudo, impuseram-lhe um ritmo que fazia lembrar o deles nos seus tempos de estudantes. Era como se estivessem de conluio com ele. Quanto mais o faziam esforçar-se para adquirir conhecimentos acerca do mundo deles, mais Rashid queria ser bem-sucedido nesse mundo. Era uma coisa mais subtil do que possa parecer, pois tratava-se não só de um desejo de ser bem-sucedido e de agradar, mas de algo mais sedutor, já que, quanto mais mergulhava nesse conhecimento, mais lhe parecia que esse mundo se convertia no seu mundo. Os professores de História e de Literatura, aqueles que se ocuparam dele, deram-lhe textos para estudar que nunca haviam mencionado aos outros alunos: Carlyle, J. S. Mill, Darwin, T. S. Eliot. Todos os sábados, terminadas as aulas, Rashid ficava na escola para uma aula suplementar com um dos professores, que muitas vezes lhe explicava os excertos que ele tivera de ler, mas que não entendera muito bem. Acontecia também haver testes surpresa em que Rashid tinha, por sua vez, de expor aquilo que assimilara.

Assim, enquanto Farida se lançava finalmente no seu negócio como modista, e Amin, então com dezanove anos, estudava na escola do magistério, preparando-se para uma carreira como professor do secundário, Rashid cumpria as penosas e derradeiras etapas que conduziriam à sua partida.

6

Amin e Jamila

Uma tarde, ao chegar a casa, Amin descobriu que Farida tinha uma cliente com ela. Nada de surpreendente nisso. Era a altura do dia em que as mulheres se visitavam umas às outras e levavam a cabo as suas actividades habituais, que são manter o tecido social e vital em bom estado de conservação. Trocavam-se notícias e novidades, felicitações e condolências, cortesias e amabilidades, e quaisquer escândalos que tivessem vindo a lume. Abria-se caminho para o noivado, dali a décadas, de bebês nascidos recentemente. Compadeciam-se dos que estavam doentes. Discutiam-se favores e empréstimos, e enumeravam-se e lamentavam-se os defeitos e as falhas de maridos e filhos, e do mundo ao qual eles presidiam. Era também uma boa altura para debater o desenho de um vestido novo, ou para sopesar as virtudes do cetim em comparação com as da musselina, ou de um peitilho por oposição a uma cintura pregueada, e, como tal, essa era também a hora a que Farida atendia as suas clientes.

Sabia que o nome dela era Jamila e já a vira, mas nunca tão de perto, e jamais falara com ela. Sempre a achara bela. De perto, pôde observar a finura dos seus traços num rosto que parecia estar sempre em movimento, iluminado por olhos da cor do âmbar, embora mais escuros. Tinham luz e movimento, os olhos dela, uma espécie de vitalidade e uma solicitude para se alegrarem. O seu corpo exibia a forma da plenitude. Segurava no colo, aberto, um dos catálogos de moda de Farida, e na esteira que ocupavam havia uma peça de tecido, por isso Amin percebeu que ela viera tirar as medidas para um vestido. Jamila sorriu-lhe, um cumprimento cortês, mas havia no sorriso qualquer coisa de lânguido e sagaz que, na opinião de Amin, lhe dava um ar glamoroso, a aparência de alguém

que viajara e conhecia o mundo. De pé à frente dela, pregado ao chão, viu o sorriso de Jamila rasgar-se e os olhos incendiarem-se por um segundo. Farida sorriu igualmente.

— O meu irmão mais novo — apresentou Farida.

— Este é o Amin? — indagou Jamila, com um sorriso, e um tom de voz mais grave do que ele esperara de uma pessoa tão elegante e delicadamente bela. — Ainda há um momento a tua mãe perguntava por ti.

Amin pousou a sacola com os livros e sentou-se na cadeira mais próxima. Se a mãe ali estivesse, teria logo sido enxotado. Ela não gostava que nem Rashid nem Amin se detivessem na divisão onde estivessem visitas do sexo feminino. Esperava-se que as cumprimentassem de forma respeitosa e, se as mulheres em questão os conhecessem desde crianças, ouvissem com bonomia os seus gracejos afectuosos antes de baterem em retirada. Já não tinham idade para ficar de roda das mulheres e só acabariam por inibir a conversa e granjear reputações indesejadas. Mwana ficava especialmente atenta quando Farida recebia clientes, por estas costumarem ser mulheres *jovens*, e não porque achasse que pudesse acontecer alguma coisa de mal, mas apenas porque não queria mexericos. Não queria ouvir os filhos serem acusados de faltar ao respeito a uma das filhas núbeis de uma vizinha. Só que a mãe não estava ali, por isso ele sentou-se, de olhos fixos em Jamila. Farida manifestou a sua impaciência com um pequeno ruído e Amin virou-se para a irmã, que tinha as sobrancelhas arqueadas: um aviso, uma pergunta.

— Que foi? — perguntou ela. Amin sorriu e levantou-se para se ir embora, mas continuou onde estava. — Passa-se alguma coisa?

— Não, nada — respondeu ele.

— Ah, tem língua — comentou Jamila, num tom mais cálido, metendo-se com ele.

— *Karibu* — disse Amin, virando-se para ela. Bem-vinda.

— Estudas? — quis ela saber, de olhos postos na sacola. — Onde?

— Na escola do magistério — respondeu ele, e deteve-se na soleira.

— A mãe anda à tua procura — disse Farida, e, por trás das costas de Jamila, lançou-lhe um dos seus olhares furiosos simulados. Amin fez adeus a ambas e foi procurar a mãe.

— Ela perguntou-me por ti — confessou-lhe Farida mais tarde, depois de os pais terem ido para a cama. Costumava ficar a trabalhar até tarde na sua costura, sentada na divisão da frente com o rádio ligado, baixinho. Por vezes, Amin fazia-lhe companhia por algum tempo, para que Rashid pudesse estudar tranquilamente no quarto que partilhavam. Rashid não conseguia estudar com o irmão no quarto, ainda que este estivesse tão-só estendido na cama a ler ou até a dormir. E se Rashid não conseguisse estudar, haveria amuos e crises de auto-estima. Fosse como fosse, Amin gostava de se deitar tarde e lia enquanto Farida falava pelos cotovelos e o rádio passava discos pedidos de ouvintes de perto e de longe. Muito do que lia era por prazer e interesse próprio, até porque não se sentia assoberbado pelos estudos, portanto nem sempre se importava que a irmã o interrompesse com conversa, pois podia sempre reler a página com o mesmo prazer quando ela se calasse. Achava a companhia dela tranquila e a tagarelice pouco insistente. Ela falava, ele ouvia, e às vezes respondia, e ela escutava. Depois ele voltava ao seu livro ou aos seus apontamentos, e ela aos seus botões e linhas. A relação fácil entre os dois era prazenteira para ambos. A maior parte do tempo, ela falava de pessoas e do que tinham feito e do que achava que iriam fazer. O pai chamava-lhe coscuvilhice quando Farida e a mãe se lançavam nestas conversas, mas para Amin não era muito diferente do que os homens faziam quando falavam entre eles, à excepção de que os homens eram muito mais maliciosos. Talvez as mulheres fossem iguais, quando estavam só elas.

— A que estive aqui hoje — disse Farida. — Perguntou-me por ti.

— Perguntou o quê?

— Que idade tinhas, o que estudavas, quando terminavas os estudos e isso — respondeu Farida, e fez um sorriso matreiro. — Disse que já te tinha visto, mas que não sabia quem tu eras. Sabes quem ela é?

— Jamila. Também já a tinha visto — disse Amin. — Conta-me

mais. Fala-me dela. Que disse ela?

Farida sorriu. Amin percebeu que ela estava divertida e sabia que a irmã adorava confidências sussurradas e segredos tormentosos. Também Farida tinha um segredo, que lhe confidenciou, em troca da promessa de que não o revelaria a ninguém. De início, Amin pensou que ela o partilhara para ter alguém a quem pudesse falar das tensões e terrores do seu caso amoroso secreto, mas acabou por compreender que Farida se sentia feliz e orgulhosa de estar apaixonada. Conhecera-o no ano que passara em Mombaça, a estudar. No final das aulas, regressava a casa na companhia das raparigas mais velhas, em grupo, e havia um bando de rapazes de uma escola secundária vizinha que se cruzava com elas. Nem sequer paravam. Caminhavam juntos por um momento, rindo, provocando-se e fazendo olhinhos uns aos outros. Mais tarde, entre elas, as raparigas escolhiam os rapazes que queriam como namorados e, por intermédio de irmãs e primas, faziam com que os rapazes soubessem das suas escolhas. Farida escolheu o dela: Abbas, alto, magro e sério, e disse-o às primas, que contactaram a irmã dele, e ele começou a escrever-lhe. Não houve encontros, nem beijos ou idas ao cinema, nem nada disso. Nada de furtivo ou escandaloso. Foi como o amor devia ser, aqueles encontros diários na rua, no decurso dos quais, porventura, as mãos acabavam por roçar-se, e havia os bilhetes secretos e angustiados que passavam de irmã para prima antes de chegarem a Farida.

Quando ela teve de voltar para Zanzibar, porque reprovou o exame de admissão, foi uma tragédia. Ter reprovado foi triste. Fê-la sentir-se burra, pois viu outras raparigas passarem porque faziam as divisões melhor do que ela, e só porque os pais lhes pagavam explicações. A verdadeira tragédia, contudo, foi deixar Abbas, que lhe dissera numa das cartas que ela estava sempre no seu coração atormentado (e ele no dela, disse-lhe Farida). As primas acharam que a separação dos dois amantes era uma calamidade grave a ponto de justificar um encontro, nada demasiado ousado, talvez apenas uns minutos sozinhos durante um passeio pela praia. Deram início às negociações com as irmãs de Abbas, mas a tia Saida descobriu tudo e proibiu o encontro. Na verdade, não descobriu

nada em particular, supôs meramente que alguma coisa de audaz estava em movimento e emitiu uma proibição geral sob pena da mais severa punição. Ninguém se atreveu a contrariá-la ou meter os apaixonados em apuros. Assim, nem sequer tiveram a oportunidade de caminhar de mãos dadas na praia ou fosse o que fosse que as pessoas apaixonadas gostavam de fazer. Amin duvidou desta última parte, crente de que Farida tentava poupar a honra do irmão e proteger Abbas da sua ira. Caminhar de mãos dadas era uma ofensa que implicava casamento em determinados meios.

Em todo o caso, Farida regressou a Zanzibar, uma *dubu* sem o seu namorado, e passou as primeiras semanas de coração partido — pressionou a mão contra o peito para mostrar a Amin onde lhe doera — por ter perdido Abbas e as primas de Mombaça. Foi como se lhe tivesse sido arrancada uma parte do corpo. Alguma vez ele sentira uma coisa assim? Então, nunca sofrera por amor. Em sonhos, vinham-lhe imagens e cheiros de Mombaça, e quando acordava na sua cama, ali em casa, não conseguia conter as lágrimas.

Quando regressou, passava as manhãs em casa da tia Halima, ajudando-a com as tarefas diárias, como fizera antes da sua partida, e um dia a tia obrigara-a a sentar-se e a contar-lhe tudo. Já não suportava os longos olhares melancólicos e os suspiros inusitados. O sofrimento de Farida era tal que chorou a hora inteira que demorou a confessá-lo, pranteando ao mesmo tempo que falava e tendo muitas vezes que repetir o que dizia, para que Halima a compreendesse. A tia ficou perturbada, de início, mas depois, ao ver que todos os seus esforços para consolar a sobrinha não surtiam efeito, e perante a magnitude da infelicidade de Farida, acabou por propor que Abbas lhe escrevesse usando aquele endereço. O tio Ali teria de ser informado de tudo aquilo, é claro, uma vez que era ele quem ia buscar o correio, mas podiam contar com a sua discrição. Amin sorriu ao pensar na expressão do tio Ali ao ser alistado para aquela conspiração. Adorava travessuras, mistificações e situações deliberadamente ambíguas. Sempre que alguém contava uma história que se baseava num mal-entendido, sobretudo se orquestrado com cinismo, o tio Ali era sempre o primeiro a antevê-lo

e a desatar-se a rir. As pessoas reservavam tais histórias para lhe contar, e divertiam-se com o seu regozijo. Ter-se-ia rido perante a ideia de uma correspondência secreta, que encararia como uma espécie de partida, de brincadeira.

E assim fora desde então. Abbas continuava a escrever-lhe e ela a ele, e quatro anos volvidos estavam mais apaixonados do que nunca. Nas cartas, Abbas não se cansava de dizer que morria de saudades dela. Farida contara o seu segredo a Amin depois de ele ter terminado a sua escolaridade, como uma forma de o iniciar nas complexidades do mundo, nas intrigas e paixões clandestinas da vida de adulto.

— Para quê o segredo? — perguntou Amin, que não compreendera nada. — Tens vinte e poucos anos e ele provavelmente é mais velho. Porque não podes dizer à Ma e ao Ba que se amam e que gostariam de casar-se?

— Não sejas infantil — respondeu-lhe Farida, com uma exagerada expressão de horror perante tal despautério. — Porque não podemos, pelo menos para já. Mais tarde logo compreenderás. Agora não te posso dizer.

— Porque não? — insistiu ele.

— Porque és meu irmão — explicou ela, chocada com a ingenuidade de Amin.

Amin ficou na mesma e teve de contentar-se em ser, no entanto, o receptor de emocionantes confidências sussurradas que apenas conduziam a outros segredos e, de quando em vez, em partilhar do tormento causado por mal-entendidos e dúvidas. Estes decorriam, como seria de esperar, das interpretações que ambos os amantes faziam das cartas e dos poemas que escreviam um ao outro e que, a fazer jus no que Farida contava a Amin, exprimiam os seus sentimentos e incertezas mais profundos. Aquela frase era para ser entendida como uma piada ou transmitia irritação, ainda que de uma maneira inadvertida? O poema que ela lhe enviara captava realmente o que lhe ia no coração? E o poema dele, dizia *mesmo* o que parecia dizer ou o oposto?

— Já sabes como é a poesia — alegou Farida. — Um poema pode encher-nos de alegria num dia e depois, ao lê-lo uma outra

vez, mergulhar-nos nas profundezas. Já lhe disse que não quero mais poemas, mas ele não resiste, e eu a mesma coisa.

— Não resiste ao quê? — indagou Amin.

— A escrevê-los — disse ela.

— Ah, é ele que os escreve. Pensava que os copiava de algum lado.

— De onde? — quis saber Farida, e deitou um olhar desconfiado ao irmão.

— Podes comprar livros de poesia, sabes?

— Não, é ele que os escreve — respondeu Farida, ao fim de um momento. — E eu também.

— Também escreves poemas? — espantou-se Amin. — Não acredito. Mostra-mos.

— Não! — exclamou ela. — Não são para ti. E não entendo porque ficaste tão espantado por eu escrever poemas. Ou será que me achas demasiado imbecil para isso?

Não demasiado imbecil, apenas nunca lhe passara pela cabeça que Farida se interessasse por alguma coisa em especial, e menos ainda pela escrita de poesia. Via-a sempre na risota e na cavaqueira com outras mulheres, e achava que era só isso que ela fazia e queria fazer. E, afinal, espante-se, tinha um amante em Mombaça ao qual escrevia cartas de amor e com quem trocava poemas que compunham um para o outro. Então, era isso que ela fazia no tempo que passava sozinha, e isso explicava os sorrisos que pontuavam as suas palavras. Imaginar a tia Halima e o tio Ali no papel de carteiros secretos fê-lo sorrir também, pensar nas palavras ásperas que seriam ditas em sussurros tensos quando a mãe descobrisse. Passou a olhar para Farida de uma maneira diferente depois disto, viu nela alguém capaz de uma intriga daquela magnitude e que escrevia poemas que se recusava a mostrar a outras pessoas que não fossem Abbas, alguém que tinha uma vida que guardava só para ela. A primeira vez que viu a tia Halima depois da revelação de Farida não conteve um sorriso. A tia lançou-lhe um longo olhar desconfiado e franziu o sobrolho, como quem lhe ordenava que nem sequer mencionasse o que o fazia sorrir daquela maneira, fosse o que fosse.

Não obstante a surpresa desavisada em relação aos poemas, Farida continuou a partilhar confidências preciosas com ele, exibindo um envelope de vez em quando ou falando do seu amante sem se refrear (ou assim ela fazia parecer). Abbas estava a fazer uma formação para se tornar engenheiro na Autoridade Marítima em Mombaça, e em breve terminaria a primeira fase dessa aprendizagem. O director dissera-lhe que estava a ir muito bem e que pretendia propor o nome dele para mais um curso de formação em Inglaterra, quando a oportunidade surgisse. O director era um *mzungu*, disse-lhe ela, sabendo que Amin compreenderia que isso concedia à recomendação um maior peso. O elogio de um *mzungu* era forjado a partir do mesmo metal que a sua engenhosa maquinaria e a sua infinita mestria. Amin foi também o primeiro a saber que Abbas planeava visitá-los no ano seguinte, quando completasse a sua formação preliminar. Tinha familiares que viviam nos arrabaldes da cidade, mas não se lembrava muito bem do nome da zona. Planeava ficar com aqueles parentes durante cerca de um mês. A mãe dele acompanhá-lo-ia. Seria a primeira vez em quatro anos que Farida veria Abbas, contudo tinha a impressão de o ter visto no dia anterior.

— Ele vem pedir a tua mão? — perguntou Amin. Nessas circunstâncias, eram habitualmente as mães ou as tias que intervinham junto de outras mães e tias. — É por isso que a mãe dele também vem? Será melhor contares tudo à Ma, sabes.

Farida tratou de imediato de o silenciar, e Amin ficou sem perceber se aquele seria o momento errado na narrativa dela para lhe dar mais informação sobre o assunto, que iria permanecer em segredo, ou se ela o estava a calar receando que falar fosse atrair má sorte. No final, Farida sorriu para que o irmão se contentasse com o que lhe dera.

— Vais viver em Mombaça? — indagou Amin, e Farida silenciou-o outra vez, com um sorriso ainda mais rasgado. — Vais para Inglaterra com ele quando o Abbas for para lá? Porque não me deixas ver os poemas?

— Porque pertencem a outra pessoa — disse ela, mas Amin percebeu que ela apreciou a pergunta.

Assim, quando lhe disse que Jamila perguntara por ele, baixou o tom de voz como acontecia quando falava do seu amor secreto. Isto foi o que ela disse a Amin acerca de Jamila.

— Estás a ver aquela casa grande em Kiponda? — perguntou Farida. — Depois de passares pelo antigo cemitério, o que tem aquele embondeiro enorme, à tua direita, e depois de passares pelo mecânico de bicicletas à esquerda. E a seguir, mesmo em frente àquela grande escola indiana, há uma rua à esquerda como quem vai para os *hamam*. Tu conheces estas ruas e a casa grande que está depois da curva... é aí que ela vive. É a casa deles, a casa da família, essa casa grande. Ela vive no piso de baixo e a família vive no de cima, a mãe, o pai e os dois irmãos mais velhos, com as famílias deles. Ela vive sozinha no piso térreo. Eu não seria capaz, para mais numa casa grande como aquela. Já a viste? Sabes a que casa me refiro? Deve ser escura por dentro, como um túmulo ou uma gruta. Como a casa da Bi Aziza. Se bem que a casa da Jamila não seja uma ruína assombrada como a dos nossos vizinhos. Consegues imaginar uma mulher a viver ali sozinha? É estar a pedi-las. Eu teria demasiado medo... tanto dos *shetani* como dos mexericos. Quando a Jamila casou, a família transformou o piso de baixo numa casa para ela e para o marido. Devia haver ali arrecadações ou lojas, com uma porta independente para a rua. As pessoas falam dela, sabes. Falam muito sobre ela.

— E o que dizem? — quis saber Amin, triste por ela.

— Bem, ela insistiu em ter a casa com uma entrada própria, e as pessoas começaram a dizer que ela tem segredos e que é arrogante, e pior. Porque não vive como as outras pessoas? Porque tem de estar sozinha? O que esconde, afinal? Quis deitar abaixo uma parede e substituir uma janela. O marido dela era rico, conheceu-o numa viagem, a Nairobi ou a Dar es Salam ou coisa assim. Talvez ele tenha pagado a renovação do piso para poderem ter privacidade. Ele tinha uns negócios, não sei bem de que tipo. Ao fim de um ano ou dois, deixou-a e depois divorciou-se dela, e voltou para a terra dele. Ficaste surpreendido, não foi? Porquê?

— Ela parece saber coisas. Tem ar de quem conhece o mundo...
— disse Amin.

— E depois casa com um fanfarrão — concluiu Farida por ele, e acenou que sim com a cabeça. — Bem, talvez ela não saiba tanto quanto aparenta saber. Ele brincou com ela por um tempo e depois largou-a, como aqueles velhos babosos que tomam uma mulher nova todos os anos e ao fim de uns meses se divorciam dela. É estranho que a Jamila se tenha deixado enredar numa coisa assim, suponho. A família tem dinheiro, não passa necessidades, por isso nem entendo porque deu trela a um homem assim.

— Talvez o amasse — argumentou Amin, tencionando soar sarcástico, mas Farida olhou para ele e fez um sorriso como se o irmão tivesse dito uma coisa encantadora.

— Seja como for, depois de o marido se ter ido embora, toda a gente esperava que a Jamila se mudasse para o piso de cima, para junto da família, e houve até quem tivesse procurado saber se a casa estava para arrendar, mas ela recusou-se a mudar. Foi então que as pessoas começaram a dizer que, a viver ali sozinha com uma porta independente e tudo, ela devia ter alguma fígada. Depois ela começou a viajar. Há quem diga que ela viaja em negócios, mas eu não sei a que negócios ela se dedica. Sei que tem parentes em Mombaça e mais a norte, junto à costa. Espanta-me que não tenhas ouvido falar dela, as pessoas fartam-se de comentar a sua vida.

— As pessoas! Dizem coisas tão feias acerca umas das outras que o mais das vezes já nem as ouço — disse Amin.

— Ah, então alguma coisa ouviste — fez notar Farida, com um sorriso ufano. — Vá, diz lá o que ouviste?

Amin hesitou.

— Vi-a passar e depois as pessoas disseram quem ela era, o seu nome. Mas não me lembro de ter ouvido dizer alguma coisa má acerca dela, se é a isso que te referes. Apenas que a avó dela era a mulher de um europeu, a amante dele.

Farida confirmou a informação com um aceno vigoroso da cabeça.

— Sim. Em Mombaça. Suponho que já não seja viva. De certeza que já morreu. Mas quando era viva, ninguém ia visitá-la, e ela não saía para lado nenhum. Uma vez, passámos pela antiga casa dela.

A mãe da Jamila, Bi Asmah, é filha deles. Repara na pele dela. Leitosa, clara, embora ela já seja velha. Veio para cá para se casar, e provavelmente para fugir dos mexericos em Mombaça. Creio que foi educada por familiares, mas suponho que ninguém a tenha poupado a pormenores acerca da vida escandalosa da mãe. A conversa das pessoas tem o poder de nos destroçar.

— Bem, mas o que a avó da Jamila fez não tem nada que ver com a Jamila, ela não tem de pagar por isso — alegou Amin. — É pura maldade e coscuvilhice. Não sei porque é que as pessoas fazem isso. A amabilidade tem muito que se lhe diga. Quando é que ela cá volta? Que mais perguntou sobre mim?

A amabilidade tem muito que se lhe diga. Semelhante dito era tão típico de Amin que Farida sorriu ao escutá-lo. O irmão era capaz de ouvir os amigos relatar uma história de crueldade e inconsideração, ou de mesquinhez e incúria, ou de uma qualquer outra variedade de indelicadeza, e, ao fim de um momento de reflexão, sair-se-ia com aquela frase. Os amigos riam-se dele. Os menos amigos viam naquilo uma presunção de virtude, um tipo de cortesia prevalecente entre os que afectavam ares piedosos. Os amigos verdadeiros não viam nele cinismo e quando se riam nem sempre era com indelicadeza, e nem sempre era na presença dele, mas riam-se, ainda assim, e encaravam o seu lamento como uma espécie de ingenuidade. Contavam-lhe de forma intencional histórias de brutalidade corrente para o ouvir dizer aquelas palavras consternadas. Surtido o efeito pretendido, estrebuchavam convulsivamente para não se deixarem rir ou, se fossem amigos mais ou menos chegados, riam-se abertamente e troçavam da sua amabilidade simplória. És bom demais para este mundo, concluía.

Na noite a seguir ao relato da história de Jamila sonhou com ela. Tinha a certeza de que era ela, se bem que ao princípio, do que se recordava do sonho, ela não passasse de uma presença, sentada num pátio às escuras. Silenciosa, de início, Amin sabia que ela estava ali, pois conseguia senti-la. Havia uma espécie de vibração no ar. Numa voz quase inaudível, Jamila começou a cantar e, aos

poucos, o som foi crescendo e a voz dela elevou-se numa frequência para lá da capacidade do seu ouvido. Sentia-a ali, apesar disso, e a sua voz murmurante roçou-lhe a pele, a sua silhueta adensou-se, como acontece com a noite. No seu canto, ouviu as notas do sofrimento primordial, da solidão e do medo da dor. Mais tarde, avistou-a numa divisão mal iluminada, talvez subterrânea ou numa gruta, vestida da cabeça aos pés e deitada de costas numa esteira. Sobre a sua barriga alapardava-se um animal hirsuto, com um ar culpado, mas imóvel, paralisado como que por um feitiço. O desespero da criatura era tão evidente que Amin despertou, receoso de ter gritado, mas Rashid continuava a dormir a sono solto mesmo ali ao lado. O mais certo é que ele esteja a sonhar com as universidades inglesas, pensou Amin.

No dia seguinte passou de bicicleta em frente à casa dela. Duas ou três vezes por semana, depois das aulas, Amin ia nadar com os amigos e, num dos dias, a caminho de se juntar a eles, tomou a rua que levava aos *hamam*. A rua era estreita e, àquela hora da tarde, umbrosa. A casa encabeçava a rua, na outra extremidade, formando com ela um entroncamento. Uma outra rua, de dois sentidos, passava à frente do edifício, paralela a ele, embora depois fosse obrigada a descrever curvas e contracurvas para evitar outras casas e lojas. Assim era a parte antiga da cidade: ruas delgadas e silêncios profundos e sussurrantes. Quem as percorresse de bicicleta, teria de levar o polegar constantemente na campainha e os restantes dedos na alavanca do travão. As chuvas tinham deslustrado a cal branco-suja que cobria a casa. As molduras das janelas dos pisos superiores eram verde-pálidas, encimadas por bandeiras em forma de arco com vidraças coloridas. No piso térreo, umas janelas estavam fechadas e outras tinham as venezianas abertas para deixar entrar o ar. As janelas do segundo piso estavam escancaradas, assim como as enormes portas entalhadas da entrada, que permitiam ver sem entraves um pátio empedrado. Amin não achou que a casa parecesse uma ruína. Pareceu-lhe espaçosa, arejada e modesta. Viu uma porta mais pequena e menos imponente na fachada lateral, que dava a impressão de ser a entrada para um escritório ou um arrumo. No rés-do-chão só uma

janela dava para a rua, e estava fechada, mas tinha as tabuinhas da veneziana abertas. Fez soar a campainha da bicicleta, um toque longo e intrincado, ao passar pela janela. Não, não parecia de todo uma ruína.

Os encontros para irem nadar eram marcados de improviso. O que tivesse a ideia ia chamar os outros e, quem quisesse, juntava-se a ele. Às vezes, formava-se um grupo de cinco ou seis, outras eram só dois. Nunca iam nadar sozinhos, sobretudo naquela época do ano em que o mar se encapelava por causa do início da monção. Havia quem nem se aproximasse do mar nessa altura, mas o tempo estava tão quente e seco que Amin preferia ser sacolejado pelas ondas, ainda que nadar assim fosse cansativo. Não encontrou nenhum dos amigos em casa, por isso, à terceira tentativa desistiu e, pedalando com vagar, passou em frente aos campos desportivos, ao longo da avenida de casuarinas, sempre fresca àquela hora do dia, e rumou à praia junto ao campo de golfe. Também lá não estavam.

Deu meia-volta pela rua do hospital, passou pelos Victoria Gardens e, a seguir ao tribunal, virou à esquerda para aceder a uma praia mais isolada onde muitas vezes iam nadar. Nas traseiras do tribunal, uma ladeira relvada estendia-se até à praia, e de um lado e doutro havia mansões com jardins murados virados para o mar. Amin ouvira dizer que, dos pisos superiores daquelas casas, a vista alcançava todo o canal até ao continente, se bem que fosse uma incógnita como é que tal informação fora recolhida. No passado, as casas haviam pertencido a comerciantes e à nobreza omani e, como tal, tinham sido construídas segundo o estilo que lhes agradava, com ameias e terraços e enormes paredes cegas para frustrar a curiosidade alheia. Na tarde da visita de Amin, todas as casas naquela extensão junto ao mar eram habitadas por funcionários britânicos: talvez o presidente do tribunal nesta, o médico naquela e o procurador naqueloutra. Não havia ninguém por perto. Junto dele, uma palmeira jovem sacudia de forma improvável as suas frondes, desde o pecíolo, contorcendo-as sedutoramente ao sabor do vento, sinuosas e serpeantes, erguendo a sua cabeleira desgrenhada com uma intenção clara. Amin sentou-se entre as pinhas secas que

juncavam o chão em redor de uma enorme casuarina e ficou a contemplar o mar revoltoso. Adorava o silêncio atroz do mar àquela distância.

Ocorreu-lhe que não fazia ideia de quem eram os oficiais britânicos que viviam naquelas casas. Por vezes, havia quem se assomasse às varandas viradas para o mar e ficasse a vê-los nadar, lhes acenasse, se bem que às vezes mais parecesse que estavam a enxotá-los. Nem ele, nem os amigos, nem ninguém seu conhecido fazia ideia de quem eram as pessoas que viviam naquelas casas enormes, excepto que se tratava dos senhores da terra e que eram implacáveis nos seus esforços para se manterem à parte. Havia quem soubesse quem eles eram e o que faziam, é claro: os seus criados, o pessoal dos gabinetes a partir de onde governavam. Amin, porém, raramente avistava um rosto europeu nas ruas, à excepção talvez de um ou outro dos seus professores ou dos turistas que vinham nos cruzeiros que ali faziam escala de um dia nas suas viagens de e para a Europa. Contudo, haveria sem dúvida uma multidão deles escondidos atrás das paredes daquelas casas, onde viviam tranquilamente. Amin interrogava-se de que maneira encarariam as pessoas que governavam. Imaginava que o viam a ele e aos seus conterrâneos como um tropel caótico e irascível, os seus gritos e pieiras meras lamúrias típicas de quem sempre vivera submisso.

Uma porta no muro do jardim atrás de si abriu-se então e na soleira deteve-se um homem que parecia ser o jardineiro. Vestia uns calções compridos e uma camisa branca esfarrapada. Estava descalço. Por trás dele, Amin conseguiu entrever a sombra fresca do jardim. De mãos nas ancas, o jardineiro fitou Amin por uns minutos, desafiando a sua presença ali. Amin acenou-lhe, virou-lhe as costas e estendeu-se na relva, recusando-se a mostrar-se intimidado. Não era incomum agirem daquela maneira, o jardineiro do tribunal e os jardineiros das outras casas. Olhavam fixamente para eles quando iam ali nadar, como se estivessem a invadir a privacidade dos seus amos. A presença do jardineiro sobre o seu ombro, porém, arruinou a sensação de tranquilidade de que começara a desfrutar sob as árvores. As pinhas sobre as quais

estava deitado começaram a incomodá-lo mais, por isso montou-se na bicicleta e afastou-se. No caminho de regresso, passou pela mesma casa e dessa vez viu uma menina a sair pelas portas entalhadas, uma das quais estava então fechada. Fez um toque divertido com a campainha da bicicleta e a menina sorriu.

Nessa noite, Amin teve de ajudar o irmão nos trabalhos de casa de estatística. Rashid estava extremamente ansioso com os exames. Amin passava a maior parte dos serões com ele, a fazer exercícios e a ajudá-lo a estudar, e a ouvir as suas intermináveis angústias. Os exames eram dali a seis semanas e Amin já lhe tinha dito que, a menos que se acalmasse, não sobreviveria até lá.

— Mas tu és inteligente — alegava Rashid. — De nada me serve dizeres-me que não me rale. Há quem tenha de se esforçar muito nos estudos. E eu não percebo nada de estatística. Parece-me uma feitiçaria inútil. Mas para ti é fácil e provavelmente útil, sabe-se lá como. Como queres que mantenha a calma? Vou chumbar de certeza.

— Os teus professores adoram-te. Claro que não vais chumbar.

— Como assim? — indagou Rashid, lisonjeado e indignado ao mesmo tempo. — Queres dizer que vão manipular os resultados? Quem me dera. Ou estás a dizer que sou um graxista?

— Toda a gente diz que és um graxista — disse Amin. Por um momento, a estatística teve de ser esquecida enquanto os dois irmãos resolviam um assunto mais urgente, envolvendo-se numa briga e fazendo uma algazarra tal que a mãe lhes foi bater à porta para perguntar se tinham enlouquecido.

— Não, Ma — respondeu Rashid, num tom lamuriento. — O Amin está outra vez a meter-se comigo.

— Parem com isso, os dois — gritou a mãe. — Abram imediatamente esta porta. — A partir da soleira, ralhou com ambos, se bem que, como de costume, tenha sido Amin quem arcou com as culpas. Amin recusou-se a cooperar depois de a mãe ter virado as costas, mas Rashid sabia que voltaria a ficar tudo bem no dia seguinte.

O dia seguinte foi uma sexta-feira e os rapazes juntaram-se da parte da tarde para ir ver uma partida de futebol. Seguiu-se um

longo passeio de bicicleta pelo campo, no domingo, até Bububu, que incluiu um piquenique e um banho de mar. Na segunda-feira, o regresso à escola e os habituais percursos de autocarro a meio da tarde, os trabalhos de casa, os seus e os de Rashid, os amigos. As chuvas vieram nessa altura, com o céu baixo dias seguidos e depois largando torrentes de água cristalina que refrescaram toda a gente. Ao início foi como se tudo tivesse renascido: as árvores balouçavam com uma maior presunção, os telhados das casas brilhavam, apesar da ferrugem, as estradas cintilavam, mas como as chuvas continuaram, um dia após outro, as valetas encheram-se de detritos levados pela água, as caleiras transbordaram e formaram-se charcos e poças em todo o lado. Os telhados deixaram passar a água, que se infiltrou na argamassa, à base de calcário, e entibiu a estrutura das casas, algumas das quais desabaram subitamente durante a noite. A ruína em frente à casa deles perdeu alguma da argamassa e uma veneziana ou duas, deixando à vista ainda mais ossos e molaes, mas não deu outros sinais de capitulação. Não havia como escapar à lama e ao lixo nas ruas, toda a gente tinha de os contornar o melhor que podia. As sandálias de couro aspergiam água lamacenta para a roupa e o próprio couro não tardava a degradar-se. Em poucos dias, as hordas de mosquitos chegaram e as febres começaram. As crianças que brincavam nos regatos apanharam matacanhas e infecções nos pés. A seguir às aulas não havia outra coisa a fazer a não ser jogar às cartas ou cavaquear debaixo de telha. Quando as chuvas vieram, foram um alívio, pois o sol opressivo assemelhava-se, dia após dia, a um algoz. Um mês de céus carregados e de chuvas intensas fez toda a gente sorrir sempre que o sol se mostrava.

Uma tarde, durante esta época, vários dias, ou talvez várias semanas depois da primeira vez, Amin chegou a casa e deparou com Jamila sentada na esteira como dantes, com um catálogo de vendas por correspondência no colo (por causa da secção de vestuário) e um pedaço de tecido acetinado entre ela e Farida, como da primeira vez. A mãe ocupava uma cadeira junto à janela e escrevia uma carta, aproveitando a luz. Ao ver Jamila, Amin sentiu uma inesperada sensação de alívio, como se tivesse receado não

tornar a vê-la. Pensara nela com frequência, desde que a conhecera, mas de uma maneira contida, culpada, como se acalentasse fantasias indecorosas. Ela estendeu o braço e ele inclinou-se para a frente e apertou-lhe a mão, ao de leve. Ocupou a cadeira mais próxima, com um sorriso e uma pontada de dor no peito. Jamila era tão bela que doía olhar para ela. Imaginara-a muitas vezes; deitado, às escuras, evocara o seu rosto, mas não passava de uma imagem plana, imóvel, comparada com o que tinha diante dele. A pele de Jamila brilhava e as suas feições moviam-se com delicadeza, os seus olhos sorriam com uma simplicidade tranquila.

— Como estás? — perguntou ela, com um tom ligeiro e na sua voz grave, uma tentativa de fazer conversa. — Naquela escola retêm-vos até tarde, não é?

— Temos aulas à tarde — elucidou ele, e pareceu-lhe que a sua voz tinha um tom mais agudo, revelador da sua animação.

— O vestido que a Farida me fez ficou tão bonito que vim mandar fazer outro — disse Jamila.

Amin quis perguntar se era o que ela tinha vestido, mas receou parecer demasiado ousado.

— A Farida é muito boa costureira — comentou, em vez disso, e teve a certeza de que a voz lhe tremeu.

— Que se passa contigo? — perguntou a mãe, nas costas dele. — Estás a ficar constipado? Não apanhaste chuva, pois não? Bem, o que queres daqui? Vai guardar os livros e leva os óculos ao teu pai. Há-de estar no café. Esqueceu-se deles e com certeza que está convencido de que os perdeu em algum lado. Despacha-te, que fazes aqui ainda? Ah, e compravas-me um selo de trinta cêntimos? Estou a escrever à tia Saida e depois quero que vás pôr a carta ao correio.

Quando olhou de relance para Jamila, viu que ela tinha um ar divertido, quase rindo da maneira como a mãe o expulsava da sala. As mães são assim mesmo, diziam os olhos dela, sempre a mandar-nos fazer um qualquer recado. Dirigiu-se à mãe e saudou-a com um beijo na mão, como fizera todos os dias ao chegar a casa desde que, aos sete anos, começara a frequentar a escola. E, como

acontecía sempre que ele o fazia, a mãe beijou-lhe a mão também. Amin reparou que a mãe tinha os olhos húmidos e cintilantes do esforço de escrever.

— Vai lá — insistiu ela. — Leva os óculos ao teu pai. Estão ao lado da cama.

— Eu adorava estudar — declarou Jamila, de repente.

— Eras uma rapariga inteligente — comentou Mwana, que, distraída, deixou de pressionar Amin por um momento. — Toda a gente o dizia. Eu não te dei aulas, mas toda a gente dizia o mesmo.

— Em que escola andaste? — perguntou Amin, que saboreava a presença dela, o seu rosto, a sua voz, o seu sorriso. Tudo aquilo era novo para ele, aquele profundo prazer sensual que retirava de olhar para ela, de a ouvir.

— Naquela que fica no bairro de Forodhani, e a seguir em Saint Joseph — respondeu Jamila. — Depois de Saint Joseph, fui para uma escola comercial em Mombaça, onde aprendi estenografia e dactilografia. Trabalhei lá um par de anos e depois voltámos para abrir um gabinete que prestava serviços a empresas.

— Que é isso? — quis saber Amin.

Jamila encolheu os ombros.

— Oh, de qualquer forma, não resultou — disse ela, com um sorriso.

Amin ouvira o *nós* e pensara no divórcio dela, mas Jamila não parecia perturbada. Perguntamos sempre uns aos outros em que escola andámos, pensou Amin, e quem lá conhecíamos. Era uma maneira de reclamar afinidade.

— Amin, vai guardar os livros e leva os óculos ao teu pai — tornou a mãe, já a perder a paciência. — E não te esqueças do selo. Vê se o Rashid precisa de alguma coisa, ou leva-o contigo. Está enfiado no quarto desde que veio da escola. Tanto estudo ainda lhe vai fazer mal. — A irritação e a arenga eram também uma espécie de fanfarronice. Vejam a gentileza com que os meus filhos me obedecem mesmo quando sou caprichosa. Reparem como trabalham no duro.

Nessa noite, voltou a sonhar com ela, e com a criatura agachada em cima dela. Era ele a criatura, ocorreu-lhe ao acordar. Fora desde

sempre a criatura, mas recusara reconhecer-se naquele animal horripilante, obsessivo e trémulo, com sentimentos e desejos que melhor faria em reprimir e negar. Mas porque haveria de dar-se à maçada de os negar? Não passava de uma fantasia, uma brincadeira agradável na qual imaginava as feições dela, a imaginava abraçada a ele, deitada com ele. Imaginava os olhos dela, a sorrir e a brilhar para ele. Ela rir-se-ia, se soubesse, e todos os demais ficariam escandalizados. Aos olhos dela, e de toda a gente, ele era provavelmente desajeitado e inábil, uma criança grande que ignorava o mundo. Ela era uma mulher, viajara, conhecera o amor, pois ele tinha a certeza de que havia sido o amor que a levara a casar com o homem que trouxera de volta com ela de Mombaça. Era uma mulher que sabia que era bela e que se riria, incrédula, se soubesse os encontros que ele imaginava entre eles. Bem, não valia a pena ela saber que partilhavam uma cama na escuridão, que ele a acariciava e lhe sussurrava.

Depois dessa tarde, ganhou o hábito de passar de bicicleta em frente à casa dela, às vezes dia sim dia não, outras vezes todos os dias. As grandes portas entalhadas estavam sempre abertas durante o dia, e acontecia ele ver crianças a brincar no pátio. A pequena porta lateral estava sempre fechada. Uma tarde, viu-a sair dos gabinetes camarários e interrogou-se se ela trabalhava ali. Ela caminhava a alguma distância dele, e Amin seguiu-a sem a tentar alcançar. Ela usava um *buibui* na rua, que era o que se esperava que todas as mulheres fizessem, mas tinha a cara descoberta.

Uma ocasião, cruzaram-se na entrada do cinema quando ele estava com um grupo de amigos, à espera para entrar. Ela ia acompanhada de outras mulheres e de uma rapariga vestida como se fosse para um passeio. Pareceu-lhe que a rapariga era a mesma que vira sair de casa, da primeira vez, e a qual cumprimentara com a campainha da bicicleta. Jamila sorriu para ele, com descontração e disse o seu nome. Ele acenou-lhe. Uma das outras mulheres olhou para trás e sorriu-lhe também. Os amigos meteram-se com ele, deram-lhe o nome de vários galãs do cinema, e ele alinhou na zombaria, enfunando o peito e pavoneando-se um pouco, mas sabia que, tal como ele, os amigos não viam naqueles sorrisos outra coisa

a não ser cortesia. Ou sabiam pelo menos que nenhum deles faria o que quer que fosse em relação a eles. Elas eram mulheres feitas e só homens a sério, conhecedores do mundo, saberiam o que fazer para que os sorrisos conduzissem a algum lado.

Os exames não tardaram a chegar e enxotaram da cabeça deles todos os outros pensamentos. Era espantosa a forma como os exames os transformavam a todos num bando de crianças. De repente, Rashid ficou tão confiante nas suas hipóteses que Amin começou a rezear pelo irmão. Amin também tinha de fazer exames no final do seu primeiro ano, mas não tiveram o mesmo impacto que os de Rashid. Era como se jamais alguém tivesse feito uma prova para ganhar uma bolsa de estudos. Com os exames, o ano lectivo acabava e grupos de jovens deambulavam pelas ruas ou faziam excursões de bicicleta até ao campo, ou dormiam até meio do dia, ou o que lhes desse na gana. Assim eram as férias para a maioria dos jovens: preguiçar e vaguear sem rumo pelas ruas. Havia uns quantos desafortunados cujos pais tinham negócios que reclamavam os seus serviços, mas até estes conseguiam escapar-se sem um castigo muito severo, sobretudo durante as férias que se sucediam aos exames, em que os pais se sentiam obrigados a recompensar a progénie pelos seus esforços.

Era também a temporada do *musim*, e hordas de marinheiros e mercadores apinhavam-se nas ruas e nos espaços abertos, vigiados com maior atenção do que em anos anteriores por um batalhão de Coldstream Guards. Num passado mais distante, o *musim* havia sido uma época mais indisciplinada e turbulenta, em que o sangue dos aventureiros trazidos pelo vento por vezes manchava as ruas, e as pessoas trancavam os filhos em casa por receio que fossem raptados. Nenhum deles sabia que aquele seria o último *musim* que veriam. Os Coldstream Guards estavam na cidade naquele ano porque, além de todos os acontecimentos importantes daquele mês, havia comícios e acções de campanha por todo o lado para fomentar o voto nas derradeiras eleições antes da independência, eleições essas que ocorreriam no início do ano seguinte. Amin via

às vezes Jamila nos comícios a que assistia e nas aulas de alfabetização. Era uma das activistas que tentava persuadir as mulheres a recensearem-se para votar. A alfabetização era um requisito para o recenseamento, e Jamila pertencia ao grupo de pessoas que davam aulas a mulheres numa das delegações do partido; ensinava-as a escrever o nome e a data de nascimento, que era tudo o que precisavam para provar que sabiam ler e escrever. Rashid ofereceu-se como professor na delegação local e a mãe deu também o nome de Amin como voluntário.

Seis meses antes, houvera uma eleição fracassada, arruinada por tumultos e um empate nos resultados. As diferenças políticas entre os partidos tornaram-se irreconciliáveis, como porventura sucede em comunidades pequenas onde os rancores do passado jamais se apaziguam ou que, em todo o caso, raras vezes são revisitados à luz de acontecimentos mais prementes. E não havia muitos acontecimentos suficientemente urgentes para fazerem as pessoas questionar as suas lealdades. Ainda não. Os tumultos foram um choque para os jovens, mas quiçá não tão chocantes para os mais velhos, que tinham testemunhado combates nas ruas e até alguns assassinatos nos primeiros anos do século. Aqueles novos tumultos acabariam, também eles, por ser postos em perspectiva por eventos posteriores; contudo, em vista da ingenuidade da época, tomavam a feição de uma aterradora falta de maneiras, como membros de uma família que se insultam em público. Tínhamos ainda muito a aprender sobre o mal que éramos capazes de infligir uns aos outros, e sobre a facilidade com que o cometeríamos, uma vez perdida a vergonha. Em todo o caso, iria haver novas eleições e por aquela altura sabia-se que a independência ocorreria no final do ano. A debandada tinha já começado noutras partes: na África Ocidental Francesa e no Sudão francês dera origem a uma dúzia de novas nações. Os Britânicos tinham lançado o Gana e a Nigéria no seu longo caminho rumo a um futuro brilhante, e o nosso vizinho, o Tanganica, via-se súbita, ainda que mais humildemente, nesse mesmo caminho. O trânsito entre os aeroportos africanos e Lancaster House, em Londres, onde decorreram todas as reuniões constitucionais (que piada!), deve ter sido intenso e constante.

O Ramadão ocorreu também nessa altura, de maneira que foi uma coisa atrás da outra ao longo dos meses desse ano. As eleições iminentes deixavam toda a gente ansiosa, em antecipação do que se seguiria. Os ministros do Governo provisório andavam de um lado para o outro nos seus *Austin* pretos com matrículas especiais e a bandeira do sultão no capô. Tornava a proximidade da independência mais real, aquela bandeirola no capô.

Uma longa e faminta tarde, a meio do mês do Ramadão, com as escolas fechadas para o jejum, Amin estava estendido no sofá da sala de estar a ler enquanto Farida, de pé em frente à sua mesa de trabalho, engomava um vestido terminado. Toda a gente mandava fazer roupa nova para a festa que marcava o final do Ramadão, portanto aquela era a época do ano mais atribulada para Farida. Os pais dormitavam em quartos separados, a mãe no de Farida e o pai no do casal. Marido e mulher evitavam-se aquando da sesta durante o Ramadão, para jogarem pelo seguro. É que, mesmo o desejo, e mesmo para quem estava legalmente casado, representava uma quebra do jejum. O mesmo acontecia com pensamentos libidinosos de qualquer tipo, e Amin suspeitava que os seus esforços de pouco contavam no livro-mestre do Todo-Poderoso. Uma das surpresas que o crescimento lhe trouxera fora a tomada de consciência de que o jejum não inibia o desejo sexual, que muito provavelmente tinha o efeito contrário.

OuvIU-se uma pancada na porta da frente, mantida fechada durante o Ramadão porque dava directamente para a sala da frente e alguns vizinhos não resistiam a uma porta aberta. Era Jamila, que viera mandar fazer uns vestidos para a sobrinha. Amin levantou-se para lhe apertar a mão e depois sentou-se numa cadeira a ouvir Jamila explicar que os vestidos eram uma surpresa para a festa e que, portanto, gostaria que Farida os fizesse usando outro vestido como modelo, em vez de tirar as medidas à menina. Disse o que desejava e Farida anotou tudo com uma eficiência tranquila e séria, que nunca deixava de impressionar Amin. De uma maneira geral, Farida sorria sempre que alguém com ela cruzava o olhar, excepto quando estava a receber instruções das clientes. Amin fazia de conta que lia, mas não parava de levantar os olhos do livro para

contemplar o rosto de Jamila, as mãos, os lábios, e tomava por uma visão cada movimento deles. Quando Jamila acabou de explicar o que pretendia, virou-se para Amin, que se convenceu de que ela lhe lera os pensamentos. Jamila perguntou-lhe o que lia e estendeu o braço na direcção do livro. Ele levantou-se para lho dar e sentou-se numa cadeira mais perto dela. Era uma edição de capa mole de *Doutor Jivago* que um amigo que fora a Dar es Salam visitar familiares lhe trouxera. Jamila perguntou-lhe o que ele achava do livro e ele falou da escrita magnífica e da narrativa viciante.

— Hás-de emprestar-mo, quando terminares — pediu ela, e devolveu-lhe o livro.

Amin regressou ao sofá e pouco depois ela levantou-se para se ir embora. Olhou para ele por um segundo, fez-lhe adeus sem dizer nada, e, por uma qualquer razão, o gesto pareceu-lhe mais íntimo do que se ela tivesse falado. Farida voltou ao vestido que engomava, também sem dizer nada, porém com um ar pensativo. Ficou com a sensação de que, mais do que pensativa, a expressão dela espelhava reprovação. Ela sabe, pensou ele, e manteve-se no sofá, num silêncio tenso, fingindo que lia, à espera das palavras trocistas dela. Mas Farida nada disse durante um tempo e depois pediu-lhe que ligasse a rádio para que o barulho despertasse os pais. A mãe tinha gosto em preparar as refeições do Ramadão, se bem que tivesse a amabilidade de permitir que Farida a ajudasse. E o barulho do rádio sem dúvida que arrancaria o pai da cama e o expulsaria de casa. As vozes dos xeques com os seus sermões do Ramadão buliam-lhe com os nervos. Achava-os demasiado autoritários e piedosos para serem honestos, e assim que o *tajwid* que dava início aos programas da tarde acabava, punha-se a mexer e ia sentar-se no café com os amigos até ao toque da sirene, que anunciava o ocaso, altura em que partilhavam a primeira chávena de café do dia antes de rumarem à mesquita.

O jejum durava o dia inteiro. Depois da oração da noite, as pessoas comiam bem e a seguir, na companhia de familiares ou amigos, cavaqueavam até de madrugada, ou passeavam pela beira-mar até tarde ou iam a sessões de cinema tardias ou jogavam partidas intermináveis de cartas. Outros vagueavam pelas ruas em

busca de outro tipo de jogos, que preferiam manter em segredo. Toda a gente ficava acordada até tarde, incluindo as crianças, que se entretinham a brincar sob as luzes dos candeeiros de rua. Nessa noite, Amin viu-a a passear pela marginal com a família. Ao cruzarem-se, ela presenteou-o com um sorriso rasgado, sem dizer uma palavra. Amin continuou até à extremidade da marginal, longe dos candeeiros. A lua, em quarto minguante, recordar-se-ia mais tarde, pendia sobre o mar como um mundo luminoso e perdido. No dia seguinte, incapaz de parar de pensar nela ou de não pensar em comida, resolveu deambular pela cidade sem destino, ou assim disse a si mesmo, mas não tardou a descobrir que rumava a casa dela. Dessa feita, ela vinha a sair pela pequena porta lateral quando ele passou. Estacou e olhou para ele, surpreendida, e, ao fim de um momento, disse: «Amin, como estás?» Ele respondeu e estugou o passo, crente de que ela iria passar a encará-lo como um incómodo.

Nessa noite, não rumou à marginal, mas na noite seguinte já não se conteve. Ao ver Jamila com a família, manteve-se à distância, observando-a de longe, captando a brancura dos sorrisos, a banalidade sublime dos gestos quando se riam e falavam. Acabou por se cruzar com elas, mas fingiu que não as vira e passou de olhos fixos em frente. Não havia aulas para o distrair, nem percursos entediantes de autocarro ou tarefas pouco exigentes, apenas a fome e o calor do dia e uma sensação de mau prenúncio, um terror constante de que não conseguia ver-se livre. Não se imaginava a dizer-lhe o que quer que fosse e era bem capaz de supor o riso horrorizado de Jamila, caso o fizesse. Apesar disso, passava o tempo a ensaiar o que lhe diria, e havia alturas em que se convencia de que ela queria que ele se declarasse. Atemorizava-o ver-se tão obcecado. Acontecia-lhe sentir uma ira capaz de infligir dor, e não entendia porquê.

Obrigar-se-ia a manter-se longe dela. Foi a decisão que tomou. Nessa tarde, ao pôr-do-sol, vestiu uma *kanzu* e foi à mesquita, e mais tarde, depois de quebrar o jejum, sentou-se à porta de casa e conversou com as pessoas da vizinhança. No dia seguinte, dirigiu-se à beira-mar, à praia junto ao local onde os pescadores guardavam os barcos, longe da marginal. Eram as pessoas com as

quais crescera, entre elas os vizinhos que viviam na grande casa em ruínas em frente à deles. Amin sentia-se à vontade entre os pescadores, embora as suas mãos fossem macias e as deles ásperas e calosas de manusearem os apetrechos de pesca e as redes, e os seus rostos estivessem curtidos pelo sol e pelo mar. Eram homens seguros de si, que todo o dia galhofavam com uma ferocidade impiedosa, e depois se lançavam ao mar nos seus minúsculos barcos quando o sol começava a suavizar. Sentou-se na companhia deles durante algum tempo e suportou mais do que a sua quota-parte de zombaria em jeito de boas-vindas, depois foi novamente à mesquita à tarde e a seguir ficou a ler até ao fim da tarde. Foi assim que decidiu esquecê-la, mantendo-se na vizinhança, indo à mesquita, lendo, jogando às cartas, conversando. Não resultou, porque pensava nela quando lia, e até quando conversava ou ouvia os outros, mas mantinha-se afastado dela.

Rashid comentou qualquer coisa acerca da invulgar piedade do irmão. Meteu-se com ele à frente dos pais e recebeu uma reprimenda pela sua petulância. «Também tu devias ir à mesquita, rapaz ingrato», ralhou-lhe a mãe. «Ou achas-te já um *mzungu*? Ainda nem te foste embora e já te preparas para esquecer tudo. Devias ter vergonha de troçar do teu irmão, quando tu também tens contas a ajustar.» O pai tinha igualmente algumas palavras a dizer-lhe. O sermão, que podia adoptar muitas variações, rezava assim: «O Ramadão é o mês mais sagrado do ano, aquele em que o anjo Jibril revelou o Corão ao profeta. Jejuamos para praticar o comedimento e para nos concentrarmos nos nossos deveres para com Deus. É uma altura para nos arrependermos e para compensarmos os maus hábitos em que caímos nos meses anteriores. Um dos maus hábitos em que tu caíste, meu rapaz, foi não ir à mesquita, e melhor farias em seguir o exemplo do teu irmão nesse aspecto. E em vez de passares o dia a jogar cartas, devias ler uma sura do Corão todas as tardes. Vai vestir a tua *kanzu* e desaparece-me da vista.» Mais tarde, deitados nas respectivas camas, a poucos centímetros um do outro, Amin sentiu que Rashid estava apenas deitado às escuras, a ouvir a sua respiração.

— Que foi? — perguntou Rashid.

— Nada — respondeu Amin, para o desencorajar.

— Tanta oração. Fizeste alguma coisa má?

— Rezo pela tua bolsa. Acho que, caso contrário, não a conseguirás. E para passar o tempo e fazer algum exercício, entendes, levanta e baixa, ajoelha, toca com testa no chão, é bom para as costas — disse Amin. — Vá, dá um descanso ao teu pobre cérebro e dorme.

Uma noite, já tarde, quando este novo regime levava já alguns dias, Farida disse-lhe:

— A Jamila veio esta tarde buscar os vestidos. Ficaram bonitos e ela gostou muito deles. É bom, porque depois da festa vai trazer mais trabalho. Perguntou por ti. Disse que há vários dias que não te via.

— E o que lhe disseste? — perguntou ele, com brusquidão.

Farida fez um ar surpreendido e chocado:

— Pronto, pronto. Disse que estavas bem. Devia ter dito outra coisa?

Na noite seguinte, despiu a *kanzu* e foi à procura dela na marginal. Uma multidão passeava junto ao mar em pequenos grupos, à luz da lua em quarto minguante, algumas delas de mãos dadas. A luz dos candeeiros de rua reflectia-se na água e iluminava a estrada, sem carros àquela hora da noite. Eram apenas nove da noite, mas não havia onde ir de carro àquela hora. As mulheres formavam os seus grupos, os homens, os deles, e às vezes gritavam saudações e piropos uns aos outros. Eram sobretudo jovens. Algumas das mulheres indianas iam acompanhadas de um irmão ou de um cunhado, mas tirando isso nenhum rapaz jovem queria ser visto a passear as irmãs. As raparigas goesas passeavam desacompanhadas, à vontade com o seu charme. Eram cristãs, tinham nomes portugueses e trabalhavam em gabinetes governamentais, portanto eram quase europeias. Ninguém se atrevia a meter-se com elas, nem sequer com graçolas. Amin caminhava sem pressa do lado escuro da estrada, longe da água. No palácio do sultão, as luzes estavam acesas e nas árvores do parque que ficava na extremidade da marginal havia luzinhas coloridas. Os borrifos que a fonte aspergia cintilavam nas lâmpadas.

Amin viu-a afastar-se da multidão e avançar na sua direcção. Com ela estavam as duas mulheres com as quais já antes se tinha cruzado e que acreditava serem suas familiares. Atravessou para o outro lado da estrada e, ao aproximar-se, viu-a começar a sorrir, um sorriso contagioso. Parou a alguns passos delas e elas pararam também. Todos sorriam.

— Amin, por onde tens andado? — perguntou Jamila, inegavelmente satisfeita. — Há dias que não te vejo. E onde estão os teus amigos? Porque estás sozinho?

— Ali em cima, algures — mentiu ele, e apontou na direcção do antigo forte. — Ia agora ter com eles.

As duas mulheres que acompanhavam Jamila, que deviam ser da mesma idade que ela, mas que pareciam já ser mães, entreolharam-se e começaram a afastar-se.

— Estás com bom aspecto — disse Jamila, e ele sentiu o olhar dela perscrutar-lhe o rosto. Foi como se lhe tocasse. — Já acabaste de ler o livro? Gostava de o ler quando acabares, não te esqueças.

— Não esqueço — garantiu ele, mas as palavras, curiosamente, saíram-lhe com um tom mais portentoso do que fora sua intenção, como se estivesse a fazer uma promessa solene. Embaraçado, olhou para ela e, pelo seu sorriso, depreendeu que achara graça, mas não como quem troçava dele, e havia qualquer coisa na complexidade do seu olhar que o fez sentir de novo uma pontada no coração. As duas mulheres tinham parado a curta distância, viradas para o mar. Uma delas riu-se e Amin virou-se para elas, supondo que riam dele. Porventura Jamila tivesse dito qualquer coisa acerca da maneira como ele olhava para ela e por aparecer em todo o lado. — São tuas irmãs? — perguntou.

— Cunhadas — disse Jamila, e avançou na sua direcção. — Vemo-nos depois. Não desapareças — pediu ela, e fez um pequeno aceno.

Nos dois dias que se seguiram, regressou à sua rotina — a vizinhança, a mesquita, a leitura —, mas a recordação daquele serão deixava-o feliz, por isso rendia-se a ela com frequência. Então, na terceira tarde, a caminho do hospital para visitar um amigo internado por causa de uma apendicectomia, parou na livraria

junto à catedral para dar uma vista de olhos. Conhecia a maior parte dos livros que vendiam, sobretudo manuais escolares, mas adorava folhear os exemplares novos e ler um parágrafo ou dois de histórias suas conhecidas. A livraria era gerida pela Sociedade para a Propagação do Conhecimento Cristão, mas não tentava converter ninguém e tinha o cuidado de não ofender os não-cristãos, que constituíam a maior parte dos seus clientes. Ao fim de uns minutos, Amin abandonou a livraria e rumou à rua principal.

De repente, viu-a do outro lado da estrada. Jamila desacelerou quando ele lhe acenou e esperou que ele atravessasse.

— Vou ao hospital visitar um amigo — disse Amin, depois dos cumprimentos. — Foi internado de emergência ontem para uma cirurgia. Pelo menos agora já não tem de jejuar. — À sombra de uma amargoseira, conversaram sobre coisas sem importância por uns minutos, mas depois de se ter afastado, Amin foi tomado por uma espécie de calor ao rememorar a maneira como ela olhara para ele. Os seus olhos grandes pareciam concentrados nele, examinando-o ao mesmo tempo que ele falava, perdidos nele, imprudentes em relação ao que revelavam. Amin achava que revelavam desejo, do pouco que sabia acerca de tais coisas. Ter-lhe-ia tocado se não estivessem na rua principal a meio da tarde.

A excitação e o terror puseram-lhe a cabeça à roda. Não sabia o que fazer, ou como fazê-lo. No dia seguinte, pegou na bicicleta e foi dar um longo passeio sozinho pelo campo, munido de um livro, e no caminho de regresso sentou-se na praia perto de Sherif Musa, a ler, a maravilhar-se e a interrogar-se como haveria de agir em seguida. Nesse serão, depois de terem quebrado o jejum — Amin com a chávena do café na mão, de pé, pronto para se juntar à animação daquela noite, o pai arrastando os pés, ansioso pela cavaqueira no café, e a mãe sentando-se no cadeirão para uma pequena sesta depois dos seus esforços na cozinha —, Farida chamou-o ao pátio para que a ajudasse a levantar a louça. Seguiu-a com uma sensação de alívio. Alguma coisa ia ser dita. Sentia-o.

— Que se passa? Quero falar contigo — disse Farida, num sussurro feroz. — Ela veio cá hoje outra vez e perguntou por ti. Que

se passa? Não te meteste num disparate, pois não? Mais logo. Quero que me contes tudo.

Nessa noite, então, mais tarde, Amin contou-lhe como as coisas lhe estavam a correr. Havia estado um dia quente e húmido, mas do mar soprava entretanto uma brisa. Amin pensara no que Jamila poderia ter dito naquela tarde e interrogou-se acerca do que inflamara a irmã daquela maneira, mas decidiu que não faria perguntas, que não hesitaria. Abriria o seu coração e logo veria o que daí iria resultar. Sentaram-se numa esteira no pátio, à luz da lua, então a minguar cada vez mais depressa, nos derradeiros dias daquele mês. Era um alívio poder falar, e Amin fê-lo demoradamente, e Farida escutou-o quase sem interrupções. Terminado o primeiro desabafo, Farida confessou que já suspeitava, ou pelo menos receava, que esses fossem os sentimentos dele por Jamila.

— Tens de ter cuidado — aconselhou ela, em voz baixa, com amabilidade, mas sobretudo para que ninguém a ouvisse. — Não sabes o que ela quer, o que Jamila tem em mente. É uma mulher que sabe como o mundo funciona. Ouvi um rumor de que ela mantém um relacionamento com um político. São os heróis do momento, e não tardarão a fazer parte do Governo. Pessoas assim querem uma mulher só para mostrar.

— Como assim, para mostrar? — perguntou Amin, porque Farida se calara, à espera da pergunta do irmão.

— Uma mulher bonita e encantadora como ela, com aquela aura de escândalo que rodeia a família — explicou Farida. — Querem uma mulher como ela para se divertirem. Talvez seja isso também o que tu pretendes... divertir-te. Espero que não. Não me leves a mal, mas talvez seja um jogo que tu ainda não sabes jogar. Talvez seja isso que ela quer também, uma espécie de jogo amoroso. Só que ela é mais velha do que tu, é mais experiente. É bem possível que te desencaminhes, com uma pessoa como ela.

— Pensei que gostasses da Jamila — estranhou Amin, com indulgência, e tristeza também, pois não queria pensar em Jamila daquela maneira. Sentia alívio por Farida não se ter rido dele ou lhe ter dado um sermão cheio de banalidades e avisos, mas não

apreciou aquela sugestão de que era demasiado ingênuo para os ardis mundanos de Jamila.

— Não é que não goste dela — argumentou Farida, e não foi capaz de reprimir um sorriso fugaz, que refulgiu na escuridão do pátio. — Não te podes esquecer de que pessoas como ela vivem num mundo diferente do nosso. É o que a Ma diria, se soubesse. Não são o nosso tipo de gente, é o que ela diria. Têm uma ideia diferente do que lhes é exigido e do que é... honroso. Tens de te acautelar para não te magoares, e para não os magoares a *e/les*. — Apontou para a casa com o queixo.

Amin não disse nada e, passado um momento, Farida suspirou e prosseguiu.

— Quando ela veio aqui hoje e perguntou por ti, expôs-se ao insulto e à rejeição. Foi um convite para que agisse como intermediária entre vocês. De início, limitou-se a perguntar por ti, como estavas, mas depois quis saber se tu me tinhas dito alguma coisa que eu lhe quisesse transmitir. Eu podia muito bem ter ficado ofendida e decidido envergonhá-la. Acho que ela te quer, mas não sei para que te quer, portanto tens de ter cuidado. O político pode não passar de um rumor. Foi vista no carro dele, mas podia tratar-se apenas de uma boleia. Já houve outras histórias, e ela é mais velha do que tu.

Amin transpirava, angustiado com tanta incerteza, receoso de fazer figura de parvo. Eram sentimentos que passara a conhecer muito bem nas últimas semanas.

— Não será muito mais velha do que tu — disse ele. — E tu só tens mais dois anos do que eu.

— Deve ser cinco ou seis anos mais velha do que tu — alegou Farida. Depois, ainda no mesmo tom gentil, quase num murmúrio, perguntou: — Ama-la? — Vendo-o acenar que sim com a cabeça, rasgou um sorriso enorme, cansado e tocou-lhe na mão aberta. Quando afastou a mão, havia um envelope dobrado na palma de Amin. — Ela deixou isto para ti. Depois de ter perguntado por ti, e de eu ter respondido, ficou sentada num silêncio terrível. Eu vi logo que ela ia fazer alguma coisa estranha. Perguntou-me se te entregaria isto, e eu disse que sim. Agora estou cansada, meu irmãozinho, e tu

tens muito em que pensar. Amanhã logo me contas. Eu disse-te que hoje recebi uma carta do Abbas? Trazia um bonito poema para a Idd.

Amin ficou sentado, imóvel durante uns minutos depois de Farida se ter ido embora, assimilando tudo, virando e revirando o envelope que segurava na mão. Não tinha destinatário e estava selado. Entrou em casa e abriu-o sem demora, desdobrou a fina folha azul de papel e leu a única frase ali escrita, incapaz de acreditar no que os seus olhos viam: *Anseio por ti, amado*. Assemelhava-se a uma das suas fantasias. Não havia saudações, nem nomes, apenas aquela frase. Amin exultou, viu-a, imaginou-a. Ela sorriu e estendeu o braço para lhe acariciar o rosto. Quando a estreitou nos braços, sentiu uma leveza semelhante ao pânico.

Que poderia ela querer dele? Que lhe pedia que fizesse?

A primeira vez que se encontraram a sós foi na segunda noite da Idd, no final do Ramadão. Farida passou as instruções a Amin. Encontraram-se na orla da feira de Sikukuu, que se realizava ao longo dos quatro dias da Idd nos campos desportivos, perto do golfe. Durante a tarde, a feira enchia-se de crianças. Nas bancas e nos carrosséis só se viam crianças com a sua roupa nova e as suas preciosas moedas. Compravam brinquedos, algodão doce, gelados e voltas nos carrosséis, e algumas tornavam-se desordeiras e eram esbofeteadas, e outras separavam-se dos irmãos e irmãs mais velhos e choravam em pânico. Assim que começava a escurecer, as crianças tinham de regressar a casa, como acontece em todo o mundo. Instalada a noite, os adultos começavam a chegar, se bem que os prazeres ali disponibilizados não fossem, ao que parecia, diferentes dos que se encontravam à tarde, não sendo nem de longe tão interessantes para eles quanto o eram para as crianças: bancas de brinquedos, algodão doce e carrosséis. Grinaldas de luzes coloridas e potentes lamparinas a queroseno iluminavam a feira, mas só em redor das bancas, dos carrosséis e do pavilhão de críquete que, durante a Idd, se transformava numa gelataria. Isso

deixava na penumbra o que se encontrava a poucos passos da confusão e na escuridão completa tudo em redor disso.

Ela chamou-o baixinho ao vê-lo acercar-se, para o guiar na sua direcção, e um momento depois, Amin tocou-lhe nas mãos esticadas. Jamila beijou-lhe a palma da mão direita e disse *habibi*. Depois, puxou-o para que se sentassem na erva e assim não projectassem a mínima sombra. Esticou o braço e afagou-lhe o rosto, como ele sempre imaginara, e depois, puxando-o para si, beijou-o, abrindo os lábios para que ele sentisse a sua humidade. És tão bonito, murmurou ela, rodeando-lhe o tronco com o braço esquerdo e puxando-o para a erva. Amin ficou maravilhado com a sensação transmitida pelo corpo dela sob os seus dedos. Não imaginara aquela firmeza, aquela densidade, ou sequer a inexplicável sensação de lhe acariciar as curvas. Esperara algo mais leve, deu-se conta, porque para si ela havia sido uma entidade abstracta, uma fantasia. Beijaram-se e ele aspirou o seu hálito perfumado. Sussurraram o nome um do outro e trataram-se por meu amor. Passados uns momentos, que a ele lhe pareceram segundos, mas ao mesmo tempo uma eternidade, ela disse que tinha de voltar. Viera apenas para o abraçar e para lhe dizer que era belo, mas seria melhor ir-se embora antes que dessem pela sua falta. Dissera ao grupo com o qual viera que ia à procura de pipocas, para se livrar do sabor enjoativo do gelado. Era melhor voltar antes que se lembrassem de a procurar. Iria ele visitá-la a casa? Teriam mais tempo.

Quando, perguntou ele. Mais logo?

Jamila apreciou a urgência dele e beijou-o por causa disso, e depois pôs-se de pé. Amin levantou-se também e procurou-a às apalpadelas. Caminharam na direcção da luz, tocando-se e abraçando-se. Ela disse-lhe que as sobrinhas iam dormir em casa dela nessa noite, uma prenda de Idd. Poderia ele ir antes na segunda-feira à noite? Às nove em ponto. Deixaria a porta destrancada para que ele não tivesse de bater. Se encontrasse a porta trancada, devia ir-se embora e esperar por notícias dela. Às nove em ponto. Tinha mesmo de ir-se embora. Sorriu e deu-lhe um beijo rápido. Tem cuidado, querido, disse ela.

Amin manteve-se na escuridão a vê-la caminhar despreocupadamente, como que vinda de nenhum sítio em especial, rumo ao barulho e à multidão. Amin não sentia medo, mas uma estupefacção e uma incredulidade que o fazia sorrir. Ela achava-o belo, quando o tempo todo ele a achara incrivelmente bela. Beijara-o com espasmos de prazer quando o que ele esperara era que ela se risse a bandeiras despregadas. O rosto dela era uma profusão de detalhes, a luz reflectida nos olhos, o desenho dos lábios, o sorriso que o magoava. Tudo perece, talvez num instante, o momento prolonga-se e depois esvanece-se no cortejo da memória. Sabia que aqueles breves momentos não desapareceriam enquanto a memória perdurasse: o sabor da boca dela pela primeira vez, as suas pernas pressionadas contra ele, a mão na sua nuca. Nos braços e nos lábios dela sentira um eco do seu desejo, da sua urgência. Aquilo seria o que sentiam as pessoas que amavam e eram amadas em troca, pensou ele, imaginando, agora que sabia, quão terrível seria amar e ser rejeitado, ansiar pelo toque de alguém e ser rejeitado.

Adentrou-se na escuridão, longe da música e das luzes, rumando aos poucos à estrada que ladeava os campos desportivos. Interrogava-se se alguém os vira. Pareceu-lhe então captar um murmúrio no meio das sombras. Havia sempre movimentos furtivos e namoros acalorados nas franjas da feira durante os serões da Idd, observados com olhares de soslaio e sorrisos tolerantes (a não ser que um irmão mais velho estivesse por perto), na expectativa de que nada de verdadeiramente indecoroso acontecesse. Chegado à estrada, regressou a si mesmo, como se tivesse voltado de um passeio ao longo da praia junto ao campo de golfe, ou estivesse porventura a dar uma caminhada solitária ao longo da avenida das casuarinas. Uma suave brisa soprava por entre a ténue folhagem e aqui e ali uma pinha explodia sob as suas sandálias.

Sorria para si mesmo daqueles ardis, da simulação de que estava a dar um passeio inocente, longe da azáfama da feira, embora no fundo algo lhe dissesse que seria assim que as coisas teriam de ser. Ali não se tolerava que tais relacionamentos ocorressem às claras, e o escrutínio impiedoso e imperturbável tornava os estratagemas

furtivos e ansiosos dos amantes numa comédia sórdida. Havia sempre alguém de olho aberto, pronto para adicionar um fragmento ao fragmento de outrem, até que, mais cedo ou mais tarde, tudo vinha a lume. Para Amin, o ridículo e a vergonha de ser descoberto eram emudecidos pela exaltação, mas não deixava de sentir uma ligeira aversão, uma pequenina náusea, perante os ardis que seriam necessários.

Afastou-se da feira, tomando a estrada que bordejava a fachada branca do hospital Karimjee Jevanjee, assim baptizado em honra do filantropo ismaili que generosamente contribuía para a sua construção. Àquela hora da noite, as luzes da enfermaria estavam esmaecidas, porém os quadrados de luz iluminavam as árvores-de-fogo que formavam uma avenida a todo o comprimento da estrada. O próprio hospital assemelhava-se a um navio suavemente iluminado que se deslocava em silêncio a coberto da lua nova. A estrada, deserta e muda, era iluminada por candeeiros bem espaçados que emitiam o brilho amarelo das candeias a petróleo. À direita, do lado oposto ao do hospital, ficava o museu, mandado construir por John Sinclair, o mestre arquitecto colonial naquelas bandas, para comemorar o Armistício de 1918. Chamava-se Beit-el-Amani, a Casa da Paz. As suas cúpulas, um clarão branco sob a luz difusa, eram uma cópia modesta do telhado abobadado de Santa Sofia, em Istambul.

Amin passou pelo cemitério desactivado, em frente ao hospital, mergulhado no silêncio àquela hora. Durante o dia, as suas sombras estariam apinhadas de vendedores a apregoar fruta e comida aos doentes e seus familiares. Os portões de ferro da Residência estavam fechados, mas mesmo àquela hora da noite havia um polícia na guarita, do lado de dentro. Atrás daqueles portões, e num palácio mourisco de fantasia, também erigido por John Sinclair, residia o representante do poder, o comandante do navio em pessoa, o Residente britânico, Sir Henry Potter, cavaleiro-comendador da Ordem de São Miguel e São Jorge, que, em ocasiões de gala, deslizava pelos portões num *Humber* negro engalanado com o seu capacete colonial branco, cujas plumas brancas emergiam pelo tecto de abrir do carro como uma fonte

emplumada. Em tempos idos, o capacete teria porventura sido usado por um homem a cavalo, portanto as penas acenariam ao ritmo do avanço gracioso do equídeo, contudo a eficácia substituíra a grandiosidade e o sentido do espectáculo, e o elegante e silencioso *Humber* constituía um símbolo mais apropriado dos métodos taciturnos do império moderno. No barco de um amigo com o qual fora velejar, Amin observara certa vez o edifício da Residência a partir do mar e sentira-se como uma criança travessa a espreitar uma divisão na qual fora proibida de entrar.

Em frente à Residência ficavam os Victoria Gardens, onde naqueles tempos, tão próximos da independência, se reunia a Assembleia Legislativa. O sultão Barghash, outro grande construtor do século XIX, que mandou fazer estradas e fontes e esgotos e palácios, erigira o pavilhão e o jardim murado para que as mulheres da casa pudessem passear e desfrutar do seu sossego longe da vista de curiosos. Mandara os jardineiros plantar arbustos e bosques olorosos e construir canais de água, e o que não podia cultivar deixou à imaginação deles. Plantou árvores e plantas de diferentes partes do mundo, muitas delas oferecidas pelo cônsul britânico da época, um cavalheiro vitoriano dos quatro costados que partilhava da paixão do sultão pela horticultura, ainda que deplorasse o luxo perverso da utilização que era dada às plantas. Um sultão posterior, num acesso de gratidão para com os agentes imperiais que haviam acelerado a sua ascensão em detrimento de um rival, baptizara o jardim em honra da imortal rainha e oferecera-o ao povo. Amin passou pelo tribunal, outra obra de Sinclair, com a sua cúpula oriental, uma réplica. Na fachada, o tiquetaque do relógio soava bastante ruidoso para aquela hora. À sua direita ficava outro cemitério. A cidade contava com inúmeros pequenos cemitérios, em cruzamentos, ao lado de mesquitas, em recintos murados, multidões de mortos apinhados contra os seus descendentes.

Sem pressa, Amin dirigiu-se à beira-mar, desfrutando do silêncio das ruas mal iluminadas. Adorava os silêncios da cidade, diferentes e surpreendentes. Adorava descrever a si mesmo o rugido mudo do mar ou o murmúrio sigiloso das ruelas. Em algumas praças, no meio da zona velha da cidade, ouvia por vezes o eco silencioso da risada

distante de uma mulher. Não se cruzou com ninguém, embora alguns carros tivessem passado por ele, talvez de regresso da feira ou de uma visita a amigos motivada pela Idd, no entanto, apesar daquele vazio, tinha a impressão de estar no meio de pessoas. Ouviu rumores e gargalhadas pelas janelas abertas e algumas portas continuavam escancaradas, como se os donos das casas não receassem intrusos. Havia ainda pessoas a passear na marginal e luzes acesas na ala residencial do palácio do sultão. A maré esvaziava aos poucos, com relutância, dir-se-ia, e o mar embatia na parede da marginal com palmadas secas. No mar via-se um grupo de barcaças ancoradas e no cais, amarrado, o *ferry* esperava a travessia do dia seguinte para Dar es Salam ou Mombaça. Passou pela Alfândega, onde o tio Habib trabalhava, e alguém dormia nos degraus, com a cara virada para o mar. A casa do capitão do porto tinha as gelosias do piso de cima abertas e as luzes acesas, e da varanda escapavam-se risadas e vozes inglesas, e o cheiro a charutos. Virou para a rua do Dispensário Ithnaasheri e apressou o passo junto ao local da velha central eléctrica, que já não existia. Recordava-se da sua demolição, mas as bases onde encaixavam as turbinas ainda existiam, e durante as chuvas enchiam-se de água gordurenta e espessa, iridescente sob a luz do sol. Numa noite como aquela, sem lua (os primeiros resquícios do quarto crescente há muito que se haviam posto atrás da curva do céu), as poças eram negras como breu, como a gaivina-preta da Casa de Usher. Quando era criança, pensava que as poças eram habitadas por criaturas serpeantes e untuosas, e embora já tivesse idade para saber que nada conseguiria sobreviver naquela mistela venenosa, o seu coração não deixou de bater mais depressa ao passar por ali. As luzes da bilheteira do Cinema Sultana já estavam apagadas, mas as do vestíbulo continuavam acesas: a última sessão. Parou para ver o que estava em cartaz na noite de segunda-feira e tomou a direcção de casa.

Foi essa a sua explicação, a última sessão com amigos. A mãe não gostou. Porque não a sessão da noite? Porque é o facto de ser

tarde que torna a saída divertida, disse ele. Porquê sair tarde a uma segunda-feira quando tens aulas no dia seguinte, insistiu ela. Já fiz o que tinha a fazer e amanhã só temos uma visita de estudo, alegou ele. Às onze estou em casa. O pai não disse nada, mas Amin percebeu, pela testa franzida e pelo brilho no olhar, que ele também não gostou. Talvez suspeitassem que ia encontrar-se com alguém, contudo, mais cedo ou mais tarde, deixariam de poder impedi-lo de fazer a sua vida, portanto Amin calculou que a relutância e os resmungos se deviam a estarem de pés e mãos atados e não lhes ocorrer nenhuma razão para o proibir de sair.

Na segunda-feira, às nove da noite em ponto, a tremer e apreensivo como seria de esperar, Amin empurrou devagarinho a porta da casa de Jamila e sentiu-a ceder, e assim que ele entrou, Jamila fechou-a e correu o ferrolho. A divisão estava às escuras, uma gruta, mas havia uma luz ténue acesa mais ao fundo, e essa luz permitiu-lhe vê-la sorrir. Levou o indicador aos lábios para o silenciar, pegou-lhe na mão e conduziu-o para a luz. Era o quarto de hóspedes: uma cama, um cadeirão, uma cómoda com um espelho numa moldura dourada. Jamila levou-o para a cama e sentou-se ao lado dele, e, mesmo naquela semiobscuridade, Amin percebeu que ela sorria de felicidade. Deu-se conta de que também ele sorria, do limite que ultrapassara.

— Vieste — disse ela, num tom vulnerável e provocador.

Ele crocitou qualquer coisa em resposta e inclinou-se para ela. Era a primeira vez que Amin fazia aquilo e entregou-se nas mãos de Jamila sem resistência, de início. Mal podia acreditar nas sensações de prazer, de dor e libertação, e ao fim de um tempo entregou-se por completo ao frenesim da relação sexual, sem outra âncora a não ser o toque e a voz dela.

Depois ficaram deitados, a conversar, e Amin sentiu-se audaz e feliz, como se, posto à prova, se tivesse saído bem numa qualquer tarefa exigente. Deitada ao lado dele, Jamila acariciava-o, maravilhada com a juventude e a perfeição dele, enquanto ele a aflagava e sentia o perfume do seu corpo. A lamparina continuava acesa e, depois de todo aquele tempo, Amin já conseguia ver tudo

com clareza. Apercebeu-se de uma janela com uma cortina grossa e pesada numa das paredes interiores.

— Dá para a sala de estar — sussurrou ela. — Este quarto não tem janelas para a rua. Achei que aqui ninguém nos ouviria. Não conseguiria dormir aqui, pelo menos sozinha. Mais parece um túmulo.

— Porque não usamos o teu quarto? — perguntou ele, questionando-se se não estaria a pedir demais.

— Tem uma janela que dá para o pátio — explicou ela. — Alguém nos podia ouvir.

Até em casa dela tinham de ser discretos. O perigo que enfrentavam fez Amin sentir uma ligeira náusea.

— Foi como um milagre — declarou ele, para afastar a mente daquele pensamento coibitivo, e ouviu-a rir. — Porque te ris?

— Porque estou feliz e porque é a tua primeira vez, não é? Pareceu-me que sim — disse ela. — E porque és tão belo. Quando te vi atravessar a estrada na minha direcção naquela tarde, desejei-te. Desejei-te a sério. Foi por isso que te escrevi aquele bilhete. Não me contive. Achei que te ia perder. Voltarás?

— Amanhã — sugeriu ele, o que a vez rir de novo de forma tão súbita que tapou a boca com a mão para abafar o som.

— Não, amanhã não. Temos de ter cuidado, *habibi*, se não... Outro dia, mais para o fim da semana, talvez. Vem na sexta-feira. Sim? — sugeriu ela, acariciando-o.

Ele respondeu que sim com a cabeça.

— Sim, na sexta-feira. Se não o quê?

— Se não, impedem-nos de nos vermos — disse ela. — Vão dizer coisa feias e obrigam-nos a parar de nos vermos. És tão jovem, ainda estudas, e eu sou uma mulher divorciada com mais de vinte anos.

— Estou a estudar para ser professor e tenho quase vinte anos — argumentou Amin. — A nossa diferença de idades não pode ser assim tão grande, e ainda que fosse, és a mulher mais bela que alguma vez conheci, e se tivesse sido teu marido jamais me divorciaria de ti.

— Meu amor, temos de ter cuidado, caso contrário obrigam-nos a

parar — tornou ela, com um sorriso, e silenciou-o. — Agora tens de ir, para não chegares muito tarde da última sessão.

Amin esgueirou-se pela porta fora sem provocar a mínima ondulação no ar, ou assim lhe pareceu. Caminhou para casa como alguém renascido, belo e amado. Foi assim que começou, em Fevereiro daquele ano que precedeu a independência, pouco antes da chegada das longas chuvas. Uma vez por semana, depois com maior frequência, cada vez mais cedo, ao longo de meses após aquela primeira vez, Amin foi a casa de Jamila. Sussurravam e faziam amor e reprimiam as risadas, e, chegada a hora de ele partir, agarravam-se um ao outro como duas pessoas desesperadas e capazes de tudo. Jamila deu-lhe um anel com um rubi encastado para que Amin se lembrasse dela quando estavam separados, e deixava-lhe bilhetinhos no bolso da camisa, dizendo-lhe o quanto pensava nele, o quanto o seu cheiro e o seu toque, a sensação provocada pela sua pele, lhe preenchiam a vida. E ele confessava-lhe que o seu corpo ansiava tanto pelo amor dela que chegava a ficar em ferida. Quando não estava com ela, receava perdê-la, receava as palavras que poderiam arrebatá-la. Depois, quando estava com ela, não pensava noutra coisa a não ser no corpo dela e no seu alento, e no quanto a sua vida estava completa. Sentia-se capaz de enfrentar o que quer que fosse e quem quer que fosse.

Uma tarde, Jamila foi visitar Farida, para conversarem ou mandar fazer outro vestido, porque sentia que tinha de ver o seu amado, embora tivessem estado juntos na noite anterior. Não disse nada à frente de Farida, mas nem sempre foi capaz de conter os seus sorrisos. Farida fez de conta que não se apercebeu de nada, mas o olhar de satisfação de Jamila traía-a. Adorava aquele amor secreto. Amin, por vezes, ia à Câmara Municipal pedir uma qualquer informação num serviço ou noutro e deambulava de gabinete em gabinete, conversava com quem ali conhecesse, até ir dar ao departamento no qual ela trabalhava.

Os estudos começaram a revelar-se um enorme esforço, assim como manter-se a par das matérias, porque não conseguia afastar dela os seus pensamentos, e desejava sem cessar vê-la e estar com ela. Afastava-se das pessoas para poder pensar em Jamila e

planejar uma maneira de virem a ficar juntos no futuro. Ela contara-lhe episódios da sua vida e, por isso, Amin sabia que não podia simplesmente dizer aos pais que aquela era a mulher que amava e com a qual queria viver. Havia o avô *mzungu* e os anos todos que a avó vivera em flagrante pecado. Ainda que essa falha ancestral pudesse ser perdoada, o que não era certo, havia também o divórcio dela, a idade e os rumores de casos amorosos. Às vezes, Amin ficava com a sensação de que ela aludia a eles, mas não se atrevia a perguntar-lhe. Não queria saber, pelo menos por enquanto. Sabia entretanto o que Farida talvez sempre soubera, que, no que ao amor dizia respeito, os pais acreditam sempre no pior e fazem valer a sua autoridade com uma proibição feroz e muita chantagem.

Quando ia visitá-la, era sempre depois de escurecer e a uma hora combinada. Amin caminhava até lá, sem pressa, variando o seu percurso o mais que podia. Parava para conversar com algum conhecido ou sentava-se num café a tomar um chá, ou então detinha-se a ouvir uma discussão acerca de uma partida de futebol, como um jovem que desfruta da aprazível vida da sua cidade. Assegurava-se de que a rua dela estava deserta antes de empurrar a porta que Jamila deixava destrancada e muito ligeiramente entreaberta. Se avistasse alguém, avançava e voltava no dia seguinte à mesma hora. Quando estavam juntos, jaziam à luz da candeia no quarto de hóspedes, o que ficava mais afastado da rua. Quando falavam, era em sussurros, abafavam as risadas e faziam amor com uma intensidade furtiva. Não obstante todas estas precauções, não conseguiram manter a relação secreta. Alguém se terá apercebido dos elaborados subterfúgios de Amin ou ouviu um suspiro apaixonado. Quiçá alguém o tenha visto a partir de uma janela de um piso superior ou, a partir da escuridão de uma ruela, o tenha surpreendido a empurrar a porta. Em todo o caso, o certo é que alguém o viu e falou disso a outra pessoa. Então, este fragmento foi adicionado a outro fragmento e a descoberta tornou-se inevitável.

TERCEIRA PARTE

7 Rashid

Devia ter percebido, mas não percebi. Ele dormia a menos de um passo de mim e devia ter-me dado conta de que o ritmo do seu coração se alterara naqueles meses. Devia ter pressentido que o seu sono era agitado por sonhos e fantasias, e que em algumas noites a sua respiração era mais profunda, e que isso se devia a exaustão emocional e a paixão saciada. Devia ter-me apercebido de que ele estava diferente. Devia ter visto que algo lhe estava a acontecer, reparado nos seus gestos mais confiantes, ou mesmo triunfantes, mas não reparei. O que vi não compreendi, e não ouvi ou senti ou me apercebi de nada, pelo menos de nada que reconhecesse, ou viria apenas a reconhecer mais tarde, muito depois de terem sido descobertos, quando fragmentos dessa memória afloraram à superfície como matéria pútrida.

Quando digo que foram descobertos, não estou a dizer que foram apanhados em flagrante. Não creio que tenha sido isso que aconteceu. Os mais velhos ocultavam-nos tanta coisa, e mantinham segredo sobre outras tantas, algumas tão banais que me interrogo porque se davam a tantas maçadas. Seria para nos pouparem da fealdade do mundo? Seria por secretismo habitual que, à época, não tinha outro propósito a não ser manter os jovens na ignorância o máximo de tempo possível, para que fossem obedientes e dóceis? Acontece-me ficar chocado com a minha falta de compreensão acerca de eventos que vivi. Tenho, porém, a certeza de que, se tivessem sido surpreendidos no acto do amor, não teriam conseguido ocultar o facto. Não sei ao certo como foram descobertos, mas julgo que não foi dessa maneira, caso contrário teria havido comoção pública e anedotas e talvez algumas contusões. Porventura nem sequer tenham sido descobertos, mas se tenham traído a eles mesmos com pequenas imprudências,

seguros de serem invencíveis, crentes de que a bondade dos seus sentimentos os manteria a salvo da censura maldosa de quem os rodeava. Na altura, não teria sido capaz de entender uma coisa assim, de compreender aquela sensação de rectidão no amor. O meu próprio triunfo, o sucesso nos meus exames e a bolsa que ganhei para estudar na Universidade de Londres cegaram-me. Isto foi perto do final de Julho de 1963, um mês antes da minha partida, e eu não tinha espaço mental para algo tão subtil quanto os sentimentos alheios, tão consumido andava em fantasias egotistas. Só me interessava ter alcançado aquilo que desejavam para mim, e que eu mesmo desejara. Achava que o meu sucesso trouxera felicidade a toda a gente, sentia-me amado e heróico, e todos os dias desfrutava da admiração da minha família e amigos. Não tenho como descrever o poderoso veneno que perpassa a experiência da partida e do exílio, mas também isso eu ignorava na altura. Como poderia sabê-lo? Como poderia sequer ter a mais vaga ideia de que assim era?

Na noite da revelação, estava deitado na cama a ler. Era provavelmente um romance histórico ou de detectives, se a memória dos meus gostos literários dessa altura não me falha. Devorávamos o que quer que nos passava pelas mãos, sem constrangimentos ou vergonha — banda desenhada para raparigas, *Anna Karénina*, Hemingway, enciclopédias —, como animais com estômagos de aço, semelhantes à avestruz de Melville que debicava sem discriminação pedras, larvas e ervas raras e suculentas. Foi perto da hora do jantar, que habitualmente tomávamos depois da oração da *isha*, por volta das oito horas, quando o meu pai chegava a casa. Todos os dias, a menos que estivesse doente (e nessa época quase nunca estava doente), o nosso pai passava o final da tarde e o início da noite no café a conversar com os amigos, a bebericar um café, a folhear o jornal, a ouvir o rádio, a cumprimentar quem passava, de olho no mundo. Se não aparecesse, alguém vinha perguntar por ele, não fora dar-se o caso de estar doente ou ter acontecido algum percalço em casa. Quando o muezim chamava para a *isha*, ia à mesquita, dizia a oração da *maghreb* sozinho,

porque a perdera enquanto estava na cavaqueira no café, e depois aguardava que o imã desse início à *isha*.

Às vezes, entre o café e a mesquita, vinha a casa buscar-nos, a mim e ao Amin, para as orações. Talvez a conversa no café o aborrecesse ou se tivesse irritado com os argumentos de alguém, mas não quisesse fazer uma cena, ou então ouvira que ia haver uma leitura na mesquita por um qualquer vizinho que falecera. Fosse por que razão fosse, às vezes pensava nos dois filhos a preguiçar em casa em vez de irem às orações e voltava a casa, sobretudo para os enxotar, em vez de cumprir a sua rotina habitual. Assim, quando comecei por ouvir o seu tom de voz alterado, sendo que não me tinha dado conta do chamamento do muezim para a *isha*, pensei que o meu pai estava a gritar comigo para eu ir à mesquita. *Naam*, respondi eu, com alacridade (adoro esta palavra: *alacridade*), por saber que ele se ofendia quando achava que estávamos a ser desrespeitosos. *Naam* é a forma mais cortês da palavra *sim*, e tudo o que não fosse isso era para o meu pai uma falta de respeito. Dirigi-me à sala de estar e deparei com Amin do lado de dentro da porta de entrada, ainda de sandálias, tendo evidentemente acabado de chegar a casa. A sua expressão parecia serena, mas tinha os olhos esbugalhados de pânico. O meu pai estava de frente para ele, portanto de costas para mim, retesado e corcovado, como quando se zangava. Devia ter gritado com Amin, mal este atravessara a soleira. Sentada no seu canto habitual, junto à janela, de cabeça pendida, a minha mãe massajava a testa com a mão direita. Farida mantinha-se de pé ao lado da sua máquina de costura, com as costas coladas à parede e os olhos fixos no nosso pai. Ela desviou o olhar na minha direcção por um segundo e vi nele ansiedade. Franziu também as sobrancelhas, um gesto fugaz, quase uma reflexão, como se a minha presença fosse um estorvo.

— Feisal, por favor, não grites — pediu a minha mãe —, não vale a pena. — Percebi pela voz dela que estivera a chorar. Amin apercebeu-se do mesmo e olhou para ela. O meu pai virou-se para mim, os seus olhos faiscavam, e franziu também o sobrolho, porventura interrogando-se quem eu era e o que fazia ali. Devolveu a sua atenção a Amin, deu dois passos para ele e levantou o braço

com a palma aberta, e depois ficou imóvel, colado ao chão, incapaz de bater no seu amado filho, que esperava a punição. Há anos que não nos batia, e antes disso só o fizera umas poucas vezes, um tabefe irritado na cara ou no braço para realçar um ralhete mais severo. A minha mãe voltou a dizer o seu nome e ele baixou o braço e foi sentar-se no sofá, ao lado dela. Reparei que o corpo dele tremia, talvez de raiva, talvez de medo e desgosto.

— Como é que pudeste fazer uma coisa destas? — disse o meu pai. — Cobres-nos de vergonha, a nós e a ti mesmo. Só pensas no teu prazer. Arruínas a tua vida, como se não tivesses cérebro para pensar, como se ninguém te tivesse ensinado nada ou dado qualquer noção do que está certo e do que está errado. Como se não passasses de um animal, sem sentimentos, sem respeito por ti mesmo ou por qualquer outra pessoa. Nem sequer sei o que te dizer.

Que aconteceu, quis perguntar. Que fez ele? Mas a surpresa e a inquietude privaram-me de palavras, e ainda bem, pois acho que, se tivesse dito alguma coisa, teria sido imediatamente expulso dali. O meu pai pronunciara-se com calma, porém a sua expressão era de desdém e o poder das suas palavras carregara o ar; logo ele, que se exprimia sempre com brandura, mesmo quando era severo.

— Por favor, explica-nos o que se passa — pediu a minha mãe, que levantara a cabeça e afastara a mão da testa. Fixou Amin com os seus olhos grandes, cintilantes e atormentados, com os dedos de ambas as mãos entrelaçados sobre o colo, tensa, mas paciente. O silêncio pareceu durar uns minutos.

— Quem é que vos disse? — perguntou Amin, num tom grave e trágico.

— Amin — respondeu o nosso pai, com lassidão, incapaz de reprimir um sorriso quase imperceptível, de satisfação irónica. — Não importa quem nos disse. A tua pergunta é uma admissão de que o que ouvimos corresponde à verdade.

— Não sei o que ouviram — replicou Amin, sem perder tempo. Nem eu, quis eu dizer. Que aconteceu? Eu também quero saber.

— Queremos compreender — pediu o meu pai. — O que a tua

mãe te pediu foi que explicasses como é que isto aconteceu. Como é que pudeste ser tão imbecil?

O chamamento do muezim fez-se ouvir e aguardámos em silêncio que ele acabasse, como o costume ditava. Foi um silêncio providencial, durante o qual vi o meu pai suspirar e descripar os traços faciais. Fechou os olhos por um momento e os seus lábios moveram-se em silêncio enquanto acompanhava as palavras do muezim: *Allahu akbar Allahu akbar, Ashhadu an laillaha ila llah, Ashhadu ana Muhammad rasulu llah*. No final do chamamento, os seus lábios contraíram-se num gesto familiar cujo significado era qualquer coisa entre um encolhimento de ombros e uma sacudidela de cabeça, entre resignação e perplexidade. Vi a minha mãe olhar de relance na direcção dele. Pareceu-me ver qualquer coisa atravessar também o rosto de Amin quando olhou para um e depois para o outro. Talvez tenha sido esse o momento em que tomou a decisão.

— Amo-a — declarou Amin, no silêncio covo que se seguiu ao chamamento do muezim. Foi tudo o que disse, a única explicação que deu, pelo menos nesse momento, e a sua expressão depois de enunciadas aquelas palavras, os lábios pressionados com força um contra o outro, transmitiu a ideia de que era, na opinião dele, explicação suficiente.

O meu pai pôs-se de pé, impassível, de olhos no chão. Calçou as sandálias e saiu para a mesquita sem dizer uma palavra, sem nos pedir que o seguíssemos. Era exímio nestas saídas histriónicas. Depois de um olhar demorado, virava as costas, partia sem uma só palavra de rancor ou censura, e deixava-nos a cozer em lume brando no pecado que cometêramos, de tal maneira que, a próxima vez que o víamos, estávamos quase dispostos à confissão e à contrição. Era talvez o pedagogo que havia nele que sabia conduzir-nos à obediência sem brutalidade.

— Ama quem? Que fez ele? Que se passa? — perguntei, assim que o meu pai saiu.

— Tu, vai às orações — ordenou a minha mãe, mas eu ignorei-a, coisa que jamais teria feito se a ordem tivesse vindo do meu pai. Ele levava estes pequenos desafios à sua autoridade tão a peito que

não me atrevia a desobedecer. Com a minha mãe, porém, as ordens eram uma torrente constante, portanto às vezes podiam ser ignoradas. Enxugou os olhos com um gesto rápido e fez sinal a Amin para que se abeirasse. Ele ocupou no sofá o lugar deixado livre há uns minutos pelo meu pai e fixou os olhos no chão.

— Ela enganou-te? Foi isso, não foi? De certeza que sim — disse a minha mãe, com rudeza, certa da ingenuidade de Amin, que não disse nada e manteve os olhos baixos. O seu rosto suado brilhava. A voz da minha mãe foi-se então tornando cada vez mais desdenhosa. — Sabes quem ela é? Conheces a gente dela? Sabes que tipo de gente é aquela? A avó era uma *chotara*, uma filha do pecado cometido por um indiano, uma filha bastarda. Quando se tornou mulher foi durante muitos anos a amante de um inglês, e antes disso um outro *mzungu* fez-lhe a ela também uma filha do pecado, mais uma bastarda. Foi essa a vida dela, uma vida conspurcada com homens europeus. A mãe dela, a que mora naquela casa grande que elas têm, a que se acha alguém por causa das suas sedas e dos seus perfumes e das suas jóias de ouro, é a filha desse *mzungu*. Nem sequer sabe quem é o pai dela, tirando que é um inglês qualquer, um bêbedo que a mãe dela levou para casa. Quando o marido a trouxe de Mombaça, sabia de tudo isto, mas são uma família rica, por isso não precisam de se preocupar com o que as pessoas pensam. Sempre fizeram o que quiseram. Esta mulher que dizes amar é como a avó dela, leva uma vida de segredos e pecado. Já se casou e divorciou. Ninguém sabe o que ela faz ou com quem se dá. Não são o nosso tipo de gente. São umas desavergonhadas que não pensam em mais ninguém a não ser nelas mesmas. Dizes que a amas, mas que sabes tu do amor? Não sabes como são as pessoas como ela. Confiámos em ti. O teu pai... Como viste, partiste-lhe o coração.

Um estremecimento percorreu Amin da cabeça aos pés.

— Já sabes como ele é — continuou ela, numa voz um tudo-nada menos desdenhosa, mais gentil, para o adular. Era também a sua maneira habitual de agir, sovar a aplacar, amaciar-nos rumo à submissão. Eram proficientes nas suas funções, mas nós também seríamos fáceis de manipular, treinados como estávamos para

obedecer. — Voltará para casa e não dirá nada, mas saberás que o coração dele está a partir-se. Ele orgulha-se tanto de ti. Não deves voltar a vê-la e tens de pedir perdão ao teu pai, caso contrário perdê-lo-ás. E ele perder-te-á a ti. O teu pai já está a ficar velho, não sei como vai aguentar tudo isto. E eu estou a ver pior a cada dia que passa, por isso daqui a pouco tempo já não lhe servirei para nada. Temos confiança em ti, apesar de tudo. Promete-me que deixarás de a ver.

Amin abanou ligeiramente a cabeça e não respondeu, como uma criança teimosa que se recusa a cooperar.

— Promete! — gritou ela, e deu-lhe uma palmada na nuca. — Olha para mim quando falo contigo. Queres matar o teu pai?

Amin pôs-se de pé e afastou-se, com uma expressão de raiva na cara. Virou-se para olhar para a nossa mãe como se tencionasse dizer alguma coisa, mas, o que quer que fosse, ficou-lhe preso na garganta. Imagino que planeasse dizer que não prometeria, mas não conseguiu cuspir as palavras. Ouvi-o entrar no nosso quarto e trancar a porta. Pela conversa percebera que Jamila era a mulher de que falavam, já que toda a gente conhecia a história de que a avó dela em Mombaça tinha um amante. Semelhante ideia surpreendeu-me, que o meu irmão a amasse, que fosse capaz de dizer aquilo na cara dos nossos pais. Que significava? Que escreviam cartas de amor um ao outro e se abraçavam e beijavam, que contemplavam o corpo nu um do outro e faziam amor? Jamais me ocorrera imaginar Amin a fazer amor com quem quer que fosse, quanto mais com uma mulher como Jamila. Na minha opinião, Jamila, com o seu charme e fama, pertencia ao mundo dos adultos; mais do que isso, fazia parte do mundo pecaminoso dos adultos, que abarcava amantes e escândalos, e suponho que não via o meu irmão como um adulto. Cruzei o olhar com o de Farida e dei-me conta de que a façanha de Amin me fizera sorrir. A minha irmã sorriu de volta, com os olhos, pelo menos.

— O grande malandro — saiu-me.

— O assunto é sério — ralhou a minha mãe. — Mande-te ir à oração. Vamos, põe-te a andar, vá, por que esperas? E esta história não é para sair destas quatro paredes, entendeste, meu linguarudo?

Chegado à mesquita, a oração já ia na segunda *rakaa*. Juntei-me à fileira e à oração. Não consegui avistar o meu pai. A mesquita estava apinhada e a última fila roçava a parede do fundo, e o mais certo era que o meu pai estivesse logo na primeira fila de crentes. Em qualquer caso, não ficava bem olhar em redor durante as orações, pois cada palavra dita e cada movimento feito eram dedicados a Deus, e Deus não gosta de distrações quando nos dirigimos a Ele, que viremos a cabeça para um lado e para o outro e ocupemos a cabeça a pensar em sabe-se lá o quê. Cruzamos os braços em frente ao peito, baixamos os olhos e entregamos a Deus todo o nosso ser. Quando a oração terminou, tive de compensar a *rakaa* que perdera, e só quando a acabei pude olhar à minha volta e tentar localizar o meu pai. Estava então na rua, nos degraus da mesquita, com um sorriso amistoso e cortês nos lábios, a conversar com uma pessoa, à espera que ela encontrasse as suas sandálias para descerem juntos os degraus. Havia outras pessoas a conversar ou a afastarem-se em grupos de dois e três, dispersavam, regressavam a casa para jantar ou rumavam ao café para ouvir as notícias no rádio. Foi um choque vê-lo tão descontraído, consciente da roupa suja que o aguardava em casa. Vi naquela descontração o motivo por que era tão vital para ele obrigar Amin a renunciar ao seu amor.

Amin não conseguiu lutar contra eles. Obrigaram-no a pôr fim ao caso. Nessa noite, enxotaram-nos, a mim e a Farida, para os nossos quartos (Farida protestou, eu fui sem reclamar) e retiveram Amin até ele prometer que deixaria de a ver. Não sei o que lhe disseram ou que promessas ele fez ao certo, mas sou capaz de imaginar. Não o largaram até ele prometer que abriria mão dela, enlearam-no na mágoa e no medo que sentiam que o filho se arruinasse, e Amin, com a sua gentileza e sentido do dever, não foi capaz de resistir ao amor deles. Talvez tenha sido ainda mais simples e o meu irmão tenha percebido o que devia fazer no momento em que apelaram à confiança que nele depositavam. Amin havia sido, toda a vida, aquele com quem se podia contar. Era dessa maneira que ele se via a si mesmo, e assim conquistara o amor e o respeito dos seus pais e vizinhos, e julgo que lhe era

impossível mandar tudo para o inferno. Assim, de certa forma, o caso terminou quando eu tomei conhecimento dele, e depois disso Amin recusou-se a falar disso comigo.

Meti-me com ele e tentei elogiar as suas técnicas de sedução, mas ele nada disse acerca de como tudo se passara e do que sucedera entre ele e Jamila. Tentei até hipnotizá-lo, apontando uma lanterna ao tecto quando estávamos deitados na cama e dizendo-lhe que estava sob o meu poder, mas ainda assim ele não me obsequiou. E depois conseguiu tão bem dar a impressão de que pusera fim ao caso que não havia razão para não acreditar nele. Tive muita dificuldade em guardar o sucedido só para mim, sobretudo tendo em conta que Amin parecia ter-se saído bem de tudo aquilo e, portanto, não fazia mal falar do assunto com amigos. Ia às aulas e voltava para casa e saía com os amigos, como fizera antes, salvo que talvez se mostrasse mais taciturno e lesse cada vez até mais tarde. Fosse como fosse, por essa altura eu estava prestes a ir-me embora e tinha as minhas próprias preocupações, e quando pensava em Amin e no seu caso amoroso via-o como uma aventura que quase acabara mal.

Foi há tanto tempo. Eu estava então a braços com os meus próprios dramas e egocentrismo, no início da minha grande aventura, que na altura via como nobre e merecida. Não pude evitar pensar no que sucedeu a Amin como uma coisa ligeiramente cómica, uma escapadela. Foi neste pressuposto que o tentei levar a falar-me de Jamila: então, conta lá o que vocês faziam, meu engatatão? Ele recusava-se a responder e a mim restava-me imaginar a relação com os poucos recursos da minha experiência, que eram mesmo muito poucos. Até o silêncio dele parecia revelar uma grande astúcia, uma subtileza sofisticada. Mostrava cortesia para com a amante, sem diminuir o triunfo da conquista, já que a vanglória e a revelação de detalhes tornariam tudo sórdido e grosseiro.

Eu era jovem, e do amor e do sexo tinha apenas narrativas em segunda mão, as do lugar e das pessoas com as quais crescera, como aconteceria com qualquer pessoa da minha idade e tão ignorante quanto eu. O meu irmão mais velho fizera amor com uma

bonita mulher divorciada e fora descoberto, o grande malandro. Creio que não sentia inveja. Estava habituado a que Amin se antecipasse na maior parte das coisas, e nunca duvidei de que a minha vez acabaria por chegar. Não, na verdade, o mais certo era que achasse que eu é que devia ser invejado, eu, o vencedor de uma bolsa de estudos em recompensa pelo meu talento e habilidade, ao passo que Amin cometera simplesmente uma daquelas patéticas perigosas que os jovens achavam irresistíveis.

Para quem tinha a idade que eu tinha quando parti, e fora criado como eu havia sido, do amor e do sexo só conhecia aquilo que alcançava de conversas que ouvia, por exemplo quando os mais velhos diziam obscenidades. As pessoas respeitáveis, em todo o caso, não discutiam aqueles assuntos, pelo menos perto dos jovens, e as que o faziam era por provocação e zombaria, para exibir a sua experiência e ratificar a sua masculinidade. Estes últimos, na sua maioria jovens ou homens com reputação, não se importavam de ter adolescentes a ouvir as suas conversas e a rir do seu cinismo viril. Transformavam o amor numa comédia, numa farsa, cujo desenlace devia ser brutal. Os amantes eram espiados e as suas intimidades tornavam-se motivo de sorrisos e risadinhas. Um amante era sovado pela família e humilhado numa espécie de comédia. Outro tornava-se famoso pela brutalidade com que se desembaraçara da amada. O amor era transgressivo e ridículo, uma palhaçada ou, na melhor das hipóteses, uma proeza. No caso de Amin era uma proeza que o silêncio transformara em algo mais, num plano ou numa intriga, sem dúvida para ser habilmente posto em prática às custas de alguém, chegada a altura. Era sob este aspecto que parecia uma mera patética perigosa, como aquelas que os jovens audazes cometem para se divertirem.

Só que eu *presenciei* a confrontação quando o caso se tornou conhecido e o obrigaram a pôr-lhe um fim. Vi a angústia dele, então, o rosto luzidio, o seu silêncio. Apercebi-me da tensão e do significado daquela conversa nocturna da qual Farida e eu fomos excluídos, e imaginei as súplicas e ultimatos. Contudo, escolhi não compreender o que se passou e vê-lo como um sedutor, escolhi ignorar o silêncio e a vulnerabilidade dele em prol da narrativa

cômica do amor que tão bem conhecia. Julgo que não poderia ter agido diferentemente. Como disse, era jovem e estava cheio de mim mesmo, e acreditava que só o que eu fazia era interessante.

Não me lembro da minha partida, não verdadeiramente. Lembro-me do aeroporto e de quem lá estava para a despedida, e de ter entrado no avião, mas não me lembro dos dias que antecederam a viagem, ou sequer da derradeira noite. Não me recordo, pelo menos, do que senti ao certo, dos detalhes. Lembro-me de, na última noite em que estivemos juntos, Amin ter dito que eu iria perder as comemorações da independência no final do ano, e lembro-me de ele me ter pedido que lhe enviasse tudo o que lesse e que achasse bom. Prometi que o faria. Lembro-me de Farida a chorar no aeroporto, da vergonha que senti, e recordo-me dos sorrisos dos meus pais quando olhei para trás pela última vez. Lembro-me de os ver acenar. Ainda que me esforce, sou incapaz de ouvir uma palavra do que disseram. Míseras recordações.

Londres Londres! Eis que vi Londres Londres! Como exclama Léopold Sédar Senghor no seu grandioso poema «New York» quando descobre o Harlem:

*Harlem! Eis que vi o Harlem Harlem!
Uma brisa verde-trigo brota dos passeios lavrados pelos
pés nus dos dançarinos*

Não conhecia o poema, à época, mas quando o li fez-me lembrar a primeira imagem que tive de Londres, lá em baixo, mal o avião contornou a cidade para aterrar. Foi como uma aparição que se erguia do nada, como se ignorasse a sua presença ali, assomando-se ao horizonte. Senghor sabia que o Harlem estaria ali, é claro. A sua exclamação era um grito de satisfação perante a visão de uma coisa abstracta e desejada, um floreado rebuscado por ter alcançado por fim aquele lugar, o local de nascimento da Harlem Renaissance e da vitalidade africana na diáspora, que a sua poesia celebrava. Londres não tinha para mim o mesmo significado e não

vislumbrei nenhum pé desnudo lavrando os passeios para que deles brotasse uma vida acomodatória. Não tinha tão-pouco a ressonância espiritual e criativa que Senghor buscou e sentiu no Harlem («Escuta o bater longínquo do teu coração noctívago»), nem carregava as ilusões da pátria que desapontaram tantos dos que vieram das Índias Ocidentais, mas constitui para mim, como para tantos outros, sob diferentes aspectos, uma abstracção de dimensões míticas; um destino impossível que eu alcançara, carregado de mistérios e potencialidades inexplicáveis, fértil em associações aos nossos esforços pessoais. A minha exclamação, soubera eu como fazê-la, teria sido bem mais egoísta. Ali está ela e eis que cheguei. Sou o maior!

Recordo apenas fragmentos, não por vontade própria ou por recusa, mas porque a visão em momentos tão frenéticos se torna limitada, seja lá porque for, e porque o conhecimento novo obscurece por vezes o que anteriormente sabíamos, e já aqui estou há muito tempo. Quem me dera recordar-me de mais coisas. Sei que não tive medo nem me senti intimidado, excepto naquelas coisas normais de um estranho que chega a um destino desconhecido, sem saber direcções, receoso de não entender alguma coisa, de ser insultado ou de que façam troça dele. Considerava-me uma pessoa que viajara de longe para se juntar a uma instituição que teria pessoas como eu, conscienciosas, recatadas quanto aos seus talentos, mas secretamente ambiciosas, novatas na vocação intelectual. Nessa instituição, daria o máximo para deslumbrar, granjear elogios e realizar-me. Portanto, nada receava, e nem fazia a mais pequena ideia daquilo que devia temer.

Cheguei em finais de Agosto e fui recebido por um homem magro e desajeitado do British Council. O nosso encontro parece tê-lo constrangido e apenas me fez perguntas banais entre longos silêncios. Lembro-me de que o homem tinha um lenço de uma universidade e que lho invejei, tendo de imediato prometido a mim mesmo que, a seu tempo, arranjará um. Apanhámos um autocarro para Londres e depois um *double-decker* encarnado para Euston, onde iria ficar temporariamente alojado numa residência universitária até ao início do ano lectivo. Com um sorriso apagado, o

homem do British Council disse que viria verificar se estava tudo bem comigo no dia seguinte, mas nunca mais tornei a vê-lo. Havia corredores compridos que conduziam a salas vazias e uns quantos alunos estrangeiros acanhados e encostados às paredes. Algures ali perto (num edifício do outro lado da estrada, ao que vim depois a apurar) havia uma cantina onde deveria ir comer, mas não captei essa informação quando o porteiro da residência a forneceu, e o mesmo aconteceu com a maior parte das instruções que ele me deu. Passei a primeira noite de barriga vazia. No segundo dia fui dar um passeio, e com algum do dinheiro que o meu pai cambiara num corretor que havia no mercado e me dera como prenda de despedida comprei uma tablete grande de chocolate num vendedor de jornais, um homem idoso e baixo, com um casaco de malha verde, de cuja loja minúscula se desprendia um aroma doce e forte a tabaco de cachimbo. Mesmo quando encontrei a cantina, não fui logo capaz de me convencer a entrar para comer, inseguro quanto ao que pediria e temendo não saber usar os talheres e o resto. Portanto, sim, estava um pouco receoso, afinal de contas. O que vira da cidade, enorme, operando a um ritmo frenético, aterrorizara-me, e esse terror acompanhar-me-ia durante meses, e talvez nunca o tenha perdido por completo.

Quando os seminários de integração organizados pelo British Council começaram, eu já estava a precisar deles. Sentados numa sala, cada um de nós desconfortavelmente vestido, ouvimos um homem rubicundo, careca e com uma pança descarada falar-nos com o que mais tarde reconheceria como sendo o tom jocoso e galhofeiro de um funcionário público. Sorria e acenava com a cabeça para nos encorajar a desfrutar, tanto quanto ele, do seu sentido de humor, convidando-nos a não levar a vida tão a sério. Salpicava as suas frases de palavras como *palaver*, *badmash*, *hatari*, *inshaalah*, para nos dar a entender que conhecia a nossa cultura. Tratava-nos por rapazes — éramos todos do sexo masculino —, mas creio que o fazia com afecto, como se estivéssemos todos metidos naquilo, como se fôssemos todos da mesma equipa. Ensinou-nos a etiqueta, o que devíamos e não devíamos fazer quando fôssemos convidados para uma casa

inglesa. Ao chegarmos, devíamos limpar bem os pés no tapete antes de entrarmos, para o caso de os sapatos terem lama ou pior do que isso. Não devíamos descalçar os sapatos, já que tal seria encarado como uma informalidade inoportuna. Se recebêssemos um convite para uma refeição, não devíamos comer demasiado, ou muito depressa, ou arrotar. Não ficava bem pedir para repetir e menos ainda servirmo-nos a nós mesmos, a menos que nos fosse concedida essa liberdade. Devíamos sempre deixar qualquer coisa no prato. Não devíamos levantar-nos da mesa até que fôssemos convidados a fazê-lo. Só dali a alguns anos pude pôr em prática estes ensinamentos, pois os convites tardaram em surgir. Mas o nosso conferencista também nos ensinou a contar o dinheiro, a usar o metropolitano e onde comprar alguns bens essenciais, e essa informação tinha uma utilidade mais imediata.

Passado algum tempo, mudei-me para a residência universitária onde iria ficar acomodado de uma forma mais permanente e aí travei amizade com um grupo de alunos estrangeiros. Tratara de todas as formalidades na universidade, apanhando o autocarro que me havia sido indicado, localizando a secretaria e inscrevendo-me nas disciplinas, sempre com receio de meter os pés pelas mãos, seguido de uma fugaz sensação de triunfo ao ver que fora bem-sucedido. Foi nesse espírito de conquista que me sentei para escrever a minha primeira verdadeira carta para casa. Escrevera assim que chegara (e depois transportara o envelope comigo durante dias até encontrar uma estação de correios na qual me atrevesse a entrar), mas aquela era a minha primeira carta desde que assentara arraiais. Não me recordo em detalhe do que escrevi, mas ainda sou capaz de ver a mesa a que me sentei, com o seu tampo liso de fórmica cinzenta, que eu achava tão elegante, tão asseada. Imagino que tenha nessa carta exprimido o meu alívio por ter conseguido fazer tudo sem percalços, não obstante a minha reputação de sonhador, de incapaz. Porventura tenha falado da imensa sorte que tinha por estar onde estava e prometido que daria o meu melhor. Terei mencionado a grandeza descomunal da cidade, as multidões que apinhavam as ruas. Talvez, a despeito das minhas tentativas de ser engraçado e de ridicularizar-me a mim mesmo, não

tenha sido capaz de esconder a ansiedade em relação ao que ainda tinha de enfrentar: o banco, a cantina, o médico, as lojas, tudo sítios onde podia ainda fazer figura de parvo.

Sei que não terei confessado o quanto desejava estar junto deles, as saudades que tinha de casa. Ou que sentia a falta de tudo: dos meus amigos, dos cheiros da rua, da brisa do mar. Quão glaciais e depreciadores podem ser os olhos azuis. Não lhes terei dito isso, não ainda, não no início. Não terei querido que me achassem infantil e consternado. E mesmo quando o fiz, só o disse a Amin, depois de termos começado a corresponder-nos regularmente nos meses que se seguiram.

Fiz amigos na residência, um grupo de alunos estrangeiros como eu, todos no segundo ou terceiro anos. Foram eles que me fizeram sinal que me aproximasse, quando a fome me obrigou a descer à cantina, e acolheram-me e deram-me atenção, porque eu era novo ali. Lembro-me deles todos, e porque é importante não menosprezar tais dádivas, nomeá-los-ei aqui. Primeiro havia Andrew Kwaku, do Gana, um rapaz sossegado e atento, mas que sorria mal alguém cruzava com ele o olhar. Falava pausadamente, como que concedendo a si mesmo tempo para ponderar o que dizia. Depois havia Saad, do Egipto, roliço e bem-disposto, dono de um bigode farfalhudo como o daqueles polícias das comédias egípcias que víamos em casa, na televisão. Estava sempre a falar e a sorrir, sempre a esquivar-se. Era o mais velho do grupo, já no último ano do seu curso de Radiologia. Ramesh Rao, da Índia, tendia a ser mais calado e ponderado no que fazia, um tanto monótono, de um certo ponto de vista. Tinha sempre um ar amável, mas via-se no seu olhar que estava sempre a contar e a seleccionar, a apreçar tudo o que desfilava perante ele. Era o alvo de muitas das insinuações sexuais que Saad fazia, por partir do pressuposto de que Ramesh não entenderia a piada, o que tornava a piada ainda mais engraçada. Havia ainda Sundeep, também indiano, mas melífluo e garboso, ao passo que Ramesh era cauteloso e desconfiado. Saad dizia que ele era cosmopolita, o que agradava a Sundeep. Tinha uma volumosa cabeleira sedosa e brilhante, que ele tratava com carinho, e um guarda-roupa caro que exibia pelo menos uma vez

por semana quando os amigos ricos o iam buscar de carro. Escarnecia bastante, mas nunca de nós, e tendo em conta as circunstâncias, a sua arrogância fazia-me sentir muito melhor em relação a algumas das afrontas que nós tínhamos de suportar. Depois havia Amur Baadawi, oriundo do Sudão, que, em conjunto com Andrew, se tornaram os amigos com os quais estabeleci laços mais estreitos naquele primeiro ano.

Não era fácil aproximarmo-nos dos alunos ingleses, mesmo dos que pertenciam à nossa turma. O sentimento de resistência existiu desde o início; era uma coisa que eu sentia, mas da qual não estava muito certo. Não soubera o que esperar, mas pressentia-o nos sorrisos comedidos que recebia em resposta aos meus, de orelha a orelha. Via-o na maneira como desviavam o olhar e nos sobrolhos franzidos quando seguia os meus colegas à saída da aula na tentativa de me juntar ao que fossem fazer a seguir. Percebi que não estava incluído nos encontros junto à biblioteca ou na cafetaria ou fosse onde fosse. Percebi-o pelos olhares matreiros de soslaio que trocavam, pelos sorrisos que tentavam conter. Às vezes notava constrangimento, sobretudo por parte das raparigas, se bem que me parecesse que, de certa forma, os rapazes as intimidavam. E certo dia em que tardei a juntar-me a um grupo no final de uma aula, ouvi um aluno perguntar num sussurro exasperado e mal contido: «Que faz ele aqui?» Era um rapaz moreno, bem-falante, bolachudo, de estatura média e com uma franja escura chamado Charles. Só que não usou o pronome *e/e*, e não vou dar voltas à cabeça para me lembrar ao certo do que ele disse. Portanto, comecei por pressentir esta resistência e depois ouvi os risinhos abafados, à socapa, e vi os olhares de espanto e irritação em rostos anónimos, nos corredores e nas ruas, e com o passar do tempo ouvi também o seu vexame e desagrado. Foi uma surpresa; e demorei bastante tempo a aprender a deixar de me importar com isso, anos, uma vida inteira.

Não foi só isso que aprendi naquelas primeiras semanas, contudo, a recordação dessas experiências permaneceu, ao passo que outras lições tiveram de ser aprendidas à força de repetição e de novas aprendizagens. Vi e ouvi muitas outras coisas, e aprendi a viver, ou pelo menos a avançar pela vida, como toda a gente faz em

qualquer circunstância, mas a primeira lição que aprendi em Londres foi a viver com o desprezo. Foi a mesma lição que muitos de nós tiveram de assimilar, cada qual à sua maneira. À semelhança de muitas pessoas em situações parecidas, comecei a olhar para mim mesmo com um crescente desagrado e insatisfação, a ver-me pelos olhos deles. A encarar-me como alguém que merecia ser desconsiderado. Comecei por achar que era a maneira como falava, que era inapto e atabalhado, ignorante e com demasiadas papas na língua, talvez até flagrantemente ansioso por que gostassem de mim, não olhando a meios para o conseguir. Os meus sorrisos rasgados e adutores talvez embaraçassem as pessoas com quem falava, uma vez que tinham de esforçar-se para não rirem. Depois pensei que fosse a roupa que usava, que era de fraca qualidade e malpronta e que não estaria tão limpa quanto deveria, e que talvez me desse um ar meio ridículo, de alguém desequilibrado. As explicações que procurava encontrar, porém, não me impediam de ouvir palavras depreciativas, tons irascíveis em conversas quotidianas comezinhas ou a hostilidade contida em olhares fortuitos.

Dei-me conta de que não sabia grande coisa sobre a Inglaterra, de que todos os livros que estudara e todos os mapas sobre os quais me debruçara não me tinham ensinado nada acerca do que a Inglaterra pensava do mundo e de pessoas como eu. Talvez não devesse dizer a Inglaterra, como se fosse qualquer coisa indiferenciada e uniforme, embora esteja convencido de que havia, em larga medida, um consenso na maneira como o mundo não-europeu e os seus habitantes eram encarados. Em consequência, poderei ter feito aquela observação acerca da hostilidade reprimida referindo-me à Grã-Bretanha ou à Europa e seus semelhantes, não deixando de achar que há nela um fundo de verdade. Vivendo na nossa pequena ilha, submerso no turbilhão dos nossos complicados dramas privados e histórias egoístas, não me apercebera do significado daqueles professores ingleses que nos falavam de Shakespeare e de Keats e da *aurea mediania*, não entendera a magnitude global do que parecia um fenómeno local. Em todo o mundo colonizado havia professores ingleses que falavam de

Shakespeare e de Keats e da *aurea mediania*, e o importante não era o que os súbditos pensavam acerca das obras destes autores, mas que estivessem a receber esses ensinamentos. Os próprios professores não eram todos ingleses, mas como poderíamos nós saber, e que diferença isso faria?

Tive portanto de aprender essa lição, assim como a do imperialismo e do quanto as narrativas acerca da nossa inferioridade e da justeza da soberania europeia se arraigara naquilo que passava por conhecimento do mundo. Tive de aprender isso antes de conseguir entrever o que significava a antipatia e o embaraço com que deparava e que, ao início, não conseguia suportar. Um dos professores falou comigo acerca disto. Talvez se tenha apercebido do meu retraimento ou não fosse alheio ao fenómeno pelo qual eu passava. Os Britânicos gostam de passar por frios e antipáticos, disse ele. Isso fá-los sentirem-se fortes e difíceis de ludibriar. Se lhe disseres que são acolhedores, começam a choramingar e a lamentar-se, muito autocomiserativos, supondo que queres dizer que são crédulos. Sê frio e antipático e não tardarás a fazer amigos.

Conversávamos sobre estas coisas entre nós, é claro, mas não acerca do que sentíamos quando as experimentávamos. Julgo que, quando falávamos, tendíamos a simplificar a complexa sensação de mágoa e desprezo que sentíamos, ou que eu sentia pelo menos, a noção de injustiça e de incompreensão ao ver-nos ser simultaneamente maltratados e desprezados. Mas estavam tão aborrecidos com o quê, quando haviam sido eles que tinham ido dominar o mundo e convencer-nos do nosso desmerecimento? Essa sensação de choque era mais consentânea com o que eu sentia do que a maneira como falávamos destas coisas, e nessas ocasiões elaborávamos as nossas defesas sumárias e éramos, em troca, injuriosos e condescendentes. Nessas alturas, listávamos as nossas experiências e as de outras pessoas, as mais triviais e as mais relevantes, todas condimentadas de acordo com o que o momento exigia, para descrever a mesquinhez tacanha das pessoas entre as quais vivíamos. Não compreendíamos que os nossos gritos de protesto já fossem esperados e explicados como petulância e uma

falha de carácter. Aprendi a esquivar-me às perguntas que pareciam convidar-me a abordar tais assuntos, pois vinham acompanhadas daquele olhar céptico que fazia com que, antes mesmo de abirmos a boca ou inventarmos os nossos mesquinhos queixumes, compreendêssemos o que diziam os olhos, a inclinação da cabeça ou o sorriso crispado. Vá, desembucha lá os teus lamentos corriqueiros sobre os preconceitos raciais, depois de tudo o que fizemos por vocês.

Se Sundeep estivesse presente, assumiria o controlo das nossas queixas resmungadas contra os Ingleses. Os seus olhos brilhariam de azedume, adquirido por experiência própria. Era o que de nós vivia há mais tempo em Inglaterra e obviamente que sabia desembaraçar-se, sendo dos alunos estrangeiros o mais insólito. Tinha planos complicados, encontros e telefonemas acerca dos quais mantinha uma certa discrição e mistério, franzindo os lábios com uma reticência cortês se alguém lhe fizesse perguntas muito directas. Terminava as nossas discussões com invectivas tão cruéis e desdenhosas que eu exultava com peso na consciência: «Olhem, eles não passam de escumalha. Conheço-os melhor do que vocês todos. Não se esqueçam de que andei aqui na escola. Tomam banho uma vez por semana, se tanto, a família toda na mesma água imunda. Limpam o cu com papel. Sempre que apertarem a mão a um deles, vão depressa lavar as mãos a seguir, e não toquem em comida antes disso. As mulheres deles são umas putas. Comem sangue, patas e pele, e praticam sexo com animais. Quem os ouve falar pensa que foram eles que inventaram o mundo. Poesia, ciência, filosofia, tudo obra deles; no entanto, tudo o que sabem aprenderam connosco.» Tinha a delicadeza de me incluir a mim e a Andrew no seu *nós*, acenando firmemente com a cabeça na nossa direcção. Nós éramos da zona mais negra de África, e imagino que Sundeep não quisesse que nos sentíssemos excluídos, se bem que talvez achasse que não se tivesse aprendido grande coisa connosco. Eu certamente que não imaginava que alguém pudesse ter aprendido comigo e com os meus alguma coisa a que não pudesse ter chegado sozinho, a seu tempo, mas a retórica arrogante de Sundeep fazia-nos rir e sentir bem o suficiente para

sermos nós a deitar olhares desdenhosos. Mais tarde, Sundeep viria a tornar-se um escritor famoso por retratar de maneira trocista as intolerâncias dos Africanos e dos Muçulmanos, mas, na época, dávamo-nos por felizes por sermos o público dos seus epítomes fanfarrões sobre os Ingleses.

De regresso ao meu quarto, escrevia cartas, três, talvez quatro, por semana. Ao serão, estudava um pouco e, quando me sentia cansado, escrevia uma carta durante uma hora ou assim ao som do rádio *Sony* que herdara de Saad, sintonizado na BBC World Service, e depois lia até à meia-noite. As cartas eram escritas ao sabor da pena, atenciosas, solitárias, saudosas, animadas e orgulhosas, suponho, dependendo de quem era o destinatário. Não era muito circunspecto, por não achar que tinha grande coisa a esconder. Escrevia a Amin uma vez por semana e distribuía o resto das cartas entre os meus pais e os amigos. Nos primeiros tempos, todos os dias havia uma carta para mim. O correio demorava apenas três dias a chegar, por isso podia enviar uma carta e ter uma resposta na mesma semana, se bem que tal não acontecesse com a frequência que eu desejava. Em pouco tempo, exauri os meus outros correspondentes, mas não Amin. A minha mãe alegava falta de tempo e dores nos olhos e tendia a enviar cumprimentos e mensagens de encorajamento por intermédio de Amin, o qual às vezes adicionava um comentário jocoso. O meu pai escreveu-me uma vez naqueles primeiros tempos, uma carta séria e severa, pródiga em conselhos e redigida com um cuidado óbvio, mas cujo conteúdo se evaporou da minha cabeça com o passar do tempo. Não me parece que fosse muito longa e tinha uma índole ritualista. Era uma carta de pai para filho, ao qual concedia uma bênção, e que me fez sentir adulto e ligeiramente abandonado, ainda que não fosse essa, bem sei, a sua intenção.

A Amin escrevia livremente, cartas em que desabafava e me queixava, lamentava a minha solidão e descrevia o frio indescritível daquele Inverno, os nevões e os lagos congelados. Ele respondia, punha-me a par das novidades e encorajava-me. *As saudades são inevitáveis. Fizeste amigos, isso é tão importante*, disse ele. *Não tardarás a ter tantos amigos que te esquecerás de nós. A sério, não*

te sintas sozinho e em baixo, não permitas tal coisa, não a toleres. Aproveita ao máximo, porque o importante é que desenvolvas o teu talento, que aprimores os teus dons, isso é que importa. Fala-me mais desses teus amigos, parecem ser boas pessoas. Diz-me como é a neve. Como é tocar-lhe? Descreve-ma. E assim fiz, e relatei as discussões e as conversas com os meus amigos e os lugares que visitávamos. Amin chegou a sugerir-me lugares para ir e coisas para fazer. *Invejo-te por poderes ver tantas coisas diferentes. Foste ao British Museum? Foste ao teatro? Tens de ir assistir a uma peça de Shakespeare, ver como as encenam como deve ser aí em Londres. Viste a Bush House?* Passara pela Bush House, o grande santuário a partir do qual a BBC World Service emitia os seus programas, e que para algumas pessoas era um símbolo de Londres mais poderoso do que Downing Street ou Trafalgar Square. Detive-me em frente ao enorme edifício, parecido com um couraçado ou com um povoado troglodita disperso numa encosta, dependendo do ângulo em que nos pomas, e fiquei a ver as pessoas a entrar e a sair pelas portas giratórias, e senti uma certa desilusão. Julgo que contava deparar com um estralejar de ondas sonoras no ar em redor do edifício. Conteí a Amin estas visitas e falei-lhe das aulas e dos meus míseros triunfos. Vangloriava-me das notas dos meus trabalhos, que justificavam as longas horas passadas sozinho no quarto, e dos comentários dos meus professores, e Amin pedia-me que lhos enviasse, porque os queria ler também. Em vez disso, mandava-lhe livros, depois de os ter lido.

Lembro-me ainda dos primeiros que remeti: *The Mystic Masseur, Se o Disseres na Montanha, Passagem para a Índia*. Comprei-os num alfarrabista em Charing Cross Road. Estive uma eternidade diante da montra, incapaz de reunir coragem para entrar. No final, o lojista, que era um indiano com alguma idade, assomou-se à porta e mandou-me entrar. Perguntou-me se estava em Londres há muito tempo, sem sorrir, apontando-me um tudo-nada o queixo, diz de tua justiça, insecto trémulo. Não senti qualquer hostilidade para com ele. Reconheci naquela atitude rabugenta o privilégio da idade, mas vi nela também uma certa preocupação ou solicitude, uma espécie de intimidade, e não tive qualquer dificuldade em imaginar o meu pai ou

a minha mãe a dirigirem-se a mim nos mesmos termos. Disse-lhe que estava em Londres há umas semanas, e ele acenou com a cabeça, mas reparei que reprimiu um sorriso. Perguntou-me então se procurava alguma coisa em particular. Disse que procurava livros interessantes para enviar ao meu irmão, e ele sugeriu-me aqueles. Interrogo-me agora acerca daquele livreiro, sobre o que o levou a vender livros naquela rua, e se o sorriso que fez teria alguma coisa de sardónico. Eis mais um palerma que vai aprender o que é a angústia, imagino que ele tenha pensado. Interrogo-me se ele sabia que, ao sugerir-me aqueles livros, estaria a iluminar o meu caminho na escuridão.

Regressei à livraria, cerca de um ano depois da primeira vez, e encontrei outra pessoa atrás do balcão. Pela maneira como me cumprimentou quando entrei, presumi que fosse alemã ou holandesa. O meu ouvido na altura não estava bem sintonizado para reconhecer a diferença, tendo-me apenas apercebido de um ligeiro espessamento da voz. Terei feito a minha suposição com base na aparência da pessoa, também. O homem sorriu e voltou ao seu trabalho, e eu, depois de folhear uns livros sem me conseguir decidir, fui-me embora.

Amin escreveu-me uma carta na noite anterior à cerimónia da independência. Ainda a guardo, uma carta magnificamente escrita, num tom delicado e reflectido, de quem espera que tudo corra bem numa altura de optimismo e de expectativas grandiosas. Há anos que não leio essa carta, e penso que jamais o farei, mas não esqueço o tom, o equilíbrio e o comedimento das palavras dele. Sempre escreveu tão bem, com uma tal finura e presença de espírito que dava muitas vezes por mim a sorrir ao lê-las, não porque o que ele escrevera era engraçado, mas antes tão prazeroso.

Na televisão passou uma notícia sobre a nossa cerimónia de independência. Aparecemos na televisão. As imagens eram a preto e branco na altura, e a cerimónia decorreu à meia-noite, como é costume, talvez para conferir ao ritual um simbolismo místico, literalmente uma aura sagrada à passagem do fardo que é o poder. Dos breves cliques que apareceram no noticiário, filmados à noite e

sem luz suficiente, não consegui reconhecer o lugar, ver as casuarinas que ladeavam a praia ou ouvir o barulho do mar a alguns metros de distância. Vimos apenas o arrear da bandeira e o desfile dos soldados, assim como o príncipe Philip em sentido. À sua direita estava o sultão, de traje preto, e à esquerda o residente britânico, com o seu uniforme branco e capacete emplumado. A voz esforçada do repórter fez daquela cena, em que toda a gente se comportava com a dignidade que o seu cargo exigia, um mero episódio na paisagem do Império, uma coisa familiar no telejornal. Um momento depois acabou e o noticiário avançou. Quase exactamente um mês depois, ouvi nas notícias vespertinas da BBC World Service uma reportagem a descrever o derrube do novo Governo. O relato foi enviado por uma operadora de rádio amador que era a mulher de um dos funcionários coloniais que ficara no território integrando a equipa que iria efectuar a transição. Ou talvez ela não fosse operadora de rádio amador, mas alguém treinado e preparado para fazer precisamente aquilo caso acontecesse o que aconteceu. O relato, numa voz ansiosa e sonora, em que as palavras se atropelavam, foi feito a partir de casa dela, estando a mulher escondida debaixo da cama, porque as balas voavam por cima da sua cabeça. O jornalista nomeou-a e reconheci-a como sendo uma das instrutoras de natação e outros desportos da escola feminina do magistério. Fazia sempre uma figura invejável nas competições entre escolas, soprando apitos, distribuindo as medalhas e afadigando-se de um lado para o outro com passadas ambiciosas. Foi ela, em todo o caso, que anunciou ao mundo a nossa mais recente vilania.

Nos dias que se seguiram, chegaram mais relatos de violência, de massacres, bem como análises breves e sagazes por parte de jornalistas e peritos, mas nada de notícias, nenhuma carta, e só semanas mais tarde, quando já não havia volta a dar ao que sucedera, é que a incredulidade e o medo e a vergonha deram lugar à tomada de consciência do terror que tomara conta do nosso país. A primeira carta que recebi de Amin, semanas mais tarde, era breve e cautelosa, e era óbvio que havia sido aberta. Dizia que recebera a minha carta daquele dia, mas que nenhuma das que eu mencionara

lhes tinham chegado. Que estavam todos bem e que me cuidasse. Compreendi que ele não podia escrever livremente e que também eu não deveria fazê-lo. Contei aos meus amigos que recebera finalmente notícias de casa e que nenhum membro da minha família fora morto ou estava ferido, como todos receáramos. Partilharam do meu alívio, da mesma maneira que haviam partilhado da minha ansiedade e lamentações nas semanas anteriores, e depois disso raras vezes falei do assunto com eles. Mais cedo ou mais tarde, chegaria a todos a vez de lamentarmos tragédias distantes, e havia que aprender a ser comedido na dor.

Algum tempo mais tarde, recebi uma carta do meu pai, meio amachucada, dobrada e expedida de Mombaça, na qual me dizia que tinham acontecido coisas terríveis, que o clima era de perigo e que nem me passasse pela cabeça regressar. Não soube o que escrever de volta, receoso de lhes causar dificuldades, e quando as cartas de Amin me chegavam, com intervalos longos entre elas, eram breves e formais. O Ba perdeu o emprego, bem como muitas outras pessoas. Muita coisa mudou. A Ma não conseguiu arranjar medicamentos para os olhos e a vista preocupa-a. Queixa-se disso, como seria de esperar. Mas está tudo bem e toda a gente manda cumprimentos.

Nos meses que se seguiram, comecei a pensar que era um excluído, um exilado. Dou a impressão de que foi um processo gradual e, de facto, levei meses a encontrar as palavras que descreviam a minha condição, mas pressenti-o muito mais cedo. A carta do meu pai a dizer-me que não voltasse aturdiu-me, e o pânico que senti paralisou-me. Para onde haveria de ir se não voltasse para casa? Que queria ele dizer com aquilo? Para onde haveria eu de ir? Só depois de o pânico abrandar, depois de passados vários dias sem refrigério, de nenhuma carta a cancelar a instrução da anterior, é que procurei palavras para explicar o que acontecera, palavras que sussurrava a mim mesmo com vergonha e escarnecendo de mim mesmo. Pela primeira vez desde que chegara a Inglaterra, comecei a considerar-me um estrangeiro. Dei-me conta de que me via como alguém a meio de uma viagem, entre a ida e a vinda, realizando um sonho antes de regressar; porém, comecei a

recessar que a minha viagem tivesse chegado ao fim, que viveria toda a minha vida em Inglaterra, um estranho no meio de nenhures.

Com o passar do tempo, acomodei-me a uma alienação tolerável. Dia após dia, esta condição tornou-se uma espécie de emblema, impreciso quanto às suas origens. Depressa comecei a falar de negros e brancos, como toda a gente, a proclamar a mentira com uma facilidade crescente, a admitir a igualdade da nossa diferença, a ceder a uma visão embotada de um mundo racializado. Porque quando concordamos que somos brancos ou negros, aceitamos também limitar a complexidade do que é possível, concordamos com mendácias que ao longo de séculos serviram e continuarão a servir sedes grosseiras de poder e auto-affirmações patológicas. Não importa; eu disse as minhas mentiras e engoli-as como uma verdade maior, e encontrei uma espécie de auto-affirmação em canções roufenhas sobre a injustiça e a rebelião (nas quais participava mais em espírito do que com a voz). Abri os olhos para as mentiras ainda maiores que nos enleavam e limitavam sem remédio. No meio do tumulto por causa das guerras e dos direitos cívicos e do *apartheid*, com a noção de estar presente enquanto os temas prementes do nosso mundo eram debatidos e por eles se lutava, eu fora mantido à parte das complicadas crueldades que aconteciam no meu país. Não tinham lugar naquela conversa, com as suas polaridades limitadas e certezas ordenadas, e pude apenas sofrê-las em silêncio e com um sentimento de culpa quando me encontrava sozinho.

Estudei, afastei-me dos meus amigos estrangeiros, ou então cada um seguiu inevitavelmente o seu caminho. Andrew foi o que perdurou mais. Fizemos umas férias hilariantes no Lake District, as últimas antes de Andrew voltar para o Gana. Naquela época era ainda possível dobrar uma esquina numa vila ou descrever uma curva numa estrada rural e dar de caras com alguém que ficava espantado, atónito, boquiaberto ao ver uma pessoa de tez escura. Não nos faltaram episódios desses no Lake District, e nem todos foram engraçados, na verdade, mas nós não nos deixávamos desanimar e fazíamos de conta ser quem não éramos: brasileiros, dois príncipes de Madagáscar, sacerdotes acabados de chegar do

Panamá, e quando contei a Andrew a fase italiana da minha infância, até experimentámos ser italianos por um tempo. Dir-se-ia que as pessoas estavam preparadas para acreditar no que quer que fosse acerca de nós, se bem que seja possível que estivessem a fazer-nos a vontade, por nos acharem desequilibrados e infantis. Nós divertíamo-nos, de toda a maneira, embora porventura fôssemos apenas jovens que achavam as suas piadas mais engraçadas do que as dos demais e que fingiam ver tudo como se fosse uma forma insípida do absurdo.

Ele está hoje em dia nos Estados Unidos, a ensinar Sociologia numa universidade do Montana. Não correu bem o regresso ao Gana, que se revelou uma cloaca, como em todo o lado, de resto. Telefona-me uma vez por ano, ou talvez nem tanto, mas curiosamente não conseguimos rever-nos, mesmo em ocasiões em que ele teve de vir a Londres. Imagino que não voltemos a ver-nos. Como é que eu vou até ao Montana, e com que propósito o faria? As nossas conversas telefónicas são cada vez mais forçadas, soam a jovialidade hipócrita. As perguntas que fazemos um ao outro são gestos em prol de uma amizade que nenhum de nós poderá ressuscitar. Interrogo-me às vezes o que o leva a telefonar-me, a horas que a mim me parecem tão estranhas. Nunca lhe ligo, embora sinta que devesse fazê-lo. Não sei o que dizer, por onde começar. Pergunto-me se me telefona porque recordar a nossa juventude o deixou triste, ou se vive uma vida solitária e sente necessidade de falar comigo por um sentimento de generosidade ou para se sentir bem, ou apenas porque se lembrou de um qualquer episódio do nosso passado que o fez sorrir. Agora que penso nisso, entristece-me a maneira como a apatia mina com tamanha perseverança e imprevidência os nossos afectos e amizades.

Já que estou a falar do assunto, mencionarei o que sei acerca dos outros bons amigos que fiz quando vim para Inglaterra. Amur obteve um lugar temporário no departamento árabe da BBC World Service. Estava destinado a trabalhar na rádio no seu regresso ao Sudão, portanto aquele cargo temporário foi uma espécie de estágio. Assim sendo, consegui por fim entrar na Bush House, passar pelas portas monstruosas do edifício, subir a vasta escadaria e adentrar-me no

labirinto de gabinetes e estúdios. Recordo-me que, para tal, Amur teve de arranjar um plano, e que esse plano envolvia entrevistar-me. Talvez a segurança fosse menos apertada naquela época, pois não me recordo de alguém me ter perguntado ao que ia. A Bush House foi uma decepção, claro, para quem se habituou a imaginá-la como uma voz a estralejar pelo ar ao mesmo tempo que percorria milhares de quilómetros, transmitindo notícias do mundo com uma solenidade imparcial. O vestíbulo e a escadaria cumpriram essas expectativas, mas os estúdios e os gabinetes tinham tectos baixos, eram acanhados, abafados e apinhados. Por todo o edifício, o ambiente fervilhava de determinação e dinamismo, e devo confessar que invejei Amur. Trabalhou ali durante uns meses, após o que voltou para o Sudão, e depois disso perdi-lhe o rasto por completo. Às vezes, num desses momentos de nostalgia em que fazemos planos para localizar todos os amigos de que há muito perdemos o rasto, mas que jamais duram até ao raiar do dia, ocorre-me ir procurar a frequência da Rádio Sudão para o ouvir descrever as águas no Nilo ou as planícies áridas do Dófar, e confirmar assim finalmente que ele está de boa voz. Só que, chegada a manhã, dizia a mim mesmo que as palavras dele não significariam nada para mim, que nem tão-pouco saberia se seria o mesmo Amur, e que o mais certo era que estivesse a trabalhar numa escola no Dubai ou no Sharjah, em vez de a cantar loas na Rádio Sudão.

Sundeeep, como já disse, tornou-se um escritor com alguma fama. Passou um ano no Malawi, onde escreveu um romance sofisticado e satírico acerca do país, uma comédia irreverente acerca dos disparates pós-imperiais, troçando dos *bwanas* coloniais que naturalmente se tornaram expatriados sem terem de sair dos bangalós bem cuidados que o Governo pusera à sua disposição. Não imagino que os *bwanas* se tenham interessado ou maçado lá muito com o romance. Sabiam quem construía os bangalós, e tantas outras coisas, e quem tinha o direito moral de os ocupar e de deambular pelos jardins cuidadosamente plantados. Só que o presidente Banda não apreciou o romance e banuiu a venda do mesmo no Malawi. Sundeeep estava já longe do país por essa altura, e ter o seu livro banido por um presidente vitalício prestes a atingir o

auge da sua carreira autoritária não fez qualquer moessa na sua reputação. Desde então, Sundeep escreveu outras obras provocadoras e sofisticadas que lhe granjearam inúmeros admiradores. Li a maior parte dos seus livros, mas já não anseio por eles. Creio que, não obstante o seu tom mordaz e a fluidez da sua escrita, se foram tornando cada vez mais convencidos dos julgamentos que expressam, e ser-se demasiado convencido do que quer que seja é meio caminho andado para o sectarismo. É um dogma liberal, um paradoxo por si só, que, se levado longe demais, nos conduz à ideia de que a frivolidade é a única seriedade autêntica. Não tenciono chegar tão longe. Sundeep encontrou em África um tema e aí regressa uma e outra vez nos seus livros, mas o que neles escreve sobre as gentes que lá vivem é de uma intolerância e escárnio desnecessários, é uma maneira de se exibir, como quando era jovem. Também nunca mais o voltei a ver, se bem que lhe tenha enviado um bilhete a felicitá-lo quando publicou o primeiro livro.

Ramesh é agora um economista de renome internacional, um defensor de limites morais para o desenvolvimento económico. É citado em editoriais de publicações solenes, os seus conhecimentos são procurados por governos e agências das Nações Unidas e é ele quem detém a cátedra de Economia numa importante universidade dos Estados Unidos (não me recordo de qual). Fui ouvi-lo quando ele veio à London School of Economics para uma série de palestras, e ele mostrou-se cauteloso e ponderado como sempre, mas não havia como negar a compostura e a convicção com que se exprimia. Aproximei-me o suficiente para o cumprimentar e ele saudou-me com um sorriso contido que não lhe chegou aos olhos, e presumi que não me reconheceria. Quando finalmente juntou dois mais dois, fez um aceno solene com a cabeça e eu sorri antecipando qualquer coisa mais amistosa, e depois ele perguntou-me se estava tudo bem. Respondi que não ia tudo mal e que esperava que estivesse tudo bem com ele. Hesitou um momento e desviou o olhar. Ter-me-ia sentido mal, se não tivesse ido falar-lhe. Naquele momento, pensei em Saad e no quanto gostava de atormentar Ramesh, e

esse pensamento fez-me sorrir. Não sei o que foi feito de Saad depois da sua partida.

Seja como for, isto passou-se mais tarde. Na altura, após a diáspora dos meus amigos, fui arrastado pelo fluxo lógico das circunstâncias, vivendo o dia-a-dia, estudando, pugnando numa ambição que ignorava possuir. Para estar à altura do que essa ambição inconfessada exigia de mim, tive de superar os padrões que eles estabeleceram para eles mesmos, ainda que considerasse abominável grande parte do que esses padrões representavam. Por isso, detestei o que tive de fazer, e detestei ter de fazê-lo, e senti-me triunfante ao ver que conseguira fazê-lo. Quem me conhecia terá ficado com a ideia de que estava mais preocupado com a linguagem crítica mais adequada para desenvolver o tema da minha dissertação do que com o que se passava no lugar longínquo que abandonara anos antes, quando sozinho nos meus pobres aposentos de estudante chorei de pesar e culpa por todos os que perdera. Quando as cartas taciturnas de Amin chegavam, receava-as como se nelas visse acusações, se bem que o tom fosse sempre anódino e até se tenha dulcificado à medida que as vidas deles se tornaram menos aterrorizadoras. Escrevia de volta regularmente, ainda que não com grande frequência, medindo as palavras. Muitas vezes ficava com a sensação de que o que tinha para dizer era insípido ou até fingido, e então esforçava-me mais para mandar novidades, qualquer coisa com mais substância e detalhe: onde estivera, o que fizera, a greve dos comboios, o tempo atmosférico. As primulas estão em flor e quem me dera ser capaz de descrever a delicadeza da sua cor, um tom de creme tão subtil quanto a fragrância do jasmim numa noite fresca. De repente, o sol rompeu, o dia está glorioso e a paisagem como que se transformou. Os jardins estão cheios de flores e, nos parques, as árvores frondosas parecem ter o dobro do tamanho. Não imaginas como é este país quando se enche de verde. Certa vez, no final da Primavera, vi calêndulas por entre a neve que caíra inesperadamente durante a noite.

Imaginava Amin a ler aquelas palavras aos meus pais e a Farida, via os seus ares de espanto e desilusão. Porque nos conta ele estas

coisas? Não entende que vivemos com medo, no meio do caos e da escassez? Porque não nos manda *qualquer coisa*, em vez destes disparates? Mande-lhes uma vez um calendário com imagens de paisagens campestres. Não era capaz de dar às dificuldades e à intranquilidade em que vivia uma importância que merecesse ser partilhada com eles. Não era sequer capaz de as tornar importantes o bastante para mim, pelo menos por palavras.

Então, finalmente, após anos do que agora parece um labor incompreensível, pude escrever-lhes um dia a dizer que terminara os estudos, que completara com sucesso o meu curso universitário e, por milagre, conseguira um emprego numa universidade. Ficava fora de Londres, no Sul, coisa que não me incomodava minimamente. Era com satisfação que abandonava a grande cidade, as suas multidões e sujidade, e ia viver para uma cidade pequena. Ansiava por isso. Iria viver numa rua pacata nos arrabaldes da cidade, cultivar um pequeno jardim e dedicar-me à minha profissão. Para descontraír, daria longos passeios tranquilos sob o lusco-fusco plúmbeo ou iria ao cinema. Recebi uma resposta na mesma semana, como nos velhos tempos.

Querido irmão, estamos muito orgulhosos de ti. Muitos, muitos parabéns. Quando li a tua carta à Ma e ao Ba, ao início desta tarde, começaram ambos a chorar. Primeiro ele, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces, a fungar e a tentar controlar-se, depois ela, soluçando, e depois nós, todos a chorar como se tivéssemos perdido o juízo. Chorávamos de orgulho em ti, suponho. Apesar de estares tão longe, sozinho, e com todas as ralações e dificuldades que tiveste de enfrentar todos os dias, não obstante tudo isso, foste corajoso e perseveraste até alcançares tudo o que buscavas tão longe. Penso que chorávamos também porque a vida te roubou de nós, porque por esta altura estaríamos a pensar em acolher-te de volta. Muito bem, meu pequeno italiano. Quando acabei de a ler, o Ba pegou na carta e leu-a para ele mesmo, embora já o tivesse feito uma vez. Não anda muito bem, Alá o conserve, e quando sai já não se afasta muito de casa. Vivemos tempos difíceis, duros para toda a gente, mas mais duros para uns do que para outros. Depois de ler a carta, guardou-a no bolso da camisa e saiu para dar um passeio, e

por onde passou, descobri quando eu mesmo saí, mais tarde, contou a novidade a toda a gente. Se dependesse dele, tê-la-ia mandado anunciar na rádio, naquela noite. Acho que se cansou, e está agora a dormir profundamente no sofá. A Farida continua aqui connosco, e também ela te manda muitos parabéns. Já casou com o Abbas, finalmente. Tiveram de esperar pelos papéis. O casamento foi há umas semanas e daqui a uns dias partirá para se juntar a ele em Mombaça. Pede-me que te diga que te escreverá quando lá chegar. Não contes muito com isso. Manda notícias da tua casinha no campo quando te mudares, mas, por agora, a Ma e o Ba enviam-te a sua bênção, e beijos de todos nós. Amin.

Como é fácil imaginar, também eu chorei ao ler esta carta, sobretudo a passagem em que eles choram como madalenas. Juntei-me a eles. E chorei de novo quando cheguei àquela parte sobre a minha coragem e perseverança. Quando pensava na vida que eles levavam, encarava-me a mim mesmo como mimado e sortudo, e presumia que era o que eles pensavam igualmente. Também achava que era corajoso da minha parte perseverar, apesar de tudo, embora na verdade não tivesse outra escolha, portanto fiquei feliz por saber que eles pensavam o mesmo. Quando Grace chegou a casa, vinda do trabalho, passei-lhe a carta e fiquei à espera que ela comesse a chorar, e, claro, mal chegou à parte em que toda a gente chorou em uníssono, chorou também, e eu não tive outra hipótese a não ser juntar-me a ela. Oh, foi uma carta tão alegre!

Não tinha dito a Amin nada a respeito de Grace, embora ela soubesse tudo acerca deles.

Demorei mais tempo do que imaginava a chegar a Grace. Não era minha intenção deter-me tanto sobre aqueles primeiros tempos em Inglaterra. Afinal, o que havia para dizer que não tivesse sido dito por tantos outros que tinham vindo antes de mim. Planeava explicar como começara a escrever a história de Amin e Jamila. E por que razão, quando comecei a pensar nisso, me vi forçado a imaginar de que maneira Rehana, a avó de Jamila, e o inglês Pearce se terão conhecido, como se terão juntado numa altura em que havia um hiato tão grande entre o mundo de um e o do outro. Contudo, assim

que comecei a escrever sobre a chegada aqui, parece que não consegui deixar de dizer muitas outras coisas. Não consegui deixar de reviver esse tempo, e de saborear a amargura e a decepção que lhe estavam associadas, mesmo depois de tantos anos. A culpa é do meu egocentrismo: quando começo a falar de mim mesmo já não paro, obrigo toda a gente a calar-se e exijo atenção. Era o que Grace costumava dizer, e alegou ter sido uma das coisas que a fez ir-se embora. Essa e muitas outras, mas isso é uma história que não planeio contar.

Só ao fim de muitos anos Grace partiu, e durante a maior parte desse tempo a nossa vida a dois foi mais do que tolerável. Houve alturas em que fomos felizes e nos sentimos realizados, em que nos ajudámos um ao outro a amadurecer, a encontrar refrigério das nossas recordações e insuficiências. No final, porém, os antagonismos tornaram-se absurdos e venenosos, e ela declarou que se ia embora enquanto ainda tinha vontade de viver e alguma possibilidade de encontrar de novo o amor. Tentei dissuadi-la, é claro, mas assim que ela começou a falar desta maneira já não havia como travá-la, e quanto mais dizia, mais fácil se tornava dizer mais. Um dia carregou o carro e acelerou rumo à sua nova vida (e voltou para levar o que não coube no carro da primeira vez). Continuei a viver na rua pacata nos arrabaldes da cidade, a curta distância a pé da universidade, por isso não precisava de carro.

Estava exausto quando ela partiu e acreditava que não sentiria outra coisa a não ser alívio. No entanto, nunca na vida me senti tão sozinho e desolado. Depois de ela se ter ido embora, dei-me conta de que adoptara a sua maneira de fazer as coisas, a sua maneira de pensar sobre as coisas, de que encaixara uma parte da minha vida mental na dela. De repente, na ausência de Grace, perdi o rumo da minha vida. No meu desespero, escrevi a Amin. Ainda nos escrevíamos, mas com menor frequência, naquela altura. Habitualmente, não tinha nada de muito emocionante para dizer e os detalhes da minha vida eram demasiado banais e complicados para os partilhar com quem não fazia ideia da minha vida. Ele escrevia-me quando tinha novidades, mas eram habitualmente tristes, e julgo que escrever acerca delas o entristecia. Quando lhe

falei de Grace, ele respondeu de imediato e, comiserando-se de mim, mencionou a dor que sentira pela perda de Jamila, há uma vintena de anos. Foi então que comecei a pensar em escrever a história de Amin e Jamila. Com o correr dos anos, dera-me conta de que o caso de Amin com Jamila não podia ter sido o que eu dele pensara aquando da revelação do mesmo. Pensara na altura que ele era um jovem impetuoso que levava a cabo uma ousada sedução, mas só o fiz porque só conseguia imaginar o amor como um cliché. Quando comecei a perceber melhor, ao longo dos anos que passei com Grace, dei-me conta da tragédia da vida de Amin, e talvez da de Jamila também, se bem que pouco ou nada soubesse acerca dela. Conhecia Amin, contudo, e lembrava-me da noite em ficáramos a saber do caso e do silêncio naqueles últimos dias antes da minha partida, e do seu silêncio em relação a ela desde então. Com o passar do tempo, o facto de o nome dela ter desaparecido dos lábios dele, bem como qualquer lamento pela separação, pareceu-me invulgar e cada vez mais presente, em resultado dessa mesma ausência. Carta após carta, meti-me com ele, dizendo que devia casar-se, e ele gracejava e respondia que gostava da sua vida de solteiro. Assim, quando mencionou Jamila no seguimento da partida de Grace, pela primeira vez desde que eu saíra de casa, há tantos anos, comparando a minha infelicidade com a sua, compreendi melhor aquilo de que ele tivera de abrir mão. Tive então tempo para reflectir sobre tantas coisas que negligenciara, e foi assim que decidi tentar escrever sobre o que acontecera entre eles.

Um dia, a meio dessa empreitada, recebi um telegrama de Amin a dizer que a nossa mãe falecera. Não tinham telefone em casa, mas eu liguei para a delegação local do partido e deixei uma mensagem: a nossa maneira de comunicar em caso de urgência. Telefonei de novo, mais tarde, e foi-me dito que tinham passado a mensagem e que Amin ficara satisfeito por saber que eu tinha recebido a notícia. Fiquei silenciosamente sentado em minha casa, na rua pacata nos arrabaldes da cidade, e chorei pela minha mãe, que não vira nos últimos vinte e dois anos. Quando olho para mim mesmo e para o que me tornei, penso naquelas batalhas que o meu pai e a minha mãe tiveram de travar para viverem e amarem como desejavam.

Penso nos planos deles, nas suas inquietações quanto ao nosso futuro, na minha própria labuta e planeamento para chegar a esta pobre existência apática, a qual poderia ter alcançado sem qualquer esforço. A ironia é um espelho implacável que tudo nos devolve.

Umas semanas depois do telegrama recebi outra carta de Amin (começara entretanto a recear as cartas dele), na qual o meu irmão me falava da sua cegueira pela primeira vez. Estava totalmente cego de um olho e começara a perder a visão no outro. Era a mesma doença que afectara a nossa Ma, mas não havia na ilha medicamento ou hospital por meio do qual pudesse curar-se, tal como não houvera para ela. Escrevi-lhe a dizer, vem para cá. Peço um empréstimo sobre a casa e vamos a um médico privado. Aqui tudo é possível. Porque não me disseste antes? Vem, não sejas palerma. Não desperdices o que resta da tua vida. Mas ele disse que era tarde demais, que a doença já não podia ser travada, segundo o que o médico que consultara em Dar es Salam lhe dissera. E que não podia deixar o Ba sozinho. *Em abono da verdade*, disse ele, *acho que já não me importo de deixar de ver. No decorrer dos últimos anos, cheguei à conclusão de que em terra de cegos, ter um olho é já maçada suficiente. Mais importante do que estas lamentações de velhos a propósito dos seus corpos em declínio é a novidade acerca de Farida. No ano passado publicou uma colectânea dos seus poemas, em Mombaça. Trouxe-me um exemplar, quando veio ao funeral da Ma. Quem diria que a Farida viria um dia a tornar-se poeta? Há anos que escreve, sabes, só que, como passa a vida a sorrir e a dizer graçolas, as pessoas tomam-na por palerma. Mas não é, como eu descobri há muito tempo. Seja como for, o livro recebeu críticas muito boas e a Farida chegou mesmo a ir à rádio ler alguns dos poemas. Foi convidada para um evento cultural em Roma e enviar-te-á de lá um exemplar do livro. Não sei por que razão ela quer enviar-te o livro a partir de lá e não de Mombaça, mas é essa a vontade dela. É a primeira vez que vai à Europa e talvez enviá-lo de lá a faça sentir-se mais perto de ti. Tenho uma pequena coisa para te enviar que entregarei a Farida. Por agora, envio-te os meus melhores votos e afecto.*

Umas semanas depois chegou-me uma encomenda vinda de

Roma com um exemplar do livro de poemas de Farida, *Kijulikano*. O Que Se Sabe. O pacote trazia um pequeno embrulho de papel pardo atado com um barbante. Tinha o meu nome escrito, com a letra de Amin. A acompanhar a encomenda de Farida não vinha nenhum bilhete, nem o livro tinha dedicatória. Farida não era grande correspondente e jamais respondeu a qualquer das minhas cartas ao longo dos anos, não obstante as repetidas promessas da sua parte que me eram transmitidas por Amin e mediante as quais dizia que escreveria assim que terminasse esta ou aquela tarefa. Havia uma fotografia dela na contracapa do livro. Assemelhava-se à fotografia de um passaporte, a de alguém que, acabado de vir da rua, pede ao fotógrafo que, por favor, não se dê a muitos trabalhos e tire a fotografia sem demora. Talvez fosse a caminho do hospital para visitar uma tia doente e não quisesse perder muito tempo da visita. Nem sequer tirara o *buibui*, tendo apenas puxado o véu para trás o suficiente para que se lhe visse a cara, pronta para o compor novamente assim que saísse para a rua. Usava óculos, de massa escura por cima e metal por baixo. Tinha também um sorriso rasgado, como que apanhada desprevenida por qualquer coisa que o fotógrafo dissesse, ou quiçá sorrisse para Abbas, o marido, que a acompanhara e que estava atrás do fotógrafo. Ao olhar para a fotografia daquela mulher sorridente de meia-idade, dei-me conta de que era a imagem de uma pessoa que eu já mal conhecia.

Na folha de rosto do livro constava a seguinte dedicatória:

Ao meu pai e à minha mãe, que me ensinaram a amar. Ao Amin, que é bom e ao Rashid, que nunca nos deixou. Ao Abbas, com todo o meu amor.

Nunca nos deixou. Só mesmo um poeta para arranjar uma mentira sentimental. Deixou-nos, sim, mas apreciei a gentileza que as palavras dela denotavam. Os poemas surpreenderam-me, é claro. Eram extremamente comovedores, delicados e íntimos, como eu não esperava, e deles depreendia-se um olhar tão inteligente e

inexorável. Muitos abordavam as vidas irrisórias que eu tão bem conhecia. Eram irônicos e espirituosos quando se referiam à vida das mulheres, e supus que o próprio título fosse uma referência intertextual à obra do poeta zanzibarita Shaaban Robert. Um dos poemas era sobre Amin e Jamila, se bem que não os nomeasse. Fez-me vir as lágrimas aos olhos. Sim, surpreendeu-me. Imagino que seja sempre uma surpresa ler qualquer coisa escrita por um irmão ou uma irmã, alguém que na infância conhecemos tão intimamente. Mas Amin tinha razão, sempre vira Farida como um tanto pateta — todos os exames reprovados e aqueles sorrisos constantes — e, se bem que não fosse desprovida de inteligência, pelo menos tola por ser tão boazinha. Tinham-se passado décadas sem que tivesse de reavaliar o que pensava dela, mas aqueles poemas fizeram-me ver o quanto estava enganado. Escrevi-lhe a dar as mais sinceras felicitações, mas mantive o silêncio em relação à surpresa que sentira.

Li os poemas várias vezes, sobretudo o que versava sobre Amin e Jamila. Fez-me desejar ter a coragem e o talento para escrever com tamanha sinceridade e humildade. Também li os poemas várias vezes para adiar a abertura do pacote que Amin me enviara. Percebi pelo formato que era um livro, e receava que contivesse alguma coisa escrita por ele. Fiquei inesperadamente nervoso ao imaginar o que Amin teria escrito da sua lavra.

8 Amin

Serei um? Sou o lago no qual ela se mistura comigo. Jamais conheci uma privação e um desejo tão intensos, como se fosse morrer de sede ou de insanidade se não a tivesse nos meus braços e me deitasse com ela. Porém, não morro e não a abraço. Mas não sou um grande conhecedor e porventura todo o amor redunde nisto, mais cedo ou mais tarde. Uma coisa cega e inamovível alojou-se em mim, ferrou os dentes numa parte tenra que não sou capaz de localizar ou de alcançar. Consigo, porém, sentir a sua maldade. Esta dor desesperada passará, está a passar, quando ao início nem sequer tinha força para elevar a voz ou para articular palavras com as quais a explicasse a mim mesmo. Amei insensatamente, mas não foi uma prepotência. Tive sorte na minha insensatez. Jamais a abandonarei. Vê-la-ei todos os dias, durante o tempo que puder, durante o tempo que os anos me concederem uma recordação dela. Louvada a beleza do dia na noite que se lhe segue, e a minha noite será longa e a beleza dela eterna.

Ela assusta-os. Receiam que faça de mim um bobo, e que as pessoas se riam de nós. As pessoas riem-se de tudo, disse-lhes eu. Pensa na reputação dela, disse a Ma. Pensa no teu bom nome, disse ele. Sem um nome não és nada.

Não pensavam assim quando, na juventude, travaram juntos as suas próprias batalhas. Agora granjearam uma qualquer eminência e respeito por parte dos vizinhos e dos demais, e eu, despreocupadamente, preparava-me para me ridicularizar a mim e a eles. Ela será o principal alvo da chacota, disse eu.

Pessoas como ela estão-se marimbando para que se riam deles, disse a Ma. Já estão habituadas. A avó dela era uma badalhoca que levou uma vida de pecado com um inglês. A mãe dela e o resto da família, a viverem naquela casa grande, armam-se em grandes

senhores por causa da sua riqueza. Para nós, todas as pessoas são iguais, excepto na sua piedade, como disse al-Biruni. Isto já foi o Ba que disse. Tem sempre uma citação ponderosa e secular à mão de semear. E depois estremece com a certeza que as suas palavras mórbidas lhe conferem. Ela vive sozinha num piso com uma porta independente para a rua. Foi vista no carro de um político. Não possui qualquer noção do que é honroso. Tanto quanto sei, franquear-me a entrada na sua casa foi o acto mais vergonhoso que ela jamais praticou.

Passaram-se semanas. Todos os dias, quando chego a casa, a minha mãe examina-me o rosto para perceber se a vi, para perceber se me dói não a ter visto. Nenhum deles fala dela, por constrangimento, talvez. Por medo de outro recontro, como o daquela noite. As ameaças, a intimidação, as lágrimas. As lágrimas foram minhas, e quando as viram perceberam que tinham levado a melhor. Não falemos mais sobre este assunto, disse ele, como sempre fez quando sentia que chegara o momento de mostrar a sua forma superior de misericórdia. Sei como descobriram. O tio Ali levou um rumor para casa. Há sempre mexericos, e o mais certo é que tenha levado aquele para casa como tal, como uma coisa da qual se podia rir. Aquele malandreco, sabes o que as pessoas andam a dizer dele? A tia Halima provavelmente franziu o sobrolho e depois mandou chamar a Farida. Foi a Farida quem me disse. A tia Halima pressionou-a, usou todo o seu inventário de blasfémias e ameaçou contar à Ma. Então, a Farida disse-lhe que, se ela o fizesse, seria como matar-me, porque a Ma diria ao Ba e eles obrigar-me-iam a pôr fim ao caso ou a desobedecer-lhes. A Farida convencer-se de que como a tia Halima mantivera o seu segredo acerca do Abbas, guardaria também o meu segredo. Só que a tia Halima detestava a Jamila, era uma prostituta, chamou-lhe ela, e foi imediatamente a correr contar tudo à Ma. A Farida correu ao lado dela, pedindo e suplicando à tia que não o fizesse, até ao último momento. A Farida culpou-se a ela mesma.

Não fui capaz de a encarar. Estava demasiado envergonhado. A Farida foi a casa dela, para lhe dar uma explicação e para lhe pedir perdão. Eu não conseguia olhar para ela. Ela haveria de pensar que

não a amava o suficiente, mas é mentira, amo, sim. Ou que era demasiado fraco para lutar por ela, e talvez isso seja verdade. Não fui capaz de desobedecer-lhes, nunca o fiz.

Anseio por lhe tocar. Não sabia o que essa palavra significava até ter ansiado pelo toque dela. Cogitava às escuras sobre esta ânsia, e sonhava com ermos juncados de pedaços de ossos, de pedras e de insectos mortos. O chão é duro como metal e acordo com os pés doridos, embora tenha passado a noite toda deitado. Sonho com uma cama repleta de cigarras mortas e ouço um som semelhante ao que o vento faz quando sopra por entre as casuarinas. É o som mais triste que alguma vez ouvi, à excepção das palavras que a imagino usar para descrever a sua decepção em relação a mim. Um grito acorda-me a meio da noite. Os lençóis estão molhados de transpiração e, ao toque, é como se o meu corpo tivesse estado submerso numa poça de luz vermelha pulsante. Inventario estes sintomas como o aluno de uma ciência louca. Que ciência poderia ser? A da obediência.

Prevejo que ele desperte porque eu me mantenho insone. Conto que se mexa, ao menos, em resultado dos meus gemidos e suspiros enquanto me remexo para dar repouso a uma anca ou a um ombro doridos. Não me posso levantar. Eles iriam dar-se conta e pensar que estou de saída para ir ter com ela. Quando acordo de um pesadelo, fico deitado à escuta, para o caso de o ter incomodado. Espero para ver se disse alguma coisa que ele me vá repetir. Mas nada o incomoda, dir-se-ia. A sua respiração é superficial, o sono de um inocente, com um sorriso na cara, a sonhar com Inglaterra. Está já longe daqui. Mesmo quando tem os olhos abertos, percebe-se que está a olhar para qualquer coisa muito ao longe. Quase desejo que ele acordasse e me obrigasse a falar dela. Ele observa-me. Quer saber, mas não compreenderá, não ainda. Quando fala dela, faz piadas elogiosas e eu não me importo. Se repete qualquer coisa que eu disse em sonhos, alego que uma pessoa não pode ser responsabilizada pelo que diz à noite, porque podia estar a dormir quando a diz e, portanto, não é bem ela que fala. Ou que qualquer coisa na escuridão surripiou as palavras, as distorceu e transformou

noutra coisa. Exalto-a à noite. Como é possível que toda a gente a odeie tanto? Sou tão odioso.

*

Ela contou-me a sua história. Guardava apenas uma vaga memória da avó. Viu-a uma vez, quando tinha quatro anos, uma mulher corpulenta com olhos penetrantes que sorria e falava pouco. Os seus irmãos, que tinham mais recordações dela, evocavam-na muitas vezes quando eram mais jovens. Era ela o grande escândalo da família, a origem de todos os problemas. Durante muito tempo, as histórias misturaram-se, umas em cima das outras, algumas em falta, portanto, mais tarde, quando ela quis saber a história de fio a pavio, não foi capaz de perceber como tudo começara e tudo acabara.

O nome dele era Pearce, e um dia saíra aos tropeções do mato para ir cair nos braços da avó Rehana. Não, não foi assim, disse ela, estava apenas a brincar quando dissera a última parte, a dos braços da avó. O inglês andara perdido uns dias no interior, roubado e abandonado pelos seus guias somalis. Quando o levaram para casa, fora a avó Rehana quem dera ao desconhecido o seu primeiro gole de água. Terá posto qualquer coisa nessa água, porque ele se apaixonou por ela mal abriu os olhos. Foi da boca da avó Malika que ela ouviu isto. Malika era a mulher do avô Hassanali. Sobreviveu aos restantes e era ainda viva quando *ela* tinha quinze ou dezasseis anos, portanto, idade suficiente para poder fazer perguntas daquelas. Ela nunca conheceu o avô Hassanali. A voz da avó Malika embargava-se *sempre* que pronunciava o nome dele. O avô terá morrido antes do nascimento dela. Sinto relutância em usar o seu nome. Parece-me uma ousadia.

A avó Rehana tinha sido casada com um comerciante indiano que partira e nunca mais voltara. Recebera várias propostas de casamento depois disso (*kaposwa na watu wengi*), mas recusara-as a todas. Era uma pessoa difícil. Quando o inglês apareceu, ela já não era jovem, e corriam rumores acerca dela. Ninguém lhe podia

dizer nada. Quando o inglês apareceu e se apaixonou por ela, ela entregou-se a ele. Não dizia nada, mas todas as tardes vestia o *buibui* e saía de casa sozinha, e ninguém lhe podia dizer nada. A fazê-lo, seria para a acusar de *zinah*. Ninguém se atrevia a tal. Era um crime terrível, merecedor de um castigo inominável. Lapidação. A única pessoa que lhe podia dizer alguma coisa era o irmão, Hassanali. Era, além disso, o tutor de Rehana, na longa ausência do marido dela, muito embora o irmão fosse mais novo do que a irmã. Uma mulher tinha sempre de ter um tutor: o pai, o marido e, na ausência de ambos, o mais velho dos irmãos. Na ausência de todos estes, o parente mais próximo do sexo masculino. Eu não sabia disso. Quando ela me contou, ao princípio não acreditei, que qualquer parente do sexo masculino pudesse converter-se num tutor e comandar uma mulher. Hassanali recusou-se a comentar as ausências vespertinas. Que faria se ela confessasse que cometia *zinah*? Mandá-la-ia lapidar?

Até que, no final, alguém gritou qualquer coisa a coberto da escuridão de uma ruela quando ela ia a passar, um final de tarde. Irada, desabafou com Malika ao chegar a casa, mas não foi capaz de repetir a palavra que lhe fora lançada. Não sujarei a minha boca com as injúrias desta gente, disse ela. Alguém se queixou de Pearce ao administrador colonial. O mais certo é que tenham sido os ilustres omanis (*watukufu wamanga*), sempre prontos a exibirem a sua ética e beatice hipócrita e mesquinha. É claro que não se terão queixado directamente. A sua nobreza não lhes permitiria tal coisa. Uma palavra sussurrada ao ouvido do *wakil*, quiçá, para ser depois sussurrada ao ouvido do administrador colonial. Os omanis tinham opiniões vincadas no que à ética e ao decoro dizia respeito. Um umbigo desnudo era uma ofensa (*makruh*), e aí de quem deixasse escapar um traque na proximidade deles. Imagine-se a tortura que não representou para estes senhores os rumores acerca de Pearce e Rehana.

Assim, os amantes mudaram-se para Mombaça, primeiro Pearce e depois Rehana. Viveram num apartamento durante umas semanas ou uns meses. Foi nesse apartamento que Rehana viveu toda a vida e no qual morreu. Foi aí que nasceu a mãe dela, Asmah.

A imaculada: foi esse o nome que Rehana lhe deu. Num acto de esperança. Por essa altura, Pearce já se tinha ido embora. Partiu e depois voltou, mas tornou a ir-se embora.

Não é de somenos que tenha voltado, que o facto de a deixar o tenha mortificado, disse ela. Depreendemos disso que a terá amado, ainda que, apesar disso, a tenha abandonado. Em determinada altura, terá caído nele e regressado a casa. Várias razões terão contribuído para isso. Seria, sem dúvida, uma situação impossível para ambos. Rehana era uma mulher corajosa e batalhadora para ter ido até onde foi. É o que penso agora, ao tentar imaginá-la. Alguém calmo e corajoso. Uma mulher calma e corajosa.

Como era Pearce?, perguntei-lhe.

Ela sorriu e disse que apreciava que eu usasse aquele nome. Era o seu avô e às vezes, em segredo, usava-o também, para se autonegociar. Disse que a avó Malika lhe contara que ele era alto e magro, e que os olhos dele cintilavam. Ficara com a sensação de que a avó Malika não gostava do aspecto dele, ou dele, sequer. Asmah, a mãe, disse-lhe que Rehana costumava dizer que ele estava sempre bem-disposto, alegre.

Contou-me estas coisas deitada na cama, comigo, à luz da candeia. Por vezes, não lhe conseguia ver o rosto, porque estava nos braços dela, e a sua voz acariciava-me então a testa. Ou ela recostava-se na parede e eu deitava a cabeça no seu colo, sentia as pontas do seu cabelo comichar-me as faces, e olhava-a fixamente e acariciava-lhe as coxas e os seios enquanto a ouvia falar. Ou, então, conversávamos deitados lado a lado, mas tocando-nos, sempre. Quando se sentia corajosa e feliz, gostava de fazer planos. Quanto tempo teríamos de esperar até eu terminar o meu estágio? Assim que arranjasse emprego, podia dizer aos meus pais e depois mudar-me para ali com ela. Ela enchia a minha vida de felicidade, sempre bem-disposta, alegre. Quando estava afastado dela, nem sempre conseguia suportar a ansiedade e o terror. Uma noite, transpirados depois de termos feito amor, ouvimos alguém caminhar lá fora, na rua, as suas sandálias batiam no chão, e assobiava. Ela retesou-se,

agarrou-se a mim em silêncio e estremeceu. Que foi? Que foi?, perguntei-lhe. *Tenho medo*, disse ela. Tentei fazer uma graça. Do assobio?, perguntei. Os espíritos que deambulam pelo mundo depois de escurecer assobiam para se chamarem uns aos outros. *Deles. Daquele homem e do seu assobio. Não percebes como está seguro de si mesmo? Tenho medo de que me deixes.* Jamais te deixarei, disse eu.

*

Durante um tempo não me falou do outro homem. Julgo que não terá querido que eu me apressasse a julgar a sua avó. Queria que primeiro me encantasse por ela. Pearce deixara algum dinheiro, mas Rehana sabia que não iria durar muito tempo. A renda do apartamento estava assegurada por seis meses, portanto não iria ter o bebé na rua. Ele depositou uma pequena quantia numa conta bancária em nome dela. Talvez achasse que, quando o dinheiro se esgotasse, ela voltaria para junto do irmão nas traseiras da loja. Deixou-lhe também um endereço em Inglaterra, em caso de emergência. Pearce não lhe explicou como deveria levantar o dinheiro. Depois da sua partida, quando Rehana tentou levantar algum do dinheiro, o banco pôs entraves e não permitiu. Rehana não percebeu porquê. Nunca tinha entrado num banco e nem percebeu que lhe tinham recusado o levantamento. Na sua confusão, envergonhada, pensou que era porque desaprovavam a sua conduta. Não escreveu a Pearce. Pediu ao irmão Hassanali e a Malika, a mulher dele, que acolhessem Asmah por um tempo, até que ela tivesse a sua vida organizada. Seria por pouco tempo, mas Asmah acabou por ficar com eles toda a sua juventude. Foi o único filho que tiveram.

Enquanto vivia em Mombaça, Pearce travou amizade com um escocês chamado Andrew Mills. Era um engenheiro hidráulico que tinha um quarto no Mombasa Club (Acesso Reservado), o que significava reservado apenas a Europeus. Visitantes europeus podiam ali pernoitar quando estavam de viagem ou de visita a

amigos. Andrew Mills residia ali. Gostava de beber. Visitava-os no apartamento quando Pearce ainda estava em Mombaça, e continuou a fazer as suas visitas depois de ele ter partido. Passado algum tempo, mudou-se para lá e assumiu o pagamento da renda.

O que é um engenheiro hidráulico?, perguntei-lhe eu.

Ela encolheu os ombros e depois fez deslizar o dedo húmido pelos meus lábios. Tão discreto, disse ela. Perguntas o que é um engenheiro hidráulico quando poderias ter perguntado que tipo de amigo era ele, para se ter mudado assim para o apartamento. Ou que tipo de mulher Rehana se tornara.

Uma *courtesan*, disse eu, praticando a palavra inglesa. Não é uma palavra que tenhamos muitas vezes a ocasião de usar.

Foi o que toda a gente pensou, disse ela.

Que outra coisa haveriam de pensar?, indaguei.

Ela encolheu de novo os ombros, como quem dizia que se estava marimbando para a opinião alheia. Andrew Mills era um homem de alguma idade, disse ela. Mudou-se para o apartamento e ajudou-a a montar um pequeno negócio têxtil. Contratou um alfaiate e abriu uma loja onde fazia e vendia cortinas, colchas e coisas do género.

Como é que ela teve essa ideia? Ter-te-ia ocorrido uma coisa assim?

Devia ser a sua costela de lojista, respondeu ela. Esse era o seu sonho, era assim que ela pretendia cuidar dela mesma. Quando o negócio prosperasse, iria buscar Asmah a casa do irmão e tomaria conta dela. Acho que foi nesta altura que ela começou a beber.

Percebi então que iria ser uma história trágica. Como poderia uma mulher que havia sido abandonada pelo marido, que tinha uma filha nascida do pecado com um europeu que também a abandonara, que vivia com outro europeu idoso e que começara a beber reencontrar o caminho para a felicidade? Ela observou o meu silêncio com um sorriso triste e eu senti um amor tal por ela que os meus olhos se encheram de lágrimas. Na altura, não percebi o que aquela tristeza significava, mas senti um aperto no coração.

Ninguém sabe a vida que tiveram juntos, disse ela. Rehana ainda visitava familiares, mas nunca falava da sua vida com o engenheiro hidráulico. Não sei que parentes ela visitava. Há sempre familiares.

A criada nunca era nativa de Mombaça, por isso não podia ser usada para lhe extraírem informações. Mas havia garrafas vazias para deitar no lixo. O homem que o recolhia todos os dias vendia-as aos lojistas. Explicava de onde vinham e quantas recolhia por semana nas suas rondas. Ninguém os visitava, e Rehana raramente saía à noite. Tudo isso levou as pessoas a concluir que também Rehana bebia, mas ninguém sabia o que mais se passava naquela casa, se ela era mesmo uma cortesã. Quando Malika, Hassanali e Asmah iam a Mombaça, ficavam em casa de familiares e visitavam Rehana durante o dia. O engenheiro hidráulico só voltava para casa depois de eles saírem, portanto nunca o conheceram.

Viveram assim por muitos anos, catorze ao todo, até ao início da guerra, em 1914. A guerra irou o engenheiro hidráulico. Então, uma noite, enquanto Rehana cosia a bainha de uma saia, ou qualquer coisa banal desse género, Andrew Mills, embriagado, num estupor alcoólico, teve um colapso no seu quarto. Rehana ouviu-o cair e ao chegar ao quarto encontrou-o morto. Espera, espera. Deixou-lhe dinheiro em testamento, para que ela pudesse ficar a viver ali e continuar com o seu negócio.

O pequeno italiano partiu hoje. Parecia aturdido, um tudo-nada lacrimoso, no final. Foi o que bastou para a Ma e a Farida começarem a chorar, e o Ba a fazer caretas e a franzir os lábios num esforço para não fungar. Tive de me morder para não sorrir. Dir-se-ia que o Rashid nunca mais voltaria. Isto é o que ele queria fazer, apetece-me dizer-lhes. Há anos que sonha com isto. Às vezes acorda de um sono profundo e começa a falar inglês. Que quer isso dizer? Ele sonha em inglês. Irá para lá e sair-se-á bem. Tenho a certeza que sim. Está mais do que preparado. Continuará a avançar, cheio de confiança e energia, e quando a altura chegar, enfrentará os desafios e será bem-sucedido, sem dificuldade.

É um alívio vê-lo partir. A vida será menos cansativa sem ele, e haverá mais espaço no quarto. Preciso de mais espaço. Pode parecer maldoso da minha parte, mas não é essa a minha intenção. Sinto agora uma maior necessidade de estar sozinho. A vida não

será a mesma para todos nós, por causa da sua ausência, mas ele não tardará a estar de volta. Passou a última semana a despedir-se dos amigos, indo a casa deles. Um por um, e um drama de cada vez. São uns piores que os outros, fazendo promessas de se verem no Cairo ou em Budapeste no próximo Verão. E ontem à noite houve uma longa discussão sobre se ele devia vestir o fato ou uma coisa mais confortável para a viagem. O Ba era a favor de uma camisa limpa e um par de calças, de preferência de uma cor clara, porque têm um ar mais elegante. O que ele não disse, e o mais certo é que não se tenha dado conta de que era o que *estava* a dizer, é que é dessa maneira que ele gosta de se ver. A Ma preferia o fato. Sabe lá ele quem vai estar à sua espera, à chegada. Oh, podia muito bem ser a rainha de Inglaterra, disse o Ba, com um sarcasmo incaracterístico, mas a Ma ignorou-o. Seja como for, não queres que as pessoas pensem que não tens um fato, argumentou ela. É dessa maneira que os ingleses se vestem por lá, se bem que vistam calções largueirões quando vêm para aqui, e é um fato bom. A Farida assentiu com a cabeça, eu encolhi os ombros e deixei a decisão aos mais velhos. Ele foi de fato.

No lugar dele, eu estaria aterrorizado. Creio que ele estava. Nem ele nem eu alguma vez viajámos. Se tenho inveja dele? Sim, seria um alívio afastar-me das coisas do dia-a-dia. Talvez seja por causa dela que sinto isto, embora não queira afastar-me dela. Não me parece que sinta uma inveja profunda. Talvez uma pontada de desapontamento por não ter sido convidado para o piquenique. Não espero que a vida me reserve desafios e grandes emoções, e não me sinto infeliz por isso. Gostava de ir pescar mais vezes e de aprender a manobrar melhor uma canoa. Gostaria de conhecer as plantas e as árvores, os seus nomes e as suas épocas, e que uso lhes é dado. Entusiasma-me ouvir o nome dos diferentes tipos de madeira e ver as pessoas cheirá-la para confirmarem as suas suposições. Gostava de saber o que estão a cheirar. Gostava de ensinar no campo, de conhecer melhor essa vida. Gosto de ler devagarinho. Pedi-lhe que me enviasse tudo o que lesse e achasse bom. Talvez ele o faça, ou então trará alguns desses livros.

Receio as coisas que ele almeja. Não é possível ir até lá e ver o

que há para ver e regressar. O que vemos muda-nos. Temo que quando ele voltar exiba a mesma atitude intangível dos que fizeram o mesmo percurso que ele. Alguém lhe fará uma pergunta e ele ouvi-la-á com um sorriso tolerante, e a seguir responderá lentamente, por não querer que os seus ouvintes percam uma única palavra do que ele tem para dizer. Tentará manter a resposta simples, num esforço para não permitir que a sua sofisticação confunda o público, mas esperará ser ouvido com deferência, crente de que a sua façanha é de monta.

Chegada a hora da partida, subiu tropegamente a escada para o avião. Acenámos-lhe, mas ele estava demasiado nervoso para olhar para trás. Deteve-se por uns segundos na porta e mergulhou na escuridão. Um momento depois, reapareceu, à nossa procura, a acenar. Depois, quando o avião levantou voo, a Ma chorou sem se conter, dizendo, aquele palerma vai-se perder de certeza. O Ba respondeu, ninguém se perde dentro de um avião. Ele vai-se perder, garantiu ela, ou então vai deixar que alguém lhe roube as libras que lhe deste. Continuou nesta veia, já com as lágrimas enxugadas por aquela altura, todo o caminho de volta a casa, no táxi. Quando entrámos em casa, ela já ia em silêncio, e ele também. Havia sorrisos luminosos nos olhos de ambos e julgo que estavam orgulhosos do nosso pequeno italiano, e já provavelmente a planear o seu regresso a casa.

Pensei no engenheiro hidráulico quando a vi no carro do ministro. É ele o político sobre o qual circulavam boatos? Tem mulher e filhos, mas não se importa que toda a gente saiba que corteja outra mulher. Irá ela tornar-se sua amante? É o que toda a gente pensa. Daqui a três semanas seremos independentes e o ministro será então poderoso o suficiente para não dar ouvidos a rumores. Talvez os homens poderosos precisem de amantes.

Vi-a todos os dias nestes últimos meses. Imagino-me com ela todas as noites. Falamos baixinho na semiobscuridade e depois fazemos amor. Discutimos os cuidados que devemos ter para evitar sermos descobertos. Nunca mais voltei a casa dela, e jamais tentei

vê-la. Ela também não veio a nossa casa. A Farida disse-lhe, por mim, tudo o que havia para dizer. Ela enviou um recado pela Farida a perguntar se podíamos encontrar-nos para falarmos acerca do que sucedera. Respondi que não podia. Prometi-lhes que não a tornaria a ver. Sinto demasiada vergonha para a enfrentar. Sei o quanto se envergonhará de mim, que pensará que também eu a tenho na conta de desprezível. Há-de estar zangada comigo, e ainda mereço pior.

Vi-a de relance por duas vezes, e em ambas as ocasiões o meu coração pulou, mas desviei o olhar antes de a conseguir ver bem. Vejo-a todos os dias. Encontramo-nos secretamente, noite fora, atrás de portas. O meu nome é Msiri Amin, aquele a quem foi confiado um segredo.

Hoje vi-a no carro do ministro e não desviei o olhar. Desmontei da bicicleta e olhei. Ele não é ainda ministro, com uma pasta atribuída, por isso o carro não tinha bandeira, mas em breve, daqui a três semanas, já terá. Pedalei até à beira-mar, nas traseiras do tribunal, e estive horas sentado no relvado, a pensar em coisas que já sabia. Nem sinal dos jardineiros ou dos guardas do tribunal. O sossego era tal que me tornei consciente da minha respiração. Até o mar parecia em consonância com ela. Ocorreu-me que os nossos governantes já se tinham escapulado discretamente e que estávamos tão habituados a obedecer que, mesmo sem vigilância, continuávamos a cumprir os nossos servis deveres.

Hoje estive ali sentado horas e soube uma vez mais que cometera um erro terrível. Não tive escolha. Devia ter ido ter com ela e vivido a vida secreta que finjo viver. Os rumores teriam feito de nós uma coisa furtiva e ridícula. As nossas vidas tornar-se-iam intoleráveis, mas talvez não nos tivéssemos sentido tão imundos quanto os rumores nos pintavam. Doe-me vê-la no carro do ministro.

Quando cheguei a casa, a Ma estava sentada à janela. Fica com um ar trágico ali sentada, mas não consigo demovê-la. Diz que precisa da luz. Estava a ler outra vez uma das cartas do pequeno italiano. Escreve com regularidade, mas há três ou quatro cartas a que ela se afeiçoou, e tem-nas guardadas no cesto da costura. A tarde chegara ao fim e no rádio passava um programa de discos

pedidos. A Farida estava no quarto dela. Foi quando ela levantou a cabeça, ao dar-se conta da minha chegada, que me apercebi do seu ar trágico. Examinou-me o rosto, mas eu sabia que, com a fraca luz do final da tarde, não veria grande coisa. Tentava perceber pela minha cara se eu estivera com ela. Tinham-se passado meses desde que a abandonara, mas a Ma continuava a escrutinar o meu rosto sempre que eu entrava em casa. Recompus-me e fui-me sentar ao lado dela, no sofá, para que pudesse ver-me bem e ficar descansada. Está lentamente a perder a visão, e o terror da cegueira ensombra-lhe a vida. Às vezes, dou-me de repente conta de que ela está sentada algures por perto, a chorar em silêncio.

Hoje escrevi ao Rashid. Queria escrever-lhe porque é um dia especial. É o dia da independência. Senti que devia escrever-lhe, não sei porquê. Portanto, escrevi-lhe uma carta séria, de um adulto para outro, o que talvez queira dizer que o tom era solene e sagaz. Queria que o dia não lhe passasse ao lado, e que tivesse como recordá-lo, ainda que aqui não esteja para o presenciar. Foi então que ele me escreveu aquela missiva pomposa, cheia de cogitações solenes, porventura para zombar de mim. Seria bom se ele aqui estivesse, portanto suponho que tenho saudades dele, se bem que jamais lho admitisse. Os amigos estão sempre a perguntar por ele. O Rashid deve sentir a falta de tudo isso. Andavam sempre todos juntos.

O Rashid teria escrito um poema sobre a independência, se estivesse aqui. Teria organizado um concurso de poesia multilingue para apurar o melhor poema sobre a independência. A seguir, armaria um banzé para conseguir que amigos e vizinhos participassem. E teria arranjado maneira de conseguir tudo o que fosse itens alusivos ao momento, todas as recordações da independência: o crachá com a nova bandeira, um disco com o novo hino nacional, a tarja para pôr por cima da porta e talvez uma grande bandeira num mastro, se o Ba fosse nisso. A nova bandeira não é muito diferente da antiga, o estandarte de Al-Busaid, à excepção de um par de cravos-da-índia dentro de um círculo verde

no centro. Podia ter sido pior. Podia ter sido um papagaio num galho ou uma barracuda contra um fundo azul com uma ondulação negra a fazer as vezes de ondas. Penhores tão frágeis de um estado. O novo hino nacional foi tocado na rádio esta tarde, para ficarmos com um gostinho e amanhã, chegado o momento, não nos pormos a olhar uns para os outros, atrapalhados. Não fui a tempo de o ouvir. Acabaremos por nos habituar a ele, e o mesmo acontecerá com a bandeira.

Tudo mudou da noite para o dia. Não houve tempo para nos habituarmos ao que quer que fosse. Temos de encontrar outras palavras para falar sobre a maneira como agora vivemos. Não gostam de ouvir as pessoas dizer certas coisas ou cantar determinadas canções. Não podemos pronunciar o nome do sultão ou falar do anterior Governo. Só durou um mês e depois mudou tudo de supetão. A nova bandeira já não existe. É ilegal possuir uma, ainda que apenas por curiosidade. Já comecei a esquecê-la. Não me lembro da cor do par de cravinhos, se eram castanhos ou dourados. O hino já está esquecido. Acho que ninguém seria capaz de trautear um único verso. Se o fizesse, seria espancado, ou pior. Já houve assassinatos. Não posso escrever estas coisas. Assustaram-nos em demasia e seria um disparate ser apanhado a rabiscar acerca daquilo que não podemos saber.

Ela foi atacada. Aconteceu uma noite, durante a sublevação. Andavam à procura do ministro, que não estava em casa, portanto foram à procura dele a casa dela. Ela abriu-lhes a porta. Todos o fizemos. Ninguém sabia como resistir ou o que fazer quando as coronhas e as botas nos batiam à porta. Atacaram-na depois disso. Quando tomei conhecimento do sucedido, à boca pequena, uns dias depois, tentei não correr para lá, mas dirigi-me a casa dela. Era de manhã, mas o recolher obrigatório impedia ajuntamentos na rua. Havia homens armados por todo o lado e paredes com buracos de bala. Algumas casas tinham sido incendiadas. Chegado a casa dela, passei vários minutos a bater à porta, mas ninguém abriu. Disse quem era, mas nem assim obtive resposta. Senti um movimento por

cima de mim e inclinei a cabeça na direcção do telhado. Havia alguém na janela do piso de cima e, por isso, recuei até ao meio da rua para tentar avistá-la, mas a pessoa retirou-se para o interior da divisão. Ocorreu-me que fosse um dos irmãos dela. Fiquei no meio da rua um minuto ou dois, a olhar para a janela, à espera, mas ninguém se assomou a ela. Não me atrevi a gritar, e não sabia se os agressores se tinham introduzido na casa. Podia haver mulheres feridas, e não iriam querer um desconhecido ali a fazer perguntas sobre o vexante acontecimento.

Talvez tenha sido por causa do ministro que a agrediram. Ou quiçá porque é muito bonita e as pessoas falavam tão mal dela. Um dia ouvi dizer que ela partira. Toda a família se foi embora e aquela casa enorme está vazia e trancada. Centenas de pessoas estão de partida, milhares foram expulsas, algumas estão proibidas de sair do país. Querem que esqueçamos tudo o que conhecemos antes, excepto as coisas que desencadearam a ira deles e os fizeram agir com tamanha crueldade. Divago e escrevo estas coisas que me meterão em sarilhos, se forem encontradas. Não sei como é que ela partiu ou para onde foi. Às vezes, interrogo-me se aqueles que partem sabem o que estão a fazer. Pode não haver regresso.

Não sei porque comecei a escrever isto. Julgo que foi porque tinha muito tempo livre e sentia que me acontecera uma coisa crucial. Comecei a escrever para reviver esta angústia. De certa forma, julgo que continuava a achar que havia uma maneira de a reaver. Que, vendo o meu ar tão trágico, alguém se apiedaria de mim e diria: volta para ela, tu merece-la, já sofreste o bastante. Desde a ocasião em que a vi no carro do ministro, há várias semanas... Pobre ministro, apanharam-no e humilharam-no, como fizeram com todos os outros ministros. Estão agora na prisão, no continente, são hóspedes do presidente Julius Nyerere de Tanganica, que está radiante com o que nos aconteceu. Desde a semana em que a vi no carro do ministro, escrever isto tornou-se um fardo. Agora, depois das mortes e das expulsões, torna-se também perigoso. Hoje comecei a pensar que encontrara uma razão para continuar a escrever estas linhas. Ela partiu, o Rashid partiu, tantos outros partiram. Quem ficou sente-se quase demasiado assustado

para viver. Escrever estas linhas servirá para dizer a mim mesmo que estou vivo. Será uma maneira de não esquecer.

É tarde. O Ba dá sinais de impaciência no quarto ao lado e não tardará a vir bater-me à porta e pedir-me que apague a luz. Preocupa-se quando as luzes ficam acesas até tarde. Receia que atraíam os homens armados, que nos tomarão por conspiradores ou que não resistirão à oportunidade de nos intimidar. A Farida não pode costurar até tarde, como era seu costume e eu não posso ler até de madrugada. O Ba fecha as janelas e tranca a porta às nove da noite. As ruas estão vazias. Ninguém sai à noite.

Passaram-se nove meses desde que prometi que escreveria estas linhas para que soubesse que estou vivo. Não escrevi nada e ainda assim continuo vivo. Que palermice. Sou agora um professor diplomado e ensino numa escola no campo. O Ba perdeu o emprego. Dezenas de professores perderam o seu emprego e foram substituídos por pessoas como eu e por jovens que não terminaram o curso. É pura maldade. Ele está destroçado. Quando éramos mais jovens e o Rashid estava cá, eu pensava que nada de mau nos podia acontecer. A Ma e o Ba eram tão trabalhadores, tão esforçados, tão modestos, tão boas pessoas. Que poderia acontecer? Depois perdi-a a ela, e o Rashid foi-se embora e tudo mudou. Agora, a Ma e o Ba estão desanimados, têm medo. A Ma não quer que eu aceite o lugar de professor na província. Digo-lhe que o interior se tornou um lugar seguro, a menos que os soldados o queiram tornar inseguro, e que isso pode acontecer em qualquer lado. Ela grita comigo, chama-me ingênuo e palerma. Prometo que tentarei pedir uma transferência, mas não o farei. Quero trabalhar numa escola no campo. Sou bom a quebrar promessas. Gostaria de saber o nome das árvores e de aprender a distinguir a madeira pelo seu cheiro.

O Ba pouco fala. A sua corcunda está mais pronunciada e tem o sobrolho permanentemente franzido. Gagueja de forma inesperada. Mantém o seu ritual de ir ao café, mas a maior parte das pessoas com quem lá se juntava partiram ou estão presas. Passa grande

parte do dia em casa a ler e depois vai à mesquita. Quando a Farida lhes falou de Abbas, o namorado que tinha em Mombaça, e que queria juntar-se a ele lá, o Ba chorou. Sem lamentos ou soluços, apenas lágrimas silenciosas que lhe corriam pelas faces. Pobre Ba, a sua existência não tem qualquer relevância, mas, de certa forma, ele permite-me acreditar na virtude, que ela é possível.

Estamos todos a ficar cada vez mais viciados na mesquita. O Governo propagandeia as suas mentiras socialistas e nós corremos para as mesquitas. Os dias estão a ficar mais sombrios, em todos os sentidos. A comida começa a escassear. Há cortes de energia e falta de água. Portanto, é inevitável que as mesquitas se encham mais ainda e que as orações se prolonguem. Encontro um prazer inesperado nesta comunhão.

Rapidamente aprendemos os limites das nossas expectativas e, de certa forma, o terror que sentíamos amainou um pouco, em resultado disso. Em casa ou nos nossos cantos de eleição, na rua, conversamos sobre os mais recentes rumores e convulsões. Tornámo-nos mais fáceis de contentar, na maioria dos casos. Dizemos que as coisas melhoram de dia para dia. Os que declararam que nada teriam que ver com os malfeitores que agora comandam as nossas vidas, tiveram de aprender a fazê-lo. Ninguém zomba deles. As pessoas trabalham, se tiverem emprego. Casam e têm filhos. As velhas inimizadas vêm ao de cima. Os jovens crescem e partem, quando podem.

As ruas estão vazias. Muitas pessoas trancaram as suas casas e foram embora: para Dar es Salam, Mombaça, Nairobi, Dubai, Índia. O mais certo é que tenham guardado as chaves num lugar seguro, para quando voltassem. Essas casas não ficaram vazias durante muito tempo, porém. O Governo apropriou-se delas e distribuiu-as entre os seus membros, mas a sua ocupação é enjeitada, sombria e mal-amada. Muitas das casas ruíram por falta de manutenção. Um dia, com as mais recentes chuvas, a casa dos nossos vizinhos desabou, finalmente. A parede do piso de cima foi a primeira a ceder, por isso houve tempo para tirar toda a gente de casa antes que tudo colapsasse numa pilha de argamassa e pedra e vigas carunchosas e galinhas em debandada. Ninguém ficou ferido, e

houve até risadas e graçolas feitas à conta da velha ruína, que por fim exalara o seu último suspiro, se bem que os nossos vizinhos não tenham achado graça ao sucedido. Mas foi também como se outra coisa tivesse mudado, como se um obstáculo tivesse sido removido da nossa vista. Tudo parecia diferente quando olhávamos pela janela.

Hoje tivemos notícias do Rashid. Terminou os estudos ao fim de todos estes anos. Parece incrível, tal como parece inacreditável que ele tenha alguma coisa que ver connosco. O Ba esperou que eu viesse do trabalho para tirar o sobrescrito do bolso da camisa. Agora é ele quem vai ao posto dos correios, todos os dias, visto ter muito tempo livre. Habitualmente, vem de lá com as mãos a abanar. Portanto, assim que entrei, vislumbrei o sobrescrito do aerograma no seu bolso, antes até de ele o extrair de lá. Estendeu-mo e pediu-me que lesse a carta à Ma, que já não consegue ler, por causa dos olhos. O sobrescrito estava aberto, portanto o Ba já devia ter lido a carta. Chamou então a Farida, que se encontrava algures no interior da casa, para que viesse ouvir. Li a carta do Rashid para toda a família. As lágrimas do Ba começaram a correr ao fim das primeiras linhas, assim que cheguei ao assunto principal, que, por sorte, Rashid não demorou a abordar, pois reparei no ar de alarme da minha mãe, expectante em relação ao que a carta tinha para anunciar. Agradeceu baixinho a Deus quando li que ele tinha completado os seus estudos, e as lágrimas silenciosas do Ba converteram-se em soluços. A Ma disse o nome do Ba e franziu os olhos para o ver melhor, sentado no sofá, sozinho, mas ele mandou-me ler, e eu continuei. Rashid dizia estar grato por os pais lhe terem ensinado o gosto pelo estudo e pelo bom trabalho, lamentava estar tão longe, dizia-se afortunado por ter encontrado um cargo numa universidade inglesa e descrevia a casa numa rua pacata onde iria cultivar um jardim. Quando acabei de ler a carta, já todos chorávamos. Não sei ao certo porquê: de alívio por ele não se ter perdido, de tristeza por não estar connosco, chorávamos por nós,

pelas mágoas que não podíamos partilhar com ele e por as coisas terem acabado como acabaram.

Senti naquele momento... Não, soube naquele momento que o perdera. Não era um pensamento novo, mas a descrição daquela rua pacata nos arrabaldes de uma cidade transmitiu-me a certeza de que não voltaremos a vê-lo. Faz-me ansiar por aquela rua também. Numa das cartas que ele me enviou vinha uma imagem que ele arrancara de um calendário e que mostrava um pequeno lago numa paisagem campestre verdejante. Dizia que tinha estado ali de férias com um dos seus amigos e que era um lugar muito bonito. O que o faria regressar? Para fazer o quê?

O Ba arrebatou-me a carta das mãos e saiu para anunciar a novidade ao mundo. Eu fiquei sentado com a Ma e a Farida a recordar o pequeno italiano e sentíamos a falta dele. A seguir comecei a escrever uma resposta, que terminei esta manhã. Parece o fim de qualquer coisa. A Farida parte daqui a uns dias para se juntar ao Abbas. Em breve ficarei com o Ba e a Ma só para mim.

Há dias em que tudo parece tão próximo, em que episódios de há anos parecem ter acontecido ontem, em que tudo se comprime e se acotovela, prestes a rebentar. Penso nela todos os dias. Ninguém menciona o seu nome e eu não me atrevo a perguntar o que lhe aconteceu. Perguntei uma vez à Farida e ela fez um ar pesaroso, aborrecida comigo. Pretendia perguntar-lhe se tinha algum endereço para o qual pudesse escrever, mas não o fiz, e talvez nem tivesse coragem de escrever. Não voltei a perguntar, e Farida não a mencionou. Julgo que, com o seu ar pesaroso, me aconselhava a esquecê-la. Não consigo esquecê-la. Imagino-me com ela. Durante horas infindas, por vezes. Revivo os momentos que passei com ela e espanta-me o quanto consigo ainda recordar, passados todos estes anos, e o quanto tudo me parece ainda real. Hoje deitei-me ao lado dela enquanto ela falava daquela primeira vez, na noite da Idd, em que a abracei no meio da escuridão e lhe chamei minha amada. Ela adorava contar essa história e rir-se da minha sofreguidão por ela. Recordava o episódio e as minhas mãos afagavam-na,

acariciavam a firmeza das suas coxas e a cúspide das suas ancas. Ouviu-se uma porta bater com demasiada força no piso de cima, e ela calou-se. Olhei para ela para ver se estava assustada ou sobressaltada, mas ela desaparecera, e eu estava deitado sozinho, no escuro. A recordação daquela porta a bater ecoa no meu corpo como se tivesse acabado de acontecer.

Lembro-me do percurso para casa depois do nosso primeiro encontro, do terror que senti perante o que tinha pela frente. Esse terror nunca me abandonou, mas a emoção que sentia quando estava com ela, ou mesmo quando não estava, abrandava-o. Às vezes, quando rumava a casa depois de ter estado com ela, não era capaz de parar de sorrir de alegria a cada passo que dava. Depois, incrédulo, ouvia de novo todas as palavras ternas e as promessas que fizéramos. Ainda ouço essas palavras e promessas, mas incredulidade já não é o que sinto. Acontece cobrirem-me de vergonha e de uma estranha e irresistível aversão. Tapo os ouvidos e encolho-me todo, mas não consigo impedir-me de as ouvir. Não sou capaz de imaginar a expressão dela ou o que sentiu ou o que pensou de mim quando soube o que eu fizera. Não quero imaginar o seu terror quando aqueles homens a atacaram.

Não podia abandoná-los. Não podia desobedecer-lhes. Ei-los aqui. Ela está cega e receosa. Não sai de casa, dia e noite. Chego a esquecer-me de que ela está em casa, tal é o seu silêncio. Gosta de folhear o álbum das fotografias. Só temos um. Passa as pontas dos dedos pelas fotografias e descreve-as, e eu vou virando as páginas. Essa é a da Farida em Mombaça com as primas, na praia perto de Tiwi, naquele dia em que apanhámos o *ferry* em Likoni. Esse é o Rashid na peça de teatro da escola. Tem uma enorme barba falsa para fazer de conta que é o vizir Barmaki. Só fala do Rashid em criança. Quando ele escreveu a dizer que casara com Grace, ela limitou-se a perguntar se era uma mulher inglesa, e depois rendeu-se a um dos seus silêncios. Uns dias depois pediu-me que arranjasse um aerograma. Escreve exactamente o que eu disser, ordenou ela. Ditou então uma série de palavras feias e de ameaças que fingi escrever. Em terra de cegos quem tem um olho é rei. Não enviei o aerograma, embora tenha dito que sim. Nunca falam dela,

da Grace. Não entendo porque ficaram tão surpreendidos ou destroçados. Que achavam que ele ia fazer? Que ia viver sozinho a vida toda? Como é que mesmo as melhores pessoas são também cruéis?

Ela ri e ganha vida quando passa os dedos pelas fotografias que já não consegue ver. Não sente pesar ao evocar aquelas memórias. Mas entristece-se muitas vezes, e fica sentada em silêncio até que alguém fale com ela. Depois diz-me que continue com o meu trabalho, a corrigir trabalhos ou a ler, e que não faça caso dela. Vou-me lembrando de conversar com ela acerca do que estou a fazer, de falar num tom neutro, como se estivéssemos apenas a tagarelar. Às vezes, isso fá-la rir, porque a minha intenção é demasiado óbvia, e então diz-me que acabe com a conversa oca, que nem consegue ouvir os seus pensamentos. Os silêncios conseguem ser implacáveis, paralisantes.

Quando o Ba está em casa, costuma ligar o rádio, e então ela discute com os locutores, contesta as notícias que dão, apanha-os a mentir. Em terra de cegos, quem é que precisa de olhos, questiona ela os locutores.

Pela manhã, o Ba dá longos passeios. Vai até à beira-mar e deambula por entre os barcos de pesca. Em seguida, adentra-se no dédalo de vielas e ruma ao mercado. Compra alguma fruta, legumes e regressa a casa, passando pelo posto dos correios. Chegado a casa, cozinha os legumes, corta a fruta e põe o meu quinhão de parte para quando eu chegar da minha escola no campo. A tia Halima manda um cesto com o almoço, porque a Ma já se queimou vezes demais a tentar cozinhar no *seredani*. A Farida enviou uma placa eléctrica, mas muitas vezes não há luz, e mesmo com a placa já não é seguro a Ma cozinhar. Julgo que ela desistiu, dominada pelo que aconteceu e pela solidão.

Ele treme. Nunca sai depois do almoço. Às vezes, senta-se à porta a ler, e se houver uma leitura na mesquita em homenagem a algum vizinho falecido, vai até lá. Caso contrário, fica sentado em casa e treme. Treme ao ouvir vozes alteradas e os discursos clamorosos e odientos dos ministros na rádio. Não me deixa sair à noite, não como se eu fosse um miúdo pelo qual ele receia, ou por

achar que eu faria algum disparate. Não creio que seja isso. É porque teme que me aconteça alguma coisa e eles fiquem sozinhos. Alegro-me saber que em breve eles morrerão. Não digo isto porque os odeio ou os culpo, mas porque a solidão e o vazio chegarão ao fim. Creio que isso também os alegra, saber que morrerão em breve. Também eu fico contente por saber que morrerei.

Tornei-me uma espécie de actor secundário em cerimónias fúnebres. Começou com a minha presença assídua na mesquita. Achava aquela comunhão estranhamente reconfortante, embora nem sempre acreditasse nas coisas que recitava. Familiarizei-me com uma variedade de orações e cerimónias. Acabei por interiorizá-las. Ao fim de um tempo, as pessoas começaram a dirigir-se a mim com perguntas, como se eu fosse um erudito, ou pediam-me que recitasse uma oração, vendo em mim uma pessoa piedosa. Foi desta maneira que dei por mim a ajudar em funerais e leituras. Agora, é isso que se espera de mim. Quando alguém da vizinhança morre, sou uma das pessoas que é chamada para auxiliar com os preparativos. Partiram tantas pessoas, restam apenas as crianças e os velhos, que gostam de pensar que vozes conhecidas, a de um vizinho, lamentarão o seu falecimento. Não se tem a impressão de que estamos a lidar com os mortos.

Não digo quase nada acerca do falecido. Executo as acções e os gestos que a tradição prescreve. Suplico pela vida deles no além. É como um truque. Não há nada do outro lado, mas se isso os faz sentirem-se melhor, ali deitados sem voz ou alento, eu peço que lhes seja concedida misericórdia no outro mundo. Os vivos encontram nisso um sentido, em imaginarem onde os mortos vivem e em rezar pela serenidade e repouso do morto.

Hoje choveu. A potes. Desde o amanhecer até depois do almoço. A chuva fez levantar os mais velhos, que riram e deram exclamações, a Ma agarrada ao Ba, a sacudir-lhe o braço, com um resquício da sua antiga vivacidade. E trouxe as crianças para a rua. Correram e chapinharam na água que corria pelas ruas, nas poças que se

formaram em redor das sarjetas a transbordar e fizeram barcos com caixas de fósforos e cascas de coco.

Chegou uma carta do Rashid. Não me apressei a lê-la. Ultimamente, quando escreve, são missivas breves e desinteressadas, e manda sempre cumprimentos da Grace para a Ma e o Ba. Transmito-os, sem qualquer efeito, e quando respondo devolvo-os. Sinto a sua lassitude nas cartas que escreve e suspeito que as minhas respostas laboriosas sejam igualmente reveladoras. Quando li finalmente a carta esta noite, dizia que a Grace o deixou. Era uma carta angustiada e fiquei desolado por ele. Só conseguia imaginá-lo como o meu irmãozinho tagarela e fanfarrão, se bem que fosse uma fanfarronice vulnerável, e doeu-me pensar na sua solidão naquele lugar estranho. Comecei a responder-lhe, mas só terminarei a carta amanhã, e dei-me conta de que, para me pôr no lugar dele, pensei na Jamila, por isso, na minha resposta, abordei um pouco o sucedido. Há anos que não menciono ou escrevo o nome dela. É por isso que quero esperar até amanhã, para poder ler a carta em plena luz do dia e ver o que sinto.

Acho que não lhes vou falar da Grace, sobretudo à Ma. Está doente, a sua respiração é difícil e penosa. No hospital, a enfermeira disse-nos que são os pulmões e que não há nada a fazer. De momento, não há nenhum médico para a examinar, só daqui a uns dias, por uma qualquer razão que não consegui descobrir. O farmacêutico recusou-se a vender-me o que quer que fosse sem saber o que se passava com ela. Portanto, ela está ali a arfar na cama, insone, e ele mexe-se e remexe-se ao lado dela. Consigo ouvi-los enquanto escrevo isto.

Foi uma libertação falar da Jamila ao Rashid. Não sei que utilidade terão estes desabafos, mas escrever-lhe acerca dela permitir-lhe-á ver como as pessoas são estúpidas, como eu sou estúpido. Talvez lhe envie este caderno. Não sei durante mais quanto tempo poderei escrever ou trabalhar, e não sei o que acontecerá depois disso ou como iremos viver. Estou praticamente cego de um dos olhos.

Começo a achar que a escuridão e o silêncio são uma espécie de beatitude. Se os nossos governantes proibissem a música e

banissem a rádio e a televisão, acho que não o lastimaria. Pode parecer mau proibir a música, como é costume dos *wahabis* mais inflexíveis, como se estivessem a banir a vida e a alegria, mas teria o silêncio em troca disso.

A dor tem os seus benefícios. A Ma partiu há quatro dias e isso pôs um ponto final no seu sofrimento. O Ba parece ter encontrado alguma energia nesta partida e começou a mexer nas coisas de ambos e a falar dela e da vida que tiveram juntos. A Farida veio para as cerimónias fúnebres e trouxe o seu livro. Posso, por fim, ler os seus poemas. Leu um para ele, ontem à noite, e ele ouviu-a e elogiou-a, mas não chorou, como eu antevia. Era um poema sobre a Ma quando éramos miúdos. Ele ouviu, sorriu e disse que sim, que ela era assim mesmo. Quer que a Farida o ajude a escolher e a arrumar as coisas da Ma. Eu acho que apenas quer a companhia dela. Não sei quanto tempo ele durará. Acho estranha aquela energia que dele emana. Entristece-me que ele não possa ver o Rashid antes de partir. Entristece-me que eu talvez não torne a ver o pequeno italiano antes de perder a visão, ou a ouvi-lo respirar ao meu lado, a palrar naquele seu charabiá.

O rádio avariou-se e já não podemos ouvir as notícias. A água foi cortada durante a maior parte do dia, porque há uma avaria qualquer na estação de bombeamento. Já não sabemos consertar nada. Não sabemos fazer nada por nós mesmos, nada do que usamos ou queremos, nem sequer uma barra de sabão ou uma caixa de lâminas de barbear. Como é que nos deixámos chegar aqui?

Continuação

Pouco antes de ter lido os diários de Amin, assisti a uma conferência em Cardiff, organizada por uma pessoa que conhecera durante a licenciatura e com a qual tinha reatado contacto há não muito tempo. Redigimos as nossas dissertações ao mesmo tempo, assistimos aos mesmos seminários de investigação e jogámos *squash* duas vezes por semana, portanto, nesse aspecto, posso dizer que éramos amigos. Depois, cada um arranhou emprego e rumou numa direcção diferente e acabámos por perder o contacto. Nunca ouvi ninguém mencionar o seu nome nem jamais me deparei com nada por ele escrito. Tenho a certeza de que ele poderia dizer exactamente o mesmo a meu respeito. Pensava nele de vez em quando, fosse porque um nome me lembrava o dele ou por qualquer outra coisa accidental do mesmo tipo. Depois, ele escreveu-me um *e-mail*, tendo encontrado o meu endereço no *website* da universidade, onde, por uma absurda vaidade, figuram todos os nossos nomes e endereços electrónicos. Contactava-me, disse ele, porque lhe viera à memória uma conversa que tivéramos anos antes sobre *Otelo*. Na altura, ficara tão impressionado com os meus argumentos que tentara persuadir-me a escrever qualquer coisa sobre a peça. Dizia no *e-mail* que esperava que eu o tivesse feito. Em todo o caso, estava a organizar uma conferência acerca da sexualidade inter-racial na literatura inglesa e perguntava-me se estaria interessado em contribuir com uma dissertação. No entretanto, seria bom podermos rever-nos e pôr a conversa em dia, acrescentou ele. Eu concordei e aceitei o convite.

Em lugar de apresentar uma comunicação sobre *Otelo*, que nunca escrevi, a despeito da elogiosa sugestão do meu colega, escrevi um texto sobre raça e sexualidade na literatura colonial queniana. De uma forma pouco elaborada abordei a ficção e algumas memórias,

realçando a ausência de encontros sexuais nestes textos ou a sublimação dos mesmos através de gestos de penoso amparo ou de rumores de excessos trágicos. Na fase de discussão da minha dissertação, mencionei a história de Rehana, ou o que sabia dela, como um exemplo do tipo de história que não surgia naquelas obras. Referi a localidade e a época em que a história decorrera e as inesperadas consequências da mesma para a neta de Rehana, Jamila. Na altura, ignorava o nome de Pearce. Não foi uma grande dissertação, nada de muito ambicioso ou desafiador, mas antes uma breve conversa sobre aspectos que me interessavam naquele tipo de literatura.

Havia apenas seis pessoas na sala, tendo a maior parte dos participantes escolhido uma palestra sobre William Faulkner que decorria à mesma hora. O mais certo era que, no lugar deles, eu tivesse feito a mesma coisa. Depois da minha apresentação, fui abordado por uma dessas pessoas. Felicitou-me pela palestra, que achava muito interessante (as cortesias da praxe naqueles momentos) e acrescentou que gostaria de falar comigo sobre a história de Rehana e da sua ligação com um inglês. Fiquei à espera de mais detalhes, já na defensiva. Tratava-se de uma mulher atraente, de quase quarenta anos, talvez, uns quantos mais nova do que eu. Hesitei porque queria perceber como iríamos proceder. Receava encontros, deixavam-me circunspecto. Depois de Grace não fizera qualquer esforço para começar o que quer que fosse com outra pessoa, e a minha vida era penosa e solitária, em resultado disso, mas era tranquila e gerível. Não costumo ceder à vaidade nestas coisas, presumindo que qualquer encontro seja uma tentativa de sedução, antes o oposto, na verdade. Contudo, às vezes há outras complicações, mal-entendidos, ofensas, constrangimentos. Por isso, esperei.

Ela disse-me que, por um breve período, no início do século, o seu avô havia sido administrador colonial numa pequena cidade costeira do Quênia, a mesma que eu nomeara como cenário da história de Rehana. O avô escrevera um relato, não muito longo e que deixara inacabado, acerca desse período da sua vida, e nele mencionava um caso amoroso entre uma mulher nativa e um

viajante inglês. Interrogava-se se poderia ser a mesma história que eu contara, já que a razão por que o avô mencionara o caso se prendia com o viajante inglês ter vivido abertamente com a amante nativa durante um tempo, e isso ser invulgar. A conclusão a que o avô quisera chegar, tal como eu fizera na minha dissertação, era que tais ligações estavam condenadas. O amante inglês voltara para casa e a mulher nativa arranjava outro homem.

Foi assim que conheci Barbara Turner.

Passámos o serão juntos e ela contou-me muito mais coisas do que eu alguma vez esperaria. O seu avô era Frederick Turner, que voltara a Inglaterra de licença em 1903 e não mais regressara às suas funções de funcionário colonial. A sua mulher odiava o Império e ele sentia demasiado a sua falta para continuar com a mesma vida. Assim, tornou-se professor de Literatura na Universidade de Nottingham, onde Christabel, a sua mulher, e entretanto uma poeta publicada, tinha admiradores e influência. Foi durante este período que Frederick Turner começou a escrever as suas memórias. Datara à margem cada acrescento que ia fazendo. A última entrada tinha a data de Junho de 1905. O filho primogénito, John, pai de Barbara, nascera em Junho de 1905. Talvez tenha sido por isso que Frederick abandonou as suas memórias, extasiado com a chegada da sua progénie. Ignoro se a escrita das memórias seria um empreendimento sério, se serviria apenas para encher os dias ou se se trataria de um acesso de nostalgia pela sua outra vida, que depressa se dissipou com a chegada de John. Por esta altura, teria provavelmente reatado o contacto com Martin Pearce, que vivia perto, em Newark. Talvez isso tenha contribuído também para o abandono das memórias. Não terá querido ofender o amigo. É que Martin e Frederick tornaram-se amigos chegados, e muito embora Martin se tenha mudado para Londres para assumir um cargo de investigador no British Museum, as famílias visitavam-se e mantinham o contacto.

Tudo isto seria de esperar. Tinha agora um nome para o amante inglês de Rehana e para o administrador colonial que cuidara dele. Que Martin Pearce se tivesse tornado um orientalista não é assim tão surpreendente, mas já Frederick Turner ter acabado como

professor de Literatura é bastante surpreendente. Não faria pior do que muitos outros na mesma situação. Foi uma sorte para Martin e Frederick terem sobrevivido à guerra. Martin foi enviado para a Mesopotâmia como perito em antiguidades e Frederick ficou na segurança do seu lar. O que se esperaria era que a filha de Pearce, Elizabeth, fosse a mãe de Barbara. Contou-me em traços largos a história destas ligações neste primeiro encontro, mas depois contou-me mais. Para o que me interessa aqui, é suficiente dizer que a mãe de Barbara, Elizabeth, era a única filha de Pearce (se bem que nós saibamos que não era), e que esta casou com o filho mais velho de Frederick Turner, John. Foi Elizabeth quem revelou a Barbara a identidade do inglês que tivera um relacionamento às claras com uma mulher nativa. Após a morte de Frederick, em 1940, Elizabeth leu as memórias e perguntou à sogra, Christie Turner, se ela sabia quem era o tal amante inglês. O seu pai, respondeu ela. Por essa altura, Martin Pearce também já tinha falecido, um ano antes de Frederick, e manter o segredo de nada servia. A morte estava por todo o lado em redor delas.

Expliquei o meu interesse na história. Falei a Barbara de Jamila e Amin, mas, ao início, ela pareceu apenas conseguir reter que houvera uma criança, que o seu avô tivera uma filha com a sua amante nativa.

O nome dela era Rehana, disse-lhe eu. Rehana Zakariya, não amante nativa. Deu à filha o nome de Asmah, a imaculada. E Asmah deu à filha o nome de Jamila, que quer dizer bela.

Jamila é minha prima, disse Barbara. Tinha dois irmãos mais velhos, também, informei eu. Eu também tenho dois irmãos mais velhos, acrescentou ela.

Uns dias mais tarde, Elizabeth, a mãe de Barbara, enviou-me um bilhete a convidar-me para almoçar. Eu pedira para ler as memórias e ela, em troca, pedira para me encontrar com ela. Barbara não foi convidada. Elizabeth não queria que eu pensasse mal do seu pai, admitiu ela. Tinha setenta e muitos anos, mas era ainda uma mulher enérgica e muito lúcida, com um aspecto imponente, quase uma matrona, e nada frágil ou cansada. Cozinhou um almoço ligeiro, mas elaborado: sopa de milho, salmão no forno com espinafres e uma

tarte de maçã com especiarias. Barbara relatara-lhe a história que eu contara. Elizabeth quis saber mais acerca de Jamila e da sua mãe. Conte-lhe o que sabia. Ela não fazia ideia de que houvera uma criança. Frederick ignorava também esse facto. Mas Pearce, o seu pai, devia saber. Quando deixou Rehana para voltar para casa, haveria ao menos de saber que ela estava grávida. Elizabeth perguntou-me se eu tinha conhecimento de o seu pai alguma vez ter escrito a Rehana e à criança, ou se as visitara. Eu disse que não sabia. Tenho uma irmã, disse Elizabeth. John, o seu marido, teria adorado isso. Morreu há dois anos, disse ela, e ao fim de uma breve pausa, acrescentou: ainda nem acredito que já cá não está. Perguntou-me se a sua irmã ainda era viva e se sabia o nome dela. Respondi que o seu nome era Asmah, mas que não sabia se ainda era viva. Pediu-me que escrevesse o nome dela e perguntou se havia alguma maneira de entrar em contacto com Jamila ou com a mãe desta, se ainda fosse viva. Eu disse que ia indagar.

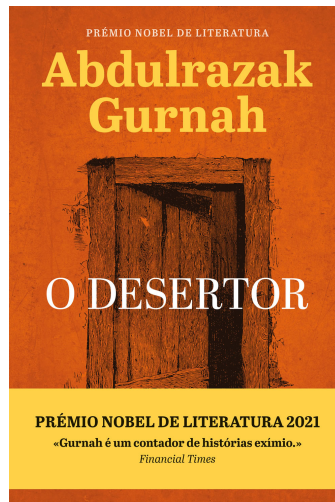
Pouco depois, recebi e li os diários de Amin, e compreendi que não obstante o meu desejo sincero de o fazer, não teria sido capaz de imaginar a angústia em que viviam. Compreendi então o que iria fazer. Estava na hora de voltar para casa, digamos assim, de regressar e enterrar os meus medos e pedir perdão pela minha incúria. Seria uma alegria para eles e seria uma alegria para mim, e devolveria a vida a nervos e fibras que em mim tinham permanecido dormentes durante demasiado tempo. Barbara perguntou se podia ir comigo. Para quê, perguntei-lhe, surpreendido. Não será muito fácil para ti; costumes diferentes, desconfortos. Disse isto, mas queria que ela insistisse. Queria que ela dissesse que iria independentemente do que eu dissesse, porque queria estar comigo, além de tudo o resto. Queria que ela dissesse que teria saudades minhas, se eu me ausentasse por muito tempo, tal como eu sabia que sentiria a falta dela. Ela talvez já me conhecesse há tempo suficiente para saber que eu era uma criatura tímida, que queria mesmo que ela fosse, mas que receava abusar da sua boa vontade.

— Talvez consigamos encontrar a Jamila — aventou ela. Não sei, respondi eu. Está tudo disperso, espalhado pelos quatro cantos do

mundo. Ninguém consegue encontrar ninguém. Alguém há-de saber, teimou ela. Barbara tinha lido o que eu escrevera. Estava farto, disse-lhe, farto de escrever, outras memórias abandonadas. Levava-me ao ponto de querer tentar de novo, de querer começar de novo. Ainda que tal não passasse de uma ilusão, era uma ilusão que me transmitia uma sensação de bem-estar, e isso era o bastante.

— Terei de escrever a explicar que tu também vais, para o caso de isso perturbar o Ba — expliquei. — E vais ter de dormir num quarto separado, entendes. — E o ridículo da situação, na nossa idade, fez-nos rir aos dois.

Sobre este livro



Ao romper de mais uma manhã, Hassanali está a caminho da mesquita quando um forasteiro branco, vindo do deserto, desaba a seus pés. Hassanali decide ajudar aquele homem — um explorador e orientalista inglês de nome Martin Pearce — levando-o depois para casa de um oficial, seu contrerrâneo. Quando Pearce regressa para agradecer a Hassanali por lhe ter salvado a vida, também conhece a irmã dele, Rehana, com quem viverá uma história de amor proibido. Décadas depois, numa Zanzibar em vésperas da turbulenta independência do poder colonial europeu, Jamila, a neta de Rehana, viverá com Amin uma história de amor em tudo semelhante, que desafiará a família, a moral e as convenções da sociedade.

Obra representativa do talento de Abdulrazak Gurnah, *O Desertor* evoca o complexo ambiente social, religioso e cultural da África Oriental na época colonial através de duas histórias de amor, separadas pelo tempo, mas unidas pelo seu desfecho, evidenciando o intrincado mosaico cultural de uma África ainda desconhecida.

Sobre Abdulrazak Gurnah

Abdulrazak Gurnah nasceu em 1948 em Zanzibar. Na década de 1960, abandonou o seu país, então a braços com uma revolução, e rumou ao Reino Unido. Foi professor de Literatura Inglesa na Universidade de Kent em Canterbury, onde vive actualmente. A sua obra versa sobre a experiência africana, o colonialismo e o refugiado, e nela se destacam os romances *Paraíso* (1994), finalista do Booker Prize e do Whitbread Award; *Junto ao Mar* (2001), nomeado para o Booker Prize e finalista do Los Angeles Times Book Award; *O Desertor* (2005), finalista do Commonwealth Writers' Prize; e *Vidas Seguintes* (2020), o seu mais recente romance, finalista do Orwell Prize for Political Writing 2021 e nomeado para o Walter Scott Prize 2021, todos eles publicados pela Cavallo de Ferro. Gurnah recebeu o Prémio Nobel de Literatura 2021 «pela forma determinada e humana com que aborda e aprofunda as consequências do colonialismo e o destino do refugiado no fosso entre culturas e continentes».